

Abbé Théodore Combalot

O culto da bem-aventurada
Virgem Maria
Mãe de Deus

Tomo I

Grupo de Estudos
São Pio X

O culto da bem-aventurada

Virgem Maria

Mãe de Deus

Abbé Théodore Combalot

NOTA DO TRADUTOR

“Apareceu um grande sinal no céu; era uma mulher revestida do sol, ela tinha a lua sob seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça.”

(Apoc. XII, 1)

“Porque a fraqueza humana temeria em se aproximar de Maria? Não há nada de austero, nada de terrível nela, ela é inteiramente doce, e só oferece a todos o leite e a lã... Ela abre a todos os homens o seio de sua misericórdia, afim de que todos recebam de sua plenitude, o cativo, a redenção; o doente, a saúde; o aflito, consolações; o pecador, seu perdão; o justo, a graça; os anjos, a alegria; a Trindade inteira, a glória; e a pessoa do Filho, a substância humana, de modo que não haveria ninguém capaz de escapar ao seu calor”. (São Bernardo, *Oeuvres complètes*).

Assim, na minha fraqueza, ó Mãe santíssima, me aproximo de sua doçura e clamo os vossos socorros. Abra-me todos os caminhos, conceda-me, por vossa intercessão, a graça de bem servir a vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo; restitua as minhas forças e me ampare sob vossa proteção.

Eis que este filho miserável, filho do pecado, recorre a vós, ó augusta Imaculada. Que minha vida seja um canto de vossas glórias e que meus lábios entoem por toda parte as maravilhas de sua intercessão. Que todos aqueles que contemplarem este pequeno trabalho, fruto do beneplácito de Deus, que me concedeu a capacidade de fazê-lo, saibam se achegar ao Coração Imaculado da Boa Mãe, Mãe de todos os anjos e de todos os homens, a Arca da Aliança onde Deus habitou, o Vaso novo donde emanou o vinho mais puro que já existiu sobre a terra. Eis a cheia de graça, a janela do Céu, a dispensadora de todas as graças. Aquela que Lúcifer não suportou contemplar, e que esmagará, no derradeiro combate, a cabeça da serpente antiga. É ela, a Mulher que avança como a aurora, temível como um exército em ordem de batalha. Eis a Mãe de Deus.

Magnificat anima mea Dominum

Et exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.

Quia respexit humilitatem ancillæ suæ: ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes.

Quia fecit mihi magna qui potens est, et sanctum nomen eius.

Et misericordia eius a progenie in progenies timentibus eum.

Fecit potentiam in brachio suo, dispersit superbos mente cordis sui.

Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles.

Esurientes implevit bonis et divites dimisit inanes,

Suscepit Israel puerum suum recordatus misericordiæ suæ,

Sicut locutus est ad patres nostros, Abraham et semini eius in sæcula.

Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto

Sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in sæcula sæculorum.

Amen.

Robson Carvalho



Grupo de Estudos

São Pio X

Colaboração:

Missa Gregoriana
<http://www.missagregoriana.com.br>



REGINA ANGELORUM – WILLIAM BOUGUEREAU

O culto da Bem-Aventurada Mãe de Deus

Meditado a partir de seus fundamentos

Fecit mihi magna qui potens est.

Lucas 1, 49

Todas as obras de Deus trazem o selo de seu poder e de sua grandeza. O universo, extraído do nada, implica uma energia soberana e manifesta um ato da onipotência. As coisas criadas revelam, segundo o pensamento de São Paulo, os atributos de Deus e sua divindade¹. O homem lê no grande livro da natureza as características imortais que exprimem as perfeições do Altíssimo. *Cœli enarrant gloriam Dei*². E a força infinita se revela com tanta magnificência nesses animálculos invisíveis e, por assim dizer, perdidos nas últimas profundezas da criação, quanto nesses astros luminosos dispostos uns sobre os outros nos vastos campos do espaço.

Mas a imensa obra da criação só é um anagrama da onipotência³. As coisas visíveis e invisíveis do mundo da natureza só custam, ao Onipotente, uma única palavra; elas brotaram dos abismos do possível ao primeiro sinal de sua vontade soberana. “Ele disse e tudo foi feito. Ele quis e o universo surgiu do nada⁴”. É o que compreendemos, de um modo evidente, buscando sobre qual fundamento repousa o culto dado pela Igreja à Santíssima Mãe de Deus.

As seitas heréticas e cismáticas dos últimos séculos fizeram esforços inacreditáveis para arruinar, como se fosse possível, as esperanças, as consolações e os benefícios do qual o culto da Santíssima Virgem é uma fonte profunda e inesgotável. Nada foi omitido pelo inferno e por seus reforços para desligar as nações, resgatadas pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, do culto desta Bem-Aventurada Virgem, chamada pela Igreja “a Mãe da graça divina e a mais doce esperança dos cristãos⁵”.

Mas os sofismas, as calúnias e os insultos dos inimigos da augusta Mãe de Deus só servem para tornar mais popular e mais evidente a questão de suas glórias e aquela da necessidade de seu culto.

O culto que a Igreja católica presta à Bem-Aventurada Maria repousa sobre o mistério de suas grandezas. Ele é somente a manifestação do dogma de sua maternidade divina.

Mas como comunicar, meus caríssimos irmãos, pensamentos e louvores dignos deste assunto? Como falar das grandezas da augusta Mãe do Homem-Deus? Como escutar o segredo de sua glória? Como sondar o oceano profundo de suas prerrogativas, seus méritos e suas virtudes? Se os anjos do céu, se os profetas, os apóstolos e os santos doutores nos emprestassem sua admiração e seu entusiasmo divino, nós não faríamos ainda que balbuciar ao falarmos dessas grandezas da

¹ Invisibilia ipsius, per ea quæ facta sunt, intellecta conspiciuntur; sempiterna quoque ejus virtus et divinitas. Rm. 1, 20.

² Salmo 18, 1.

³ Ludens in orbe terrarum. Prov 8, 34.

⁴ Dixit et facta sunt; mandavit et creata sunt. Salmo 148, 5.

⁵ Maria Mater gratiæ, Mater misericordiæ. Of. Liturg.



incomparável Mãe de Deus. Só faríamos ouvir os ecos infieis de suas magnificências, acentos indignos d'Aquela da qual somente Deus pode medir a elevação e a glória.

É dogma de fé católica que somente Deus é grande. “Meu nome é grande, diz o Senhor⁶”. “Somente vós sois o único grande, sublime, infinito⁷”. Tudo o que sai do nada se mede. O que se mede tem limites. Todo ser limitado é finito, falível, imperfeito. Os seres criados, por maior que sejam e aparentam, existem no tempo, no espaço, no movimento. O que existe no tempo não é eterno. O que é contido no espaço não é infinito. O que existe no movimento é sucessivo. Mas Deus é infinito de todos os modos. Não há grandeza que possa se levantar ao nível de seu trono e de sua glória. Nenhuma profundidade que possa descer nos abismos de sua essência. Nenhuma largura capaz de abraçar as dimensões de seu ser. Nenhum comprimento que possa medir sua vida eterna. A eternidade é sua idade, a onipotência, sua força, a imensidão, sua morada, e a unidade, sua vida. “Deus está em toda parte, diz São Tomás de Aquino, por poder, por presença e por essência⁸”. E este pensamento do doutor angélico é somente a tradução, na língua teológica, destas palavras de São Paulo: “Temos nele, o ser, o movimento e a vida⁹”.

“Aonde irei eu, escreve o Rei Profeta, para escapar à vossa luz? Para onde fugirei para me ocultar ao vosso olhar? Se eu subo ao céu, ali O encontro. Se eu desço no inferno, lá estais. Se levanto vôo para as margens da aurora, se emigro para os confins dos mares, é vossa mão que me guia, é vossa direita que me sustenta¹⁰”.

“Ele é mais elevado que o céu, mais profundo que o inferno, mais largo que o universo¹¹”. Somente Deus, somente Deus é grande. *Tu solus magnus*.

Para se ofuscar sobre a baixeza de sua origem, para se iludir sobre o nada de seu ser, para se criar um tipo de abrigo contra a importuna e desesperadora clareza da verdade, os filhos do orgulho se precipitaram no imundo e estúpido erro do panteísmo.

Segundo esse monstruoso sistema, os seres não são extraídos do nada, mas da própria substância de Deus. As criaturas saíram da essência do Ser infinito por emanção, por efusão, por geração ou por todo tipo de modo de comunicação radical da substância infinita de Deus. Os partidários desse sistema execrável não recuam diante as mais horríveis contradições, diante as hipóteses mais satanicamente ímpias.

Se as criaturas saíram da essência divina por um modo de emanção substancial, qualquer que seja, elas são de uma mesma essência, de uma mesma natureza, de um mesmo ser, de uma mesma vida com Deus. Elas nasceram ou engendram-se de Deus. Elas são, por consequência, consubstanciais a Deus. Ora, o que Deus engendra de sua própria substância é Deus com Ele, é Deus como Ele, é Deus tanto quanto Ele; ora, em Deus, tudo é Deus. Toda sua substância é Ele próprio. Não há em Deus substância latente, passiva, inerte, adormecida.

Outros ímpios não se detém diante de outra teoria do ateísmo e do ceticismo. Segundo esses cétricos enraizados, o universo é somente um simulacro do ser, uma imensa ilusão, uma pura inanidade, uma sombra, um sonho. Esta teoria terrível é somente um novo artigo do símbolo do ateísmo; é a demência filosófica levada aos seus últimos excessos. É, segundo a enérgica palavra do apóstolo São Judas, o lodo, a escória das ignomínias dos filhos perdidos da impiedade¹².

⁶ Magnum est nomen meum. Mt 1, 11.

⁷ Tu solus magnus, tu solus altissimus. *Miss. Rom.*

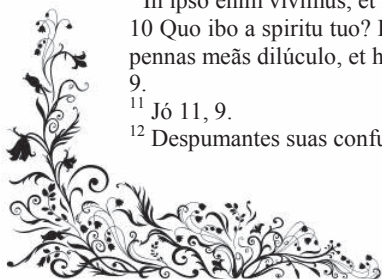
⁸ Ubique per potentiam, per præsentiam, per essentiam. *Sum. Theolog.*

⁹ In ipso enim vivimus, et movemur, et sumus. Atos 17, 28.

¹⁰ Quo ibo a spiritu tuo? Et quo a facie tua fugiam? Si ascendero in cælum, tu illic est; si descendero in infernum, ades. Si sumpsero pennas meãs dilúculo, et habitavero in extremis maris; etenim illuc manus tua deducet me; et tenebit me dextera tua. Salmo 138, 7, 8, 9.

¹¹ Jó 11, 9.

¹² Despumantes suas confusiones. Jd I, 13.



O universo é, portanto, extraído do nada, e eis porque o livro do Gêneses começa por essas palavras sublimes: “No começo Deus criou o céu e a terra¹³”. Eis porque, ainda, o símbolo do universo católico começa por esse dogma fundamental: “Eu creio em um único Deus, Pai todo poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis”.

E, todavia, este universo que esmaga com suas dimensões o pensamento do homem é somente um átomo, um ponto diante da suprema grandeza, diante a indiscutível majestade do Altíssimo. As coisas visíveis e invisíveis estão diante dEle como nada. A criação inteira, diz um profeta, é igual “a uma gota de orvalho suspensa num fio da erva¹⁴”.

O universo e seus mundos são como a palha leve que faz oscilar o prato de uma balança perfeitamente equilibrada¹⁵.

Não há nada, portanto, nas coisas criadas, que possa merecer o nome de grande. “Só Deus é grande”. *Tu solus magnus. Tu solus altissimus*.

Contudo, se o ato da criação não pôde realizar por si mesmo uma obra marcada com o selo de uma grandeza suprema, intransitável; de uma grandeza tal, em uma palavra, que se Deus não possa fazer algo maior; não há nada de grande, a mais forte razão, nas obras do homem.

Nossa pomposa ignorância, nossa vã superbia e idiotice se extasiam em face das obras extraídas do pensamento do homem. Profanamos a língua do verdadeiro quando chamamos grandes as invenções eclodidas do laboratório do nosso nada; chamamos grandes, sonhos e fantasmas. Que são, em face da verdade, as invenções do gênio das artes, da ciência, das letras, das armas e da indústria? São somente, em realidade, grãos de poeira e de areia empilhados uns sobre os outros.

São brinquedos de criança que o profeta chama com razão: “A fascinação da ninharia¹⁶”.

Vejam essas pirâmides do antigo Egito: Os faraós as construíram para imortalizar sua nudez e seu nada; algumas manobras estúpidas as derrubariam. Contemplem as cidades famosas da Ásia, seus palácios do orgulho embriagado de seu poder, esses monumentos, esse troféus da força. Eles são apenas nuvens brilhantes. Escutem, através dos séculos, esse barulho da glória humana que cai, que vai se perder e se extinguir na noite do túmulo¹⁷. “Vaidade das vaidades, escreve o mais magnífico dos reis, e tudo é vaidade¹⁸”.

A Inglaterra e a França acumulam, há alguns anos, nos palácios de vidro (imagem da fragilidade das obras do homem), todas as maravilhas da indústria. Os dois hemisférios se encontraram em seus museus do orgulho humano; a Europa caminha diante essas pretendidas obras primas. Pois bem! Esses palácios da indústria, essas criações poderiam desaparecer e se destruírem em algumas horas no meio de um incêndio, e por um palito de fósforo. E essas coisas surpreendem-nos, deslumbram-nos, nos fazem exprimir um grito de admiração e de entusiasmo, lançam-nos em uma espécie de êxtase idiota e ridículo. Ó vaidade das vaidades! *Vanitas vanitatum*.

“A glória humana, a glória dos conquistadores e dos déspotas, escrevia Mathatias, termina na podridão e nos vermes¹⁹”. “O homem, acrescentava esse herói já cristão, se dirige hoje em sua grandeza efêmera, e amanhã a lança em uma fossa²⁰”.

Ouçam o apóstolo das nações fulminando, com sua indignação sublime, as criações do orgulho. “Eu olho todas as coisas como perda, e as estimo como esterco, para ganhar o Cristo²¹”.

¹³ In principio creavit Deus cœlum et terram. Gn 1, 1.

¹⁴ Credo in unum Deum, Patrem omnipotentem, factorem cœli et terræ, visibilium omnium et invisibilium. Symb. Nic.

¹⁵ Tanquam gutta roris antelucani. Sb 11, 23.

¹⁶ Fascinatio nugacitatis. Sb 4, 12.

¹⁷ Periiit memória eorum cum sonitu. Salmo 3, 8.

¹⁸ Vanitas vanitatum, et omnia vanitas. Eccl. 1, 2.

¹⁹ Gloria ejus stercus et vermis est. Mac. 2, 62.

²⁰ Periiit memoriaeorum cum sonitu. Salmo 3, 8.

²¹ Vanitas vanitatum, et omnia vanitas. Eccl 1, 2.



Assim, caríssimos, nem o mundo da natureza, nem o mundo das criações do homem podem nos oferecer obras marcadas com o sinal de uma grandeza soberana, de uma grandeza suprema e absoluta.

Mas, fora do mundo da natureza, fora do mundo das invenções humanas, há o mundo da fé, há a ordem sobrenatural da graça e da glória. É nesta esfera divinamente inefável que precisamos nos colocar para descobrirmos no raio da luz divina obras verdadeiramente grandes, maravilhas marcadas com o selo de uma grandeza intransponível e verdadeiramente dignas de Deus.

Somente Deus é grande. Mas se Deus encontrasse o segredo de partilhar, em um sentido real, seu poder, sua glória, sua própria divindade com sua criatura, a criatura seria crescida da própria grandeza de Deus. Ora, a revelação, a fé, a Igreja nos ensinam que Deus está unido à sua criatura por três modos sobrenaturais e supremos. Esses três modos da união de Deus com sua criatura são tão excelentes, tão prodigiosos, que não é dado à onipotência de produzir e de realizar outro que aproxime mais a criatura de seu criador, e o homem de seu Deus.

O modo, por excelência, desta união suprema de Deus com sua criatura é a união da encarnação. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós²²”.

Pela encarnação, o próprio e único Filho de Deus, o Pai, se uniu pessoalmente à natureza humana. Deus é homem, e o homem é Deus²³.

O Verbo divino, a alma e a carne se unem em Jesus Cristo pela junção de uma única e mesma personalidade divina. Que união! Que prodígio! Três substâncias distintas, três substâncias separadas radicalmente por sua essência e por sua natureza, a saber: a substância do Verbo infinito, a substância da alma, a substância da carne, se prendem, se abraçam, se unem em Jesus Cristo, em uma mesma pessoa divina. O Cristo, Deus e homem juntos; Deus perfeito e homem perfeito, vive tanto da vida própria de Deus e da vida própria do homem.

A alma e a carne do Filho de Adão são elevados à união pessoal e hipostática do Filho único de Deus.

Jesus Cristo é, portanto, crescido da própria grandeza de Deus. Deus, pelo ato imenso da encarnação, se comunica, então, à natureza humana por um modo supremo, sobrenatural, que aproxima esta natureza ao grau mais próximo possível de seu Deus. Deus contrata, então, com a natureza humana, uma união tal, que não há nada de mais excelente, nem que possa ultrapassá-la nas invenções do próprio Deus.

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós”.

Esta palavra, vinda do terceiro céu, exprime a união, ou, logo, a unidade mais estreita, mais excelente, mais perfeita, mais una entre Deus e o homem, entre o finito e o infinito, entre o criador e a criatura. Nosso Senhor Jesus Cristo é Deus e homem ao mesmo tempo. Enquanto Deus, Ele possui toda sua natureza, toda substância, toda a essência do próprio Deus. Enquanto homem, Ele possui toda a natureza do homem; e essas duas naturezas se vinculam, se ligam, se estreitam sem se confundirem, pela conexão divina da pessoa adorável do Filho único de Deus.

O Cristo é, então, grande, da grandeza do próprio Deus. “Só vós sois grande, supremo, infinito²⁴”.

O doutor angélico, penetrando com sua profunda visão no mistério da união pessoal do Verbo com a natureza humana, estabeleceu esta proposição teológica: “A união da encarnação é a união suprema, a união por excelência, a mais perfeita de todas as uniões²⁵”.

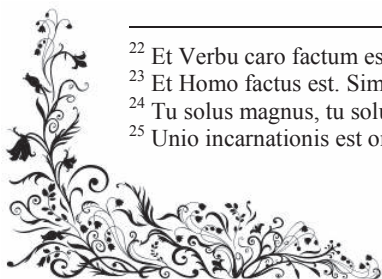
A pessoa do Pai, a pessoa do Filho, a pessoa do Espírito Santo estão unidas entre elas pela unidade de uma mesma essência, de uma mesma natureza, de uma mesma divindade! A essência divina é

²² Et Verbu caro factum est, et habitavit in nobis. Jo 1, 14.

²³ Et Homo factus est. Simb. Nic.

²⁴ Tu solus magnus, tu solus altissimus, Jesu Christe. Missal Rom.

²⁵ Unio incarnationis est omnium unionum máxima. Ts. 3.



comum ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo não formam uma única e mesma pessoa no seio da indivisível Trindade! “Outra é a pessoa do pai, outra é a pessoa do Filho, outra é a pessoa do Espírito Santo²⁶”. Eles são três: “o Pai, o Verbo e o Espírito Santo²⁷, e esses três são apenas um²⁸”.

No mistério adorável da Encarnação há três naturezas, três substâncias distintas: a natureza do Verbo, a natureza da alma e a natureza da carne; e pela união da encarnação, essas três naturezas, essas três substâncias, constituem somente uma e mesma pessoa divina, a saber: a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. A alma e a carne, por mais distintas que sejam, por essência, não tem outra personalidade no Cristo senão a personalidade do Verbo divino. De onde o anjo da escola conclui que a união da encarnação é a união por excelência, a mais perfeita de todas as uniões. *Unionum maxima*.

Não nos maravilhemos, então, se o grande Apóstolo, falando dos aniquilamentos do Verbo divino na encarnação, e da exaltação da natureza humana por sua união hipostática com o Verbo divino, ensina ao universo: “que o Cristo recebeu de seu Pai um nome que está acima de todo nome²⁹”. Já não nos surpreendemos se o mesmo apóstolo acrescenta: “que no nome de Jesus, todo joelho se dobra, no céu, sobre a terra e nos infernos³⁰”. Compreendemos, enfim, porque São Paulo declara: “que o Cristo foi estabelecido na direta do Altíssimo, nas mais inacessíveis regiões da glória; que ele se elevou ao mais alto dos céus, acima de todo principado e toda potestade, além de toda dominação, acima de tudo o que pode ser nomeado, não somente no século presente, mas no século futuro; de modo que todas as coisas criadas estão aos pés do Cristo, e que Ele é o chefe de toda a Igreja, ou seja, dos anjos, dos homens e de todo o universo³¹”.

O Homem-Deus tornou-se, portanto, o mais elevado de toda grandeza comunicável. A natureza humana enaltecida no Cristo, até a união pessoal do Filho único, do Filho próprio de Deus, o Pai, atingiu, então, o limite supremo e inacessível de toda grandeza.

A eterna Trindade, tirando das mais inescrutáveis profundezas de sua sabedoria, de seu poder e de sua bondade, a obra imensa da encarnação, realizou, então, sua obra prima. Nomear Jesus Cristo é, então, nomear Aquele que sozinho carrega um nome que está acima de tudo o que pode ter um nome, seja no tempo, seja na eternidade! *Super omne nomen quod nominatur, non solum in hoc sæculo, sed etiam in futuro*.

Abaixo da união sobrenatural e suprema da natureza divina e da natureza humana em Jesus Cristo, há a união da maternidade divina, que é inseparável e que se confunde, por assim dizer, com a união inefável da encarnação. A Bem-Aventurada Maria não tira de sua substância, nem o Verbo divino, nem a alma do Cristo. Ela engendra com o sangue mais puro de suas entranhas a carne na qual o Filho de Deus se une pessoalmente. O Verbo divino toma, no seio virginal de Maria, o corpo animado que se une de uma ligação pessoal³². Maria é Mãe do Verbo encarnado. Ela é Mãe do Homem-Deus; ela é Mãe do Filho de Deus feito homem. Cremos com a Igreja, “que o Filho único do Pai, luz da luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, foi concebido do Espírito Santo; que Ele nasceu da Virgem Maria³³”.

A Virgem imaculada fornece, e fornece sozinha, esta carne que abona o Verbo divino. *Animatum corpus sumens, de Virgine nasci dignatus est*.

²⁶ Alia est enim persona Patris, alia Filii, alia Spiritus Sancti. Sto. Athan. Simb.

²⁷ Tres sunt: Pater, Verbum, Spiritus Sanctus.

²⁸ Et hi tres unum sunt.

²⁹ Donavit illi nomen quod est super omne nomen. Fl 2, 9.

³⁰ In nomine Jesu omne genu flectatur cœlestium, terrestrium, et infernorum. Fl 2, 10.

³¹ Constituens eum ad dexteram suam in cœlestibus...Et omnia subiecit sub pedibus ejus; et ipsum dedit supra omnem Ecclesiam. Supra omne nomen, quod nominatur, non solum in hoc sæculo, sed etiam in futuro. Ef. 1, 20, 21, 22.

³² Animatum corpus sumens, de Virgine nasci dignatus est. Of. Lit.

³³ Qui conceptus est de Spiritu Sancto ; natus ex Maria Virgine. Simb. Apost.



De modo que podemos dizer, em certo sentido, que a santíssima Mãe do Homem-Deus é mais Mãe do Filho de Deus, que as mães ordinárias o são dos filhos que elas colocaram no mundo. O Cordeiro de Deus só recebeu de sua divina Mãe o velo (n.d.t. lã, toção) de nossa humanidade! E é por isso que Santa Isabel, recebendo a saudação virginal de Maria, gritou com um sublime entusiasmo: “Bendito é o fruto de vosso ventre”. *Benedictus fructus ventris tui*³⁴.

As três pessoas divinas concorrem diretamente, imediatamente e simultaneamente na obra infinita da encarnação. O Pai fecunda, por seu amor, o seio virginal de Maria, e o Verbo se une pessoalmente ao corpo animado que Ele toma no seio de sua Mãe. *Animatum corpus sumens, de Virgine nasci dignatus est*.

O Pai e o Espírito Santo não se encarnam, é verdade; mas porque o Pai e o Espírito Santo possuem a mesma natureza, a mesma essência, a mesma divindade que o Filho, pode-se dizer, com o próprio doutor angélico, que o Pai se encarna pelo Filho, como o Espírito Santo se encarna pelo Verbo. A união que o Pai e o Espírito Santo contratam, pelo Verbo, com a divina Mãe do Filho de Deus é, então, uma união suprema, uma união infinita em seu gênero, assim como o dizia o douto Suarez: *Unio maternitatis divinae, est unio suprema, suo genere infinita*³⁵.

A Santíssima Virgem, por sua maternidade divina, não se eleva, é verdade, até a ordem da união hipostática, a qual, é a união própria do Verbo divino com a natureza humana; contudo, ela se aproxima ao nível mais próximo disso. Ela toca, aí, um ponto de articulação realmente íntima, que não está no poder do próprio Deus de se unir com sua criatura, fora da união hipostática, por um laço mais estreito. Esta união é uma união suprema com uma pessoa infinita³⁶. Maria é Mãe de Deus. Ora, depois de Deus, diz Alberto, o Grande, não há nada mais próximo de Deus que ser Mãe de Deus³⁷. É penetrando nas inefáveis profundezas do mistério da maternidade divina da Virgem imaculada que São Bernardino de Sena pôde dizer: “Para tornar-se Mãe de Deus, a Bem-Aventurada Virgem tinha de ser elevada a um tipo de igualdade com Deus, por uma infinidade de graças e de perfeições sobrenaturais³⁸”.

A Santíssima Virgem, por sua vocação sublime à maternidade divina, alcançou, portanto, o grau mais elevado das grandezas comunicáveis do Deus três vezes santo. Ela é, então, crescida da grandeza do próprio Deus, tanto quanto uma criatura possa se aproximar sob a ação suprema da adorável Trindade. É, então, para a divina Mãe do Cristo que a força do braço de Deus se empregou em suas últimas magnificências; e este aí o sentido misterioso das palavras escapadas no êxtase da Mãe do Homem-Deus, na casa de sua prima Isabel: “A força do Onipotente fez em mim grandes coisas³⁹”.

A unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo em uma mesma essência, em uma mesma divindade, eis aí a Trindade.

A unidade do Verbo, da alma e da carne do Cristo em uma mesma pessoa divina, eis aí a encarnação.

A unidade da Bem-Aventurada Virgem com o Verbo encarnado, concebido do sangue virginal de Maria, pela operação do Espírito Santo, eis aí a maternidade divina. E esses três mistérios constituem a base do mundo sobrenatural.

Existe outro modo de união sobrenatural de Deus com sua criatura. Esta união é aquela da graça e da glória, da qual o Rei Profeta disse: “o Senhor vos dará a graça e a glória⁴⁰”.

³⁴ Lc 1, 42.

³⁵ Suarez. De Myster. Incarnat.

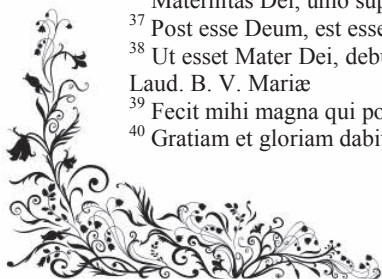
³⁶ Maternitas Dei, unio suprema cum persona infinita. D. Thom.

³⁷ Post esse Deum, est esse Matrem Dei. Albert. Magnus.

³⁸ Ut esset Mater Dei, debuit elevari ad quamdam æqualitatem divinam, per infinitatem gratiarum et perfectionum. S. Bernardino. De Laud. B. V. Mariæ

³⁹ Fecit mihi magna qui potens est. Lc 1, 49.

⁴⁰ Gratiam et gloriam dabit tibi Dominus. Salmo 83, 12.



Pela graça, o homem decaído nasce para uma vida sobrenatural, para uma vida divina. Ele torna-se o filho e o irmão de Deus. “Ele nos deu o poder de nos tornarmos os filhos de Deus⁴¹.” “Vós todos, que fostes batizados em Jesus Cristo, acrescenta São Paulo, fostes revestidos de Jesus Cristo⁴².” “Por nossa regeneração no santo batismo, tornamo-nos os membros do corpo, da carne e dos ossos de Jesus Cristo⁴³”.

A graça nos torna participantes da natureza divina, diz, por sua vez, o apóstolo São Pedro: *Naturae consortes divinae*.

O doutor angélico definiu a graça: “o começo da vida de Deus em nós⁴⁴”. “O ser da natureza, acrescenta Santo Tomás de Aquino, nos faz homem, o ser da graça, nos faz membros de Jesus Cristo, e o ser da glória, nos torna Deiformes. No céu da glória nós seremos parecidos a Deus, e a razão que nos dá disso o discípulo bem amado, é porque veremos Deus tal como Ele é”.

“Caríssimos, agora somos filhos de Deus, mas o que seremos não se manifestou ainda. Sabemos que quando se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é⁴⁵”.

Para ver Deus face a face, para contemplá-lo em sua essência, para atingir a felicidade sobrenatural da glória, é preciso ser elevado ao Ser Deiforme. É preciso que Deus ofereça, em seu poder e em seu amor, o segredo de nos imprimir o selo de uma semelhança perfeita com Ele. Ora, é na contemplação imediata da essência divina que os eleitos possuem esta semelhança, esta similitude Deiforme. O sol, incidindo sobre um espelho, se pinta a si mesmo, e o espelho reflete dele uma perfeita imagem. A graça nos une sobrenaturalmente a Deus, e a glória que nos faz contemplar sua essência divina nos imprime o selo de sua similitude. Os eleitos são espelhos vivos desse grande Deus que eles vêem face a face, e que eles vêem na luz própria de seu eterno esplendor, pois está escrito: “Nós veremos a luz em vossa luz⁴⁶”.

A graça divina nos eleva, então, a um parentesco, a um tipo de igualdade com Deus. “A graça do Evangelho, segundo o ensino de São Paulo, chamou as nações da gentilidade a um parentesco com o Cristo. Ela os chamou à herança e à participação das promessas infinitas da caridade de Jesus Cristo⁴⁷”.

O profeta Oséias anunciara essas magníficas esperanças e esses destinos imortais. Ele havia dito, falando das glórias sobrenaturais reservadas aos herdeiros do Cristo entre as nações da gentilidade: “e àqueles para quem tinha sido dito: Não sois meu povo, vós: se dirá: Sois os filhos do Deus vivo⁴⁸”.

Esta é nossa grandeza verdadeira, eis aí nossa elevação, nossa dignidade, nossa incomparável excelência: “Sois os filhos do Deus vivo: *Filii Dei viventis*.” É este prodígio de nossa união sobrenatural e Deífica com Jesus Cristo e por Jesus Cristo que fazia dizer ao Rei Profeta: “Deus é admirável em seus santos⁴⁹”. É exaltando o dom maravilhoso da graça e da glória, que nos tornam Deiformes, que São Paulo escreve: “Graças a Deus, por causa de seu dom inenarrável⁵⁰”.

Tais são, meus caros irmãos, ao menos daquilo que me é permitido falar e que ultrapassa toda palavra e todo louvor, tais são os três modos de união sobrenatural de Deus com sua criatura:

A união da encarnação, que faz o Homem-Deus;

⁴¹ Debit nobis potestatem filios Dei fieri. Jo I, 12.

⁴² Quicumque in Christo baptizati estis, Christum induistis, Gl 3, 27.

⁴³ Quia membra sumus corporis ejus, de carne ejus et de ossibus ejus. Ef 5, 30.

⁴⁴ Gratia Dei, inchoatio vitae Dei in nobis. Summ. Theol.

⁴⁵ Carissimi, nunc filii Dei sumus: et nondum apparuit quid erimus, scimus quoniam cum apparuerit, símiles ei erimus; quoniam videbimus eum sicuti est. I Jo 3, 2.

⁴⁶ In lumine tuo videbimus lumen. Salmo 25, 10.

⁴⁷ Gentes esse cohæredes, et concorporales, et participes promissionis ejus in Christo Jesus. Ef. 3, 6.

⁴⁸ Et erit in loco ubi dicetur eis : Non populus meus vos ; dicetur eis : Filii Dei viventis. Os I, 9; 2, 2.

⁴⁹ Mirabilis Deus in Sanctis suis. Salmo 7, 36.

⁵⁰ Gratias Deo super inenarrabili dono ejus. II Cor. 9, 15.



A união da maternidade divina, que faz Maria, Mãe de Deus;

A união da graça, que faz o cristão, filho e irmão de Deus.

Esses três modos da união de Deus com a criatura constituem a ordem da graça e da glória. Eles abraçam o imenso horizonte do mundo sobrenatural. Essas três obras primas da onipotência manifestam, ao universo admirado, as invenções mais escondidas e mais perfeitas da sabedoria infinita.

Fazer Deus, do filho de Adão; fazer de uma humilde Virgem, a verdadeira Mãe de Deus; fazer de um rebento da raça humana, o Filho e o Irmão de Deus, eis aí o termo inexplicável dos segredos mais profundos da caridade infinita.

Antes de ir adiante, nos dobremos por um momento sobre nossa alma.

A encarnação do Verbo, a maternidade divina da Bem-Aventurada Virgem, a união sobrenatural do cristão com Jesus Cristo, nos abrem todos os tesouros da divina misericórdia. Esclarecidos com as chamadas das divinas revelações, não nos surpreendemos com a linguagem inspirada do pai de São João Batista: “Ele nos visitou, escrevia esse santo ancião, pelas entranhas de sua misericórdia, se levantando das profundezas mais inacessíveis de sua morada⁵¹”.

A obra da encarnação, a obra da maternidade divina, a regeneração sobrenatural do homem em Jesus Cristo, abrem, com efeito, sobre o mundo dos espíritos, as últimas e supremas efusões da misericórdia de Deus. Essas três grandes maravilhas nos deixam perceber as mais admiráveis profundezas do amor de Deus por sua criatura. Pois o profeta não diz: “Ele nos visitou, em sua misericórdia”, mas: “Ele nos visitou, pelas entranhas de sua misericórdia”; é como se ele dissesse: “Ele nos abriu o próprio fundo de sua misericórdia; Ele fez sair das derradeiras profundezas de sua ternura misericordiosa, tudo o que ela encerrava de mais apaixonante, de mais divinamente terno. Per viscera misericordiae, in quibus visitavit nos oriens ex alto”.

Mas quando se pensa que é sobre a natureza humana, e não sobre a natureza angélica, que as supremas ternuras da divina misericórdia se difundiram, não resta mais à alma que o silêncio do assombro, que a estupefação do reconhecimento. “Ele nos visitou, pelas entranhas de sua misericórdia. *Per viscera misericordiae*”.

E, todavia, essas maravilhosas invenções de uma caridade que ultrapassa toda medida, que São Paulo chama uma caridade excessiva, “uma caridade demasiadamente grande, propter nimiam caritatem qua dilexit nos⁵²”, largamos no sono da indiferença. Nós as cremos sem meditá-las. Falamos delas sem entusiasmo. Pensamos nelas sem provar as santas surpresas de um amor saciado. Qual é, então, o poder de sedução, de cegueira, de cruel apatia que a carne, que o mundo e Satanás exercem sobre nós? O menor barulho das coisas daqui da terra nos chama a atenção; abrimos nossa alma a qualquer vislumbre das vãs esperanças desta vida. E quando nos falam das invenções eternamente adoráveis da caridade e da ternura de Deus para os homens, quando nos contam a divina história dos prodígios vindos das entranhas da misericórdia infinita, não sentimos nada; fazemos-nos surdos, ou mesmo, escutamos tais narrações como se escutássemos algo estranho aos nossos interesses, aos nossos destinos, à nossa beatitude e à nossa glória.

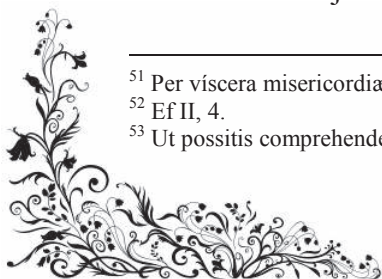
A encarnação do Filho de Deus, a maternidade divina da augusta Maria, a consangüinidade do cristão com o Homem-Deus, revelam aos anjos e aos homens o plano sobrenatural inteiramente. Esses mistérios sagrados medem, como fala São Paulo, “a largura, o comprimento, a profundidade da caridade infinita⁵³”.

Mas como essas três obras primas da onipotência saíram dos tesouros mais profundos dos conselhos divinos? Como jorraram das entranhas da divina misericórdia? Qual foi o meio empregado para sua

⁵¹ Per viscera misericordiae Dei nostri; in quibus visitavit nos, oriens ex alto. Lc 1, 78.

⁵² Ef II, 4.

⁵³ Ut possitis comprehendere cum omnibus Sanctis, quæ sit latitudo, et longitudo, et sublimitas, et profundum. Ef 3, 18.



realização? Por quem, em uma palavra, essas três maravilhas se produziram no seio do universo? Recolhei-vos, meus caros irmãos, e abandonai-vos nos mais legítimos transportes da admiração e do reconhecimento.

Essas três obras primas, esses três milagres da onipotência tiveram por instrumento, a Bem-Aventurada Virgem Maria. Esta filha de Adão foi predestinada para tornar-se a obreira incomparável das criações por excelência do mundo da graça. A augusta Maria, em uma palavra, tornou-se o canal misterioso pelo qual se expandiram sobre o universo as mais abundantes e mais preciosas efusões da graça e da glória.

Um ditame foi mantido no inacessível santuário das três pessoas divinas. O momento chegara de realizar, no tempo, o triplo prodígio que colocará a descoberto o próprio fundo das divinas misericórdias. Um arcanjo sublime, um destes espíritos imortais que se mantém diante do trono de Deus, recebe, da boca do Onipotente, uma mensagem realmente grande, tão prodigiosamente maravilhosa, que a eternidade se passaria antes que o primeiro dos espíritos pudesse suspeitar de sua existência, e mesmo conceber sua possibilidade. Escutemos a narração ditada pelo Espírito Santo ao Evangelista São Lucas:

“No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem da casa de Davi, chamado José; e Maria era o nome da virgem.

O anjo, tendo entrado onde ela estava, disse-lhe: Eu vos saúdo (Salve), cheia de graça; o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres.

Ela, tendo o ouvido, perturbou-se com essas palavras, e pensava consigo qual seria o significado desta saudação. E o anjo disse-lhe: Não temas, ó Maria; encontrastes graça diante de Deus.

Eis que conceberás em vosso seio, e darás a luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus.

Ele será grande, e será chamado o Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; e Ele reinará eternamente na casa de Jacó; e seu reino não terá fim.

Maria diz ao anjo: Como se fará isso? Ora, eu não conheço homem. E o anjo respondeu-lhe: O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo a cobrirá com sua sombra. Por isso o fruto santo que nascerá de vós será chamado o Filho de Deus.

E eis que Isabel, vossa parenta, concebeu, também, um filho em sua velhice; e já está no sexto mês aquela que chamavam estéril, pois nada é impossível a Deus.

E Maria disse: Eis aqui a serva do Senhor: que Ele faça em mim segundo vossa palavra, e o anjo a deixou”.⁵⁴

Que simplicidade e que magnificência! Que são, eu os pergunto, diante esta inimitável narração, todas as criações da poesia e da eloquência? Que são todas as invenções do gênio das letras e das artes? É o próprio Deus que dá ao seu mensageiro celeste a missão de ir ensinar a mais humilde das virgens, que só, entre as mulheres, é chamada a tornar-se a esposa do Pai, a Mãe do Verbo, o tabernáculo vivo do Espírito Santo.

É esse grande Deus, diante quem o universo e seus mundos são apenas grãos de areia, que trata, de algum modo, por um embaixador imortal, de igual a igual com a mais pura e a mais oculta das filhas de Adão; que solicita o concurso de sua vontade livre para produzir as três maravilhas que sua onipotência não poderia ultrapassar.

“O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma virgem”⁵⁵.

⁵⁴ Lc 1, 26.

⁵⁵ Missus est Angelus Gabriel a Deo ad virginem. Lc 1, 26.



Havia no mundo, imperadores, rainhas, filhas de rei, de belas cidades. Augusto reinava sobre o mundo conhecido. Roma tinha se tornado a mestra e a rainha das nações subjugadas. E, todavia, Gabriel é enviado na pequena cidade de Nazaré, aldeia desconhecida de uma província desprezada pelos soberbos conquistadores das nações⁵⁶.

E vejam com qual respeito o sublime Arcanjo se apresentou à virgem esposa de um humilde artesão. Ouçam as palavras ofuscantes que ele é encarregado de dirigir-lhe da parte dAquele que os anjos adoram.

“Salve, cheira de graça, o Senhor é convosco; bendita sois vós entre as mulheres⁵⁷”.

Este triplo louvor encerra o segredo de todos os destinos sobrenaturais da augusta Maria. “Salve, cheia de graça”. A graça, o sabeis, meus caríssimos irmãos, é uma participação na vida de Deus. *Gratia, participatio quædam vitæ Dei in nobis*⁵⁸.

Ela é uma efusão que, penetrando na essência da própria alma, se irradia sobre suas potências e eleva o ser da natureza ao ser sobrenatural e Deíforme. Ora, a Bem-aventurada Virgem é plena de graça: gratia plena. Ela a recebeu em sua plenitude, no primeiro momento de sua existência. Como, com efeito, seria plena de graça, se a graça da inocência original lhe faltava? Como seu Senhor e seu Deus estaria com ela, Dominus tecum⁵⁹, se no começo de sua existência, ela fosse inimiga de seu Deus? Como, sem a inocência original, a Bem-Aventurada Virgem seria bendita entre todas as mulheres? Como suplantaria, por uma bênção que só estava reservada a ela, nossa primeira mãe que, saindo das mãos de seu Criador, estava enriquecida da inocência e da justiça original?

As palavras que o enviado celeste dirige à Santíssima Virgem, da parte de Deus, carregam, em sua própria essência, a revelação deste privilégio miraculoso que o imortal Pio IX teve a glória de elevar aos esplendores de um dogma solenemente definido.

Ouvindo esses louvores, a Virgem imaculada provou um tipo de assombro que se origina em sua profunda humildade e em sua prudência divina. “Ela, tendo o ouvido, perturbou-se com essas palavras⁶⁰”. Ela busca nas inspirações da sabedoria que a ilumina, ela pergunta ao Espírito Santo que a anima, se tal louvor, que ela se crê tão indigna, não esconderia alguma armadilha para sua virtude: “pensava consigo qual seria o significado desta saudação⁶¹”.

O enviado celeste a tranqüiliza. Ele ensina-lhe que ela é o objeto das eternas complacências de seu Deus: ele disse-lhe que ela foi escolhida antes de todos os séculos para gerar, no tempo, o filho único que o Pai engendra eternamente nos esplendores de sua glória⁶². Abrindo, aos olhares da humilde Maria, os horizontes sem limites do mundo sobrenatural, ele revelou-lhe que as três pessoas da eterna e indivisível Trindade resolveram associá-la à sua glória, de tão somente realizar, por seu ministério e pelo concurso de sua vontade, o mistério incompreensível que deve fazer um Deus, homem, e do próprio Deus, um Homem-Deus. O glorioso Arcanjo desvenda, em uma palavra, à Bem-Aventurada Virgem, o segredo de sua maternidade divina e da dignidade suprema e infinita, em seu gênero, à qual ela é chamada por um decreto do eterno amor.

Antes de responder ao embaixador do Altíssimo, a Rainha das virgens pergunta se, tornando-se mãe do Filho de Deus feito homem, ela deve renunciar ao voto que a conduz a uma eterna virgindade. “Maria diz ao anjo: Como se fará isso? Ora, eu não conheço homem⁶³”.

O sublime mensageiro responde à humilde Virgem, que sua virgindade é a própria condição de sua maternidade divina. Ele lhe ensina que esta virgindade, que lhe é mais cara que todas as glórias, é a

⁵⁶ In civitatem Galilææ, ad virginem desponsatam viro cui nomen erat Joseph. Lc 1, 26, 27.

⁵⁷ Ave, gratia plena: Dominus tecum: Benedicta tu in mulieribus. Lc 1, 28.

⁵⁸ Tm 1, 2.

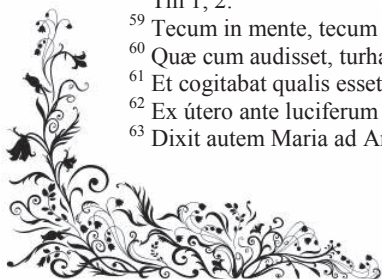
⁵⁹ Tecum in mente, tecum in corde, tecum in carne. August.

⁶⁰ Quæ cum audisset, turbata est in semine ejus. Lc 1, 29.

⁶¹ Et cogitabat qualis esset ista salutatio. Lc 1, 29.

⁶² Ex útero ante luciferum genui te. Salmo 109, 3.

⁶³ Dixit autem Maria ad Angelum: Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco? Lc 1, 34.



lei providencialmente criadora da união pessoal do Verbo divino com a natureza humana. Em seguida, ele revela-lhe o segredo da operação misteriosa do Pai, do Filho e do Espírito Santo para cumprir, em suas castas entranhas, a obra, por excelência, do eterno poder, da eterna sabedoria, da eterna caridade. “O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo a cobrirá com sua sombra. Por isso o fruto santo que nascerá de vós, será chamado o Filho de Deus⁶⁴”.

A virgem prudente, a verdadeira Mãe dos vivos, Aquela do qual a mãe de nossa carne imitou tão pouco a sabedoria, vai pronunciar, enfim, a palavra que a raça humana esperava há quarenta séculos; Ela vai dizer ao universo, a palavra criadora do mundo sobrenatural; Ela vai deixar cair de sua boca virginal esse fiat do Evangelho, sem o qual a ordem da união hipostática do Verbo com a natureza humana não existiria. “céus! escreve Jeremias, percebendo no futuro esta maravilha inefável: céus! fiquem admirados⁶⁵”.

“Eis aqui a serva do Senhor: que Ele faça em mim segundo vossa palavra”. *Ecce ancilla Domini: fiat mihi secundum verbum tuum*⁶⁶.

Neste instante de eterno reconhecimento, os três prodígios da Onipotência, as três maravilhas que o próprio Deus não poderia suplantar, se evadem das entranhas da misericórdia infinita para germinarem nas entranhas da Virgem imaculada.

O Verbo divino se faz homem: a mais humilde e a mais pura das virgens torna-se Mãe de Deus; e a alma do Homem-Deus, tirada do nada, contempla, de forma imediata, a essência das três pessoas divinas. Ela submerge seu olhar intuitivo nas profundezas da unidade substancial do Pai, do Verbo e do Espírito Santo.

O *fiat* do Gênesis teve o poder de extrair o mundo da natureza dos abismos do nada; contudo, o fiat do Evangelho, pronunciado pela Bem-Aventurada Maria, tem o poder de extrair das profundezas do conselho divino, o mundo sobrenatural, o mundo infinitamente mais perfeito da graça e da glória.

O *fiat* do Gênesis povoa os desertos com o exército inumerável dos nove coros dos anjos; extrai do nada o espírito e a matéria, o mundo dos corpos e aquele das inteligências; ele faz o homem, espírito e carne, o homem, inteligência encarnada, o homem, mediador do mundo dos corpos e do mundo dos espíritos; contudo, o *fiat* do Evangelho, saído dos lábios virginais de Maria, consuma entre Deus e o homem a união hipostática, em virtude da qual, Deus é homem e o homem é Deus. O fiat do Evangelho liga, na unidade pessoal do Verbo, a essência divina, a essência da alma e a essência da carne. Pelo fiat do Evangelho, o filho de Deus tornar-se o filho de uma virgem; a mais humilde das virgens torna-se Mãe, verdadeira Mãe de Deus; e os dois elementos da criação, ou seja, o espírito e a matéria, se elevam às últimas magnificências de toda grandeza e de toda glória.

Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum.

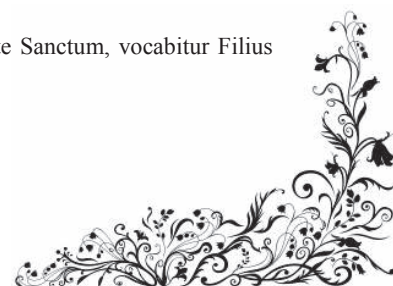
Assim, caríssimos irmãos, como Deus ultrapassa a natureza, o fiat do Evangelho ultrapassa aquele do Gênesis.

O *fiat* do Gênesis dá a cada ser aquilo sem o qual ele não seria ou não existiria. Ele faz o céu e a terra, o anjo e o homem. Ele lhes dá as leis constitutivas de sua existência. Mas o *fiat* evangélico eleva, no seio de Maria, o espírito e a matéria, a ordem da união pessoal do Filho próprio e único de Deus. Ao pronunciá-lo, a Bem-Aventurada Virgem abre o oceano das supremas efusões da misericórdia infinita. Ela liga a natureza de Deus e a natureza do homem; é por isso que, dizem os mais profundos místicos, a Santíssima Virgem torna-se, em certo sentido, o complemento da adorável Trindade e o complemento do universo.

⁶⁴ Spiritus Sanctus superveniet in te, et virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque et quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur Filius Dei. Lc 1, 35.

⁶⁵ Obstupescite coeli super hoc. Jr 2, 12.

⁶⁶ Lc 1, 38.



Maria, por sua maternidade divina, torna-se o complemento da Trindade. Como? A puríssima Virgem concebe, do Espírito Santo, o Verbo feito carne; “ora, o que nasceu nela é do Espírito Santo⁶⁷”. Que acrescenta o evangelista inspirado? “Ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo⁶⁸”. Que ensina o símbolo católico? Escutemos: “Que foi concebido do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria⁶⁹”.

O Pai tem uma fecundidade infinita nas entranhas da eterna Trindade. Ele engendra eternamente um filho: *Ex patre natum ante omnia secula*. O Filho eterno fecunda um produto, com o Pai, outra pessoa divina, a qual, é o Espírito Santo, *que ex Patre Filioque procedit*. Mas aí se conclui a fecundidade infinita das pessoas divinas. O Espírito Santo, termo subsistente da mútua efusão do Pai e do Verbo, não engendra, não produz outra pessoa divina. Mas a Bem-Aventurada Virgem concebe do Espírito Santo o Filho próprio, o Filho único do Pai. O Espírito Santo comunica à Bem-Aventurada Virgem uma fecundidade divina, pois ela tornar-se Mãe, verdadeira Mãe do Filho de Deus. “O que é nascido dela, é do Espírito Santo”. “Ela concebe do Espírito Santo”. “Ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo”. *Inventa est in útero habens de Spiritu Sancto*. Pela maternidade divina da Bem-Aventurada Virgem, o Espírito Santo tem, então, uma fecundidade divina, uma fecundidade infinita. *Quod in ea natum est de Spiritu Sancto est*. E eis aí como e porque a Bem-Aventurada Mãe de Deus tornou-se o complemento da adorável Trindade.

Acrescento que, por sua maternidade divina, a Santíssima Virgem tornou-se o complemento do universo. Vamos compreendê-lo.

O mundo da natureza, qualquer que seja os desenvolvimentos próprios, as perfeições sucessivas, não pode jamais cruzar os limites da ordem puramente natural. Se o mundo da natureza pudesse, por seus desenvolvimentos próprios, cruzar seus limites naturais, o efeito ultrapassaria sua causa, seria de uma natureza superior à sua causa. A natureza produziria a graça; o natural se elevaria a si mesmo, e por suas únicas forças, ao sobrenatural, coisa evidentemente impossível, pois ela é contraditória.

Contudo, pela maternidade divina da Santíssima Virgem, “a carne animada” de Nosso Senhor Jesus Cristo tornou-se a carne de Deus⁷⁰. Mas a carne do Homem-Deus é a carne de sua divina Mãe. Ora, a natureza humana exaltada no seio virginal de Maria até a união pessoal do Verbo infinito compreende, abraça os dois elementos da criação, que são: a inteligência e a matéria. O Verbo se une pessoalmente à carne animada que Ele toma nas entranhas da Virgem imaculada, tornada sua Mãe: *Animatum corpus sumens, de Virgine nasci dignatus est*.

Pela maternidade divina de Maria, o espírito e a carne, a inteligência e a matéria, a alma e o corpo, os quais, são os dois elementos fundamentais do universo, ou do mundo da natureza, se elevam ao grau mais sublime de toda grandeza e de toda perfeição. O espírito e a matéria atingem, pela maternidade da puríssima Virgem, a união pessoal do Verbo divino. “O Verbo se fez carne⁷¹”. A Bem-Aventurada Virgem, complemento da adorável Trindade, é, então, o complemento do universo. Compreendemos agora como o culto que a Igreja presta à Bem-Aventurada Maria repousa sobre o mistério dessas grandezas.

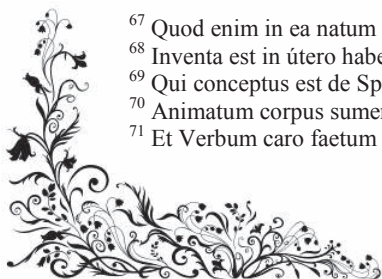
⁶⁷ Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est. Mt 1, 20.

⁶⁸ Inventa est in útero habens, de Spiritu Sancto. Mt 1, 18.

⁶⁹ Qui conceptus est de Spiritu Sancto, natus de Maria Virgine. Simb. Apost.

⁷⁰ Animatum corpus sumens, de Virgine nasci dignatus est. Of. Lit.

⁷¹ Et Verbum caro factum est. Jo 1, 14.





THE ANNUNCIATION – MURILLO E. BARTOLEME

Maria, mãe de Deus

*Maria de qua natus est Jesus qui vocatur Christus.
Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Cristo*
Mateus 1, 16

Dezoito séculos de comentários fizeram despontar dessas palavras um mundo de riquezas divinas. Dezoito séculos de meditação e de louvor não as esgotaram. E quando o rio do tempo acabar de fluir para se lançar no oceano sem fundo da eternidade, essas palavras ainda versarão na alma dos eleitos, ondas inesgotáveis de admiração e de felicidade. E vejam em que noite tenebrosa as seitas protestantes se enterraram. Elas adoram a Bíblia, dizem elas hipocritamente. O texto de nossos livros santos, submetidos ao exame privado e às mentirosas inspirações do individualismo, é, para as seitas heréticas e cismáticas, não somente dos últimos séculos, mas de todos os séculos, o criterium infalível da verdade. “As heresias, dizia Santo Agostinho, não tem outra origem senão numa má interpretação das divinas escrituras; elas nascem da temeridade e da audácia com as quais aqueles que compreendem mal dão por verdade suas interpretações mentirosas¹”.

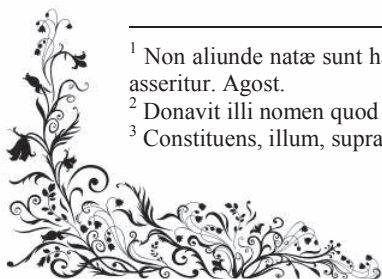
As seitas adoram a Bíblia; e, todavia, essas seitas, inimigas irreconciliáveis do culto da Bem-Aventurada Mãe de Deus, não viram, não quiseram ver o que nos transmitem essas palavras imortais: “Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Cristo”, o Evangelho nos deixara a fórmula mais luminosa, a expressão mais concisa das grandezas e dos privilégios da Virgem imaculada.

Como essas palavras sublimes do apóstolo das nações: “Ele lhe deu um nome que está acima de todo nome²”, o sábio Cornélio a Lápide não teme ensinar que o nome adorável de Jesus, diante o qual todo joelho se dobra no céu, sobre a terra e nos infernos, ultrapassa, em certo sentido, o nome do próprio Deus. Entremos no pensamento desse outro interprete de nossos livros santos. O nome de Deus, em sua noção própria, em sua acepção exata, no sentido que esse nome três vezes santo recorda à alma, implica a ideia do Ser eterno, infinito, onipotente, que criou o céu e a terra, e que governa todas as coisas. Mas o nome de Jesus implica a noção de Deus conhecido, manifesto segundo todas as maravilhas de sua sabedoria, de seu poder e de sua bondade. Quando eu pronuncio o nome de Deus, meu pensamento se detém sobre Deus, tanto que me é acessível, por seus atributos, à minha razão. Mas quando eu pronuncio o nome adorável de Jesus, eu falo de Deus conhecido sobrenaturalmente, manifesto inteiramente, não mais somente na ordem da natureza, mas na ordem da graça e da glória. O nome de Deus desperta, na inteligência, a noção e a ideia do Ser soberano que, pelo ato imenso da criação, chama as criaturas à participação da existência e da vida. Mas o nome de Jesus desperta, na alma cristã, a ideia de Deus se manifestando pela encarnação, pela graça e pela glória, segundo as últimas e supremas efusões da caridade infinita. E eis porque o grande Apóstolo não teme em ensinar para a terra que o nome de Jesus é o nome por excelência, o nome maior que possa ser nomeado, não somente no tempo, mas mesmo na eternidade³.

¹ Non aliunde natæ sunt hæreses, nisi dum scripturæ bonæ intelliguntur non bene, et quod in eis male intelligitur, temere et audacter asseritur. Agost.

² Donavit illi nomen quod est super omne nome. Fl 2, 9.

³ Constituens, illum, supra omne nomen, quod nominatur, non solum in hoc sæculo, sed etiam in futuro. Ef 1, 21.



Ora, Jesus é o fruto de vida que o seio virginal de Maria deu ao mundo. O Homem-Deus foi feito da mulher⁴.

Se Satanás, que São Paulo chama o príncipe das trevas deste mundo⁵, não tivesse cegado as seitas que imploram ao racionalismo a verdade infalível, como conceber a inexprimível demência que os leva a odiar a Bem-Aventurada Mãe do Homem-Deus? Uma glória infinita desceu sobre a raça humana. O dogma da maternidade divina, que levou a natureza humana a se encher das grandezas comunicáveis da onipotência, paira sobre o mundo. Nossa terra tornou-se a morada do Homem-Deus e da Mãe de Deus; e nações que se dizem cristãs, que se gabam de adorar o divino Filho de Maria, lançam gritos de furor e vomitam lavas de blasfêmia contra aquela que mereceu carregar em seu seio o Filho de Deus, tornado, por ela, o filho e o irmão do homem⁶!

Após ter demonstrado o culto da Santíssima Virgem em sua base, o demonstraremos no título de Mãe de Deus; assinalemos uma ideia da dignidade que este título encerra. Compreendamos que o título de Mãe de Deus eleva a gloriosa Maria a uma dignidade infinita em seu gênero. Acrescentamos que a dignidade de Mãe de Deus é a raiz de todos os desenvolvimentos e de todas as manifestações do culto da Santíssima Virgem.

“Se todos meus membros, diremos com São Jerônimo, se modificassem em línguas, eu ainda seria incapaz de louvar dignamente a Bem-Aventurada Mãe de Deus. Que é, com efeito, uma gota d’água acrescentada a este imenso oceano? Que é uma pedra acrescentada a esta montanha que preenche o universo⁷?”

A Santíssima Virgem é Mãe de Deus. Este é um dogma fundamental, o mais fundamental do cristianismo. Se a Bem-Aventurada Virgem Maria não é Mãe de Deus, Deus não se fez homem; o Verbo divino não se uniu à natureza humana pelo laço de sua personalidade divina; o Filho de Deus “não foi feito da mulher”. “Ele não nasceu da Virgem Maria”. Mas se Deus não se fez homem, se a Bem-Aventurada Virgem não deu a luz ao Filho de Deus feito homem, não há mais cristianismo; o cristianismo desmorona em seu fundamento; e o que tomamos por cristianismo não é mais que uma peça de fábulas, que um destes milhares de sistemas de erros gerados pela razão.

Se há, no Cristo, duas pessoas, como há Nele duas naturezas distintas, Maria é mãe apenas de um homem. Se a natureza humana, por seu contato com a natureza divina, é absorvida, aglutinada, destruída, Maria não é mãe nem de Deus nem do homem. Falar assim, diz São Gregório de Nazianzeno, é cair no ateísmo. “Aquele que não crê que Maria é Mãe de Deus, disse o grande doutor, se coloca fora da divindade⁸”.

O dogma da maternidade divina plaina sobre a humanidade há 16 séculos. Anunciado, prefigurado, atendido, esperado, prometido, celebrado, combatido, glorificado, o dogma da maternidade divina preenche a história de todos os tempos. Esse dogma é o fato dominador da terra, a conexão da história, o grande pensamento de Deus e do universo. Esse dogma é o ponto central, o pivô divino sobre o qual repousam ao mesmo tempo a ordem da natureza, a ordem da graça e a ordem da glória. A maternidade da Virgem imaculada é o objeto dos pensamentos eternos e das eternas complacências do Altíssimo.

“O Senhor me criou, escreve, pela boca de Salomão, a Bem-Aventurada Maria, o Senhor me criou antes do começo da terra⁹”.

“O Senhor me criou, como primícia de suas obras, desde o princípio, antes do começo da terra.

⁴ Misit Deus Filium suum, factum ex muliere. Gl 4, 4.

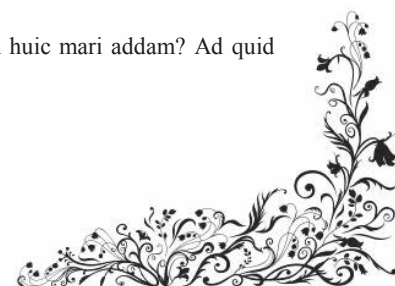
⁵ Quia quem meruisti portare. Ant. Eccl.

⁶ Dignitas maternitatis divinæ, suo genere infinita. Suarez, De Laud. Virg.

⁷ Si omnia membra mea in linguis vortenterentur, eam non laudare sufficerem... Ad quid aquæ paululum huic mari addam? Ad quid lapillum huic monti adjiciam? Hier. Serm. de B. V. M.

⁸ Si quis sanctam Deiparam non credit, extra divinitatem est. Greg. Naz.

⁹ Dominus possedit me in initio viarum suarum, antequam quidquam faceret a principio. Pr 8, 22.



Desde a eternidade fui formada, antes de suas obras dos tempos antigos.

Ainda não havia abismo quando fui concebida, e ainda as fontes das águas não tinham brotado.

Antes que assentados fossem os montes, antes dos outeiros, fui dada à luz; antes que fossem feitos a terra e os campos e os primeiros elementos da poeira do mundo.

Quando Ele preparava os céus, ali estava eu, quando traçou o horizonte na superfície do abismo, quando firmou as nuvens do alto, quando dominou as fontes do abismo, quando impôs regras ao mar, para que suas águas não transpusessem os limites, quando assentou os fundamentos da terra, junto a Ele estava eu como artífice¹⁰.

O dogma da maternidade divina preenche todos os séculos de espera, todas as eras figurativas. A Mãe imaculada d'Aquele que deve esmagar a cabeça da serpente infernal é prometida aos nossos primeiros pais no mesmo dia de sua prevaricação e de sua queda.

“Colocarei, diz o Senhor, inimizade entre ti e a mulher; entre tua raça e a dela. Ela te esmagará a cabeça, e tu a ferirás no calcanhar¹¹”.

A divina Mãe do Redentor, prometida às esperanças do homem caído, alivia, durante quarenta séculos, as languidez do exílio, as tristezas da peregrinação e os distantes desejos da posteridade resultante de uma mãe culpável. Os patriarcas da fé figurativa, fixados sobre a mulher divina que deve gerar o Messias, adoram o Rei imortal dos séculos, o desejado das colinas eternas, o divino Redentor da humanidade.

No seio da gentilidade, no momento em que as tradições divinas se apagavam sob a ação dos espíritos de trevas, o santo homem Jó guarda em seu coração a inextirpável esperança da vinda do divino Filho da Virgem imaculada.

“Quem me dera se minhas palavras pudessem ser escritas, consignadas num livro, gravadas por estilete de ferro em chumbo, esculpidas para sempre numa rocha¹²”.

Mas quais são esses pensamentos que o santo Profeta deseja gravar em um livro sobre lâminas de chumbo? Que ele queria escrever sobre o sílex com um sisal? Escutemos:

“Eu sei que meu Redentor vive, escreve Jó. Eu sei que no último dia eu ressuscitarei da tumba. Eu sei que ressuscitando, eu serei recoberto com minha pele; que eu verei meu Deus em minha carne; que eu o contemplarei com meus próprios olhos; e não os olhos de outros. Esta esperança repousa em meu seio¹³”.

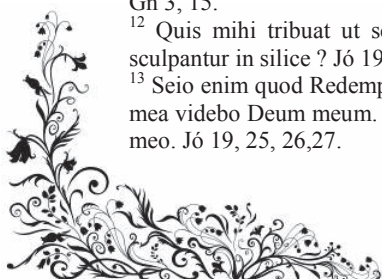
Se pudéssemos penetrar nos mistérios contemplativos dos santos que viveram à sombra das divinas promessas, se pudéssemos formar uma ideia da alegria inefável derramada em suas entranhas pela esperança de ver um dia o divino Redentor e sua divina Mãe, compreenderíamos o sentido destas palavras do grande Apóstolo:

¹⁰ Ab æterno ordinata sum, et ex antiquis antequam terra fieret. Nondum erant abyssi, et ego Jam concepta eram; necdum fontes aquarum eruperant. Necdum montes gravi mole constiterant: ante colles ego parturiebar. Adhuc terram non fecerat, et ilumina, et cardines, orbis terræ. Quando præparabat cœlos aderam; quando certa lege, et gyro vallabat abyssos. Quando æthera firmabat sursum, et librabat fontes aquarum. Quando circumdabat mari terminum suum, et legem ponebat aquis, ne transirent fines suos; quando apphebat fundamenta terræ. Pr 8, 22-29.

¹¹ Inimicitias ponam inter te et mulierem, et sēmen tuum, et sēmen illius, ipsa conteret caput tuum, et tu insidiaberis calcāneo ejus. Gn 3, 15.

¹² Quis mihi tribuat ut scribantur sermones mei? Quis mihi det ut exarentur in libro, stilo ferreo, et plumbi lamina, vel celte sculpantur in silice? Jó 19, 23, 24.

¹³ Seio enim quod Redemptor meus vivit, et in novíssimo die de terra surrecturus sum. Et rursus circumdabor pelle mea, et in carne mea videbo Deum meum. Quem visurus sum ego ipse, et oculi meo conspecturi sunt, et non alius; reposita est hæc spes mea in sinu meo. Jó 19, 25, 26, 27.



“Foi na fé que todos morreram.. Embora sem atingir o que lhes tinha sido prometido, viveram-no e o saudaram de longe, confessando que eram só estrangeiros e peregrinos sobre a terra¹⁴”.

O que eles vislumbraram de longe? O que eles adoraram, então, através dos séculos, no afastamento das eras? Ah! Esses cristãos da fé e da esperança olhavam Nazaré, Belém, o Calvário, o Santo Sepulcro. Eles contemplavam, em um arrebatamento profundo, Jesus Cristo e sua divina Mãe. *A longe aspicientes*. O Homem-Deus... a Mãe imaculada do Homem-Deus... Ah! Tal não é o espetáculo mais inesperado, mais novo, mais digno de espanto, de admiração, de felicidade e de alegria? E porque os santos patriarcas viam de longe essas prodigiosas maravilhas da graça, eles poderiam se proibir de contemplá-los no transporte do entusiasmo? Eles poderiam não adorar o Filho de Deus tornado, pela maternidade divina da Virgem imaculada, o filho e o irmão do homem? *A longe aspicientes et salutantes*.

Olhar Jesus Cristo, olhar sua divina Mãe, adorar o Homem-Deus, se liquefazer de amor e de reconhecimento pela gloriosa Mãe do Homem-Deus, não é isso que farão, durante a eternidade, os eleitos do mundo angélico e os santos da raça humana?

Após olhar de longe, após ter adorado de longe, durante a provação, o mistério do Cristo e o mistério não menos surpreendente da maternidade divina da augusta Maria, os eleitos da Igreja triunfante não se saciarão jamais de contemplá-los na morada da glória, nos transportes de um arrebatamento eterno.

Adão e Eva, Abel e Set, Henoc e Noé, Melquisedec e Abraão, Isaac e Jacó, Jó e Moisés, todos os patriarcas e todos os profetas viram de longe, adoraram, através das eras figurativas, Aquele que deveria vir à luz pela mulher divina. *A longe aspicientes et salutantes*.

Quanto Deus, tomando Abraão pela mão, lhe dizia: “Levante a cabeça, conte, se podes, as estrelas. Tua posteridade será mais numerosa; todas as tribos da terra serão abençoadas Naquele que sairá de ti¹⁵”.

Tomando uma linguagem parecida com o Patriarca dos crentes, o Senhor revelava-lhe o dogma da maternidade divina da Santíssima Virgem. Ele abria em seu coração uma fonte inesgotável de alegria, de reconhecimento e de admiração. Ele acendia em sua alma uma fornalha de amor para Aquele que viria ser, ao mesmo tempo, filho de Deus e filho de Abraão.

Davi, Salomão, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, celebraram, com o entusiasmo da inspiração, os divinos mistérios que prometiam, às esperanças da humanidade, o Filho de Deus tornado o Filho de uma Virgem.

O Rei-Profeta aprende, da boca do próprio Deus, que o Messias e sua Mãe virginal sairiam dele e seriam a glória de sua posteridade. “Eu colocarei sobre teu trono um fruto de tuas entranhas¹⁶”.

Aproximemos estas palavras daquelas que o arcanjo Gabriel deveria dirigir, mil anos mais tarde, à Bem-Aventurada Maria. “Este será grande, e será chamado o Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai¹⁷”.

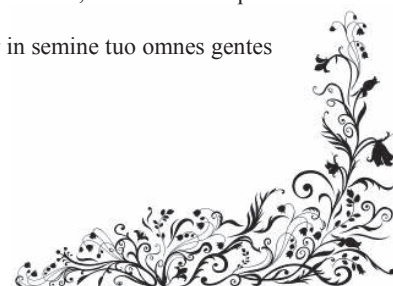
O santo Rei Davi conheceu, na luz das santas revelações, toda a história do Verbo encarnado e de sua augusta Mãe. Os cânticos sagrados que o Espírito Santo ditou-lhe foram apenas hinos do amor cantados aos louvores do divino Filho de Maria. Se soubermos meditar esses cantos de inimitável magnificência, descobriremos ali todos os traços da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua divina Mãe.

¹⁴ Juxta fidem defuncti sunt, omnes isti, no acceptis repromissionibus, sed à longe eas aspicientes et salutantes, et confitentes quia peregrini et hospites sunt super terram. Hb 11, 13.

¹⁵ ... Suspice coelum, et numera stellas si potes. Et dixit ei : sic erit semen tuum. Gn XV, 5. Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ. Gn 22, 18.

¹⁶ De fructu ventris tui ponam super sedem tuam. Salmo 131, 11.

¹⁷ Hic erit magnus et Filius Altissimi vocabitur, et dabit illi Dominus sedem David patris ejus. Lc 1, 32.



Os acentos mais sublimes do profeta Isaías não são consagrados às glórias da maternidade divina?

“Por isso o próprio Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá e dará a luz um filho que será chamado Emanuel, ou seja, Deus conosco¹⁸”.

“Ó céus! acrescenta o sublime filho de Amós, derramai, das alturas, o seu orvalho, e as nuvens chovam o Justo, que a terra se abra, que ela faça germinar o Salvador¹⁹”.

Davi tinha dito: “a verdade saiu de nossa terra: nossa terra deu seu fruto”. *Veritas de terra orta est; terra nostra dedit fructum suum*.

Esta terra é o seio virginal de Maria. Esse fruto de vida é o Verbo encarnado que deve assentar-se sobre o trono de Davi, seu pai. *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam*. Esse fruto, por excelência, é aquele do qual Santa Isabel celebrava os louvores quando ela dizia à augusta Mãe do Salvador: “Bendito é o fruto de vosso ventre²⁰”.

Jeremias, em uma palavra, leva até as nuvens o panegírico da maternidade divina. “A mulher dará a luz o homem”, escreve esse Profeta²¹.

É como se ele dissesse: a mulher por excelência, a mulher divina, a nova Eva, trará o homem Deus em seu seio. Ela será Mãe do Adão divino, Daquele que é chamado o Pai do século futuro: *Fœmina circumdabit virum*.

O dogma da maternidade divina preenche o Novo Testamento. Todos os versículos deste livro inspirado tocam, por sua própria essência, nos mistérios sagrados, do qual o seio virginal de Maria foi o tabernáculo vivo. A anunciação do anjo, a encarnação do Verbo, a maternidade divina, contadas por São Lucas, acaçapam a admiração. Qual pluma escrevera coisas parecidas? Qual historiador fez narrações parecidas? As cenas evangélicas que se cumprem no humilde asilo de Nazaré, entre Maria e o enviado celeste, serão a admiração dos eleitos durante os séculos dos séculos.

A Bem-Aventurada Virgem, aprendendo que ela é chamada, pelo decreto de uma eterna predestinação, a tornar-se a esposa, a mãe, o templo vivo do próprio Deus, extraiu em seu coração imaculado, e deixou escapar de seus lábios virginais uma palavra que eleva sua humildade ao nível de sua própria dignidade:

“Eis aqui a serva do Senhor, que Ele faça em mim segundo vossa palavra²²”.

O drama incomparável da visitação da Santíssima Virgem à sua prima Isabel prova, somente a ela, a origem divina do Evangelho. O *Magnificat* é a epopéia três vezes sublime das grandezas de Jesus Cristo e das grandezas de sua augusta Mãe. Jamais Deus foi louvado, bendito, exaltado, celebrado com esta magnificência e por uma boca mais pura.

A Igreja do tempo áureo repete, ao longo dos séculos e sobre todos os pontos do universo, essas palavras de fogo descidas do coração de Maria; jamais ela satisfará o entusiasmo sobrenatural e a inexprimível alegria que elas a inspiram. As harpas angélicas e os cânticos da Jerusalém celeste não esgotarão jamais as torrentes do amor que o cântico da Bem-Aventurada Mãe do Verbo encarnado esconde em suas profundezas.

O Evangelista São Mateus tem apenas uma palavra para formular o dogma das glórias da augusta Mãe do Filho de Deus, e esta palavra é um milagre de concisão, um prodígio e um mundo de magnificências.

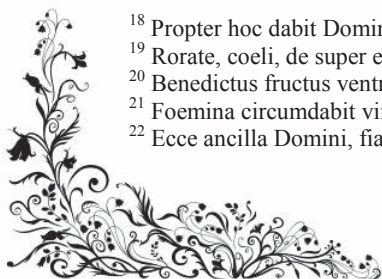
¹⁸ Propter hoc dabit Dominus ipse vobis signum. Ecce Virgo concipiet et pariet filium et vocabitur nomen ejus Emmanuel. Is. 7, 14.

¹⁹ Rorate, coeli, de super et nubes pluant justum; aperiatur terra et germinet Salvatorem. Is 65, 8.

²⁰ Benedictus fructus ventris tui. Lc 1, 42.

²¹ Foemina circumdabit virum. Jr 31, 44.

²² Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum. Lc 1, 38.



Falando da união virginal de São José com a Virgem imaculada, ele diz: “José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Cristo²³”. Querendo exprimir a concepção divina do Verbo encarnado no seio da augusta Virgem, o mesmo evangelista nos diz que esta concepção sublime teve por principal realizador o próprio Espírito Santo.

“O que é nascido dela, é do Espírito Santo²⁴”.

O casto José, que vive com Maria, como viveria um anjo, percebeu que sua virginal esposa tornou-se mãe. “Não temas receber vossa esposa, disse-lhe o anjo, pois o que é nascido dela, é do Espírito Santo²⁵”.

Se as hediondas trevas do mal não tivessem lançado sobre nossas almas uma nuvem de ignorância, de corrupção e de cegueira, nos sentiríamos movidos, transportados, santamente embriagados de felicidade e de admiração, lendo essas palavras divinas, meditando as castas fórmulas do dogma da maternidade divina da Bem-Aventurada Virgem. “Um fruto foi formado em seu seio pelo Espírito Santo”. “O que carrega é do Espírito Santo”.

Detemo-nos um momento diante de uma palavra ditada pelo Espírito Santo ao maior dos Apóstolos. Penetremos, se é possível, o sentido deste sublime pensamento no qual São Paulo resume, ao mesmo tempo, e com uma precisão maravilhosa, o mistério da união pessoal do Verbo com a natureza humana, e o mistério não menos prodigioso da maternidade divina da Virgem sem mancha. Escutemos esse querubim do Evangelho.

“Quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu filho, feito da mulher, feito sob a lei, para resgatar aqueles que estavam sob a lei, afim de que recebamos a adoção dos filhos²⁶”.

“Deus enviou seu filho” *Misit Deus Filium suum*. Esse Filho que Deus, o Pai, envia é engendrado antes de todos os séculos. Ele é concebido e engendrado desde toda a eternidade. Esse Filho é coeterno, consubstancial ao Pai, infinito, onipotente, Deus como o Pai. Ora, quando a plenitude do tempo veio, Deus enviou seu Filho feito da mulher. *Factum ex muliere*. Mas o que! Se esse Filho de Deus nasceu de Deus, se Ele é engendrado eternamente, como Ele é feito da mulher? Que dizeis, sublime apóstolo? Esse Filho único do Pai pode ser, ao mesmo tempo, filho de Deus e filho da mulher? Aquele que o Pai engendra nos esplendores inacessíveis de sua glória, a mulher pode engendrará-lo no tempo?

Nada de mais evidente, nada de mais dogmaticamente verdadeiro. Esse Filho que o Pai engendra eternamente, a quem Ele dá, por esta eterna geração, sua própria natureza, sua própria substância, sua própria divindade, a mulher Virgem que o engendra no tempo, lhe dá sua natureza e sua humanidade. A Bem-Aventurada Virgem faz um Homem-Deus. Ela extrai de suas entranhas o Filho de Deus feito homem, ela engendra o Verbo encarnado. *Misit Filium suum factum ex muliere*. Ela é Mãe desse Filho de Deus, que é Deus e Homem juntos; Deus, por sua geração eterna, Homem-Deus, Deus feito homem, por sua geração temporal.

Coisa admirável! Esta palavra fascinante de São Paulo: “*Deus enviou seu Filho feito da mulher*” exprime, com uma maravilhosa precisão, o dogma das três pessoas divinas em uma mesma essência. Esta mesma palavra exprime, com a mesma concisão, o dogma da encarnação do Filho de Deus e o dogma da maternidade divina da Virgem imaculada. *Misit Deus Filium suum factum ex muliere*.

“Deus, o Pai, envia seu Filho, feito da mulher”. Conhecemos por esta palavra sublime Aquele que engendra e Aquele que é engendrado. Onde está o Espírito Santo? Escutemos São Mateus: “O que carrega é do Espírito Santo”. *Quod in ea natum est de Spiritu Sancto est*. Reaproximemos o texto de

²³ Joseph virum Mariæ, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus. Mt 1, 16.

²⁴ Inventa est in útero habens de Spiritu Sancto. Mt 1, 18.

²⁵ Noli timere accipere Mariam conjugem tuam: quod in ea natum est, de Spiritu Sancto est. Mt 1, 20.

²⁶ At ubi venit plenitudo temporis, misit Deus Filium suum, factum ex muliere, factum sub lege, ut eos qui sub lege erant redimeret, ut adoptionem filiorum reciperemus. Gl 4, 4,5.



São Paulo das palavras do arcanjo Gabriel: “O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo a cobrirá com sua sombra. Por isso o fruto santo que nascerá de vós será chamado o Filho de Deus”. Reaproximemos o mesmo texto de São Paulo deste artigo do símbolo dos apóstolos: “Que foi concebido do Espírito Santo, que nasceu da Virgem Maria”. E compreendamos, de uma evidência sobrenatural, que a Trindade divina, que a encarnação, que a maternidade divina de Maria imaculada, nunca foram exprimidas com mais precisão e mais magnificência.

As blasfêmias e as mentiras da heresia incidem, então, sobre ela como um anátema vingador, como o eterno castigo das invejas e das cóleras do arcanjo caído que as inspirou.

Os livros santos, nós o vemos, estão repletos das glórias da maternidade divina. Eles estão embalsamados do perfume dos grandes privilégios da Bem-Aventurada Mãe de Deus, da doce Rainha do mundo da graça e da glória.

O paganismo literário que corrompe a Europa há quatro séculos quase nos tirou o apetite pela poesia inteiramente divina dos livros santos. Os cânticos sagrados da esposa de Jesus Cristo, as fórmulas arrebatadoras da liturgia católica tornaram-se insípidas às almas paganizadas por Virgílio, Horácio, Ovídio, por todos esses fabricantes de fábulas libertinas, de mentiras corruptoras, que foram nossas mestras, e que nos forçaram a admirar e imitar.

A liturgia romana só respira, por assim dizer, os suaves perfumes do dogma da maternidade divina. Tanto o mundo da graça é elevado acima do mundo da natureza, quanto as arrebatadoras melodias inspiradas à esposa do Cristo, pelo mistério das glórias da Mãe imaculada do Filho de Deus, a levam sobre os acentos profanos da poesia dos livros pagãos.

A poesia do paganismo busca sua beleza efêmera nas imagens mais ou menos coloridas de um mundo em ruína, de uma natureza decaída; e na insossa harmonia de uma fraseologia sonora, pois ela é vazia de pensamentos. A poesia dos livros santos, a poesia dos livros litúrgicos demanda seus esplendores, seu brilho, sua harmonia inteiramente divina, aos pensamentos descidos do santuário habitado pelo Deus três vezes santo. Esta poesia só toma emprestada, da língua humana, a palavra necessária para revestir os ensinamentos resplandecentes de sublimidade e de magnificência. Escutemos:

“Ó, Bem-Aventurada Virgem! exclama a Igreja, carregastes em vosso seio o Criador de todas as coisas: Engendrastes Aquele que vos fez, e permanestes eternamente virgem²⁷”.

Esta antífona da liturgia católica, cantada noite e dia pelos pontífices e pelos sacerdotes, pelos monges e pelas virgens, pelo povo fiel e por toda a Igreja, é um oceano de poesia sagrada, de teologia e de mística, de piedade e de entusiasmo, de fé e de amor. “Ó Bem-Aventurada Virgem! Carregastes em vosso seio o Criador de todas as coisas: Engendrastes Aquele que vos fez, e permanestes eternamente virgem”. *Omnium portasti Creatorem Genuisti, qui te fecit, et in æternum permanes virgo*. Contudo, para saborear a casta beleza e a celeste magnificência, é preciso que a inteligência e o coração, que a imaginação e o sentimento tenham se instruído nas fontes da revelação, nas fontes purificantes da graça, e não no lamaçal imundo da poesia do Parnasianismo. Jamais espíritos alimentados literariamente da poesia insípida do paganismo se sentiram movidos e santamente satisfeitos pela melodia dessas fórmulas da liturgia católica.

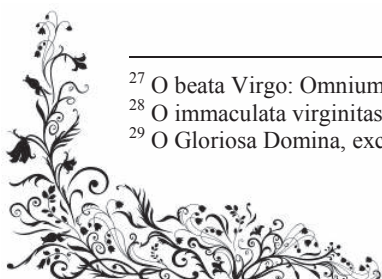
“Ó Virgindade sem mancha! Onde tomar palavras para vos louvar dignamente? Aquele que o universo não pode conter, vós o carregastes em vosso seio²⁸”.

“Ó gloriosa Soberana! Cujo trono está colocado acima de todos os céus, alimentastes do leite de vosso casto seio Aquele que vos criou²⁹”.

²⁷ O beata Virgo: *Omnium portasti Creatorem: Genuisti, qui te fecit, et in æternum permanes virgo*. Of. B. M.V.

²⁸ O immaculata virginitas, quibus te laudius effèram, nescio: quia quem cœli capere non poterant, tuo grêmio contulisti. Of. B. V. M.

²⁹ O Gloriosa Domina, excelsa super sidera, qui te creavit provide lactasti sacro úbere. Lit. B. M. V.



“Ó Bem-Aventuradas entralhas da Virgem Maria, que carregaram o Filho do Pai eterno! Felizes mamilos que amamentaram o Cristo, Nosso Senhor³⁰”.

Rimos da simplicidade de nossos pais; cremo-nos gigantes e inteligentes quando nos comparamos a esses povos da idade média que se embriagaram da inefável doçura desses cânticos vindos do céu. Durante os séculos de fê, dois milhões de igrejas, resplandescentes de riquezas artísticas, fizeram subir, noite e dia, essas melodias arrebatadoras rumo ao trono imaculado da Rainha dos Anjos. Para nós, povo degenerado, para nós, miseráveis admiradores dos séculos do paganismo, vamos buscar em concertos mundanos, em teatros malditos, em salas de ópera, os abalos inquietos e as sensações vãs, monótonas, dos cantos corruptores de uma música irritante. [...]

Os cantos litúrgicos, as estrofes sublimes que iremos recordar as fórmulas sagradas, são somente uma tradução inspirada dessas palavras divinas que a sabedoria eterna coloca na boca da castíssima Mãe de Deus. “Aquele que me criou repousou em meu seio tornado seu tabernáculo³¹”.

Escutemos agora os santos Doutores. Recolhamos alguns de seus pensamentos sobre o dogma da maternidade divina da Bem-Aventurada Virgem.

“Que toda inteligência, exclama São Pedro Damião, seja embargada de terror, que ela se guarde de escrutar o incompreensível mistério das grandezas da augusta Mãe de Deus”. Depois ele acrescenta: “Deus habita no seio de uma Virgem; Ele tem com ela uma identidade de natureza³²”.

Esta palavra de São Pedro Damião é um belo comentário do texto que tomamos emprestado de São Paulo: “Deus enviou seu Filho feito da mulher”. A carne virginal da Bem-Aventurada Maria tornou-se, com efeito, a carne de Deus.

Santo Anselmo, falando da maternidade da augusta Maria, se exprime assim: “Dizer somente que a Bem-Aventurada Virgem é Mãe de Deus, isso ultrapassa toda elevação possível e imaginável, após aquela de Deus³³”.

“Deus, diz por sua vez São Bernardo, deu à gloriosa Virgem Maria a sumidade de toda grandeza, a saber, a maternidade divina³⁴”.

Essas palavras do panegirista por excelência da Santíssima Virgem provam, evidentemente, que as glórias da maternidade divina aparecem-lhe como o ponto culminante, como o último grau das grandezas comunicáveis do Altíssimo face de uma criatura. *Summum dedit Mariæ, scilicet Dei maternitatem*.

É penetrando com seu potente olhar no mistério das grandezas da Santíssima Mãe de Deus, que o doutor angélico não teme ensinar teologicamente “que, por sua maternidade divina, a Santíssima Virgem contratou uma união suprema com uma pessoa infinita³⁵”.

A união da maternidade divina, sendo uma união suprema com uma pessoa infinita, leva a induzir que a dignidade de Mãe de Deus é uma dignidade suprema que tem algo de infinito. E para tornar esta doutrina de algum modo evidente, o santo Doutor formula este axioma luminoso da mais santa teologia: “Quanto mais uma coisa está próxima de seu princípio, mas esta coisa participa da natureza do princípio no qual ela está unida³⁶”.

A Bem-Aventurada Virgem está unida a Deus, princípio de sua dignidade e de sua glória. Ela lhe está unida por um modo de união suprema. Ela está unida a seu Deus ao ponto de partilhar a própria

³⁰ Beata viscera Mariæ Virginis, quæ portaverunt æterni Patris Filium; beata úbera quæ lactaverunt Christum Dominum. Lit. B. M. V.

³¹ Qui creavit me, requievit in tabernaculo meo. Eccl. 24, 12.

³² Habitat Deus in Virgine; cum qua habet identitatem naturæ. Pedro Dam. Serm. B. V.M.

³³ Hoc solum dicere de Beata Maria Virgine, quod Dei Mater sit, excedit omnem altitudinem quæ post Deum dici vel excogitari potest. Anselm. De Laud. B. M. V.

³⁴ Summum dedit Mariæ, scilicet Dei maternitatem. Bernardo. Hom. Supr. miss.

³⁵ Maternitas Dei, suprema unio cum persona infinita. D. Tom. Sum. 3. P.

³⁶ Quo plus res suo jungitur principio, eo plus de natura principii participat. 3. P. Sum. T.



fecundidade de Deus. Ela está unida a Deus ao ponto de conceber e de engendrar, no tempo, o mesmo filho que Deus, o Pai, concebe e engendra eternamente. A Bem-Aventurada Virgem Mãe de Deus participa, então, de algum modo infinito, na grandeza e na natureza do princípio de sua união. *Quo plus res suo jungitur principio, eo plus de natura principii participat.*

Não mais nos surpreendamos, então, se esse grande doutor, no qual a precisão teológica é um prodígio, ensina que o estado da maternidade divina é o estado mais sublime, a dignidade mais alta no qual uma criatura pura possa ser honrada³⁷.

O doutor seráfico ensina a mesma doutrina. Eis suas palavras: “A maternidade divina é a maior graça que uma criatura pura possa receber de Deus³⁸”.

É após ter pesado de forma severa e profunda esses maravilhosos louvores, que o douto e venerável Suarez não teme em estabelecer esta tese teológica: “A dignidade da Mãe de Deus é uma dignidade infinita em seu gênero³⁹”.

É, portanto, permitido a São Bernardino de Sena juntar a este *feixe* das glórias da castíssima Mãe de Deus, a *espiga* resplandecente que parece dominar as outras: “Para tornar-se Mãe de Deus, a bem-Aventurada Virgem Maria devia ser elevada a um tipo de igualdade com Deus, por uma infinidade de graças e de perfeições⁴⁰”.

A dignidade de Mãe de Deus a eleva acima de toda dignidade diferente daquela de Deus, diz Santo Anselmo. Esta dignidade, segundo São Bernardo, dá à Bem-Aventurada Virgem, a sumidade de todas as grandezas. A maternidade divina é uma união suprema com um pessoa infinita. Ela constitui o estado mais eminente no qual uma criatura possa ser elevada, acrescenta São Tomás de Aquino. A graça da maternidade divina, retoma o doutor Seráfico, é a graça das graças. São Bernardino de Sena, resumindo todos esses louvores, pôde, então, exclamar do alto do púlpito evangélico: “Para tornar-se Mãe de Deus, a Bem-Aventurada Virgem devia ser elevada a um tipo de igualdade com Deus, por uma infinidade de graças e de perfeições”.

Essas palavras sublimes de São Bernardino de Sena são, além do mais, somente uma indução desse grande princípio de teologia, à ajuda do qual, São Tomás de Aquino estende tão vivas claridades sobre as questões mais profundas da ciência sagrada. “A graça divina é dada a cada um segundo a vocação à qual ele é chamado⁴¹”.

São Paulo se regozijava em face do universo de ter recebido a graça de pregar aos gentios as inesgotáveis riquezas da ciência de Jesus Cristo⁴².

Mas é maior que isso, meus caríssimos irmãos, da graça que faz um apóstolo, e mesmo o maior dos Apóstolos, a graça pela qual a Santíssima Virgem concebe e engendra, no tempo, o Filho único de Deus! São Paulo prega Jesus Cristo, e Maria o gera. São Paulo faz conhecer Jesus Cristo às nações idólatras, e a bem-Aventurada Maria lhe dá sua carne, seu sangue e sua vida. São Paulo é o servo, o discípulo, o enviado de Jesus Cristo, e Maria é sua Mãe. São Paulo recebeu a graça da pregação evangélica, e Maria recebeu a graça da maternidade divina. “A graça é dada a cada um segundo a vocação à qual ele é chamado”.

A vocação de São Paulo é grande, a da Santíssima Virgem é inefável. É uma vocação suprema, infinita em seu gênero: *suo genere infinita*.

³⁷ Status maternitatis Deis, supremus erat status, qui puræ creaturæ conferri potuit. 3. P. Sum. T.

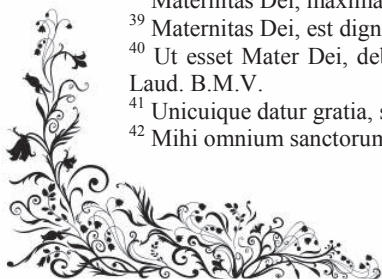
³⁸ Maternitas Dei, máxima gratia puræ creaturæ conferibilis. S. Bonav. De Laud. B. M.V.

³⁹ Maternitas Dei, est dignitas suo genere infinita. Suarez. Com. Sum. Teol.

⁴⁰ Ut esset Mater Dei, debuit elevari ad quamdam æqualitatem divinam, per infinitatem gratiarum et perfectionum. S. Bernar. De Laud. B.M.V.

⁴¹ Unicuique datur gratia, secundum id ad quod eligitur. Sum. D. Tom. Pass.,

⁴² Mihi omnium sanctorum mínimo data est gratia hæc, in Centibus evangelizare investigalibes divitias Christi. Ef. 3, 8.



O estado, a qualidade de apóstolo, contém uma dignidade tão grande, que Nosso Senhor dizia para seus primeiros discípulos: “Para vós, sentareis sobre doze tronos, a fim de julgar as doze tribos de Israel”.⁴³

Mas o estado de Mãe de Deus é uma dignidade tão alta, que não é possível ao próprio Deus de conferir uma dignidade mais alta a uma simples criatura. *Maxima gratia puræ creaturæ conferibilis*. “Depois de Deus, dizia Alberto, o Grande, não há nada de tão grande que ser Mãe de Deus”.⁴⁴

O título de Mãe de Deus, sobre o qual, segundo São Pedro Damiano, só se deve deter, tremendo, o olhar de sua alma, é o fundamento inabalável de todo culto que a Igreja rende à Santíssima Virgem. O título, do qual somente Deus conhece a excelência e o preço, submete, à augusta Maria, o céu e a terra.

Aquele que fez a lei, que manda a um filho de honrar sua mãe, não quis dessa lei se subtrair. Aquele que ditou a Salomão essas palavras: “Meu filho, não vos afaste jamais da lei que vos prende ao respeito que é devido à vossa mãe”⁴⁵. Poderia esquecê-la a respeito de sua bem-Aventurada Mãe? Aquele que disse: “Não esqueças os gemidos de sua mãe”⁴⁶, poderia esquecer as dores e os gemidos de Maria ao pé da Cruz?

Coisa admirável! O primeiro, o mais devotado, o mais fervente servo da augusta Mãe, é Nosso Senhor Jesus Cristo. O Homem-Deus dizia, falando de seu Pai: “Meu Pai é maior que eu”⁴⁷. “Meu alimento é fazer a vontade de meu Pai”⁴⁸. “Eu faço sempre o que agrada a meu Pai”⁴⁹.

Ora, o santo Evangelho nos ensina que o Verbo encarnado era submisso à sua bem-Aventurada Mãe, e a São José⁵⁰.

O culto da beata Mãe de Jesus foi inaugurado em Nazaré, em Belém; e este culto de piedade filial, de ternura e de amor obediente, foi praticado pelos filhos de Deus, tornados os filhos da gloriosa Virgem Maria.

Deus, segundo o pensamento do grande Apóstolo, habita uma luz inacessível. Seu tabernáculo está estabelecido além de todos os céus, nas esferas altíssimas, que nem o anjo, nem nenhuma criatura saberia chegar. Os mundos desaparecem, diante a face do Senhor, como grãos de areia diante uma tempestade. O próprio universo foge, como um átomo, e se precipita diante a majestade do Altíssimo. E esse grande Deus, que está assentado sobre os Querubins, encontrou o segredo da submissão e da obediência. Jesus nasceu da Virgem Maria. Tudo o que um filho deve de respeito, de ternura filial àquela que lhe deu a luz, o Verbo encarnado dá a sua augusta Mãe. O Filho de Deus se fez o filho da mulher. *Factum ex muliere*⁵¹. Ele amou, venerou; Ele ama, honra há 18 séculos, no seio de todas as grandezas e de todas as glórias, a humilde Virgem que o carregou em seu seio. E as seitas heréticas nos criminalizam por imitar, em nossas homenagens, em nossos respeitos e em nosso amor, o Filho único da bem-Aventurada Virgem, que não é outro senão o Filho único de Deus, o Pai. Essas seitas se escandalizam se nos fazemos os imitadores do Homem-Deus, em consideração de sua augusta Mãe. Esse zelo infernalmente hipócrita das seitas modernas é somente o fruto do ódio invejoso que Lúcifer jurou à Virgem imaculada, e que ele enxerta na alma de todos aqueles que se enrolam sob sua bandeira impura.

Se Deus nos conceder a graça de contemplarmos, um dia, nos reinos celestes, os esplendores do qual o Rei de glória cercou o trono onde sua bem-aventurada Mãe está assentada, compreenderemos

⁴³ Sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. Mt 19, 28.

⁴⁴ Post esse Deus, est esse Matrem Dei. Albert. Mag.

⁴⁵ Fili mi, ne dimittas legem matris tuæ. Pr 1, 8.

⁴⁶ Gemitus matris tuæ ne obliviscaris. Eccl. 7, 29.

⁴⁷ Pater major me est. Jo 14, 28.

⁴⁸ Meus cibus est ut faciam voluntatem Patris mei. Jo 4, 34.

⁴⁹ Quæ placita sunt ei facio semper. Jo 8, 29.

⁵⁰ Et erat subditus illis. Lc 2, 51.

⁵¹ Gl 4, 4.



toda a profundidade e toda a perversidade deste ódio incurável que a serpente antiga devotou, para sempre, a mais humilde das virgens; e que, sob a inspiração de Satanás, parece ter atingido no seio das seitas heréticas e nas lojas da Maçonaria, seu último grau de exaltação.

A Santíssima Mãe de Deus, honrada pelo Verbo, feito carne nela, com um culto de piedade, de obediência e de submissão filial, tem um direito necessário às homenagens e aos louvores de todos os espíritos angélicos.

O cetro da realeza universal da augusta Mãe de Deus plaina sobre o mundo dos puros espírito. Os anjos, seja de qual hierarquia eles pertençam, se alegram em erguer o império desta Rainha que eles conheceram, amaram ao saírem das mãos do Criador, e da qual eles cantarão eternamente os louvores na Jerusalém celeste.

A realeza da Santíssima Virgem sobre as tribos angélicas é saudada pela Igreja em seus cantos litúrgicos. “Salve, Rainha dos céus, exclama a Esposa do divino Filho de Maria; salve, Senhora dos Anjos⁵²!”

O trono sobre o qual a mais humilde das servas do Senhor está assentada ultrapassa, em elevação, os tronos dos Serafins. Ele os excede de toda elevação e de toda majestade que separa uma rainha de seus súditos. E isso não é dizer em demasia, pois a dignidade de uma rainha, e da mais magnífica das rainhas, não pode fornecer uma ideia da majestade e da elevação desta augusta Mãe de Deus, que foi carregada pelos Anjos nas esferas mais elevadas dos reinos celestes⁵³.

O culto da maternidade divina, tão caro aos anjos e a todos os eleitos, tão popular no seio da Igreja, amarga de uma forma contundente as legiões infernais. O nome de Maria é um nome cuja a majestade os irrita e os esmaga. É o invencível poder da Mãe de Deus sobre as tribos rebeldes que o mais magnífico dos reis celebrava em seu santo cântico: “Temível como um exército em ordem de batalha⁵⁴”.

As glórias da maternidade divina, o culto cujo universo cerca os altares da Virgem imaculada, eis o suplício que tortura, acima de todos os suplícios, o inextinguível orgulho de Lúcifer e dos espíritos de trevas, cúmplices de seu ódio e de sua inveja.

Eles não quiseram subir ao céu da glória tomando a rota traçada pela Rainha dos humildes. Eles não quiseram se fazer os servos devotados e os súditos submissos da mulher divina, da verdadeira Mãe dos vivos, da doce reparadora do universo; e agora eles alimentam, no fundo dos infernos, um ódio eterno contra Aquela cuja humildade [...] crava o arcanjo soberbo no patíbulo de uma eterna desesperança.

Que uma mulher, que a mais humilde das virgens tenha se tornado Mãe de Deus; que esta humilde serva do Senhor seja, depois de Deus, o objeto do culto mais universal, mais popular; que este culto tenha por fundador e por primeiro discípulo o Filho de Deus tornado o Filho de Maria, não há aí um suplício sem igual aos olhos do arcanjo caído, a desesperança rigorosa e a incompreensível justiça?

O dogma da maternidade divina legítima, compreendestes, meus caros irmãos, todas as invenções da piedade e do reconhecimento. Longe de ultrapassar os limites de uma severa ortodoxia, a Igreja, expandindo, de época em época, o círculo litúrgico das glórias da augusta Mãe de Deus, só cumpre o oráculo descido da boca virginal da Rainha dos profetas: “Porque Ele olhou a humildade de sua serva, por isto, eis que todas as gerações me chamarão bem-Aventurada⁵⁵”.

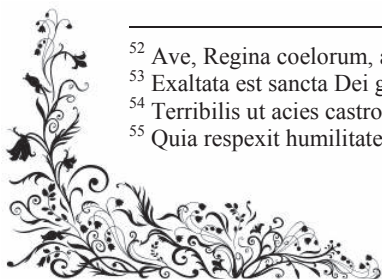
O culto que prestamos à Santíssima Virgem repousa sobre o mistério de suas grandezas. Todas as grandezas, todos os privilégios da augusta Maria encontram sua raiz no mistério da encarnação. Esse mistério de incompreensível caridade une Deus ao homem e o homem a Deus, pela conexão de

⁵² Ave, Regina coelorum, ave, Domina Angeloru. Ant. Lit.

⁵³ Exaltata est sancta Dei genitrix, supra choros Angelorum ad coelestia regna. Of. Lit.

⁵⁴ Terribilis ut acies castrorum ordinata. Ct 6, 5.

⁵⁵ Quia respexit humilitatem ancillae suae; ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes. Lc 1, 48.



uma personalidade divina. Do alto de seu trono, o Verbo feito carne derrama sobre sua divina Mãe um oceano de glória.

A maternidade divina da Virgem imaculada se liga radicalmente ao ato da encarnação; e é por isso que o culto que a Igreja presta à bem-Aventurada Mãe de Jesus Cristo é um raciocínio necessário, uma consequência lógica do culto de adoração que prestamos a Jesus Cristo.

Adorar Nosso Senhor Jesus Cristo, e não prestar à sua Mãe imaculada o culto mais elevado depois do seu, seria um atentado contra o próprio Homem-Deus. Recusar à Santíssima Virgem um culto especial, um culto à parte, o culto mais próximo daquele de Deus, assim como a dignidade de Mãe de Deus é a dignidade mais próxima daquela do Cristo, seria ferir o coração de Jesus no lugar mais sensível de sua ternura filial.

A devoção para com a Santíssima Virgem é uma consequência do dogma de suas glórias. Esta devoção é o fruto mais belo e mais doce de sua maternidade divina. Esta devoção germina infalivelmente em toda alma verdadeiramente cristã.

O mistério mais assustador dos tempos que vivemos, é este ódio hereditário entre as seitas heréticas e ímpias pelo culto de piedade, de confiança filial, de ternura e de amor, no qual cercamos os altares da Bem-Aventurada Mãe de Deus. Esse fenômeno moral apavora a alma. Nenhuma inteligência humana conceberia tal possibilidade, se a fé não nos desvendasse o mistério da ação incessante dos espíritos de trevas sobre todos os que desertam da bandeira da Igreja romana, para se enrolarem sob a bandeira do rei dos soberbos.

A Suíça, o Piemonte, a Inglaterra, as seitas maçônicas e toda a Europa, assombraram o mundo por blasfêmias e por ultrajes que seriam inexplicáveis, e mesmo incompreensíveis, se o pacto satânico, que acorrenta todos os filhos da anarquia às legiões infernais, não nos desse a chave deste desvario.

Para nós, meus caríssimos irmãos, instruídos sobre a escola dos ímpios, compreendemos porque o culto grandioso da Virgem Imaculada só provoca, no campo dos inimigos da Igreja, esses esforços impotentes, e estas blasfêmias do desespero, porque a devoção à Mãe de Deus é a arca de salvação preparada para seus servos e para seus filhos no meio do dilúvio de crimes que cobre a terra.

Ergamos, em nossa alma, um altar à nossa Rainha poderosa e bem amada. Trabalhem com todas as nossas forças para espaçar, se é possível, os limites de seu império terrestre. Aportemos nossa modesta espiga à grande gavela⁵⁶ de suas glórias. Asfixiemos, por nossas aclamações e por nossos louvores, as execráveis blasfêmias e os sacrilégios impiedosos dos inimigos de seu nome. Peçamos, à nossa fé e ao nosso amor, cânticos novos e novas homenagens para bendizer, para louvar sem medida e sem fim a Mãe de Deus e a Mãe dos homens. Amém.

⁵⁶ N.d.t feixe de espigas ceifadas





O COROAMENTO DA VIRGEM – DIEGO VELÁZQUEZ

A mediação da Santíssima Virgem junto de Jesus Cristo

Maria, Mater divinae gratiae.

Maria, Mãe da graça divina.

Quantas bocas, meus caríssimos irmãos, repetiram, nesses dezoito séculos, sobre todos os pontos do universo, esta doce fórmula da liturgia sagrada! Quantas almas nelas depositaram a confiança e o arrependimento! Esse título tão consolador, tão frequentemente reproduzido nos impulsos da piedade católica, nos revela outro fundamento da devoção para com a Bem-Aventurada Mãe de Deus. *Maria, Mater divinae gratiae.*

A salvação do homem, seu destino final, sobrenatural, só é possível pelo socorro divino da graça. Sem a graça, não há arrependimento, conversão, vitória sobre nossas paixões, sobre o mundo e sobre os demônios. Sem a graça, não há méritos, virtudes cristãs, e, por consequência, beatitude eterna. “Sois salvos, diz São Paulo, pela graça e pela fé¹”. Falando dos dons, por excelência, do divino Redentor, Davi dizia: “O Senhor vos dará a graça e a glória²”.

O grande Apóstolo demanda sem cessar, para os povos cuja salvação lhe é confiada, “a graça e a paz de Deus, o Pai, e de Nosso Senhor Jesus Cristo³”. A Igreja, em suas súplicas, em sua liturgia sagrada, não cessa de pedir duas coisas ao seu celeste Esposo. “A graça para a vida presente e a glória para a vida eterna⁴”. Ora, é a Igreja quem invoca, noite e dia, a Bem-Aventurada Mãe do Salvador sob esse título consolador: “Maria, Mãe da graça divina”. *Maria, Mater divinae gratiae.* Esse tocante atributo da Rainha dos Anjos não é uma palavra vã; e quando a Igreja invoca a Santíssima Virgem como Mãe da graça divina, ela não eleva, ao trono de Maria, louvores exagerados, ela não lhe dirige votos supérfluos e impotentes.

A Bem-Aventurada Virgem é nossa mediadora junto de Jesus Cristo;

Ela é nossa advogada junto de Jesus Cristo.

Ela é o canal, a dispensadora da graça de Jesus Cristo.

Esses três pensamentos serão o objeto desta conferência. Nós encontraremos nela um dos mais sólidos fundamentos da devoção para com nossa poderosa protetora.

A Bem-Aventurada Virgem é, em primeiro lugar, nossa mediadora junto de Jesus Cristo.

“Há somente um Deus e um mediador de Deus e dos homens, Jesus Cristo homem, que é dado pela redenção de todos⁵”.

Escutemos o apóstolo São Pedro: “Esse Jesus (que crucificastes) é a pedra que, rejeitada, tornou-se a pedra angular. Em nenhum outro há salvação, porque debaixo do céu nenhum outro nome foi

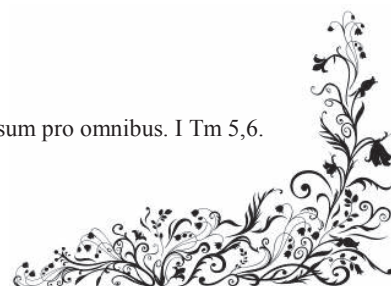
¹ Gratia estis salvati per fidem. Ef 2, 8.

² Gratiam et gloriam dabit tibi Dominus. Salmo 83, 12.

³ Gratia et pax a Deo Patre, et Domino nostro Jesu Christo. Epist. B. Paul.

⁴ Gratiam in praesenti et gloriam in futuro. Lit.

⁵ Unus enim Deus, unus mediator Dei et hominum homo Christus Jesus; qui dedit redemptionem semetipsum pro omnibus. I Tm 5,6.



dado aos homens pelo qual devamos ser salvos⁶”. Esta verdade é um dogma fundamental de nossa fé. Há somente um Deus e um único mediador de Deus e dos homens. Esse mediador é Jesus Cristo.

Deus e o homem estão separados por um abismo, por uma distância infinita. Quem preencherá esta distância? Quem estabelecerá relações divinas, sobrenaturais entre Deus e o homem? Quem aproximará Deus do homem, e o homem de Deus? Quem fará viver Deus da vida do homem, e o homem da própria vida de Deus? Quem unirá Deus ao homem, e o homem a Deus, por uma conexão suprema, intransponível, infinita? Quem fará um Deus do homem, e do próprio Deus, um homem Deus? Um mediador divino resolverá esse problema improvável a toda inteligência criada; e este mediador é aquele que São Paulo e São Pedro nomearam. Esse mediador único entre Deus e os homens, é Jesus Cristo homem, *unus enim Deus, unus mediator Dei et hominum, homo Christus Jesus*.

A mediação de Nosso Senhor Jesus Cristo agarra-se radicalmente à encarnação. É pela encarnação, e somente pela encarnação, que Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, une, pessoalmente, em si, a natureza divina e a natureza humana.

Para unir Deus ao homem, e o homem a Deus, pelo liame da unidade sobrenatural, deífica e suprema, é preciso um ser prodigioso que possui em si a natureza dos extremos que ele deve unir. O Homem-Deus, ou, o Verbo feito carne, é este ser, esse mediador único entre Deus e o homem. Jesus Cristo sozinho completa todas as qualidades desta mediação divina que junta Deus ao homem, e o homem a Deus, que faz um Deus do homem, e do próprio Deus, um Homem-Deus; que consuma, entre Deus e o homem, a união mais estreita, mais profunda, mais una que a onipotência poderia realizar. *Unus enim Deus, unus mediator Dei et hominum, homo Christus Jesus*.

É nos revelando sua divina mediação, que nosso doce Salvador dizia a seus apóstolos: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida⁷”. O Homem-Deus é o caminho que, sozinho, leva à graça e à glória. O Homem-Deus é a verdade, sem a qual ninguém jamais conheceria o Pai, o Verbo e o Espírito Santo. O Homem-Deus é a vida, sem a qual ninguém jamais viveria da vida sobrenatural de Deus.

“Ninguém, dizia ainda Jesus Cristo, vem a meu Pai, senão por mim⁸”.

Meditemos bem esta adorável palavra: “*Ninguém vem a meu Pai, senão por mim.*” Nem o anjo nem o homem subirão à beatitude eterna, atingirão a visão imediata da essência divina, contemplarão, nas esferas da clara visão, o Pai, princípio eternamente fecundo, de quem nasce eternamente o Verbo, dos quais procede eternamente o Espírito Santo.

Não, nunca o anjo e o homem gozariam da visão imediata das três pessoas divinas, na unidade de sua imortal essência, sem o mediador de Deus e dos homens: *Unus mediator Dei et hominum, homo Christus Jesus*.

“Eu sou a porta, acrescenta o divino Salvador; quem entrar por mim, será salvo: entrará e sairá, e encontrará pastagens⁹”.

O Cristo, mediador de Deus e dos homens, é a porta pela qual devem passar todos os eleitos para irem partilhar a própria felicidade de Deus, para se saciarem, em um êxtase eterno, da própria vida de Deus. *Ego sum ostium. Per me si quis introierit, salvabitur... et pascua inveniet*.

É na ordem sobrenatural de nossas relações com Deus, que o Homem-Deus disse: “Sem mim não podeis nada fazer¹⁰”. É na qualidade de mediador divino entre Deus e os homens, que Ele acrescenta: “Eu sou a vinha, e vós, vós sois os ramos¹¹”.

⁶ Illic est lapis, qui reprobatus est a vobis ædificantibus, qui factus est in caput anguli : et non est in alio aliquo salus. Nec enim aliud nomen est sub coelo datum hominibus, in quo aporteat nos salvos fieri. Atos 4, 11,12.

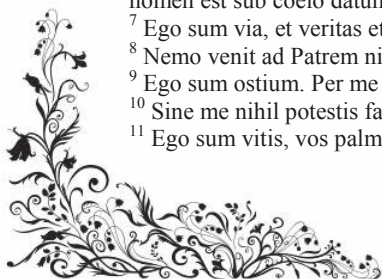
⁷ Ego sum via, et veritas et vita. Jo 16, 3.

⁸ Nemo venit ad Patrem nisi per me. Jo 6, 6.

⁹ Ego sum ostium. Per me si quis introierit, salvabitur; et ingredietur, et egredietur, et pascua inveniet. Jo 10, 9.

¹⁰ Sine me nihil potestis facere. Jo 15, 5.

¹¹ Ego sum vitis, vos palmites. Ibid.



“Permaneçais em mim e eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se ele não permanece na vinha, assim vós não o podeis, se não permanecerdes em mim¹²”.

Para entrar no céu da visão beatífica, é preciso ser uma pedra viva da Jerusalém celeste. “Sois o edifício de Deus”, diz São Paulo. *Dei ædificatio estis* (I Cor 3, 9). Contudo, a cidade de Deus, a Jerusalém celeste só tem um fundamento, e este único fundamento é Jesus Cristo.

Escutemos o grande Apóstolo: “Ninguém pode pôr outro fundamento que aquele que foi posto, o qual é o Cristo Jesus¹³”.

É preciso induzir deste princípio, que o sentimento universal difundido na Igreja, segundo o qual olhamos a Santíssima Virgem como a mediadora dos homens junto de Jesus Cristo, é um exagero que uma ortodoxia severa não admite, ou que é, de algum modo, permitido aos impulsos da piedade, do entusiasmo e do amor que inspira o culto da Mãe de Deus?

A Bem-Aventurada Virgem, embora Mãe de Deus, não é mediadora de Deus e dos homens. “Há somente um mediador de Deus e dos homens, que é Jesus Cristo. *Unus mediator Dei et hominum, homo Christus Jesus*”.

Contudo, dizemos que a Santíssima Mãe de Deus é mediadora entre Jesus Cristo e os homens. Vamos a Deus por Jesus Cristo; vamos a Jesus por sua divina Mãe.

Por sua maternidade divina, vimos que a Bem-Aventurada Virgem atinge, na ordem da união hipostática, uma ligação de inexprimível unidade. “Deus habita no seio de Maria, repetiremos com São Pedro Damiano, e Ele tem com ela uma identidade de natureza”. *Habitat Deus in Virgine, cum qua habet identitatem naturæ*.

Nada é tão próximo de um filho que a mãe que o carregou em suas entranhas, que o gerou à vida, que o alimentou do leite de seu seio maternal. Ora, o sangue de Maria tornou-se o sangue do Homem-Deus. A carne virginal e imaculada da Santíssima Virgem tornou-se a carne de Jesus Cristo.

Pela encarnação do Filho de Deus, a augusta Maria goza de uma dignidade que realiza entre o Cristo e a Mãe do Cristo uma união suprema, uma união infinita em seu gênero¹⁴.

A Santíssima Virgem não é somente a Mãe de Deus, ela é também a Esposa de Deus. O Cristo é o Adão divino; a Bem-Aventurada Virgem é a Eva divina. Ora, meditemos essas palavras misteriosas da Gênese: “Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe um auxílio semelhante a ele¹⁵”.

Deus quer fazer o mundo da natureza. Ele quer que a raça humana nasça à vida puramente natural, por uma sequência de gerações cujo princípio e a fonte se escondem no primeiro homem. Mas esta paternidade de toda a raça humana, esse princípio de vida natural, cujo primeiro homem traz em si o elemento gerador, só pode se transmitir, se individualizar na posteridade de Adão, com a ajuda e pela mediação daquela que Deus deu por companhia ao pai de toda humanidade. “Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe um auxílio semelhante a ele”.

Eva será Mãe da raça humana; ela será a coadjutora do homem; ela cooperará à ação criadora; ela será investida da missão mediadora entre Adão e toda sua posteridade. Toda a raça humana sairá de Adão. Ele será o seu Pai. Mas ela só nascerá à vida pela cooperação necessária da Mãe de todos os filhos dos homens. Eva será a Mãe da vida puramente natural. E eis o sentido desta palavra do Deus criador: “não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe um auxílio semelhante a ele”. *Non est bonum hominem esse solum; faciamus ei adiutorium simile sibi*.

¹² Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite; sic nec vos, nisi in me manseritis. Jo 15, 4.

¹³ Fundamentum enim aliud Nemo potest ponere, præter id quod positum est, quod est Christus Jesus. I Cor 3, 11.

¹⁴ Suprema unio cum persona infinita. D. Tom.

Dignitas maternitatis divinæ suo genere infinita. Suarez.

¹⁵ Non est bonum esse hominem solum: Faciamus ei adiutorium simile sibi. Gn 2,18.



Essas palavras misteriosas escondem uma figura admirável desta mediação que a Santíssima Virgem deve concluir em observação do Homem Deus, do Adão divino, do Pai da raça dos filhos da regeneração e da graça. A Bem-Aventurada Mãe de Deus, a incomparável Esposa do Cristo redentor, a Eva divina, levará a posteridade do novo Adão à vida sobrenatural, como Eva terrestre levou a posteridade do Adão terrestre à vida da natureza. Maria será Mãe da graça divina, como Eva foi Mãe da vida puramente natural.

Escutemos São Bernardo desenvolvendo esta admirável doutrina, em seu discurso sobre a mediação da Santíssima Virgem junto de Jesus Cristo, e que tem por título: “As doze estrelas da coroa da Bem-Aventurada Maria”.

“Parece, dizia esse grande panegirista das glórias da Santíssima Virgem, que o Cristo poderia satisfazer sozinho a obra de nossa redenção, pois toda nossa suficiência está nele. Contudo, não era bom para nós que o homem estivesse só. Era conveniente que um e outro sexo trabalhassem na obra de nossa reconciliação. A mulher abençoada entre todas as mulheres, acrescenta esse santo doutor, não permanecerá ociosa; ela terá seu lugar no plano desta reconciliação¹⁶”.

E qual lugar o imortal padre de Claraval subscreve à augusta Maria nesta obra inteiramente divina e sobrenatural da redenção e da reconciliação do gênero humano?

“Precisamos, continua São Bernardo, precisamos de um mediador junto de nosso mediador; e não há nada de mais benéfico que a Bem-Aventurada Virgem, Mãe do Cristo mediador¹⁷”.

Considerando a Eva divina na ordem desta cooperação à obra por excelência da redenção da humanidade, o santo doutor acrescenta:

“Eva foi uma mediadora cruel, pela qual a antiga serpente derramou seu veneno mortal na alma do primeiro homem. Mas Maria é esta mediadora fiel, que preparou aos homens e às mulheres o antídoto da salvação¹⁸”.

Eva foi um instrumento de sedução, e Maria, um instrumento de propiciação. Eva aconselhou a prevaricação, e Maria, nos deu a redenção¹⁹.

A mediação da Santíssima Virgem junto de Jesus Cristo, tão eloqüentemente ensinada por São Bernardo, é somente um corolário da mediação do Homem-Deus junto de seu Pai. A celeste Virgem aplica, à Igreja, a virtude reparadora; ela derrama sobre os filhos da regeneração a vida sobrenatural, a qual Jesus Cristo é o princípio e a fonte. Maria retira a graça nas chagas de seu Filho, nos tesouros infinitos do divino mediador, nas fontes do Verbo encarnado, sempre abertas para a Mãe e para a Esposa de Deus.

A Bem-Aventurada Virgem é comparada, nos livros santos, ao astro das noites, mas ao astro das noites na plenitude de seu esplendor. Ela é comparada a uma *lua sempre cheia*, a qual não sofre nenhuma diminuição, nenhum decréscimo de seu disco e de sua luz²⁰.

Ora, caríssimos irmãos, o astro que nos ilumina durante a noite não é o princípio, a morada primordial da luz que ele estende sobre nós. A lua se interpõe entre o sol e a terra. Ela recebe a luz do sol a fim de nos transmiti-la enquanto que a noite cobre com suas sombras e suas trevas a porção do globo que habitamos. A luz do sol só desce sobre nós, durante a noite, pela doce e salutar mediação do astro silencioso que recebe diretamente, do próprio astro do dia, as torrentes de luz que ele nos reenvia. *Sicut luna perfecta in æternum*.

¹⁶ Etenim sufficere poterat Christus siquidem, et nunc, omnis sufficientia nostra ex eo est. Nobis bonum non erat hominem esse solum; sed congruum ut adesset nostræ reconciliationis uterque sexus. Jam itaque Nec ipsa mulier benedicta in mulieribus, videbitur otiosa; inveniatur equidem locus ejus in hac reconciliatione. S. Bernardo, Serm. 12, Stellas.

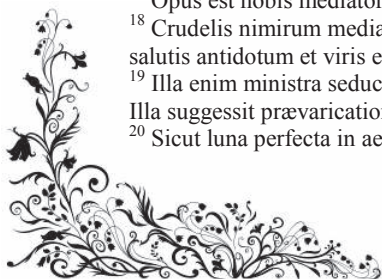
¹⁷ Opus est nobis mediatore ad mediatorem, nec alter nobis utilior quam Beata Virgo Mater Christi mediatoris. Ib.

¹⁸ Crudelis nimirum mediatrix Eva, per quam serpens antiquus pestiferum etiam viro vírus infundit. Sed Fidelis mediatrix Maria, quæ salutis antidotum et viris et mulieribus propinavit. Ib.

¹⁹ Illa enim ministra seductionis, hæc propitiationis. Ib.

²⁰ Illa suggestit prævaricationem, hæc ingerit redemptionem. Ib.

²⁰ Sicut luna perfecta in æternum. Salmo.



Todas as graças, cuja alma de Nosso Senhor Jesus Cristo está repleta sem medida, e cujas efusões inundam o mundo sobrenatural, só descem sobre a Igreja militante, nesta noite de provação, no seio das sombras da decadência, no fundo deste vale de lágrimas, passando pelo coração e pelas mãos de nossa doce e terna mediadora junto de Jesus Cristo. *Opus est mediatore ad mediatorem.*

A augusta Maria é a arca do eterno testamento, cuja arca da aliança só é uma figura. Ora, a arca figurativa se interpunha entre o Deus do Sinai e os filhos de Israel. Ela escondia em seu interior a vara misteriosa que fez tantos prodígios sob os Faraós, o maná que alimento durante quarenta anos o povo de Deus, as Tábuas da Lei sobre as quais o dedo de Deus tinha escrito os dez mandamentos. É do interior da arca figurativa que saíam os oráculos sagrados. A Bem-Aventurada Virgem é a arca do testamento evangélico. Mediadora imortal, ela nos dá Aquele que ditou a Lei no topo do Sinai, que se tornou o maná divino dos filhos da graça, cujo poder esmaga Lúcifer. Escutemos o discípulo bem amado, o filho adotivo da Virgem imaculada, nos revelando, em sua linguagem do terceiro céu, esta meditação misericordiosa da Mãe da graça divina.

“E o templo de Deus foi aberto no céu, e via-se, em seu tempo, a arca da aliança. E houve relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e forte saraiva²¹”. Depois, o anjo de Patmos acrescentou: “E um grande sinal apareceu no céu: uma mulher revestida do sol; e a lua estava à seus pés, e sobre sua cabeça uma coroa de doze estrelas²²”.

A vida do tempo, a vida de nossa peregrinação, está para a vida eterna da glória, o que a noite mais sombria é para o dia mais puro e mais belo. Ainda não é demasiado dizer. Ora, durante nossa provação, não percebemos as luzes sobrenaturais do sol dos eleitos. Nossos olhos doentes, cheios da poeira da decadência, não poderiam transportar os esplendores da glória reservada aos habitantes da pátria celeste. Mas nosso doce Salvador, esse divino sol que ilumina a cidade dos santos, encarregou sua terna Mãe de nos transmitir a luz divina do mundo da graça. *Maria, Mater divinæ gratiæ.*

Eis aí o sentido destas palavras misteriosas do discípulo bem amado: “E um grande sinal apareceu no céu: uma mulher revestida do sol; e a lua estava à seus pés, e sobre sua cabeça uma coroa de doze estrelas”.

Peregrinos da esperança, nesta noite que tantos erros e tantos crimes tornam tão sombria, jamais desatemos os olhos de nossa alma desta mulher, abençoada entre todas as mulheres, que recebeu a missão de fazer brilhar, sobre esta terra do exílio, os doces raios da graça. “Uma mulher revestida do sol”. *Mulier amicata sole.*

A mediação da Santíssima Virgem, entre Jesus Cristo e a Igreja, é figurada pelo Velo de Gideão. A Bem-Aventurada Maria, dizem os santos doutores, é o verdadeiro Velo de Gideão, ou seja, daquele que domou todas as potências infernais. *Maria vellus Gedeonis.*

“Assim, dizia São Bernardo, como o Velo ocupou o meio, entre o orvalho do céu e a área sobre a qual ele estava estendido, também a Bem-Aventurada Virgem foi colocada como mediadora entre Jesus Cristo e a Igreja²³”.

Meditemos as palavras sublimes das quais o profeta Isaías se serve para pintar a meditação da augusta Virgem, tornada Mãe do Homem-Deus:

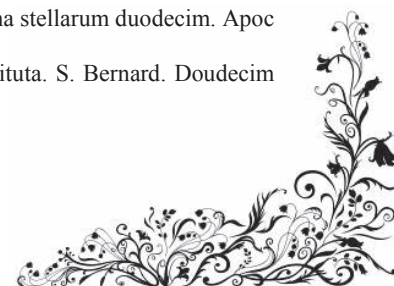
“Céus, exclama o filho de Amós, derramai, das alturas, o seu orvalho, e as nuvens chovam o Justo, que a terra se abra, que ela faça germinar o Salvador²⁴”.

²¹ Et apertum est templum Dei in coelo: et visa est arca testamenti ejus,... et facta sunt fulgura, et vocēs, et terræ motus, et grandio magna. Apoc 9, 19.

²² Signum magnum apparuit in coelo: Mulier amicta sole, et luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum duodecim. Apoc 12, 1.

²³ Sicut vallus médium inter rorem et aream, sic B. Virgo mediatrix inter Christum et Ecclesiam constituta. S. Bernard. Doudecim stell.

²⁴ Rorate, coeli, desuper, et nubes pluant justum: aperiatur terra, et germinet Salvatorem. Is 45, 8.



O seio virginal de Maria imaculada é esta nuvem divinamente fecunda que derrama sobre a raça humana o orvalho do céu da graça, lhe dando Jesus Cristo, o próprio autor da graça. As entranhas da Mãe de Deus foram esta terra de bênção na qual foi formado o novo Adão. A Bem-Aventurada Maria é esse jardim do mundo sobrenatural, no qual as três pessoas divinas reuniram todos os tesouros e todas as riquezas da graça, para difundi-los sobre toda a Igreja.

O tempo, como um rio profundo, separa a Igreja militante da Igreja do céu. Esse rio corre entre a margem dos céus e o vale das lágrimas habitado pelos tristes filhos de um pai culpável. Mas a beata Virgem, por sua maternidade divina, é como uma ponte misteriosa lançado pela misericórdia infinita acima do rio do tempo para reaproximar as duas margens. É por Ela que os filhos da esperança passam da margem desta vista, ao reino eterno, onde seu Filho os recebe para fazê-los entrar na glória das três pessoas divinas; para consumir, entre os eleitos e o Deus três vezes santo, esta unidade da glória que é o termo de nossos destinos imortais. *Sic Maria inter Christum et Ecclesiam mediatrix constituta.*

A Bem-Aventurada Maria é chamada: “a porta do céu²⁵”.

O Homem-Deus tinha dito: “Eu sou a porta; quem entrar por mim, será salvo: entrará e sairá, e encontrará pastagens²⁶”. Ora, como a Bem-Aventurada Mãe do Cristo é a porta do céu se seu divino Filho se dá esse título misterioso? *Ego sum ostium.* A doce Mãe da graça divina é a porta que leva a Jesus Cristo. O Homem-Deus abre sozinho, aos eleitos, o santuário da visão beatífica. Maria é o pórtico sagrado que alcança o divino mediador.

Querendo-nos, pois, chegar um dia nas imortais regiões onde a divina essência se mostra descoberta aos filhos da glória eterna, vamos a Maria. Tomemos o caminho que conduz a esta doce Mãe dos eleitos, e ela nos abrirá o pórtico misterioso que leva a Jesus. *Quæ pèrvia cæli porta manes.*

A Santíssima Mãe de Deus é, pois, nossa mediadora junto de Jesus Cristo, como Jesus Cristo é nosso mediador junto de seu Pai.

Acrescento que a Santíssima Virgem é nossa advogada junto de Jesus Cristo, como Jesus Cristo é nosso advogado junto de seu Pai.

É um dogma de fé católico, claramente consignado no livro das revelações, que Nosso Senhor Jesus Cristo, mediador de Deus e dos homens, é, ao mesmo tempo, o advogado dos pecadores junto de seu Pai.

“Filhinhos, dizia o discípulo bem amado, escrevo-lhes para que não peques; mas se algum de vós vier a pecar, temos um advogado junto do Pai, Jesus Cristo, o justo por excelência. O qual é propiciação para nossos pecados, não somente para os nossos, mas para aqueles de todo o mundo²⁷”.

Temos por advogado, junto do Pai celeste, Nosso Senhor Jesus Cristo, seu próprio Filho, tornado nosso irmão. *Advocatum habemus apud Patrem Jesum Christum justum.*

Que atributo! Que asilo de esperança! Que fonte de confiança! Que oceano de salvação e de paz esconde esta palavra inspirada! “Temos Jesus Cristo por advogado junto do Pai”. *Advocatum habemus apud Patrem.*

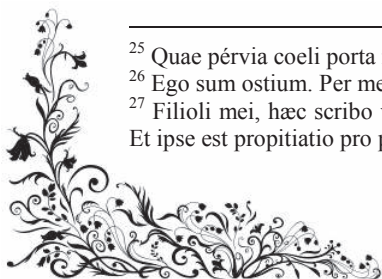
Como nosso divino Salvador não seria atendido se ele dignou-se a pleitear nossa causa no tribunal de seu Pai? E como poderia se proibir de pleitear nossa causa, se Ele é nosso advogado de ofício, se Ele está encarregado desta missão? *Advocatum habemus apud Patrem.*

O Homem-Deus tornou-se nosso advogado! *Advocatum habemus apud Patrem.*

²⁵ Quæ pèrvia coeli porta manes. Ecl. lit.

²⁶ Ego sum ostium. Per me si quis introierit, salvabitur; et ingredietur, et egredietur, et pascua inveniet. Jo 10, 9.

²⁷ Filioli mei, hæc scribo vobis, ut non peccetis. Sed et si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patre, Jesum Christum justum; Et ipse est propitiatio pro peccatis nostris; non pro nostris autem tantum, se etiam pro totius mundi. I Jo 2, 1,2.



Existe um advogado de maior nome? “Foi-lhe dado, diz São Paulo, um nome que está acima de todo nome” *Donavit illi nomen quod est super omne nomen*.

Há um advogado de maior talento, de maior renome? “Toda a terra está cheia de sua glória”. *Plena est terra gloria ejus*.

Existe um advogado com um coração mais generoso, mais terno, mais compassivo, mais inclinado à misericórdia e à clemência, mais plenamente voltado à salvação daqueles dos quais Ele pleiteia a causa no tribunal de seu Pai? Escutem: “Vinde a mim, vós todos que estais cansados, e eu vos aliviarei²⁸”.

“Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados, quantas vezes quis reunir novamente teus filhos, como uma ave reúne sua ninhada sob suas asas, e tu não o quisestes²⁹?”

Onde receber uma piedade mais esquecida, uma caridade mais viva, mais ardente que aquela de Jesus Cristo para seus clientes? Escutem esse grito de uma compaixão que ultrapassa a admiração dos anjos e dos homens:

“Chegados no lugar chamado Calvário, eles o crucificaram, e os ladrões também, um à sua direita, e o outro à sua esquerda. E Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem³⁰”.

O apóstolo São Paulo ensina a mesma doutrina que o discípulo bem amado. Esse sublime predador encontrou uma nova linguagem para falar, à terra, desta misericordiosa ternura que fez de Jesus Cristo, o advogado destes, pela salvação dos quais, Ele derramou até a última gota de seu sangue.

Meditemos as palavras desse querubim do apostolado:

“Quem acusará os eleitos de Deus? (será esse) Deus que os justifica? Quem os condenará? (será esse) Cristo Jesus que morreu por eles, mais ainda, que ressuscitou por eles? Quem está à direita do Pai, e que intercede por nós? Quem, portanto, acrescenta São Paulo, nos separará do amor do Cristo? A tribulação ou a angústia? Ou a fome? Ou a nudez? Ou o perigo? Ou a perseguição? Ou o gládio?... Segundo o que está escrito: somos todos os dias postos à morte. Somos como gado destinado ao matadouro.

Mas, em todas essas coisas, somos mais que vencedores por causa daquele que nos amou. Pois, eu estou certo que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem as coisas presentes, nem as futuras, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma criatura poderá nos separar do amor de Deus que está no Cristo Jesus³¹”.

Assim, longe de nos condenar, o Homem-Deus, após ser morto por nós, subiu aos céus. Ele foi se assentar à direita do Pai para pleitear nossa causa, para fazer falar, em nosso favor, seus méritos infinitos, o sangue que Ele derramou sobre a cruz, as chagas, cujo corpo glorioso carrega os eternos estigmas. *Qui etiam interpellat pro nobis*.

“E porque ele é eternamente vivo, acrescenta o grande apóstolo, ele tem um sacerdócio eterno; e assim ele pode salvar eternamente aqueles que vão a Deus por sua mediação: sempre vivo para interceder por nós³²”.

²⁸ Venite ad me, omnes qui laboratis et onerati estis ; et ego reficiam vos. Mt 11, 28.

²⁹ Jerusalem, Jerusalem, quae occidis Prophetas, et lapidas eos qui mittuntur ad te, quoties volui congregare filios tuos, quemadmodum avis nidum suum sub pennis, et noluisti. Lc 13, 34 ; Mt 23.

³⁰ Et postquam venerunt in locum, qui vocatur Calvariæ, ibi crucifixerunt eum ; et latrones, unum a dextris, et alterum à sinistris. Jesus autem dicebat : Pater dimitte illis : nesciunt quid faciunt. Lc 23, 33, 34.

³¹ Qui accusabit adversus electos Dei?... Christus Jesus, qui mortuus est, imo qui et resurrexit, qui est ad dexteram Dei, qui etiam interpellat pro nobis. Rm 8

³² Hic autem eo quod maneat in aeternum, sempiternum habet sacerdotium. Unde et salvare in perpetuum potest accedentes per semetipsum ad Deum; sempre vivens ad interpellandum pro nobis. Hb 7, 24, 25.



Jesus Cristo, mediador de Deus e dos homens, é também o advogado dos homens junto de seu Pai.

Da mesma forma como a Bem-Aventurada Virgem é nossa mediadora junto de Jesus Cristo, essa Bem-Aventurada Mãe é nossa advogada junto deste Filho bem amado.

“Ó advogada nossa, exclama a Igreja, esses olhos misericordiosos a nós volveis; e após este exílio, mostrai-nos Jesus, o bendito fruto de vosso ventre³³”.

A Igreja, inspirada, esclarecida, dirigida pelo Espírito Santo, proclama a Bem-Aventurada Mãe de Deus, sua advogada, sua poderosa protetora, sua misericordiosa patrona junto de Jesus Cristo. Ela a conjura a tomar nossa causa, de pleitear em nosso favor no tribunal de seu divino Filho, que o Pai eterno estabeleceu juiz dos vivos e dos mortos.

A doce Mãe da graça divina é nossa advogada junto de Jesus Cristo. A Igreja o diz, a Igreja o crê, a Igreja o ensina. *Eia, advocata nostra*. Somos, pois, todos os clientes desta poderosa, desta misericordiosa advogada. Nosso destino final é, para cada um de nós, como um grande processo, de onde depende nossa felicidade ou nossa desgraça eterna. Não se trata somente de honra, da fortuna, da liberdade, da vida. Trata-se de conquistar o céu ou de perdê-lo. De subir sobre os tronos gloriosos do céu da visão beatífica, ou de descer no fundo desta região de desesperança, onde habitarão eternamente os reprovados. Se ganharmos esse grande processo contra o mundo, contra a carne e contra os demônios, atingiremos a felicidade suprema. Mas, se o mundo, a carne e os demônios nos levarem no tribunal da justiça eterna, estaremos perdidos para sempre. Veremos-nos prometidos a males sem fim, cairemos no abismo de um suplício eterno.

Mas porque a eterna misericórdia investiu a Santíssima Mãe de Deus da tocante missão de advogada, de patrona da Igreja junto de Jesus Cristo? Ah! É por que o divino Filho de Maria foi estabelecido por Deus, o Pai, juiz dos vivos e dos mortos³⁴. “Todo poder foi dado ao Homem-Deus, no céu e sobre a terra³⁵”.

“Devemos comparecer diante o tribunal do Cristo, afim que cada um receba segundo o que fez ou de bem ou de mal em seu corpo³⁶”.

Vimos com qual ternura e paternidade bondosa Jesus Cristo pleiteia a causa dos pecadores, com qual inefável amor ele os cobre de seus méritos, de sua caridade e de seu sangue. Mas Jesus Cristo, Deus e Homem ao mesmo tempo, não pode abandonar os direitos da justiça eterna. Esta justiça deve se exercer com um rigor e uma severidade tal, que nada pode vergar as paragens. Como homem, o Cristo se compraz de nossas misérias, se sente inclinado a uma piedade sem limites; Ele tem necessidade de esquecer, de perdoar, de ser misericordioso com esses pobres pecadores, que são seus irmãos, com quem ele partilha a natureza. Mas como Deus, Ele está cercado de uma majestade que esmaga, que faz tremer o pecador; diante do qual, os espíritos angélicos, eles mesmos, são apanhados de terror.

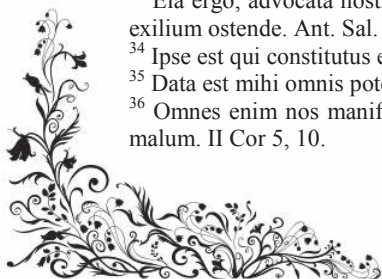
Como nosso irmão divino, sem faltar às formidáveis exigências de uma justiça inflexível, inexorável, se ocupou para fazer super abundar a misericórdia por cima das vagas da justiça? Ele remeteu a causa de todos os pecadores nas mãos Daquela que Ele deu-lhes por Mãe do alto do patíbulo, sobre o qual ele expiava os crimes da raça humana. Ele encarregou esta Mãe da graça divina de pleitear, em nosso favor, no tribunal da justiça. Ele a investiu da plenitude de todos os direitos que pertencem à Mãe de Deus e à Mãe dos homens. Mãe de Deus, ela pode elevar suas súplicas e suas orações à altura do poder Daquela que ela invoca. Mãe dos homens, ela pode extrair, nos méritos infinitos de seu irmão divino, o suficiente para pagar, à justiça, toda dívida que lhes são culpáveis.

³³ Eia ergo, advocata nostra, illos tuos misericordes oculos ad nos converte. Et Jesus benedictum fructum ventris tui nobis post hoc exilium ostende. Ant. Sal. Reg.

³⁴ Ipse est qui constitutus est a Deo iudex vivorum et mortuorum. Atos 10, 42.

³⁵ Data est mihi omnis potestas in coelo, et in terra. Mt 28, 18.

³⁶ Omnes enim nos manifestari oportet ante tribunal Christi, ut referat unusquisque propria corporis, prout gessit sive bonum, sive malum. II Cor 5, 10.



E quem poderia duvidar do poder desta Bem-Aventurada Mãe junto de seu divino Filho? Sua voz, mais doce que o mel, mais harmoniosa que todos os coros dos anjos, encontra sempre o caminho que vai direto ao coração do Homem-Deus. Ela tem palavras inefáveis, persuasão para tocá-lo. Ela é Mãe d'Aquele que foi constituído juiz dos vivos e dos mortos. Ela gerou, no pé da cruz, todos aqueles que devem comparecer no tribunal do juiz supremo. Ela é a Mãe de todos eles. Como esse juiz soberano, acorrentado pela piedade e a ternura filial, a todos os desejos, a todas as vontades de sua augusta Mãe, poderia fechar seus ouvidos e seu coração às suplicas e aos gemidos de uma Mãe semelhante? Como os pecadores poderiam se desesperar de sua salvação, quando a divina Mãe da graça e da misericórdia foi encarregada de protegê-los no pé do trono da justiça; de envolvê-los em toda sua ternura, de pleitear vossas causas, e de lhes aplicar os méritos infinitos do divino Redentor? Uma causa defendida, discutida, pleiteada por esta poderosa advogada, é uma causa ganha no tribunal de Jesus Cristo. Um processo cuja Rainha dos anjos e dos homens se dignou em se encarregar, é um processo perdido para o implacável inimigo dos homens.

A Bem-Aventurada Virgem, pleiteando em nosso favor, no tribunal de seu divino Filho, faz falar seu coração de Mãe. Ela mostra-lhe o seio virginal onde Ele foi concebido, e que foi, durante nove meses, seu leito de descanso, o santuário onde Ele dignou-se a se encerrar, seu templo mais belo, seu palácio mais esplendido, o paraíso das delícias de sua alma. Ela recorda ao divino Redentor do mundo, esse rio de lágrimas que ela derrama por nós ao pé da cruz, enquanto Ele despejava seu sangue para a salvação dos homens.

“Sabei-vos, diz Santo Anselmo, o que esta poderosa advogada de todos os filhos de Adão concebeu para ganhar a causa dos pecadores que lhe confiam a salvação de sua alma? Daquele que é nosso juiz, a Bem-Aventurada Maria fez nosso Pai, nosso Salvador e nosso Irmão³⁷”.

Quando um infeliz pecador, cliente desta incomparável advogada, é citado no tribunal do Juiz dos vivos e dos mortos, nossa Bem-Aventurada protetora só precisa dizer a seu Filho, tornado nosso irmão: “Lembre-se, ó meu Filho! Que sou a Mãe deste pobre pecador, e que ele é vosso irmão”.

Judex, per Mariam factus est Pater noster, Salvator noster, Frater noster.

“Esta advogada poderosíssima, diz, por sua vez, São Pedro Damiano, não solicita, ela ordena; ela não pede, ela manda³⁸”.

Esta misericordiosa advogada nunca foi recusada; jamais pleiteou uma causa sem assegurar o triunfo. É o que diz Santo Anselmo: “Assim como é necessário que aquele pereça, que se afaste de vós e que vos abandone, também é impossível que aquele que se volta para vós e que protege possa perecer³⁹”.

É sob o império da confiança ilimitada que lhe inspirava a poderosa meditação da Santíssima Virgem, que o santo abade de Claraval compôs a ardente e suave oração que todos os filhos da Igreja repetem, noite e dia, há 600 anos, de um canto ao outro do universo.

“Lembraí-vos, ó piíssima Virgem, que nunca se ouviu dizer, que algum daqueles que, tendo recorrido a vossa proteção, implorando vossa assistência, reclamando vosso socorro, fosse por vós desamparado⁴⁰”.

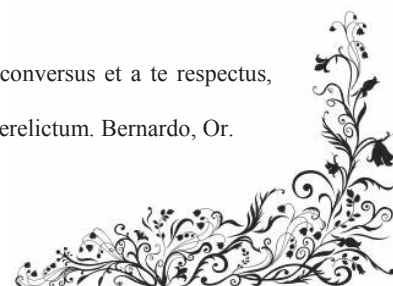
A mediação da Santíssima Mãe de Deus junto de seu divino Filho se apóia, o vereis, sobre razões poderosas e sobre imponentes testemunhos. Ela não é, pois, um exagero do entusiasmo, nem um piedoso excesso da confiança dos servos de Maria.

³⁷ *Judex, per Mariam factus est Pater noster, Salvator noster, Frater noster.* Anselm. de B.V.

³⁸ *Non orans sed jubens, non postulans sed imperans.* Pedro Dam. Serm. B.M.V.

³⁹ *Sicut, ô beatissima Virgo, omnis a te aversus et derelictus, necesse est ut intreat; ita omnis ad te conversus et a te respectus, impossibile est ut pereat.* Anselm. B.M.V.

⁴⁰ *Memorare, ô piissima Virgo, non esse auditum a sæculo quemquam ad tua currentem præsidia... esse derelictum.* Bernardo, Or.



A Igreja, em suas orações mais solenes, no meio de suas pompas mais augustas, exalta, ela mesma, os títulos que damos à doce Mãe da graça.

O Espírito Santo, que dita à Igreja as fórmulas suplicantes de sua liturgia, que são para os fiéis, a expressão mais popular das crenças católicas, coloca sobre os lábios da Esposa de Jesus Cristo, a confissão da doutrina que é objeto desta conservação.

“Salve, ó Rainha dos céus! exclama a Igreja, Salve, ó Senhora dos Anjos! Salve raiz fecunda, Salve a porta do céu pela qual a luz nasceu para o mundo⁴¹!”

A mediação da Bem-Aventurada Virgem, sua poderosa intercessão junto de seu Filho, tem suas raízes na própria maternidade divina. A Santíssima Virgem não pode mais ser despojada de seu crédito junto de Jesus Cristo, não pode ser despojada da dignidade e do título de Mãe de Deus. Quando ela cessar de ser Mãe do Cristo, ela cessará de interceder pelos irmãos de Cristo, que são seus filhos. Mãe de Deus, ela tem sobre o Homem-Deus direitos eternos de Mãe. Mãe dos irmãos adotivos de Jesus Cristo, ela não pode cessar de ser, para eles, um ventre maternal.

Esse grande apostolado de misericórdia, esta mediação de salvação, descera sobre a Bem-Aventurada Mãe do divino Redentor no mesmo momento onde, por seu incomparável martírio ao pé da cruz, ela entrava em partilha do título de Redentora da humanidade, e de cooperadora do Homem-Deus.

Ela foi colocada em participação desta paternidade sobrenatural, a qual o Adão divino quis partilhar a glória com sua Mãe, assim como ela partilhara com Ele seu suplício e suas solidões.

Do alto de sua cruz, e alguns momentos antes de consumir o sacrifício redentor, o Homem-Deus deixou cair, sobre seu peito rasgado e ensangüentado, sua cabeça adorável, carregada de todas as dores e de todas as expiações. Seus olhos afogados no sangue e nas lágrimas repousaram, com uma ternura inefável, sobre sua augusta Mãe, trespassada, ela mesma, sobre o Gólgota, pela espada da dor, cuja, o ancião Simeão, tinha predito. Abrindo, então, sua boca sagrada, Jesus deixa cair, sobre a Eva divina, esta palavra misteriosa: “Mulher, eis aí vosso filho⁴²”.

Virando, em seguida, seus olhos sobre João, o Evangelista, tornado seu irmão adotivo, Jesus acrescenta: “Eis aí tua Mãe⁴³”. O que queria dizer: ó mulher bendita entre todas as mulheres! Ó a verdadeira Mãe dos vivos! Ó, vós que sois a Eva nova, como eu sou o Adão novo, ó minha mãe! Eu vos invisto neste momento supremo, de uma nova maternidade. Eu vos associo à obra da redenção e da salvação do mundo. Será a Mãe de todos os filhos da graça, como o sois do filho de Zebedeu (n.d.t. o apóstolo João), meu filho e meu irmão de adoção. Vossa mediação, inseparável da minha, fará descer sobre a humanidade, regenerada em meu sangue e em vossas lágrimas, todos os frutos do grande sacrifício que eu ofereço a meu Pai, e que vós ofereceis, vós mesma, para lavar o universo das manchas do pecado. *Mulier, ecce filius tuus*.

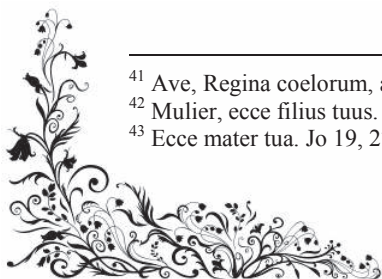
Notemos, meus caríssimos irmãos, que esta segunda maternidade, que faz de todos os filhos da graça, os filhos adotivos da Bem-Aventurada Virgem, implica sua mediação entre Jesus Cristo e a Igreja; pois, no momento em que nosso adorável Salvador diz para sua Mãe: “Mulher, eis aí vosso filho”; e para seu discípulo: “Eis aí tua Mãe”, a posteridade do novo Adão e da Eva nova começa. É no pé da árvore da vida que, na pessoa de João, o Evangelista, se abre a linha de adoção sobrenatural que deve ser o fruto das nozes sangrentas do divino Redentor e de sua augusta coadjutora. *Mulier, ecce Filius tuus; et ad discipulum: Ecce Mater tua*.

Contando a história maravilhosa da gravidez divina da Virgem imaculada, no estábulo de Belém, o evangelista São Lucas se serve de uma expressão cheia de mistério: “Ela deu a luz a seu primeiro

⁴¹ Ave, Regina coelorum, ave, Domina Angelorum: Salve, radix, salve, porta ex qua mundo luz est orta... Ant. lit.

⁴² Mulier, ecce filius tuus. Jo 19, 26.

⁴³ Ecce mater tua. Jo 19, 27.



filho, nos diz ele, e ela o envolveu em panos, e o deitou em um cocho, pois não havia lugar para eles na hospedaria⁴⁴”.

Mas porque ele faz menção de um primeiro nascido?

A Mãe imaculada do Verbo feito carne, a augusta Mãe do Filho único do Pau, poderia ter um segunda parto? Sim, respondem os santos Doutores. A Mãe da graça divina deveria gerar, na dor, a posteridade sobrenatural do novo Adão, e este parto de inexprimíveis torturas se cumpria no momento em que, do alto da árvore da salvação, Jesus Cristo, pai do século futuro, diz à única mulher digna de toda majestade desse nome, à Eva divina, à Mãe de todos seus filhos adotivos: “Mulher, eis aí vosso filho”. *Mulier, ecce Filius tuus*.

A Bem-Aventurada Virgem nos gerará a vista de Cristo, como gerou o Cristo à vista do homem. Ela nos fará os filhos e os irmãos de um Deus, como ela fez de um Deus, o filho e o irmão do homem. *Mulier, ecce filius tuus; et ad discipulum, ecce Mater tua*.

A Santíssima Virgem, mediadora dos homens junto de Jesus Cristo, advogada de todos os pecadores no tribunal de Jesus Cristo, é, também, o canal pelo qual a graça divina desce sobre o mundo. Ela é a dispensadora de todos os dons sobrenaturais que brotam do sangue e dos méritos infinitos de Jesus Cristo.

Deus, diz São Bernardo, só desceu sobre a terra pelo ministério da Bem-Aventurada Virgem Maria. Eis porque ela é chamada, a justo título, pela própria Igreja: “a raiz, a porta pela qual a luz divina se içou sobre o mundo⁴⁵”.

A Santíssima Virgem, tendo recebido a sublime missão de dar Jesus Cristo à terra, lhe convinha, dizem os santos Doutores, que ela fosse investida da digníssima e salutar missão de estender sobre toda a Igreja, a graça que purifica e que salva.

“Deus, retoma o imortal abade de Claraval, deste-lhes Jesus Cristo por Maria. Ele a destes como um remédio necessário à cura de vossos males⁴⁶”.

“Cristo é um remédio, continua São Bernardo, pois, como um unguento misterioso, esse remédio divino se compõe de duas substâncias, da substância de Deus e da substância do homem⁴⁷”.

“Essas duas substâncias, acrescenta o santo doutor, foram unidas, misturadas e, de algum modo, fundidas conjuntamente no seio da Virgem, como em um vaso preparador; o Espírito Santo as misturou, as uniu por uma sábia e inexprimível suavidade⁴⁸”.

E, porque éreis indignos de receber esse remédio das mãos do Deus de toda majestade, diz ainda São Bernardo, Ele o confiou nas mãos da Bem-Aventurada Virgem. Ele lhe deu a guarda, a distribuição e a economia divina.

Quereis conhecer, meus caríssimos irmãos, a razão providencial que fez São Bernardo compreender a ordem misteriosa das comunicações, das transmissões e das distribuições da graça? Eia aqui. “É porque Deus não quer que uma única graça, uma única bênção desça sobre a terra, sem passar pelas mãos de Maria⁴⁹”.

Esse axioma tão consolador da piedade católica, esta fórmula arrebatadora das glórias da Santíssima Virgem, este adágio imortal da misericórdia infinita de Deus para com todos os pecadores, esse corolário sumamente sublime de toda a mediação da augusta Maria junto de Jesus Cristo, só pôde

⁴⁴ Et peperit filium suum primogenitum, et pannis eum involvit, et reclinavit eum in praesepio; quia non erat eis lócus in diversorio. Lc 2, 7.

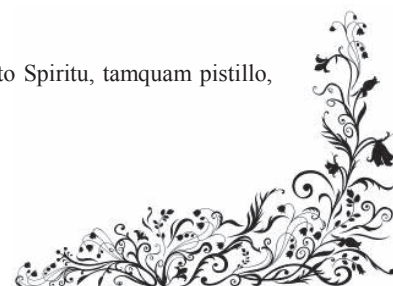
⁴⁵ Salve, radix, salve, porta, ex qua mundo lux est orta. Ant. Lit.

⁴⁶ Dedit tibi Christum per Mariam, ut sanaret omnes infirmitates tuas. Bern. De Laud. B.M.V.

⁴⁷ Remedium est, qui ex Deo et homine, tamquam cataplasma divinum, confectum est. B. De Laud. V.

⁴⁸ Confusae sunt autem et commixtae istae duae species in útero virginis tamquam in mortariolo, Sancto Spiritu, tamquam pistillo, illas suaviter commiscente. De Laud. V.

⁴⁹ Nihii enim nos habere voluit, quod per manus Mariae non trensiret. Bern. L.M.



ser inspirado no grande panegirista da Santíssima Mãe de Deus pelo espírito de verdade. E eis porque esta palavra ofuscante de esplendor e perfumada inteiramente com a piedade e o amor pela Rainha do universo, ecoa, há seis séculos, do alto de todos os púlpitos, e resume todos os louvores que sobem ao trono da Mãe de Deus e da Mãe dos homens:

“Deus não quer que uma única graça, uma única bênção desça sobre a terra, sem passar pelas mãos de Maria”.

Nihil enim non habere voluit, quod per manus Mariæ non transiret.

A puríssima Virgem é, segundo São Bernardo, esta mulher do Evangelho que confeccionou um pão misterioso com três medidas do mais puro fermento:

“O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou em três medidas de farinha e toda massa ficou levedada⁵⁰”.

Mas quais são essas três medidas que compõem o pão descido dos céus? Essas três medidas são: a essência do Verbo infinito, a essência da alma e a essência da carne do Cristo, as quais, pela união hipostática do Verbo com a natureza humana, formam, no seio de Maria, no fogo da caridade infinita do Espírito Santo, e com o fermento da fé desta virgem Mãe, o pão que alimenta os filhos da graça.

“Ó mulher bendita entre todas as mulheres, exclama São Bernardo, é em vossas castas entranhas que o Espírito Santo preparou, no fogo de seu amor, esse pão de vida. – Sim, é venturosa a mulher que misturou nestas três medidas, o fermento de sua fé⁵¹”. “Sua fé o concebeu, acrescenta São Bernardo, sua fé o deu a luz⁵²”.

A graça divina tem duas cauãs. Ela tem sua causa eficiente no verbo divino, e sua causa instrumental na adorável humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Cristo, como Deus, “faz a graça e a verdade”. *Gratia et veritas per Jesum Christum facta est* (Jo I). E o Cristo, como chefe da Igreja, a qual se compõe dos anjos e dos homens, lhes comunica a vida sobrenatural, a vida da graça e da glória. “Eu vim para que eles tenham vida⁵³”.

Mas o Homem-Deus derrama a graça sobre seu corpo místico, ou, sobre a Igreja, pelo canal de sua divina Mãe.

A Bem-Aventurada Mãe de Jesus Cristo é o aqueduto pelo qual cruza a água da graça divina, para regar o campo da Igreja. Quando uma fonte de água viva entra inteiramente no aqueduto que a recebe em seu nascimento e que deve transmiti-la, carregá-la, conduzi-la, ninguém pode beber a água desta fonte se este não a extraí-la do canal no qual ela corre. *Maria aquæductus gratiæ diviniæ.*

A Santíssima Virgem não produz a graça: O Homem-Deus é o princípio, a fonte da graça, para todos os membros da Igreja; mas o divino Filho de Maria só a derrama sobre o mundo, pelo ministério de sua Bem-Aventurada Mãe. *Maria aquæductus gratiæ.*

Cristo é a fonte da vida sobrenatural da graça. Maria é o canal dessa vida. A Igreja é o campo que esse canal rega. *Fons Christus, canalis Maria, campus Ecclesia.*

Cristo é o chefe do corpo místico, que é a Igreja. Maria é o pescoço que une o chefe à seus membros. Ora, os membros do corpo místico de Jesus Cristo são os fiéis. *Caput Christus, collum Maria, corpus Ecclesia.*

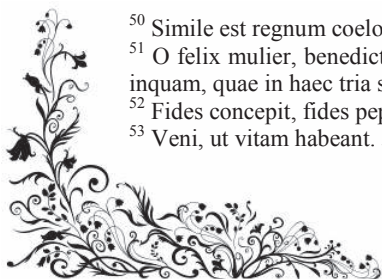
A doutrina que acabamos de expor é tão sólida quanto consoladora. Ela repousa sobre um sentimento universalmente admitido na Igreja. Todos os monumentos da liturgia a proclama, a

⁵⁰ Simile est regnum coelorum fermento, quod acceptum mulier abscondit in farinae satã tria donec fermentaretur totum. Lc 8, 21.

⁵¹ O felix mulier, benedicta inter mulieres, in cujus castis visceribus, superveniente igne Sancti Spiritus, coctus est panis iste... felix inquam, quae in haec tria sata, immiscuit fidei suae fermentum. Bern. De Laud. M.

⁵² Fides concepit, fides peperit.

⁵³ Veni, ut vitam habeant. Jo 10, 10.



colocam em evidência, a tornaram popular. Os santos Doutores a ensinam, as nações católicas a ela estão ligadas de forma íntima. Os séculos, de forma crescente, a afirmaram. O irresistível movimento que arrasta toda a Igreja aos altares da dispensadora de todas as graças prova que a mediação da Santíssima Virgem junto de Jesus Cristo é um ponto inquebrantável das crenças mais firmes e dos sentimentos mais caros aos corações de seus filhos.

Bendigamos a Deus, meus caríssimos irmãos, de nos ter preparado, na mediação de Maria junto de seu divino Filho, um meio tão fácil e tão doce de atingir nossos destinos imortais.

Chamaremos, então, com Santo Agostinho, a Bem-Aventurada Virgem “a Reparadora do gênero humano”. *Reparatrix generis humani*. Nós lhe diremos, com Santo Êfrem, “que ela é a Redentora dos cativos”, *Redemptrix captivorum*. Não temeremos em nomear, com Santo Ildefonso, “a Reparadora do universo perdido pelo pecado”. *Reparatrix orbis perditionis*.

Assim, como já estabelecemos em nossas primeiras conversações, o culto que a Igreja presta à Santíssima Mãe de Deus repousa sobre o mistério de suas grandezas, sobre a maternidade divina, sobre a missão providencial que ela recebeu de Jesus Cristo.

Mãe de Deus, Maria tem o direito ao culto mais próximo daquele que prestamos a Deus. Mediadora entre Jesus Cristo e sua Igreja, Advogada de todos os filhos da esperança, Dispensadora de todas as graças, a Santíssima Virgem deve ser invocada como sendo, depois de Deus, o mais firme apoio de nossa salvação.

A devoção para com Maria é uma devoção necessária aos filhos da Igreja. Ela é um dos elementos fundamentais do Cristianismo. Sem esta devoção, a ordem sobrenatural é ferida mortalmente. O rio das divinas misericórdias se esgota. A piedade católica perde seu elemento mais fecundo e mais doce.

É por isso que, meus caríssimos irmãos, façamos subir, noite e dia, rumo ao trono desta poderosa Mediadora, desta complacente Advogada, desta misericordiosa Dispensadora da graça de Jesus Cristo, esse grito de amor que os filhos de Israel, cativos sobre as margens do rio da Babilônia, dirigiram à sua pátria:

*Si oblitus fuero tui... oblivioni detur dextera mea... adhæreat lingua mea faucibus meis si non meminero tui*⁵⁴.

⁵⁴ Salmo 136, 5.





THE VIRGIN IN PRAYER - SASSOFERRATO

A devoção pela Santíssima Virgem nos fornece as armas invencíveis contra a tirania do Sensualismo e do Mundo

*Dignare me laudare te, Virgo sacrata! da mihi virtutem contra hostes tuos.
Dignai-vos conceder-me que eu vos louve, Virgem Sagrada, daí-me força contra vossos inimigos*

Esta oração, repetida frequentemente na língua da liturgia, é a expressão de dois sentimentos e de duas necessidades profundamente gravadas no coração dos verdadeiros servos de Maria. Pedimos à poderosa Mãe de Deus para nos fazer os apóstolos e os propagadores de seu culto. *Dignare me laudare te.* Nós a conjuramos a nos armar de uma força invencível contra seus inimigos, que são os nossos. *Da mihi virtutem contra hostes tuos.*

Passar sua vida ampliando o domínio das glórias da Bem-Aventurada Virgem e lutando contra os inimigos de seu culto é um dos maiores benefícios da divina misericórdia. O apostolado das grandezas, do poder, das virtudes e das bondades da Santíssima Virgem, é uma vocação digna de ser invejada pelos Anjos. Ora, para ser honrado com um ministério tão belo, não é preciso carregar sobre sua cabeça o caráter do pontífice ou do sacerdote. Uma pobre moça de vilarejo, um pastor, um humilde servo, levando, na terra, uma vida pura, uma vida angélica, pregam com eloquência as glórias da Rainha dos céus. O heroísmo de sua abnegação, de suas virtudes, é um panegírico sublime da divina Mãe de Jesus Cristo.

Para vencer os inimigos da Santíssima Virgem não é necessário possuir a ciência dos teólogos, dos doutores e dos polemistas. Basta carregar em seu coração uma fé inquebrantável por todos os privilégios e por todas as grandezas da Virgem imaculada. Crer em tudo o que a Igreja crê; amar tudo o que ela ama, imprimir em sua vida uma imagem das virtudes e da pureza da Rainha de todos os santos, eis aí o segredo para vencer todos os inimigos de sua glória e todos os detratores de seu culto. *Da mihi virtutem contra hostes tuos.*

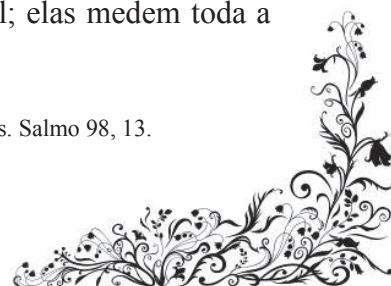
Durante os dias de nossa peregrinação e de nossa provação, temos três inimigos principais a combater. Estamos, sem cessar, em guerra com a carne, com o mundo e com os demônios. A devoção para com a Santíssima Virgem nos fornece as armas invencíveis contra esses inimigos implacáveis de nossa salvação. A carne, o mundo e os demônios foram enterrados, desarmados, estilhaçados, de uma maneira tão intensa e tão completa pela augusta Maria, que buscando um abrigo ao pé de seus altares, nós nos revestiremos, de algum modo, da força divina na qual ela foi armada para vencê-los e para destruí-los.

A devoção para com a Bem-Aventurada Mãe da graça é, em primeiro lugar, um remédio soberano contra a tirania da carne.

Caímos por Adão. Nascemos com uma tendência funesta por tudo o que promete um gozo aos nossos apetites materiais. “O homem não compreendeu sua grandeza. Ele se comparou à fera, e tornou-se semelhante a ela¹”.

Essas palavras do Rei-Profeta nos dão o segredo de nossa degradação original; elas medem toda a profundidade e toda ignomínia da queda da raça humana.

¹ Homo cum in honore esset, non intellexit; comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis. Salmo 98, 13.



Adão, antes de seu pecado, estava quase que no nível do anjo. Os dons aperfeiçoados de sua natureza, e os dons sobrenaturais da graça descida sobre ele, com uma efusão imensa, o tinham colocado em uma esfera de grandeza e de glória da qual é difícil formar uma justa idéia, homo cum in honore esset. Por um mistério de insondável ingratidão, ele se desgostou de sua nobreza primordial. Seu olhar se rebaixou à vida material. Ele se compara aos animais que receberam a vida sem terem recebido a inteligência. Comparatus est jumentis insipientibus.

E, pelo preço dessa desordem assustadora, ele torna-se semelhante a eles. Et similis factus est illis.

Desligado da ordem sobrenatural pelo pecado do primeiro homem, sua posteridade inteira se finca na vida dos sentidos. Ela ali permaneceria eternamente mergulhada e perdida sem a graça que nos purifica e que nos regenera. E é por isso que Nosso Senhor Jesus Cristo disse com tanta profundidade: “O que é nascido da carne, carne é²”. O vírus do pecado original penetrou tão profundamente em nossa natureza decaída, que era preciso, para nos curar, a virtude infinita do sangue derramado pelo Homem-Deus no topo do Calvário. Tudo o que há de vil, de abjeto no sensualismo, nos atrai, nos acorrenta, nos subjuga, quod natum est ex carne, caro est.

“Pereça o dia em que eu nasci, exclama o homem Jó; pereça a noite na qual foi dito: um homem foi concebido.

Que esse dia se transforme em trevas; que Deus, do alto, não cuide dele e sobre ele não brilhe a luz.

Que esse dia seja envolvido de trevas; que a sombra da morte o envolva; que um turbilhão o engula; que ele seja mergulhado na amargura.

Que esta noite seja levada por uma tempestade, que ela não seja contada entre os dias do ano, que ela não seja contada nos meses.

Que essa noite torne-se uma solidão; que nela não se escute jamais o canto da alegria.

Porque não morri no ventre de minha mãe? Continua este homem de dor; porque não pereci ao sair de suas entranhas³?”

Essas maldições e esses lamentos do profeta da terra de Hus incidem sobre o pecado que nos povoa, que nos degrada e que nos mata nas fontes da vida do tempo.

Escutemos São Paulo:

“Sabemos que a Lei é espiritual, mas eu sou humano e fraco, vendido ao pecado.

Pois o que eu faço, eu não o conheço; o bem eu quero, eu não o faço; mas o mal que eu detesto.

Se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa. Portanto, não sou eu que faço, mas é o pecado que mora em mim. Sei que o bem não mora em mim, isto é, em minha carne. Pois o querer está em mim, mas não sou capaz de fazê-lo.

Ora, não faço o que quero, mas o mal que não quero.

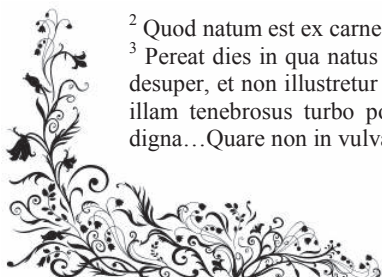
Se então faço o que não quero, não sou eu que o faço, mas é o pecado que mora em mim.

Encontro, então a Lei: quando eu quero fazer o bem, acabo por encontrar o mal.

No meu íntimo, eu amo a Lei de Deus. Mas vejo em meus membros outra Lei que combate a lei de meu espírito e me escraviza sob a lei do pecado, que está em meus membros.

² Quod natum est ex carne, caro est. Jo 3, 6.

³ Pereat dies in qua natus sum, et nox in qua dictum est: conceptus est homo. Dies ille vertatur in tenebras, non requirat eum Deus desuper, et non illustretur lumine. Obscurent eum tenebrae, et umbra mortis, occupet eum caligo, et involvatur amaritudine. Noctem illam tenebrosus turbo possideat, non computetur in diebus anni, nec numeretur in mensibus. Sit nox illa solitaria, nec laude digna...Quare non in vulva mortuus sum, egrussus ex utero non statim perii? Jó 3.



Infeliz homem que sou, quem me libertará deste corpo de morte?

A graça de Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim, pela razão sirvo a lei de Deus, e pela carne, a lei do pecado⁴”.

A guerra interna, implacável, incessante, da carne contra o espírito, nunca foi descrita com maior clareza e profundidade. São Paulo, neste capítulo admirável da Epístola aos Romanos, desnudou todas as misérias e todas as vergonhas de nossa degradação original. Ora, se o homem regenerado pela graça e pelos sacramentos, mesmo lamentando, combatendo, resistindo ao homicídio tirano da carne, prova, contudo, os abalos cruéis, que dizer daqueles que, longe de opor as armas da luta ao despotismo dos sentidos, se fazem escravos de bom grado de todas as inclinações perversas do homem carnal? Que dizer de um século vendido ao culto da matéria? Que pensar de uma geração má e ímpia que demanda o bem supremo e a suprema felicidade às odiosas satisfações da vida dos sentidos?

O pecado original parece ter retomado sobre as almas todo o império que a graça do divino Redentor lhe tinha arrancado. O amor desenfreado dos jovens reina com um despotismo que recorda os vícios odiosos do mundo pagão. As expiações, o sangue, os méritos infinitos do Homem-Deus são totalmente malqueridos e plenamente desprezados pelos escravos da vida material. Viver, para a grande maioria dos homens deste tempo, é gozar; é buscar o bem final nas sensações. A história de dezoito séculos, passados, desde o sacrifício sangrento do Calvário, não conservou a lembrança de uma época marcada, como a nossa, “no sinal da besta⁵⁶”.

A velha Europa está carcomida de sensualismo e manchada de luxúria. A chaga que a cobre é tão larga, tão profunda, tão lívida, tão violentamente inflada, que ela se tornou incurável. É a geração atual que o Rei Profeta tinha em vista, quando ele disse: “Eles são depravados, eles se tornaram abomináveis. Não há mais quem faça o bem, não há um único⁷”.

Logo, meus caríssimos irmãos, se a divina Providência não nos curar por meio de castigos misericordiosos, mas repletos de justiça, o corpo social, usado e carcomido pelo vício, cairá em terra como um cadáver que os vermes disputam.

Vejam o que acontece. A infância, nesses dias maus, é iniciada, quase que ao sair do berço, nos mais odiosos mistérios. Ela aprende, de forma escandalosa, a horrível ciência do mal antes mesmo que sua idade lhe permita praticar tais lúgubres lições funestas. A juventude, corroída pelo deboche, atinge à decrepitude⁸ antes de ter atingido a idade viril. A família é profanada, devastada, destruída por meio de cálculos infames e por excessos que fariam os pagãos se envergonharem. O casamento se tornou um negócio, uma combinação, um cálculo e um mercado. A libertinagem é um culto. A volúpia tem suas pompas, seus missionários, seus escrivães, seus propagadores e seus templos. O

⁴ Scimus enim quia Lex spiritualis est: ego autem carnalis sum, venundatus sub peccato.

Quod enim operor, non intelligo. Non enim quod volo bonum, hoc ago; sed quod odi malum illud facio.

Si autem quod nolo, illud facio: consentio legi, quoniam bona est. Nunc autem Jam non ego operor illud, sed quod habitat in me peccatum.

Scio enim quia non habitat in me, hoc est in carne mea, bonum. Nam velle, adjacet mihi: perficere autem bonum, non invenio.

Non enim quod volo bonum, hoc facio: sed quod nolo malum, hoc ago.

Si autem quod nolo illud facio: jam non ego operor illud, sed quod habitat in me peccatum.

Invenio igitur legem, volenti mihi facere bonum, quoniam mihi malum adjacet.

Condelector enim legi Dei secundum interiorem hominum.

Video autem aliam legem in membris meis, repugnantem legi mentis meae, et captivantem me in lege peccati, quae est in membris meis.

Infeliz ego homo, quis me liberabit de corpore mortis hujus?

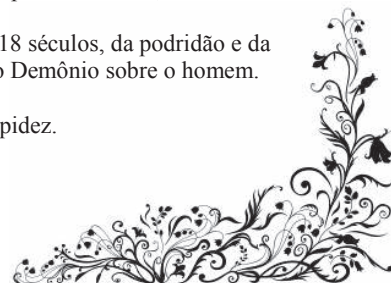
Gratia Dei per Jesum Christum Dominum nostrum. Igitur ego ipse mente servio legi Dei; carne autem legi peccati. Rom 7, 14 e s.

⁵ Habebant characterem bestiae. Apoc 16, 2.

⁶ N.d.t.: O autor se refere, ao que tudo indica, ao fato de que a sociedade atual se esqueceu, transcorridos 18 séculos, da podridão e da luxúria que reinava no mundo romano, que, segundo a doutrina católica, era resultado do total domínio do Demônio sobre o homem.

⁷ Corrupti sunt, et abominabiles facti sunt; non est qui faciat bonum, non est usque ad unum. Salmo 13, 1.

⁸ N.d.t.: Depreciação de um bem pela idade. Enfraquecimento devido a extrema velhice, caduquice, decrepidez.



sensualismo é o deus desse tempo, e todas as potências da alma vão se entrelaçar no amor exclusivo dos prazeres do homem físico. “Eles amaram as volúpias mais que a Deus⁹”.

A Europa moderna se tornou esta filha pródiga da qual Nosso Senhor descreveu a corrupção crescente e a suprema ignomínia com tonalidades das quais nada iguala a sombra e lamentável energia.

Repudiando quinze séculos de cristianismo e de glória, a Europa da renascença e do protestantismo disse para Deus e para sua Igreja: Eu não quero mais obedecer. Eu não quero mais dobrar minha razão sob o jugo humilhante da fé. Eu quero viver do fruto de minha ciência, e só dever, à minha razão, a lei de minha vida e a lei de meu destino. “Dei-me a parte que me pertence¹⁰.” E este atentado, esta ruptura notável, esta rebelião sacrílega contra a Igreja, se titulará como uma conquista do espírito humano sobre os séculos da ignorância, das trevas e da barbárie. Esta época nefasta se nomeará o século da renascença. Fechar os olhos à luz do Evangelho, para abri-los às trevas dos ensinamentos pagãos; dar aos séculos dos doutores da Igreja, dos mártires, dos santos, ao reino de Jesus Cristo sobre o mundo, o nome de séculos de ignorância, de brutalidade e de barbárie, eis o que se ousará chamar um progresso, uma era de sabedoria, o triunfo da razão sobre os preconceitos.

Mas vejam com qual castigo um atentado semelhante é punido:

Os séculos, da renascença do paganismo ao racionalismo, tornaram-se os séculos de carne e de lama. Toda verdade da ordem sobrenatural se apaga; o mundo da graça, as criações maravilhosas do Espírito Santo que foram, durante os séculos de fé, a morada do verdadeiro, do belo, do justo, do santo, é substituído pela idolatria da matéria. A pintura, a escultura, a literatura, a poesia, a educação, as leis, a política, a filosofia e os costumes, as instituições e o direito público, só solicitarão, desse momento em diante, ao paganismo dos séculos Greco-romanos, suas inspirações e suas obras. Embriagados pelo cálice das fábulas imundas da idolatria, os séculos da renascença sentirão repulsa pelas obras primas que a Igreja espalhou sobre a Europa durante mais de mil anos. A Suma de São Tomás de Aquino e a Santa Capela serão vistas como obras de trevas e de embrutecimento. E é assim que se cumpria esta palavra da parábola evangélica: “Ele gastou toda sua herança vivendo na devassidão¹¹”.

Os poetas, os oradores, os escritores, os artistas, os políticos, os instrutores da juventude, servilmente curvados sob o plano da renascença pagã, precipitarão a Europa em um naturalismo anti-cristão que só será a tradução social das últimas ignomínias do pródigo do Evangelho. “E ele o enviou para guardar os porcos¹²”.

Em vão, a Igreja elevará a voz para amputar esta apostasia, tornada quase que universal. Em vão, os papas, os concílios, os doutores e os santos dos quatro últimos séculos farão escutar as lições salutaras e darão gritos de angústia. Tudo será inútil, e a Europa da renascença, a Europa do racionalismo filosófico, protestante, jansenistas, voltairiana, cética e revolucionária, descenderá até as últimas profundezas da degradação intelectual, moral e mesmo física; a Europa, em uma palavra, cairá, com todo seu peso, no fundo do ateísmo e da anarquia. Ela reproduzirá, enfim, em toda sua assustadora verdade, esse último traço do drama divino da parábola: “E ele desejará encher seu ventre com sílica que comiam os porcos, e ninguém o deu¹³”.

O culto do ventre, como o chama São Paulo, a idolatria dos sentidos, nunca teve, desde o reino do paganismo antigo, um maior número de sectários e apóstolos. A burguesia européia, povoada por um ensino pagão, não conhece outra divindade senão o ouro e os gozos bestiais que o ouro compra. As classes industriais perderam a noção e o sentimento dos bens invisíveis e eternos. Como escravos do mundo pagão, milhões de seres humanos, empilhados, misturados nas cavernas da

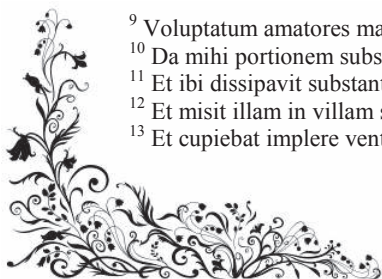
⁹ Voluptatum amatores magis quam Dei. II Tm 3, 4.

¹⁰ Da mihi portionem substantiae quae me contingit. Lc 15, 12.

¹¹ Et ibi dissipavit substantiam suam vivendo luxuriose. Lc 15, 13.

¹² Et misit illum in villam suam, ut pasceret porcos. Lc 15, 15.

¹³ Et cupiebat implere ventrem suum de siliquis quas proci manducabant, et Nemo illi dabat. Lc 15, 16.



indústria, só conhecem necessidades físicas, só satisfazem sempre as vis satisfações do homem animal. E para não dizer nada que já não seja conhecido por vós, digam-me, se Paris não se tornou o lar da corrupção e do sensualismo que devoram o mundo?

Sob o reino de Luís XIV, um magistrado célebre assinalava, para seu líder, esta missão desmoralizadora da capital de seu reino. Paris, aos olhos do chanceler de Aguesseau, já era uma cloaca de impureza. Querendo opor um obstáculo a esse lodaçal moral, o ministro tomou uma medida pela qual estava severamente proibido de ampliar, no futuro, a área de Paris. Esta medida surpreenderia singularmente, hoje, esses oradores do progresso que se vêem servindo os interesses da civilização, estendendo, sem medida e sem fim, as dimensões de uma cidade que leva seu luxo, seus vícios e sua depravação sobre toda a terra.

O que pensaria, neste momento, o ministro de Luís XIV se ele fosse testemunha, como nós, desta centralização do sensualismo que deveria atingir, pelas estradas de ferro, pela imprensa, pelos teatros, pelo luxo, pelos prazeres físicos, um poder de corrupção, cuja Roma dos Césares jamais conjecturou a possibilidade?

A França do século XIX vive, por assim dizer, inteiramente em Paris. Paris é a França. Os negócios, os comércios da bolsa, a febre da indústria e da agiotagem, os prazeres, os espetáculos, os festins, o luxo, as artes sensuais, os jornais, os costumes, a educação, as ciências tem, em Paris, e para Paris somente, seu centro propagador. Paris se tornou, graça à rapidez das comunicações, o encontro de todos os cupidezes, de todas as esperanças, de todas as ambições sensuais.

Parecida com a serpente do deserto, Paris envolve com sua sinuosidade; embriaga com seu sopro as cidades das províncias e os habitantes dos campos. Os trens de prazer (é o nome que o sensualismo parisiense lhes deu) buscam, até nas extremidades da França, populações fascinadas; e, nos dias em que deveriam se juntar ao lar doméstico e ao campanário da paróquia, os carros, nas asas de fogo, os buscam e os amontoam no lar da Nínive moderna.

As estradas de ferro dão incessantemente, como pasto, ao sensualismo parisiense, essas multidões de todas as idades, de todo sexo, de toda condição, que, na ausência dos sentimentos que somente o cristianismo inspira e alimenta, não conhecem outro Deus senão a volúpia. Voluptatum amatores magis quam Dei.

Como, com efeito, esses visitantes inumeráveis que o interesse ou o prazer atiram à Paris escapariam da ação depravadora dos teatros, do luxo, das estátuas, das gravuras indecentes e muito frequentemente obscenas, das orgias elegantes e grosseiras, de todos os escândalos, enfim, daquilo que Paris se tornou a morada?

Paris é a cabeça e o coração da França. Ora, se a cabeça e o coração de um homem só fazem circular em suas veias um sangue viciado, arrastando em todo seu corpo princípios venenosos, como preservá-lo de uma decomposição inevitável e próxima? Paris sensualiza e corrompe toda a França. Pela pressão incessante que exerce sobre ela, a agrega, e só lhe imprime os movimentos de seus interesses, as necessidades e os prazeres materiais. A própria Europa não escapa e não saberia escapar da ação incendiária e depravadora de Paris. Todas as capitais da Europa sofrem o jugo esmagador e corruptor da cidade parisiense. Nada a iguala, na impressão da Europa e do mundo, os teatros, o luxo, os prazeres, as artes sensuais, a literatura, todas as volúpias, em uma palavra, naquilo que Paris é o centro. Paris, bem mais que Londres, bem mais que qualquer outra cidade da Europa, é a rainha, a mestra, a instrutora de todos os discípulos e de todos os propagadores do sensualismo. Paris se tornou, há um século, sobretudo, o centro das abominações, das impiedades e das fornicações de toda a terra¹⁴.

É nos arrebatamento das luxúrias parisienses que os reis e os príncipes, que os proprietários do ouro e todos os adoradores da matéria se corromperam.

¹⁴ Mater fornicationum et abominatioum terrae. Apoc. 17, 5.



Como escapar desta torrente devastadora do sensualismo? Como não ser atingido por esta epidemia do naturalismo moderno, tornado a praga da Europa, que a capital deste império faz crescer sem medida, que ela fomenta e alimenta? Aquele que vive no meio das imundices, escapará, sem um milagre, dos ramos do pântano devastador? Eis aqui, caríssimos irmãos, o segredo da devoção a doce e Bem-Aventurada Mãe do Homem-Deus.

Maria, já provamos, é a Mãe da graça divina. *Maria Mater divinæ gratiæ*. O verbo feito carne confiou à sua augusta Mãe todos os tesouros de seus méritos infinitos. A Bem-Aventurada Virgem é o canal, o aqueduto sagrado pelo qual a vida da graça desce sobre as almas. Todos os dons da ordem sobrenatural, todas as efusões do Espírito Santo, todas as criações da quais ela é a fonte divina, formam o patrimônio cuja misericordiosa Mãe da graça é a dispensadora.

Quando São Paulo exclama: “Infeliz o homem que sou, quem me libertará do corpo desta morte¹⁵?”. Ele responde em seguida: “a graça de Deus por Jesus Cristo Nosso Senhor¹⁶”. Ora, a Igreja crê que a Santíssima Virgem abre e fecha, a seu agrado, os tesouros da graça. A Igreja ensina, pela boca de seus doutores, que no plano sobrenatural das comunicações dos bens invisíveis da graça, todos as bênçãos celestes passam pelas mãos maternais da augusta Mãe do próprio autor da graça¹⁷.

O sensualismo não tem um inimigo mais poderoso que a casta Rainha de toda inocência e de toda santidade. Eva divina, a doce Mãe da graça gera na modéstia, na candura, na pureza dos anjos, todas as almas santamente enamoradas dos atrativos da virtude.

Suas mãos virginais carregam o estandarte sagrado em torno do qual estão colocadas todas as gerações que imolaram a carne ao espírito, a natureza corrompida à graça que regenera, a vida dos sentidos à vida dos anjos. O sangue virginal de Maria, tornado o sangue do Homem-Deus, lava todas as sujeiras dos filhos da graça. A carne imaculada da Rainha dos anjos, tornada a carne do divino Redentor, cicatriza todas as feridas do sensualismo. Vamos, busquemos nos altares de Maria a cura e o apaziguamento desta febre devoradora dos prazeres da matéria. Se os atrativos homicidas dos sentidos, agitam e sacodem o barco frágil de nossa alma, olhemos a estrela do mar, invoquemos o nome de Maria¹⁸.

Há no nome singular de Maria uma força misteriosa que torna a alma invencível contra os mais temíveis assaltos das paixões. Esse nome sagrado, invocado com uma filial confiança, derrama sobre a alma agitada pelas tempestades da luxúria um doce e salutar orvalho que acalma os ardores dos sentidos, que inspira os santos pensamentos e que faz germinar os castos desejos da virtude.

Quem nunca pronunciou com confiança e com amor o doce nome de Maria sem ter sentido a força poderosa de seu braço? Quem depositou seu coração, sua alma, sua vida e suas esperanças sob a proteção da Rainha do céu sem ter sido socorrido?

O vício de nossa origem, o vento arrebatador do século, o homicídio poderoso do escândalo enfraqueceram prodigiosamente o sentimento da modéstia e da castidade. Todas as causas de depravação cresceram de uma maneira assustadora a tirania humilhante desse corpo de pecado, como o chama São Paulo. Sentimos, a todo instante, esta luta intestina, esta guerra implacável que esse sublime apóstolo descreveu com tanta energia. A veste de nossa carne é sacudida a todo o momento pela febre da concupiscência, e as lágrimas lamentáveis que Santo Agostinho exala no livro imoral de suas Confissões, são, infelizmente, a história muito fiel de nossas misérias, e freqüente de nossas quedas¹⁹!

Vamos, busquemos as forças vitoriosas no pé dos altares de nossa poderosa mediadora; não nos desliguemos jamais de sua mão maternal. Combatamos sob seus olhos; armemo-nos dos sinais

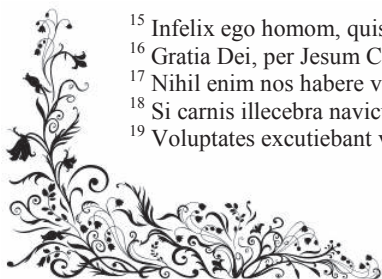
¹⁵ Infelix ego hominem, quis liberabit me de corpore mortis hujus? Rm 7, 24.

¹⁶ Gratia Dei, per Jesum Christum Dominum nostrum, Ib. 25

¹⁷ Nihil enim nos habere voluit, quod per manus Mariæ non transiret. S. Bernardo.

¹⁸ Si carnis illecebra naviculam concusserit mentis, respice stellam, voca Mariam. S. Bernardo. Serm. nom. B.M.V.

¹⁹ Voluptates excutiebant vestem meam carneam. Confess.



venerados que são a expressão de seu culto, e dos quais sua ternura fez tantas vezes um escudo invencível para seus verdadeiros servos.

Professemos, pelo dogma da Imaculada Conceição, a fé mais viva, o zelo mais ardente, o reconhecimento mais profundo. Solenizemos, pelos testemunhos mais luzentes, o aniversário da proclamação dogmática do privilégio mais caro ao coração imaculado de nossa Rainha. E, do meio das tempestades que se levantam contra a frágil canoa de nossa alma, reafirmemos, com confiante amor, essas castas invocações da Igreja de Jesus Cristo: “Mãe puríssima, Mãe castíssima, Mãe incorrupta, orai por nós²⁰”.

A devoção para com a Bem-Aventurada Rainha dos céus nos fornece, em segundo lugar, armas invencíveis contra a tirania do mundo.

Acusam-nos, às vezes, de exagero quando censuramos o mundo do alto do púlpito evangélico. Com sofismas, com efeito, se colocam, em seguida, para desculpar o mundo, para justificá-lo e para glorificá-lo. Fascinados pelo lampejo enganador do mundo, os adoradores do mundo esquecem o exemplo e as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo:

“O diabo, novamente, o transportou sobre uma montanha muito elevada e lhe mostrou todos os reinos do mundo e sua glória; depois, disse-lhe: Dar-te-ei tudo isso, se, vos prostrando, me adorais. Então Jesus disse-lhe: Para trás, Satanás, pois está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus e somente a ele servirás²¹”.

Meditemos alguns oráculos saídos da própria boca da verdade viva. Vejamos o que o Verbo encarnado pensou do mundo, o que Ele disse do mundo, o que Ele exige de todos seus discípulos em relação ao mundo. Envergonhemos as oposições e as revoltas de nosso coração deteriorado, embrigado pelas falsas máximas do mundo. Compreendamos, que nos irritando contra as máximas vingadoras que o Homem-Deus lançou sobre o mundo, cometemos um tipo de impiedade e de apostasia. Discípulos de Jesus Cristo, cessaríamos de o ser, se não julgássemos o mundo como julgou nosso Rei, nosso Mestre, nosso Salvador e nosso Deus.

“Que serviria ao homem de ganhar o mundo inteiro e perder sua alma? E o que o homem dará em troca de sua alma?²²”

Ninguém jamais fez, ninguém jamais fará a conquista do mundo inteiro; mas quando o mundo inteiro tornar-se a posse, a propriedade de um único homem, a quem serviria esta brilhante conquista se esse homem se perde? E o que este homem dará em troca de sua alma? Cegos e insensatos que somos, passamos nossa vida a conquistar uma parcela, um átomo dos elementos desse mundo, e não pensamos em ganhar o reino eterno, a glória eterna, a vida eterna! *Quam commutationem dabit homo pro anima sua?*

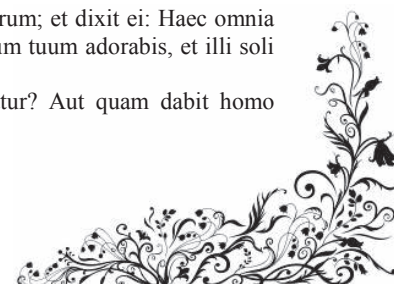
Jesus Cristo amaldiçoou o mundo por causa dos escândalos cujo mundo está repleto, e nos não queremos nunca nos separar desse mundo, não queremos desprezar esse mundo, odiar esse mundo, condenar esse mundo.

“Infeliz no mundo por causa do escândalo; pois é necessário que venha escândalos; contudo, infeliz o homem por quem o escândalo vem. Se, portanto, vossa mão ou vosso pé vos escandaliza, corte-o e o lance longe de vós, pois, é melhor entrar na vida cocho ou mutilado, que tendo duas mãos ou dois pés, ser lançado no fogo eterno. Se vosso olho vos escandaliza, arranque-o, e o lances longe de vós; pois vos é melhor entrar na vida com um único olho, que tendo dois olhos, ser lançado na geema do fogo”.

²⁰ Mater puríssima, Mater castíssima, Mater inviolata, ora pro nobis.

²¹ Assumpsit eum diabolus in montem excelsum valde: et ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum; et dixit ei: Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me. Tunc dicit ei Jesus: Vade, satana: scriptum est enim: Dominum Deum tuum adorabis, et illi soli servies. Mt IV, 8, 9, 10.

²² Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur? Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua? Mt 16, 26.



São João nos ensina que Nosso Senhor Jesus Cristo tinha, na Galiléia, próximos e parentes que não acreditavam nele, e que lhe diziam: “Ninguém age em segredo quando deseja a si mesmo aparecer: se fizestes essas coisas, mostrai-vos ao mundo. Jesus disse-lhes: “Meu tempo ainda não chegou; mas vós, o tempo é sempre favorável. O mundo não pode vos odiar: mas odeia-me, porque eu lhe dou testemunho contra as suas obras más²³”.

Falando aos fariseus, Jesus Cristo lhes disse: “Sois terrenos, eu, eu sou do alto. Sois deste mundo, eu, eu não sou desse mundo²⁴.”

“O que vos mando é que, dizia a seus discípulos, esse divino Salvador, ameis uns aos outros. Se o mundo vos odeia, sabeis que me odiou a mim primeiro. Se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria como sendo seus; mas porque não sois do mundo, mas do mundo vos escolhi, por causa disso, o mundo vos odeia²⁵.”

“Convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós; mas se eu for, vo-lo enviarei. E, quando ele vier, convencerá o mundo a respeito do pecado, da justiça e do juízo²⁶.”

“No mundo haveis de ter aflições. Coragem! Eu venci o mundo²⁷.”

Eis o que pensava do mundo Aquele que é a própria verdade. Eis como ele elevava seus primeiros discípulos no desprezo e no ódio do mundo.

Mas escutemos ainda; recolhamos com um respeito filial, os ensinamentos de nosso adorável Mestre. Impregnemo-nos nas máximas sagradas que nosso Deus nos deixou para nos servir de refúgio contra as ciladas desse mundo.

Jesus, tendo dito essas coisas, levantou os olhos ao céu e disse:

“Pai, a hora é vinda; glorifica vosso Filho, para que vosso Filho vos glorifique.

Manifestei vosso nome aos homens que do mundo me deste. Eles eram vossos e deste-mos e guardaram a vossa palavra.

E eu, eu rogo por eles: não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são vossos.

Dei-lhes vossa palavra, e o mundo os odeia, porque eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo.

Não peço que os tires do mundo, mas que os preserves do mal.

Pai justo, o mundo não vos conheceu; mas eu vos conheci. E estes sabem que vós me enviastes²⁸.”

Coisa admirável! É no momento de deixar a terra; é na última e suprema oração que o Homem-Deus dirige a seu Pai, que Ele deixa escapar essas formidáveis anátemas sobre o mundo: “Pai..., eu rogo por eles; mas não rogo pelo mundo.”

²³ Nemo quippe in occulto quid facit; et quaerit ipse in palam esse, si haec facis manifesta te ipsum mundo. Neque enim fratres ejus credebant in eum. Dicit ergo eis Jesus... Non potest mundus odisse vos: me autem odit, quia ego testimonium perhibeo de illo, quod opera ejus mala sunt. Jo 7, 4, 5, 6.

²⁴ Et dicebat eis: Vos de deorsum estis, ego de supernis sum. Vos de mundo hoc estis, ego non sum de hoc mundo. Jo 8, 23.

²⁵ Haec mando vobis, ut diligatis invicem. Si mundus vos odit, scitote quia me priorem vobis odio habuit. Si de mundo fuissetis, mundus quod suum erat diligeret: quia vero de mundo non estis, sede ego elegi vos de mundo, prouterea odit vos mundus. Jo 15, 17, 18, 19.

²⁶ Expedit vobis ut ego vadam: si enim non abiero, Paracletus non veniet ad vos; si autem abiero, mittam eum ad vos. Jo 16, 7.

²⁷ In mundo pressuram habebitis; sed confidite, ego vici mundum. Jo 16, 33.

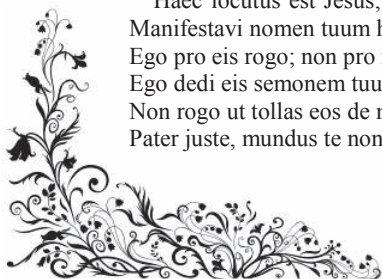
²⁸ Haec locutus est Jesus; et sublevatis oculis in coelum, dixit: Pater, venit hora, clarifica filium tuum, ut filius tuus clarificet te... Manifestavi nomen tuum hominibus, quos dedisti mihi de mundo. Tui erant, et mihi eos dedisti; et sermonem tuum servaverunt.

Ego pro eis rogo; non pro mundo rogo, sed pro his quos dedisti mihi; quia tui sunt.

Ego dedi eis sermonem tuum, et mundus eos odio habuit, quia non sunt de mundo, sicut et ego non sum de mundo.

Non rogo ut tollas eos de mundo, sed ut serves eos a malo.

Pater juste, mundus te non cognovit. Ego autem te cognovi, et hi cognoverunt quia tu me misisti. Jo 17, 1, 6, 9, 14, 15, 25.



Como é necessário entender essas palavras: “Eu não rogo pelo mundo?” Non pro mundo rogo. Como se acordam com essas outras palavras do discípulo bem amado, em sua primeira epístola? “E ele é propiciação para nossos pecados; não somente para os nossos, mas também para aqueles de todo o mundo.”

Nosso Senhor Jesus Cristo derramou seu sangue pela salvação do mundo. Ele pagou a dívida da raça humana. Ele satisfaz superabundantemente por todos os pecados. Mas esse sangue divino não lava, não purifica, não santifica esses que, até no momento de sua morte, amam o mundo, adoram o mundo, vivem do espírito do mundo, das máximas do mundo; e que formam o corpo místico do príncipe desse mundo. Non pro mundo rogo. Satanás, diz Santo Agostinho, governa, na qualidade de chefe e de mestre, os filhos da impiedade. “*Mundum, id est filios infidelitatis, quos regit diabolus, ut princeps et caput* (V., 1003).”

Os adoradores do mundo, os amantes do mundo, os ímpios, os homens carnaís, são uma única e mesma coisa com o demônio, que é seu chefe²⁹.

São Paulo fala do mundo como havia falado seu divino Mestre.

“Não recebemos, diz esse sublime Apóstolo, o espírito desse mundo, mas o espírito que é de Deus³⁰.”

Pois a sabedoria desse mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: apanharei os sábios na sua própria astúcia³¹.

Os que usam desse mundo, como se dele não usassem; pois a figura deste mundo passa³².

Quanto a mim, não pretendo, jamais, gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado, para mim e eu para o mundo³³.

Não temos somente que lutar contra a carne e o sangue, mas contra os principados e as potestades, contra os dominadores do mundo neste século de trevas, contra os espíritos de malícia espalhados nos ares³⁴.

Adulteros, exclama São Tiago, não sabeis que o amor deste mundo é inimigo de Deus? Todo aquele que quer ser amigo desse mundo, se faz, portanto, inimigo de Deus³⁵.

Não ameis o mundo, acrescenta por sua vez o discípulo bem amado, nem o que está no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que está no mundo, a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e o orgulho da vida, não é do Pai, mas é do mundo. E o mundo passa, e sua cobiça; mas aquele que faz a vontade de Deus permanecerá eternamente³⁶.

Sois de Deus, meus filhinhos, e vencestes (esse mundo), pois aquele que está em vós é maior que aquele que está no mundo. Eles são do mundo: é por isso que eles falam do mundo, e o mundo os escuta. Nós somos de Deus: quem conhece Deus nos escuta; quem não é de Deus não nos escuta³⁷.

Esses anátemas de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seus apóstolos justificam plenamente o zelo que os operários do Evangelho empregam contra a tirania e contra os perigos do mundo. Se nos perguntassem agora o que é mundo. O mundo é a sociedade daqueles que pensam, que falam, que

²⁹ Agostinho, 4, 22, 59.

³⁰ I Cor 2, 12.

³¹ I Cor 3, 19.

³² I Cor 7, 31.

³³ Gl 6, 14.

³⁴ Ef 6, 12.

³⁵ Tg 4, 4.

³⁶ I Jo 2, 15, 17, 17.

³⁷ I Jo 4, 4, 5, 6.



vivem, não segundo as máximas do Evangelho, mas segundo as máximas da natureza corrompida, da carne e das paixões. O mundo é a cidade de todos os filhos do orgulho, de todos os inimigos de Deus e de seu Cristo, de todos os escravos da cupidez e da luxúria.

Assim, há dois reinos, duas cidades: o reino de Jesus Cristo, a cidade de Deus ou a Igreja; e o reino de Satanás, a cidade do mal ou Babilônia. O mundo é a pátria de todos aqueles que ruminam, que queimam de orgulho da ambição e da glória humana. Nada, portanto, de aliança possível entre as máximas do Evangelho e as máximas do mundo, pois aquele que quer ser o amigo do mundo se faz, por isso mesmo, o inimigo de Deus. *Amicus mundi, inimicus Dei constituitur* (Jo 4, 4).

Há, portanto, luta, antagonismo, guerra incessante, necessária, eterna entre a Igreja e o mundo; entre Jesus Cristo e Belial, entre a luz e as trevas, entre o culto da carne e o culto do Espírito. Um abismo intransponível separa as duas cidades. O tempo nos é dado para escolher a bandeira sob a qual queremos combater. Jesus Cristo chama sob sua bandeira, ou seja, sob o estandarte divino da cruz, todos os inimigos do mundo. E é por isso que o grande Apóstolo exclama: “O mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo”.

Ora, há tempos em que o reino de Satanás e do mundo, parece ganhar sobre o reino de Jesus Cristo. Há tempos em que, mesmo no seio das nações católicas, o império do mundo aumenta suas conquistas e ameaça invadir tudo, submergir tudo, destruir tudo. A Igreja, então, chora a deserção e a apostasia de seus filhos, que ela vê passar sob a bandeira do mundo.

Chegamos, meus caros irmãos, em uma dessas épocas de sinistra memória e de lamentável desolação. O mal parece ter deitado por chão todas as barreiras que se opunham a seus desencaminhamentos. Ele infectou todas as almas; e a palavra do Rei Profeta tornou-se a pintura e a história da depravação das nações modernas.

“Eles se depravaram, se tornaram detestáveis. Não há mais quem faça o bem, não há um único só³⁸”.

O quadro profético que São Paulo nos deixou, dos desvarios monstruosos das nações, nos últimos dias da raça humana, reproduz traço por traço o estado moral desse século.

“Saibais que os últimos tempos serão tempos repletos de perigos. Os homens serão egoístas, cúpidos, arrogantes, soberbos, blasfemadores, rebeldes aos pais, ingratos, manchados de crimes. Desalmados, incapazes, inventores de crimes, dissolutos, ferozes, sem bondade. Trapaceiros, insolentes, cegos de orgulho, amantes dos prazeres e não de Deus. Dessa gente, afasta-te!... Sempre a aprender sem nunca chegar ao conhecimento da verdade³⁹”.

Olhem em torno de vós, e digas, se esse quadro vigoroso não é a imagem fiel da depravação intelectual e moral desses tempos tristes? O orgulho da razão, as elevações criminais do pensamento, a idolatria do eu, a pretensão soberba de ser para si mesmo, sua luz, sua regra, sua chama; de só procurar em si a última razão de tudo o que é; um desprezo insolente de toda autoridade, a impaciência com todo freio, o furor da blasfêmia e da impiedade, não há aí sinais nos quais as nações da Europa estão marcadas?

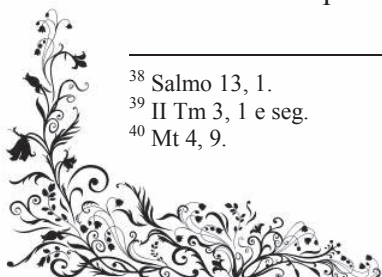
A febre do ouro, o culto da matéria, a necessidade de acumular, não há aí o cancro que carcome as almas? Toda a energia humana é usada para procurar nas coisas desse mundo a felicidade última. Os adoradores do mundo pedem à terra, e somente à terra, o bem imutável, o bem infinito. A Europa desligada do Cristo cujo ela não quer mais, ouviu, experimentou esta palavra da serpente antiga: “Eu vos darei todas essas coisas, se, caindo a meus pés, me adorardes⁴⁰”.

Queiram escutar outro oráculo saído da boca de São Paulo, escutem: “Haverá um tempo onde os homens não suportarão mais a sã doutrina. Mas, obedecendo pelas próprias paixões e pelo prurido

³⁸ Salmo 13, 1.

³⁹ II Tm 3, 1 e seg.

⁴⁰ Mt 4, 9.



de escutar novidades, prestarão o ouvido à uma multidão de falsos doutores; eles apartarão os ouvidos da verdade e se voltarão rumo às fábulas⁴¹”.

A verdade divina, sobrenatural, católica e revelada, esmaga esses espíritos deteriorados pelo racionalismo. Os livres pensadores tem horror dos ensinamentos divinos da Igreja de Jesus Cristo. Brutalizados por um naturalismo pagão, eles não podem mais carregar as verdades do Evangelho. Nosso século só ama os romanos, ele tem fome e sede das fábulas corruptoras do paganismo moderno. *Ad fabulas autem convertentur*. Há ainda entre nós virtudes sublimes, prodígios de abnegação, de devotamento, milagres de caridade; mas essas maravilhas puramente individuais, não tomam nada aos costumes da família, nos costumes da cidade, e menos ainda nos costumes da sociedade moderna. A Europa transpira o paganismo da renascença. E eis aí, o cumprimento literal da profecia do grande apóstolo: “Eles amarão somente as fábulas”. *Ad fabulas autem convertentur*.

A verdade católica, mãe de uma civilização sublime, quase desapareceu. A expulsaram do ensino público e privado; a expulsaram das instituições, das leis, das artes, da literatura e dos costumes. *A veritate auditum avertent*.

Nós somos pagãos em nossos colégios, pagãos em nossos livros, pagãos em nossa luxo, pagãos em nossos teatros, pagãos em nossos jogos, em nossos festins, em nossas festas, pagãos em nossos gostos, ou seja, adoradores do mundo, da carne e de Satanás. *A veritate auditum avertent; ad fabulas autem convertentur*.

Ora, como escapar, meus caríssimos irmãos, a este dilúvio, a esse transbordamento das seduções do mundo? Como se conduzir para não ser levado pela torrente dos escândalos que enchem o mundo? Procuremos um refúgio no pé dos altares de nossa poderosa Protetora. Supliquemos a divina Rainha de nossas almas, para nos dar forças proporcionais ao número e ao homicídio potente de nossos inimigos. *Da mihi virtutem contra hostes tuos*. Os infelizes cuja casa é sacudida pelo tremor da tempestade, lançam um grito de aflição e chama um socorro tornado necessário. As torrentes da iniquidade, os escândalos do mundo, sobem como as ondas do oceano irado; cada dia, cada hora vêm crescer os perigos que ameaçam nossa salvação. Levantemos nossas mãos suplicantes rumo ao trono da doce Mãe da graça. Dirijamos à Dispensadora de todas as misericórdias, a oração que os discípulos de Jesus Cristo dirigiam a seu Mestre divino: “Ó Maria, salvai-nos, perecemos”. *Salva nos, perimus*.

A geração atual rompeu com Deus. Ela repudiou a graça do divino Redentor. As almas mortas à verdade e à caridade de Jesus Cristo são semelhantes a essas árvores arrancadas do solo que as alimentava. “Elas morreram duas vezes”, diz o apóstolo São Judas. Elas morreram à verdade e ao amor⁴².

Os escolhos do mundo, que jamais foram tão múltiplos, tão ameaçadores, tão terríveis, não tem nada, contudo, que esteja acima da coragem e da força dos verdadeiros servos de Maria. Coisa admirável! Os filhos desta Mãe divina, passam através dos escolhos do mundo sem naufragar. Eles caminham sobre as torrentes do mundo, sem ser por elas submergidos. Eles respiram o ar envenenado do mundo, sem que as miasmas pestilentas do mundo lhe inoculem sua influência mortal. Quem de nós conheceu alguns desses anjos da terra, que vivem no meio do mundo, mas cuja vida é a censura e a condenação de todas as máximas do mundo? Eles gemem, eles choram sobre a cegueira, sobre a loucura, sobre o crime dos adoradores do mundo, “mas sua fé os torna vitoriosos do mundo⁴³”.

E sabeis-vos quais são os segredos à ajuda dos quais a Bem-Aventurada Mãe da graça divina torna seus servos devotados, superiores a todos os artifícios e à todos as seduções do mundo?

⁴¹ II Tm 4, 3, 4.

⁴² Jd 12.

⁴³ I Jo 5, 4.



Mãe da luz sobrenatural, como nos ensina a Igreja, a Santíssima Virgem faz compreender àqueles que a amam e que a servem, a fragilidade, o vazio, o nada do mundo, e de tudo o que contém, de tudo o que promete o mundo.

Vejam essas virgens angélicas, essas mulheres realmente cristãs, essas jovens adolescentes, esses homens aguerridos nos combates da virtude, “eles morreram para o mundo”, segundo o pensamento admirável do Apóstolo, “e sua vida está escondida em Deus com Jesus Cristo⁴⁴”.

Essas almas generosas, esses verdadeiros filhos de luz, julgam o mundo das alturas do Evangelho. À sombra das bênçãos da Bem-Aventurada Mãe de toda virtude, eles tem pelo mundo e por tudo o que ele ama, por tudo o que ele adora, um desgosto invencível, uma piedade imensa, um desprezo absoluto. “Eles estão no mundo, mas eles não são do mundo⁴⁵”.

Não se vangloriam na presença dos piedosos, dos servos ferventes da Rainha dos Anjos, os prazeres do mundo; as grandezas do mundo, as promessas do mundo, só inspiram-lhes uma compaixão dolorosa por esses pobres escravos do mundo que a luz das coisas divinas não esclarece e nem guia mais.

A Bem-Aventurada Virgem não se detém aí. Não somente ela derrama na alma de seus filhos devotados um desgosto profundo, uma repugnância invencível pelo mundo, mas ela faz brilhar a seus olhos as clarezas mais vivas do mundo sobrenatural. Enquanto que uma noite de trevas envolve os adoradores do mundo, Maria inunda seus servos das clarezas do Evangelho. Ela lhes faz entrever as deslumbrantes harmonias, as maravilhosas relações da natureza e da graça, do mundo visível e do mundo sobrenatural. Os mistérios de nossa fé são para eles um caminho luminoso no qual cada elo é um prodígio de eterno amor. Os segredos divinos parecem ter ofuscado neles suas obscuridades e seus abismos. As invenções da caridade de Jesus Cristo, no qual eles experimentam sem medida, a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, os lançam em um tipo de arrebatamento; e o mundo e suas glórias, e suas promessas e suas esperanças, lhes aparentam como uma imagem fiel desta região desolada, onde, segundo as palavras do santo homem Jó, “habita a sombra da morte, de onde a ordem é banida, e onde reina um horror eterno⁴⁶”.

Coloquemos aos pés da humilde serva da Rainha das virgens todos os tesouros, todas as alegrias, todas as glórias do mundo; e ela não deixará cair sobre esses espectros um único olhar de inveja. O barulho de todas as festas, o espetáculo de todas as maravilhas, o fulgor de todas as pompas desse mundo, não a arrebatariam da contemplação e do amor dessas criações invisíveis, mas substanciais, do mundo da graça. Todos os tesouros da terra não valerão jamais a seus olhos um único suspiro, uma oração, uma lágrima, derramados sobre os pés de uma imagem da Bem-Aventurada Mãe do Homem-Deus.

Maria adiciona a essas clarezas salutares um atrativo de algum modo irresistível para os bens da graça e da glória. A palavra sublime do grande Apóstolo torna-se as palavras dos verdadeiros filhos de Maria “Já não sou eu que vivo, mas Jesus Cristo que vive em mim⁴⁷”.

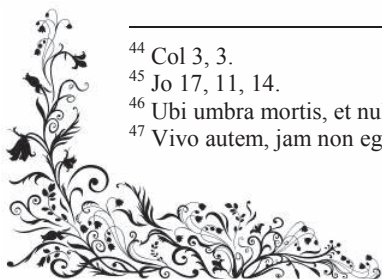
Todas as coisas mundanas se reduzem, segundo São Tomás de Aquino, falando segundo o discípulo bem amado, “ao orgulho do poder, ao orgulho da riqueza, ao orgulho da carne”. O progresso mundano só é a incessante dilatação dessas três epidemias morais, desse cancro triplamente monstruoso que rói a sociedade moderna. Os adoradores do mundo são insaciáveis por dominação, insaciáveis de riquezas, de luxúria. Os servos de Maria são insaciáveis de humildade, e por ela, eles derrubam o orgulho do mundo. Eles são insaciáveis de caridade, e por ela, eles derrubam o orgulho da riqueza. Eles tem fome e sede de castidade, de modéstia, de pureza, e por isso, eles derrubam o orgulho da carne e vencem o mundo.

⁴⁴ Col 3, 3.

⁴⁵ Jo 17, 11, 14.

⁴⁶ Ubi umbra mortis, et nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat. Jo 10, 22.

⁴⁷ Vivo autem, jam non ego; vivit vero in me Christus. Gl 2, 20.



Pelo caminho da humildade, os filhos de Maria atingem a glória eterna. Pelo caminho da mortificação e da castidade, os filhos de Maria alcançam as alegrias eternas. Pelo caminho da caridade, os filhos de Maria atingem a posse dos bens eternos. E é assim que, ao progresso mentiroso e degradante dos mundanos, dos homens cúpidos, dos homens soberbos, dos homens carnaís, os filhos de Maria substituem o progresso divino, o progresso infinito, o progresso eterno dos filhos de Deus e dos irmãos de Jesus Cristo. Amém.





L'ASSOMPTION DE LA TRÈS-SAINTE VIERGE

Fim providencial da proclamação do Dogma da Imaculada Conceição

Cum obduxero nubibus Cælum, apparebit arcus meus in nubibus Cæli, et recordabor fæderis mei.
Quando o Céu for coberto de nuvens, um arco aparecerá nas nuvens, e eu me lembrarei de minha
aliança.
Gênesis 9, 14.

Os senhores já meditaram algumas vezes, meus caríssimos irmãos, sobre o terror e a imensa desolação que devem ter oprimido Noé e sua família no momento em que eles saíram da arca que lhes tinha servido de asilo contra as ondas desse dilúvio universal que acabava de engolir a raça humana? Que espetáculo se oferece à visão deles! Eles percebem por toda parte apenas os imensos destroços desta catástrofe, eles veem apenas os largos sulcos do raio que acaba de atingir uma terra maldita. E, do meio desse caos evade uma voz ameaçadora e terrível que parece prolongar os ecos da justiça divina. Mas Deus, sempre mais inclinado a perdoar do que a punir, os tranquiliza. E para ressuscitar em suas almas a confiança quase mirrada e esgotada pelo temor, Ele lhes instrui de que Ele fará com eles uma aliança eterna. Ele lhes declara que não haverá mais dilúvio, e que nada interromperá doravante as leis, por um tempo suspensas, da criação. “Quando o céu for coberto de nuvens, um arco aparecerá nas nuvens e eu me lembrarei de minha aliança”. *Cum obduxero nubibus Cælum.*

Depois de vários séculos, caríssimos irmãos, a Europa se separa visivelmente do cristianismo; ela está quase que totalmente desenraizada do solo das divinas revelações. A Igreja perdeu quase todo o terreno que ela tinha conquistado sobre o antigo paganismo. Metade da Europa se precipitou no cisma e na heresia. A incredulidade e a dúvida destroçam as nações que se dizem ainda católicas. Jesus Cristo foi expulso do direito dos povos e do direito público, da literatura e das artes, da política e das leis, da filosofia e dos costumes. A sociedade moderna adora o ouro, ela adora a carne, a razão; ela se entregou à crimes evidentemente satânicos. Os homens desse tempo perderam a noção das verdades da ordem sobrenatural. Eles vivem, ou, de preferência, eles se degradam nesse naturalismo anti-social e anticristão que é tão somente a verdadeira idolatria. A terra sucumbe sob o peso da luxúria e da iniquidade¹.

Ora, eis o momento escolhido pela adorável Providência para dar à terra o sinal da misericórdia; eis o momento predestinado pela eterna sabedoria, para fazer resplandecer aos olhos da raça humana o imortal privilégio da Conceição Imaculada da Bem-Aventurada Mãe de Jesus Cristo. *Cum obduxero nubibus cælum, apparabit arcus meus in nubibus cæli... et recordabor fæderis mei.*

O fato histórico da proclamação do dogma consolador das glórias da Rainha dos Anjos nos é conhecido. Tentamos reproduzir um quadro fiel de um acontecimento que moveu todo o universo, e nas profundezas do qual se esconde uma fonte inesgotável de bênçãos para a geração que testemunhou tal acontecimento, e para aqueles que devem sucedê-la.

A proclamação dogmática da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem é, após a Encarnação do Verbo e a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, o acontecimento mais considerável e mais prodigioso que se cumpriu no seio da humanidade. Este acontecimento deve ter conseqüências

¹ Is 24, 20.



proporcionais à sua grandeza. Esse fato, de incomparável misericórdia, é, se não me engano, o complemento do mundo sobrenatural. Buscaremos o segredo de tal fato estudando o seu fim providencial, e fazendo-vos compreender se Deus se dignou em nos dar a luz de sua graça, que está nesse dogma, que esconde a última palavra do presente e do futuro.

Antes de deixar a terra, Nosso Senhor Jesus Cristo dizia para seus discípulos: “Eu tenho ainda muitas coisas para vos dizer; mas não podeis as suportar agora; mas quando vier este espírito de verdade, ele vos ensinará toda verdade²”.

Há, portanto, uma multidão de verdades sobrenaturais que o Espírito Santo deveria ensinar à Igreja a partir da Ascensão do divino Salvador. Essas verdades, do qual todas as raízes se prendem ao solo das revelações divinas, o Espírito Santo as ensina, as desenvolve, no seio da Igreja, segundo o plano da divina sabedoria, e Ele as manifesta dogmaticamente quando o momento providencial soa. É o Espírito Santo que dita, de século em século, à Esposa de Jesus Cristo, o Evangelho das glórias e dos privilégios da augusta Maria. Esses privilégios e essas glórias resplandecem sobre o mundo pelo culto e pelos monumentos litúrgicos, que são a expressão solene e pública do amor dos filhos da Igreja pela Bem-Aventurada e Imaculada Mãe de Deus. Observamos, todavia, que as glórias e os privilégios da Santíssima Virgem são apenas a manifestação necessária da imensa dignidade da qual ela está revestida na qualidade de Mãe de Deus. O título de Mãe de Deus encerra, como já vimos, uma dignidade infinita em seu gênero³.

Aprendemos de São Pedro Damiano, que a augusta Mãe de Deus tem uma identidade de natureza com seu divino Filho⁴.

Acreditamos com Santo Anselmo, que a dignidade de Mãe de Deus “ultrapassa toda dignidade, qualquer que ela possa ser, após aquela de Deus”.

Pensamos com São Bernardo, que ao fazer da Bem-Aventurada Virgem, Mãe de Deus, o Onipotente lhe deu “a própria extremidade de toda grandeza⁵”.

Repetimos alegremente, com São Bernardino de Sena, que a Bem-Aventurada Virgem Maria, para poder tornar-se Mãe de Deus, teve de ser elevada a um tipo de igualdade com Deus⁶.

Estamos convencidos da verdade profunda e luminosa deste axioma da teologia, à saber: “que Deus dá à cada um uma graça proporcional à vocação à qual ele é chamado⁷”.

A dignidade de Mãe de Deus, sendo a mais alta dignidade à qual uma criatura possa alcançar, é evidente que a Bem-Aventurada Virgem não pôde ser revestida desta dignidade suprema sem ter sido preparada por graças proporcionais à sua sublime vocação: *Unicuique datur gratia secundum...*

Segundo esta doutrina, é manifesto que a maternidade divina, à qual a augusta Maria foi chamada por um decreto da eterna sabedoria, implica a santidade mais perfeita da qual uma criatura possa ser revestida. A maternidade divina toca na ordem da união hipostática, ao grau mais próximo possível; e a inteligência esclarecida pelo raio da fé compreende muito claramente que esta incomparável dignidade realizada, entre Deus e a criatura, a união mais estreita e mais perfeita.

A Santíssima Virgem, chamada à esta dignidade, será, portanto, enriquecida de uma santidade sobre eminente, de uma santidade imensamente superior à toda santidade, exceto da santidade do próprio Deus. Nenhuma corrupção, nenhuma imperfeição, nenhuma pecabilidade, nenhuma sombra de imperfeição obscurecerão sua alma imaculada. A Santíssima Virgem, em uma palavra, será enriquecida de uma graça de santidade e de virtude proporcionais à incompreensível dignidade de Mãe de Deus.

² Jo 16, 12,13.

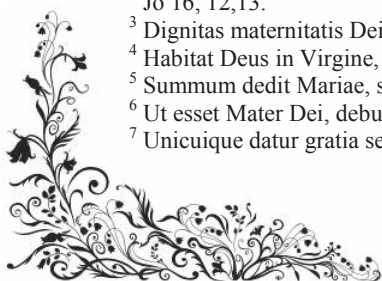
³ Dignitas maternitatis Deis, suo genere infinita. Suarez.

⁴ Habitat Deus in Virgine, cum qua habet identitatem naturae. Serm. Assumption. B.M.V.

⁵ Summum dedit Mariae, scilicet Dei maternitatem. Bern. De laud. B.M.V.

⁶ Ut esset Mater Dei, debuit elevari ad quamdam aequalitatem divinam. Bernard. Serm. B.M.V.

⁷ Unicuique datur gratia secundum id ad quod eligitur. S. Thom.



A Conceição Imaculada da Santíssima Virgem é, portanto, uma condição indispensável de sua vocação. Se a Bem-Aventurada Virgem tivesse contraído, como nós, a mancha do pecado original, ela teria sido, no primeiro instante de sua criação, a inimiga de seu Deus, a escrava do demônio, do pecado e da carne. Filha da cólera, ela pertenceria, ainda que fosse durante o espaço de um segundo, ao império daquele do qual ela deveria esmagar a cabeça. Lúcifer poderia dizer a Deus: Eu a possuí antes de Vós. Ela me pertenceu antes de Vos pertencer. Meu sopro profanou o tabernáculo que escolheste, na eternidade, para fazer vosso paraíso de delícias.

A dignidade de Mãe de Deus, diante o qual todas as grandezas dos anjos e dos homens são apenas, por assim dizer, como átomos, tem suas leis, suas condições de existência, seus elementos constitutivos e necessários. Uma santidade isenta não somente de toda corrupção, mas da própria aparência da mais leve imperfeição, é a lei primordial, a lei criadora desta suprema dignidade.

Mas o Vigário de Jesus Cristo, definindo dogmaticamente o privilégio da Imaculada Conceição criou um dogma novo? Preservemo-nos de um pensamento que seria, ao mesmo tempo, uma heresia e uma blasfêmia. O Papa, pelo decreto dogmático da Conceição da Santíssima Virgem, não criou um dogma novo. Gerar um dogma novo, seria criar, na Igreja, uma verdade desconhecida da qual as revelações divinas não encerariam nenhum traço. Seria imprimir o selo divino em uma crença cujo mundo jamais teria ouvido falar. Seria, em uma palavra, inventar um decreto divino. O que o Papa fez, portanto, pela definição dogmática do privilégio da Imaculada Conceição?

O doutor infalível evidenciou uma crença da Igreja universal. Ele dissipou as nuvens que ainda a cercavam no seio da noite do tempo.

O Pontífice supremo fixou para sempre o sentido das divinas escrituras sobre a santidade sobreeminente daquela de deveria carregar um Deus em seu seio. O Vigário de Jesus Cristo, definindo o privilégio da Imaculada Conceição, tirou dos tesouros das revelações divinas o diamante mais belo da coroa imortal da Rainha dos Anjos. Esta pérola de inefável beleza, ele a fez resplandecer em seu brilho supremo, pelo decreto de uma definição dogmática.

Escutemos o oráculo da verdade falando ao universo na Bula do dogma da Imaculada Conceição.

E, na verdade, ilustres e venerandos monumentos da antiga Igreja oriental e ocidental aí estão para atestar que esta doutrina da Imaculada Conceição da beatíssima Virgem, cada vez mais esplendidamente explicada, esclarecida e confirmada pelo autorizadíssimo sentimento, pelo magistério, pelo zelo, pela ciência e pela sabedoria no seio de todas as nações do mundo católico, sempre existiu no seio da mesma Igreja, como recebida por tradição, e revestida do caráter de doutrina revelada.

De feito, a Igreja de Cristo, guardiã e vindicadora das doutrinas a ela confiadas, jamais as alterou, nem com acréscimos nem com diminuições; mas trata com todas as deferências e com toda a sabedoria aquelas que a antiguidade delineou e os Padres semearam; e procura limiar e afinar aquelas antigas doutrinas da divina revelação, de modo que recebam clareza, luz e precisão. Assim, enquanto conservam a sua plenitude, a sua integridade e o seu caráter, elas se desenvolvem somente segundo a sua própria natureza, ou seja, no mesmo pensamento, no mesmo sentido.

O astrônomo que distingue uma constelação não cria um astro novo. Com a ajuda das perceptibilidades fornecidas por instrumentos mais perfeitos que aqueles do qual ele se servira, todos os olhos podem perceber, além do mais, o astro luminoso que existe desde a origem das coisas. A Igreja, em uma palavra, definiu as verdades reveladas quando o momento de defini-las soou. Ela define as verdades antigas, quando esta definição torna-se necessária para o bem da humanidade, para o triunfo da Igreja, para a ruína das heresias e dos erros e para a salvação das almas.



O mundo cristão acreditava na consubstancialidade do Verbo divino com o Pai quando ela foi definida dogmaticamente pelo Concílio de Nicéia. A Igreja acreditava na maternidade divina da Santíssima Virgem, quando ela foi definida dogmaticamente no Concílio de Éfeso. Ela acreditava na virgindade perpétua da Bem-Aventurada Maria antes de defini-la. A Igreja acreditava que a Santíssima Virgem jamais cometeu a falta mais leve, antes que o santo Concílio de Trento apresentasse esta verdade em toda sua luz.

A Igreja sempre celebrou em seus cantos litúrgicos a vitória mais completa da Virgem Imaculada sobre a antiga serpente. Ela estava, portanto, longe de acreditar na opinião segundo a qual a Bem-Aventurada Maria, no lugar de esmagar Lúcifer, tenha sido a presa de Lúcifer. Contudo, o momento marcado nos conselhos divinos para a proclamação dogmática da Imaculada Conceição não tinha chegado.

Perguntar-se-ão, talvez, por que a Igreja esperou dezoito séculos antes de estampar no privilégio da Conceição Imaculada da Santíssima Virgem o selo de um decreto dogmático. Respondemos que a Igreja, governada pelo Espírito Santo, participa de algum modo da imortalidade do próprio Deus. Ela tem diante dela um série de séculos que se consumirão apenas no momento em que o rio do tempo tenha terminado seu curso, dando lugar à eternidade. A Igreja não obedece, como o homem decaído, aos momentos e aos caprichos de uma atividade doentia. Ela aprende de seu celeste Esposo a fazer todas as coisas “com medida, com número, com peso”⁸.

A Igreja, à imitação da Sabedoria eterna, “vai de um extremo ao outro, com uma força e uma suavidade incomparáveis”⁹.

Quando nos for impossível entender as razões da alta sabedoria e da divina prudência que guiaram a marcha da Igreja no desenvolvimento e na manifestação sucessiva das verdades reveladas, deveremos nos inclinar com uma humilde docilidade e nos proibir até mesmo da sombra da surpresa ou da hesitação.

Procuraremos, contudo, buscar as causas profundas e os motivos sobrenaturais aos quais a Igreja de Jesus Cristo obedeceu, imprimindo apenas no século dezenove da era do Evangelho, o selo de uma definição dogmática no privilégio da Conceição Imaculada da Santíssima Virgem.

A terra está como que presa, no momento presente, à males tão profundos, ela é carcomida por chagas tão vivas, tão lívidas, tão violentamente dilatadas, que elas se tornaram incuráveis¹⁰, a menos que a eterna Sabedoria não as cure por um prodígio de sua onipotência e de sua infinita misericórdia, ou que a justiça divina, enfadada dos crimes do mundo, não destrua a raça humana em uma última catástrofe.

Ora, cremos firmemente que a proclamação dogmática da Imaculada Conceição de Maria é o remédio misericordioso preparado pela divina Providência para curar os males que esmagam a terra. Estamos profundamente convencidos de que, o dogma da Imaculada Conceição, sendo o acontecimento mais considerável da humanidade, depois da vinda de Jesus Cristo, a eterna clemência escondeu nesse dogma das glórias da Santíssima Virgem todo um mundo de bênçãos sobrenaturais, para a cura das chagas da humanidade, e para o desabrochamento supremo e definitivo, aqui em baixo, do mistério da graça regeneradora desse Espírito divino que Nosso Senhor Jesus Cristo prometeu aos seus apóstolos, antes de subir ao céu.

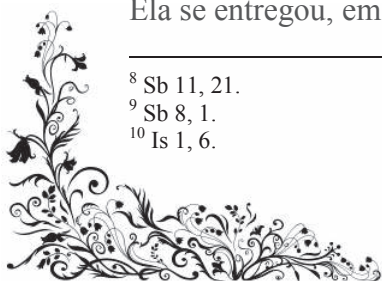
Cremos que o dogma da Imaculada Conceição carrega em seu seio as últimas conseqüências da graça, da qual ele mesmo é a mais excelente e mais maravilhosa expressão.

A Europa está presa na ação devoradora do sensualismo mais desesperado. Ela é assolada pelo racionalismo mais descomedido. Ela sucumbe sob a ação palpável e tangível dos espíritos de trevas. Ela se entregou, em uma palavra, aos crimes evidentemente satânicos.

⁸ Sb 11, 21.

⁹ Sb 8, 1.

¹⁰ Is 1, 6.



Ora, o dogma da Imaculada Conceição é o remédio soberano do sensualismo, do racionalismo e do satanismo. O elemento desta conferência é estabelecer que o dogma da Imaculada Conceição é mortal ao sensualismo desesperado de nosso tempo, e que ele é o remédio para isso.

O sensualismo do paganismo antigo foi marcado por duas características. Ele atingia, em primeiro lugar, os últimos limites da corrupção; e ele foi divinizado pelas nações embrutecidas que se tornaram sua vítima.

A carne, depois da queda do primeiro homem, foi a tirana mais implacável da humanidade. Mergulhados em todos os excessos da vida dos sentidos, os homens, antes do dilúvio, se tornaram culpáveis de desordens de tal modo espantosas, que a justiça divina se viu forçada, de algum modo, a exterminar a raça humana. Nesses dias de indigna memória, “toda a carne, como diz as Escrituras, tinha corrompido seu caminho¹¹”. Contravenções, das quais é impossível se fazer uma ideia justa, tinham provocado a cólera do Onipotente, “todos os grandes abismos se romperam ao mesmo tempo, e as cataratas do céu foram abertas¹²” e a raça humana pereceu completamente, com a exceção de uma única família. Esse castigo, cujo globo terrestre carrega a indelével marca, pareceu insuficiente. O veneno do sensualismo se escondeu na arca que serviu de abrigo aos restauradores do gênero humano. Apenas alguns séculos adiante, depois desta imensa catástrofe, e a terra precisaria ser aterrorizada por calamidades novas.

As vilas abomináveis da Pentapole são engolidas em um dilúvio de fogo; o enxofre e o betume caem, em uma chuva de fogo, sobre Sodoma e Gomorra. Um lago temido e maldito ocupa o lugar dessas cidades destruídas, e, após quarenta séculos, o ambulante estupefato ainda percebe os indelévels sulcos, cuja centelha marcou as vergonhosas margens do mar Morto.

Sob os reinos impudicos e opressivos dos Faraós, dos reis da Assíria, dos Nabucodonosores e dos Césares, o sensualismo pagão amplia demasiadamente e toma proporções que ele não pode mais alcançar depois da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os tiranos impudicos, os cerdos coroados dos quais recordamos os nomes malditos, foram os maiores corruptores da terra. A insaciável luxúria deles devorou o mundo e lhes fez cometer excessos tais, que todas as potências da alma se levantam com um horror invencível, ao se recordarem deles.

A Roma dos Césares, herdeira de todas as devassidões e de todas as infâmias das nações que ela tinha subjugado, tornou-se o teatro do mais hediondo, do mais monstruoso sensualismo.

O Coliseu, as Termas de Nero, de Carácala e de Diocleciano atestam, por suas colossais dimensões e por seus gigantescos resquícios, à quais excessos tinham alcançado as abominações da Roma pagã. Os monstros que se sucederam durante mais de três séculos, fizeram da Roma idólatra uma imensa morada de luxúria e de devassidão. Eles fizeram dela um abatedor de carne humana, pelos prazeres e para a barbárie de um povo de canibais.

Mas o caráter próprio, o sinal indelével do sensualismo pagão, foi a própria deificação da volúpia. A carne, durante todo o período do velho paganismo, foi adorada de um extremo ao outro da terra. A felicidade suprema dos deuses, dos heróis, dos Césares, dos filósofos, dos poetas, das nações pagãs, não se elevava jamais acima dos prazeres hediondamente impuros da matéria.

O Olimpo pagão foi, aos olhos das nações tão elogiadas da Grécia e de Roma, apenas um lugar de depravação, um covil infame de vícios. Jupiter Capitolino, visto como a divindade suprema da Roma dos Césares, assombraria, mesmo hoje, por suas luxurias escandalosas, por seus incestos e seus adultérios, por suas infâmias de todo tipo, os libertinos mais desprezíveis.

Seria impossível suscitar um homem honesto de um único dos deuses de Homero, de Virgílio, de Horácio, de Ovídio, etc.. E, coisa extraordinária! Esses monstros divinizados, cantados, celebrados, glorificados por todos os poetas e por todos os livros do paganismo, são o objeto de um tipo de

¹¹Gn 6, 12

¹²Gn 7, 11.



culto literário para as gerações abastadas, depois de mais de três séculos, em todas as escolas privadas e públicas da Europa.

Os filhos da Igreja que aspiram a honra insigne do sacerdócio, ou que querem se preparar nas carreiras da vida pública, são forçados, sob a pena de punição, a não ignorar nada da origem frequentemente infame da vida, das ações escandalosas e revoltantes dos deuses, das deusas, das ninfas e dos heróis do velho paganismo.

As luxúrias vergonhosas, a vida criminal ou atroz dos Césares pagãos, dos heróis pagãos, dos Brutus, de todos estes monstros, enfim, que fizeram dos séculos idólatras uma era de sangue, de barbárie, de brutalização e de desesperança para a humanidade, foram e são ainda a mina inesgotável e sempre explorada dos trabalhos clássicos e literários da juventude dos colégios da Europa cristã.

O sensualismo pagão inundou a terra com um dilúvio de crimes, e foi divinizado. Ele precipitou o velho mundo em uma depravação intelectual, moral e mesmo física, que ultrapassa toda medida, e lhe elevaram, sobre todos os pontos do universo, templos e altares. A religião das nações idólatras foi apenas, em uma palavra, a deificação e a apoteose dos instintos, dos apetites e das inclinações mais abjetas e mais vergonhosas do homem-animal.

Ora, o sensualismo de nosso tempo está marcado por esta dupla característica. A Europa, desde a renascença, não cessa de se precipitar em todos os excessos de um sensualismo crescente, e a Europa adora a carne: ela se vendeu ao culto degradante da matéria.

Um fato brilhante como a luz, é que a Europa, após ter vencido o paganismo dos Césares pelo sangue de seus apóstolos e de seus mártires, dissipou, por seus doutores, por seus pontífices e por seus padres, as trevas profundas nas quais as nações bárbaras estavam mergulhadas.

A partir de Constantino, primeiro discípulo coroado por Deus que morreu sobre a cruz, o triunfo da graça e da luz do Evangelho se estendeu sobre todas as províncias do império do Oriente e do império do Ocidente, e tornou-se irresistível. Todo o período percorrido, após São Gregório, o grande, até a renascença do paganismo do ensino e das letras, na metade do século quinze, nos apresenta o espetáculo das conquistas da Igreja sobre o mundo conhecido.

O paganismo vencido cedeu o império a Jesus Cristo. O Cristo reina sobre o mundo. Ele reina, Ele manda, Ele está por toda parte triunfante¹³.

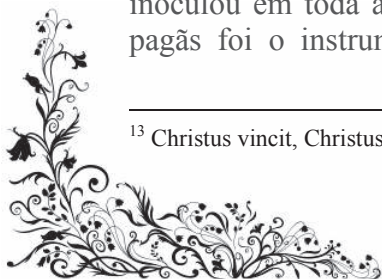
O direito público sai das entranhas do Evangelho. O direito dos povos, criado pela justiça e pela caridade, plaina sobre o mundo renovado. O velho paganismo tinha feito dos três quartos da raça humana um vil bando de escravos, e o cristianismo, nascido como seu divino Fundador, no estábulo de Belém, aniquilou a escravidão. As leis, os costumes, as políticas, as letras, as artes, a família, a cidade, a Europa inteira foi mudada, transformada, transfigurada pelo sangue e pela graça de Jesus Cristo.

O Papado, durante mais de mil anos, manteve em suas mãos o cetro do mundo político e social. Ele criou a civilização cristã, destronou a força, sancionou a justiça e o direito. Ele venceu a barbárie, e curvou os reis e os povos sob o jugo do Evangelho. A liberdade cristã, a igualdade cristã, a fraternidade cristã devem à ação regeneradora do Papado, sua origem e tudo o que elas trouxeram de grandeza, de dignidade, de caridade e de amor nas nações modernas.

Como essas maravilhosas criações da graça foram detidas em seu movimento de expansão? Como o rio divino da civilização católica foi suspenso em seu curso?

Satanás ressuscitou no seio das nações da Europa o paganismo Greco-romano. O Renascimento inoculou em toda a Europa o sensualismo dos séculos idólatras. O ensino das letras e das ideias pagãs foi o instrumento funesto utilizado para descristianizar a sociedade moderna. Esta obra

¹³ Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat.



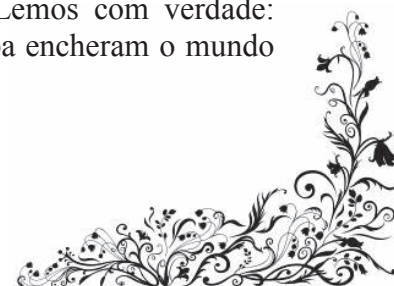
tenebrosa se realiza há mais de três séculos. Os colégios dirigidos por corpos religiosos, e as escolas eclesiásticas, não escaparam à ação devoradora de um ensino extraído das fábulas do paganismo. A ideia pagã, por toda parte ensinada, por toda a parte estendida, por toda parte exaltada, asfixiou o fermento divino da verdade sobrenatural, e a Europa, após ter repudiado a herança que ela tinha recebido de Jesus Cristo, a felicidade e a glória que ela devia ao Papado, demandou sua civilização, seu direito público, seu direito internacional, suas leis, seus costumes e suas artes, sua vida civil, sua vida social e sua vida política, não ao Espírito de verdade, de caridade e de virtude, descido sobre o mundo pela graça de Jesus Cristo, mas aos poetas, aos sábios, aos filósofos, aos retóricos, aos heróis, aos Césares, aos Brutus do velho paganismo.

Não encontramos um único teatro na Europa durante toda a duração dos séculos de fé. As nações elevadas na escola de Jesus Cristo e alimentadas pela seiva e pela medula do Evangelho, teriam corado de vergonha ao assistir representações teatrais, dramas, tragédias, comédias inspiradas nos costumes, nas fábulas impuras, nos crimes, na vida dos deuses e dos grandes homens dos séculos pagãos. A sociedade cristã não conheceu, não admirou outras cenas trágicas senão aquelas que tinham por finalidade imprimir em suas lembranças e no coração dos povos os prodígios imortais da caridade de Jesus Cristo. As palavras do Evangelho, as moralidades cristãs, reproduzidas em sua inocente simplicidade, sob os olhos dos fieis, popularizaram, no seio das nações católicas, os ensinamentos sublimes da revelação.

Ora, após o renascimento, cem mil teatros foram construídos, como por encantamento, sobre todos os pontos da Europa. Eles tomaram o lugar das Igrejas, das abadias, dos monastérios e das inumeráveis obras primas que o martelo destruidor das seitas heréticas, cismáticas e revolucionárias, tinham destruído. O teatro pagão, as comédias lascivas, de Aristófanes, de Anacreon, de Plauto, de Terencio, de Persa; as cenas licenciosas de Juvenal, de Catulo, de Tibulo, de Virgílio, de Ovídio, de Horácio; todas as produções sensuais da literatura idólatra foram aplaudidas com furor sobre todos os teatros da Europa paganizada. Milhares de peças, de tragédias, de dramas imitados, tanto no fundo quanto na forma, sobre as produções teatrais dos gregos e dos romanos, arrebataram as massas pelas fábulas impuras e corruptoras do paganismo. As exhibições teatrais tiraram o gosto, dos cristãos dos três últimos séculos, pelas divinos sabores dos fatos evangélicos e dos mistérios sagrados, que se desenrolam aos olhos dos fiéis no ciclo do ano litúrgico e das solenidades do culto divino. Mas o que ultrapassa o arrebatamento, é que corpos religiosos, devotados ao ensino e à educação da juventude, se acreditaram obrigados, no interesse das letras pagãs e da arte pagã, em construir, em seus colégios, salas de teatro para apresentar aos filhos regenerados na graça do santo batismo, peças de teatro, comédias e dramas universalmente consagrados à memória e à glorificação das ideias pagãs, dos deuses e dos heróis pagãos.

Há quatro séculos a febre das cenas de teatro tomadas emprestadas do paganismo tomaram desenvolvimentos tão assustadores, que no seio de nossas cidades populosas, mas, sobretudo, em Paris, vemos se reproduzir esta cólera pelo teatro, que se resumia para os pagãos de Roma, sob os Césares, nessas duas palavras de repugnante lembrança: *Panem et circense*. “Pão e circo”.

A Europa, durante os séculos de fé, não lia livros maus. Alguns romances manuscritos, alguns livros de cavalaria, formam toda a bagagem européia dos escritos perigosos. A literatura, a poesia, os livros, celebram e glorificam os mistérios da graça. As obras do pensamento tinham sua morada, sua única morada nos milagres do amor infinito que fez descer um Deus sobre a terra, para fazer dele o filho e o irmão do homem, a fim de que o homem torna-se o filho e o irmão de Deus. Ora, a Europa, há vários séculos, está inundada de livros ímpios e licenciosos. Todas as luxúrias, todas as imoralidades glorificadas pelos escritores luxuriosos da Grécia e de Roma foram reproduzidos, comentados, editados, traduzidos e impressos a centenas de milhares de exemplares. Montanhas de livros maus foram acrescentadas aos livros depravadores da antiguidade. Lemos com verdade: “Nosso século ama apenas os romances”. As imprensas da França e da Europa encheram o mundo de livros onde o cinismo do pensamento disputa com o cinismo da alma.



O folhetim, as produções mais imorais, espalhadas, distribuídas com uma prodigalidade realmente infernal, foram demolir a fé e os costumes da família até no último casebre do último vilarejo, até na última oficina da última fábrica. Todas as dejeções imundas da literatura contemporânea, todos os produtos fétidos dos romancistas, toda a lama da poesia teatral, se tornaram a pastagem mais procurada, a iguaria mais requintada para essas multidões de leitores de todas as idades, de todos os estados e de todos os sexos, que buscam nas leituras más um tipo de ópio moral, do qual eles não conseguem mais viver sem.

O espírito cristão tinha aniquilado as danças pagãs. Durante a era tão caluniada e tão desconhecida dos séculos de fé, não encontramos, por assim dizer, mais traços disso. As invectivas tão eloqüentes e tão fortes dos Doutores e dos Padres da Igreja contra as danças lúbricas, contra esses turbilhões voluptuosos dos bailes pagãos, cessam e desaparecem a partir do século quinto. O doutor angélico, a quem nada escapa e cuja suma de teologia toca em todas as questões da moral, não fala nem da dança, nem dos teatros, nem dos livros obscenos. A modéstia da mulher cristã, os costumes saídos do meio do cristianismo, tinham lançado no abismo do esquecimento todos os símbolos escandalosos do sensualismo dos séculos idólatras.

Por que, portanto, as danças, os bailes, todos os turbilhões voluptuosos, todos os enlaces culpáveis e corruptores das danças do paganismo antiga reapareceram? Por que, após mais de quinze séculos de anátema e de esquecimento, as danças imodestas e lascivas, praticadas, até nos templos, pelas nações pagãos retornaram, por assim dizer, universalmente? Por que essas danças anti-cristãs reavivaram, entre nós, um incêndio que nada pode mais apagar? Este elemento propagador do sensualismo saiu do renascimento, como também saíram os teatros e os livros obscenos.

A Europa atual colhe o que ela semeou. Ela ama, ela pratica, ela imita tudo o que os gregos e os romanos amaram, tudo o que eles praticaram, tudo o que eles fizeram durante esses séculos que nos apresentam como os modelos, por excelência, da majestosa língua e da bela civilização.

Os bailes, a ópera, as danças e os balés efeminados dos sílfides, das ninfas, das atrizes desse templo de todas as luxúrias, se tornaram a escola viva, o regulador permanente, o modelo inspirador de todas as danças reproduzidas, noite e dia, nos teatros da Europa. É desta escola que vem todas as danças dos bailes aristocráticos e dos bailes plebeus; e nos admiramos que a Europa mergulhe e se afunde nesse lamaçal do sensualismo? Nos espantamos que a carne tenha se tornado a implacável tirana da terra?

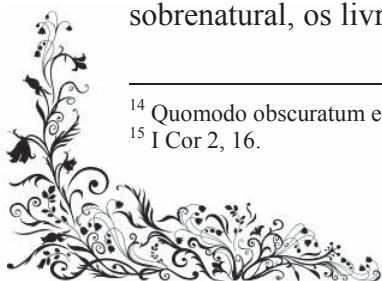
Depois de São Gregório, o Grande, até o renascimento do paganismo moderno, vimos desaparecer os jogos indecentes e os trajes escandalosos. A moral do Evangelho, após ter destronado o sensualismo incendiário dos teatros, das danças, dos livros obscenos, das artes voluptuosos e lúbricas do velho paganismo, conseguiu inspirar na mulher regenerada um horror invencível pela nudez e as indecências dos adereços.

O sentido das coisas divinas tinha penetrado tão profundamente nos hábitos da vida, nas leis da moral, que um atentado à dignidade da mulher católica em matéria de adereços escandalizava toda uma província. O nu nas indumentárias, a acusação sensual das formas físicas, todas essas invenções de um luxo asiático e efeminado, todas essas profanações sacrílegas que oferecem as mulheres mundanas desse tempo ares de atrizes e de cortesãs, que fazem delas umas espécies de ninfas, de ídolos da carne, de estátuas vivas, anatomicamente desenhadas pela modista e pela costureira, para os prazeres daqueles dos quais elas mendigam os louvores, e que as desprezam mesmo as perseguindo com seus olhares culpáveis; todas essas coisas, dizemos, não maculavam mais os costumes das nações civilizadas.

Como o ouro purificado dos costumes do Evangelho se obscureceu¹⁴? O sentido cristão, o sentido sobrenatural, os livros evangélicos quase desapareceram¹⁵. Na escola dos livros obscenos, na escola

¹⁴ Quomodo obscuratum est aurum, mutatus est color optimus? Jerem. Thron. IV, 1.

¹⁵ I Cor 2, 16.



dos teatros, jogos, danças, adereços escandalosos do paganismo novo, a carne cessou de ser uma hóstia viva¹⁶, como quer São Paulo. Ela deixou de ser crucificada com Jesus Cristo¹⁷. Ela cessou de ser uma vítima imolada pela graça do Espírito Santo, sobre o altar do pudor e da virtude.

Não somente o sensualismo moderno subiu a excessos que lhe dão um parentesco, uma consangüinidade assustadora com o sensualismo pagão; mas eu acrescento que o sensualismo de nosso tempo tomou um caráter dogmático, e que ele se tornou um culto, uma religião, um deus.

As nações idólatras fizeram deuses de todos os vícios. Elas elevaram templos a todos os demônios. Assim, os espíritos infernais, os príncipes de trevas não precipitaram somente a raça humana nos últimos excessos da corrupção, eles conseguiram ainda divinizar as paixões mais vergonhosas do homem. Eles se encarnaram, de algum modo, em todos os objetos da criação material. Eles se fizeram adorar na luz, no fogo, no ar, nos astros, nos mares, nos rios, nos bosques, na pedra, nas plantas, nos répteis, nos animais mais imundos. Eles descenderam vivamente na devassidão, no mal, no roubo, nos crimes mais monstruosos; na vergonha, no medo, na sujeira. Tudo era deus para as nações idólatras, exceto o verdadeiro Deus. Assim como todas as religiões são boas para os ímpios desse tempo, exceto a verdadeira religião.

Essas trevas imensas do antigo paganismo foram dissipadas pela luz do Evangelho. As nações assaltadas pela sombra da morte, marcharam nas luzes sobrenaturais das verdades reveladas. O admirável desvario que pesou durante vinte séculos sobre o mundo, não era mais possível. Para reproduzi-lo, seria preciso extinguir a luz das revelações divinas; - seria preciso aniquilar o reino de Jesus Cristo, desenraizar das entranhas das nações católicas, o culto da Santíssima Virgem, destruir, enfim, a monarquia imperecível da Igreja. Uma contravenção semelhante jamais ocorreu. Esse sonho diabolicamente ímpio não se cumprirá. Mas que fez Satanás? Ele ressuscitou, no começo do século dezesseis, com a ajuda de um ensino pagão, o sensualismo da Roma dos Césares. Ele embriagou, com o vinho de todas as luxúrias, as classes letradas da Europa. E, na medida em que o sensualismo, desenvolvido incansavelmente pelos teatros, pelas danças ímpias, pelos livros obscenos, por um luxo babilônico e pela glorificação de todos os prazeres, retomou sobre o mundo um império assustador, a razão apaixonada, paganizada como os costumes, como as leis, como a política e como as artes, se abriu aos erros e às heresias mais subversivas da ordem sobrenatural da graça e da caridade de Jesus Cristo.

A carne inflamada por todas as volúpias novas que o paganismo das letras tinha retornado na Europa, e que ele não cessava de glorificar, demandou à razão filosófica, doutrinas e sistemas que estivessem em harmonia com os apetites e com os instintos que o estudo e a admiração de todas as sujeiras da antiguidade pagã tinham excitados no seio da sociedade moderna.

Derramando sobre o mundo, por um ensino pagão, o vaso impuro do sensualismo dos piores dias do reino dos Césares, os espíritos de trevas trabalham para arruinar, na consciência das nações cristãs, a fé nos dogmas da graça. Eles tem por finalidade substituí-los pelas doutrinas degradantes do naturalismo, do racionalismo, do panteísmo ou do anticristianismo mais completo. Eles esperam que, oferecendo um caráter dogmático aos instintos mais vergonhosos do homem-animal, eles mergulhem para sempre a sociedade moderna no culto exclusivo da matéria.

Esta revolução produziu progressos assustadores. A burguesia européia embriagada, saturada das doutrinas anti-cristãs que ela tomou no ensino dos livros e nas ideias do paganismo Greco-romano, não crê mais nos dogmas divinos da ordem sobrenatural. Ela adora o ouro, a carne, a razão. Ela demanda o bem supremo somente da matéria. Ela quer produzir, ela gera seu Tabor, seu paraíso, seu céu, com a lama de todas as luxúrias e de todas as volúpias do homem físico. A Europa moderna crê apenas no progresso, nos prazeres. Ela elevou o culto das coisas materiais ao grau supremo de sua admiração, de suas esperanças, de seus desejos e de seu amor.

¹⁶ Rom 12, 1.

¹⁷ Gl 5, 24.



A negação do pecado original e do dogma fundamental da decadência é a consequência lógica, o fruto necessário da idolatria da carne. Como crer, com efeito, que a carne foi profanada, manchada, aviltada, degradada pelo pecado do primeiro homem, como se persuadir que toda a raça humana e a criação inteira participam na corrupção original, quando a carne e os prazeres da carne se tornaram o objetivo final, o termo definitivo e supremo do destino do homem e das sociedades?

O velho paganismo adorou a carne sob os nomes odiosos de Priapo, de Vênus, de Cupido, de Apolo, das Ninfas. Ele adorou o ouro sob o emblema não menos odioso de Mamom, de Mercúrio, de Plutão. O paganismo moderno adora a carne pelo culto de todas as volúpias, pelos transbordamentos do luxo, por todas as orgias da luxúria. Além e fora dos prazeres materiais, não há nada, absolutamente nada, para os pagãos de nosso tempo.

Os deuses da Europa financeira, industrial, da Europa sábia, racionalista, da Europa do renascimento, são: o deus lingote, o deus banco, o deus capital, o deus razão, o deus ventre.

Falem à Europa atual desta civilização que Nínive, Babilônia e a Roma dos Césares elevaram ao mais alto esplendor material, e sereis compreendidos; falem-lhe do dogma da degradação original do homem, da natureza e das coisas; falem-lhe da salvação pela imolação da carne, do progresso na verdade, na caridade e na virtude, e ela não vos compreenderá mais. Falem à Europa pagã deste tempo, da graça que nos diviniza, da ordem sobrenatural que promete às nossas esperanças a própria felicidade de Deus; falem-lhe dos mistérios sublimes de um Deus feito homem, de um Deus morto para o homem, de um Deus tornado o filho e o irmão do homem; de um Deus tornado o alimento e o pão vivo do homem, de um Deus partilhando sua glória e sua divindade com o homem, e provocareis apenas risos de repulsa e de impiedade; excitareis apenas o insolente desprezo de uma ignorância orgulhosa de sua bestialidade e gloriosa de sua estupidez.

O naturalismo pagão desse tempo ascendeu a seus últimos excessos. Ele se tornou uma doutrina, um símbolo, uma religião, um culto.

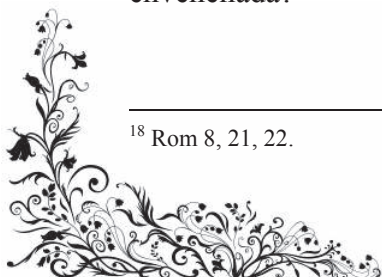
Vejamos agora como o dogma misericordioso da Imaculada Conceição é mortal ao sensualismo de nosso tempo, e se torna dele o remédio.

O Pontífice supremo, proclamando o dogma da Imaculada Conceição, ataca, em primeiro lugar, o naturalismo e o panteísmo, no fundo dos quais se escondem todos os erros e todas as corrupções do paganismo da renascença.

O mal, segundo o ensino católico, penetrou até nas entranhas do homem decaído. A natureza humana deteriorada, degradada em Adão, foi manchada de tal modo que tudo o que sairá dele, por via de geração, será profanado, degradado, manchado como ele. O pecado de Adão passa, assim, à sua posteridade, pois ela recebeu dele uma vida corrompida e uma natureza decaída. O pecado original vai adiante. Ele estende sua influência depravadora sobre os próprios elementos da criação. “A criatura, diz São Paulo, será liberta da corrupção, na liberdade gloriosa dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda criatura geme, e dá a luz com dor¹⁸”.

Mas o Deus três vezes santo, tendo decretado eternamente elevar uma filha de Adão à dignidade suprema de Mãe de Deus, teve de enriquecê-la, desde o primeiro instante de sua existência, de uma santidade proporcional à sua sublime vocação. Ele teve de preservá-la, em consequência, de todo atentado do pecado, de todo contato com o mal. Mas é um dogma de fé católica que tudo o que é gerado e concebido pela via ordinária das gerações humanas, participa na decadência original. Como o Onipotente se ocupará, para que a Bem-Aventurada Virgem, chamada a tornar-se sua Mãe, seja santa de uma santidade sem mancha, de uma santidade incomparável, ainda que ela nasça de um pai decaído, ainda que ela tire a vida da natureza, de um caule murcho, e de uma fonte envenenada?

¹⁸ Rom 8, 21, 22.



Esse segredo divino, Pio IX o diz à terra. Pio IX, proclamando como um dogma de fé, definindo dogmaticamente a Conceição Imaculada da Bem-Aventurada Virgem, ensina ao universo que a Conceição da mulher divina, da Eva divina, da Mãe do divino Redentor, é o milagre pelo qual o Onipotente resolveu o mais difícil e o mais singular de todos os problemas. E por esta definição solene, o naturalismo e o panteísmo são atingidos por um golpe que os esmaga.

O mal penetrou pelo pecado original até nas profundezas da natureza. Ele manchou toda a criação. Ele infectou todos os elementos e todas as existências, com exceção da Mãe Imaculada de Nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, o naturalismo é uma heresia. Portanto, a natureza está viciada, deteriorada, degradada em seu fundo. Portanto, ela não tem em si um princípio de bondade, de verdade, de perfeição, de progresso. Portanto, sem um remédio sobrenatural, divino, regenerador, a natureza permanece esmagada sob o peso da corrupção e da degradação que a oprime. Portanto, procurar o bem supremo, a felicidade última no naturalismo, é confundir Deus e a natureza; é identificá-los em uma mesma essência. É introduzir um panteísmo monstruoso, uma idolatria abominável; é fazer um deus do mal; é divinizar o mal; é repetir o primeiro artigo do símbolo do inferno: Deus é o mal.

Pelo dogma da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem, o Pontífice do Deus vivo golpeia de forma irreparável, portanto, o naturalismo pagão desse tempo.

O decreto da Imaculada Conceição faz resplandecer, em segundo lugar, a ordem sobrenatural da graça, com seu brilho supremo aqui na terra. Ele ressuscita na consciência, o dogma por tanto tempo ultrajado e por tanto tempo desconhecido da ordem sobrenatural e divina da graça.

Há duas ordens fundamentais distintas no plano imenso das obras de Deus. Há a ordem da natureza e a ordem da graça.

Essas duas ordens não possuem relações necessárias entre elas, obrigatórias, fatais. A natureza tem seus princípios elementares, suas leis constitutivas.

A graça também tem seus princípios geradores, suas leis divinas e sobrenaturais.

A natureza é o ser criado, considerado nos elementos, nos princípios necessários à sua existência, à sua realização. A graça é a vida de Deus acrescentada, por um prodígio da Onipotência, à vida da natureza. A graça é, para a criatura, uma participação na natureza divina¹⁹. A graça realiza, portanto, para a criatura inteligente, uma ordem infinitamente elevada acima da ordem puramente natural. Tirar do nada um ser material, um ser vivo, um ser humano, mesmo um ser angélico, é produzir coisas puramente naturais. Fazer um Deus do homem, elevar uma filha de Adão à dignidade suprema de Mãe de Deus, fazer dos filhos da raça humana, os filhos e os irmãos de Deus, é elevar seres criados à uma ordem sobrenatural, é colocá-los em comunicação com Deus por um modo de união sobrenatural e deífica, que ultrapassa a natureza e toda natureza, independente de qual ela seja, de qual ela possa ser, da distância que separa a vida de Deus da vida da natureza.

Ora, pelo dogma da Imaculada Conceição, o Pontífice supremo apresenta à admiração do universo uma filha de Adão miraculosamente preservada do vício da degradação original da raça humana, pois um decreto eterno a chama à dignidade sobre-eminente, à dignidade suprema, à dignidade infinita em seu gênero, da maternidade divina, a qual implica uma inocência, uma santidade, uma perfeição que deve ter acima dela apenas a santidade, a perfeição própria de Deus.

O decreto dogmático da Imaculada Conceição nos apresenta, em terceiro lugar, a Bem-Aventurada Virgem como a obra prima das criações do Espírito Santo no mundo sobrenatural da graça.

A graça santifica a natureza. Ela a cura, ela a purifica de todas as doenças, de todas as sujeiras do pecado. Ela a liberta das profanações que provém da fonte envenenada das gerações humanas. Ela

¹⁹ II Pe 1, 4.



faz mais: ela coloca na alma um elemento sobrenatural e divino que a incorpora a Jesus Cristo, que a faz participar na herança, na vida, nas graças, nas virtudes cujo Cristo recebeu em plenitude.

O batismo, por um prodígio divino, purifica o filho novo nascido; ele lava sua alma da sujeira do pecado original, e ele o gera, por uma geração totalmente divina, à vida de Jesus Cristo. “Vós todos que foram batizados no Cristo, revestistes o Cristo”²⁰.”

O sacramento da penitência, que é um segundo batismo, mas um batismo laborioso, apaga as faltas que o pecador cometeu violando a lei de Deus. A graça vai adiante. Ela descerá no seio da mãe de Jeremias e na mãe de São João Batista, para purificar, lavar o profeta das lamentações, e o grande precursor do Messias, da sujeira original, antes mesmo que eles tivessem visto a luz.

Mas a graça divina se elevará a um grau de magnificência, ela realizará seu maior prodígio, na Conceição Imaculada da Santíssima Virgem.

A Bem-Aventurada Mãe é chamada, por um decreto eterno, a tornar-se a filha de Deus, a esposa de Deus, a Mãe de Deus, o templo, o tabernáculo de seu Deus. Para estar à altura desta sublime vocação, esta augusta Virgem “deverá ser elevada, diz São Bernardino de Sena, à um tipo de igualdade com Deus, por uma infinidade de graças e de perfeições”.

Ora, esta Virgem predestinada deve nascer, por via de geração, de um pai decaído em Adão. Ela estará, portanto, submissa, como nós, à vergonhosa lei da decadência?

Não blasfememos, meus caríssimos irmãos, contra a caridade e a ternura inventiva do Espírito Santo; pois, se fosse possível e permitido suspeitar de que a Mãe de Deus pôde ser, mesmo que apenas no espaço de um segundo, a inimiga de Deus, tanto demandaria duvidar de sua própria dignidade. Abstemo-nos de pensar que a graça do Espírito Santo, que teve o poder de santificar São João Batista no seio materno, tivesse sido impotente para preservar a augusta Mãe de Deus da mancha de nossa origem. Abstemo-nos de pensar que um rio de graças não pudesse envolver a alma imaculada da Rainha dos anjos no momento em que ela era unida ao corpo virginal, que deveria tornar-se o tabernáculo de seu Deus.

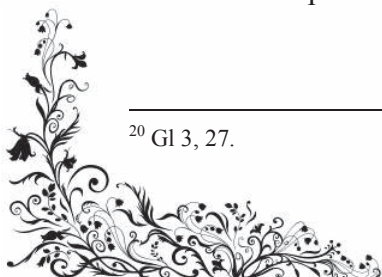
A Bem-Aventurada Mãe é chamada a tornar-se a Esposa, a Mãe de seu Deus. Ora, se esta divina Mãe de Deus, se esta Esposa única de Deus, se esta Filha bem amada de Deus é profanada no primeiro instante de sua existência pelos ultrajes comuns, pelas injurias originais, ela não é digna de tornar-se Mãe de Deus; ela não está mais à altura da vocação por excelência de Mãe de Deus. O decreto que predestina a Santíssima Virgem à incomparável dignidade de Mãe de Deus, a predestina, por isso mesmo, à uma inocência, à uma santidade, que só podem ter, acima delas, a santidade de Deus.

A Bem-Aventurada Mãe receberá, portanto, a graça santificante em seu grau supremo, em sua efusão suprema, em sua virtude suprema. A graça, se elevando ao mais alto ponto de sua energia e de sua eficácia, atingirá a Virgem imortal na fonte da vida, e no primeiro instante de sua existência. Ela irá preservá-la da ferida de nossa decadência original. Ela a envolverá em um oceano sobrenatural, a fim de que a serpente infernal não possa inocular nesta alma, mais preciosa que todo o universo, o veneno que degrada e que mata os filhos de Adão na própria fonte onde eles extraem a vida.

Pio IX, pelo decreto dogmático da Imaculada Conceição, faz, portanto, compreender claramente que a Bem-Aventurada Virgem é a obra prima do Espírito Santo no mundo sobrenatural da graça divina.

Esse mesmo decreto coloca o selo das últimas magnificências nas glórias da Santíssima Virgem, na cidade do tempo.

²⁰ Gl 3, 27.



É dogma de fé solenemente definido, de que a graça do Espírito Santo, se elevando em Maria à seu supremo prodígio, preservou a puríssima Virgem da mancha do pecado original. Duvidar voluntariamente de que a Bem-Aventurada Virgem foi predestinada à uma perpétua inocência, à uma pureza sem mancha, desde o primeiro momento de sua existência, é um erro contra a revelação; falar, escrever, agir no sentido de uma dúvida semelhante, é uma heresia que implica os anátemas da Igreja.

Antes da definição dogmática desse grande privilégio, uma dúvida, uma palavra, um escrito, contrários à Conceição Imaculada da Santíssima Virgem, não implicavam um naufrágio na lei católica.

O mistério das grandezas de Maria carecia ainda, portanto, do último reflexo, dos últimos esplendores de suas manifestações possíveis e realizáveis na cidade do tempo. A piedosa e universal crença do mundo católico na Conceição Imaculada de Maria, tão venerável quanto ela era, não abrigava suficientemente esta augusta Virgem contra a frieza das almas, contra as blasfêmias das seitas, contra os artífices e contra os tratos envenenados dos espíritos de trevas. A simples possibilidade de um desbotamento original na alma da Bem-Aventurada Mãe da graça, pesava como um peso doloroso sobre os corações que experimentam um tipo de ardor santamente apaixonado pelas glórias de Maria.

O Pontífice supremo dissipou para sempre todas as nuvens. O decreto dogmático coloca esse grande privilégio fora de toda suspeita. Ele faz conhecer ao universo que a divina misericórdia predestinou a Bem-Aventurada Virgem a uma santidade que o mal não poderia atingir, que nem mesmo a sombra mais leve de imperfeição poderia obscurecer. O Pontífice sublime ensina à todas as gerações que, sozinha com Jesus Cristo, a Virgem Imaculada pode lançar aos demônios e à todos aqueles que são inspirados pelo demônio, esse solene desafio: “Quem de vós me acusará de pecado²¹?”

O dogma da Imaculada Conceição faz, enfim, desse grande privilégio, o modelo de toda virtude, o excitador poderoso de toda pureza para os filhos da Igreja.

Para carregar uma dignidade infinita em seu gênero, seria necessário uma graça, virtudes, dons, méritos de algum modo infinitos. A maternidade divina toca a ordem da união hipostática do Verbo divino com a natureza humana, por um ponto de suprema união. A vocação sobre-eminente da Santíssima Virgem implica, pois, como o vimos, uma santidade que a aproxima, ao mais próximo possível, da própria santidade de Deus.

Filhos de Deus pela graça do santo Batismo, tocamos também na ordem de uma união sobrenatural e deífica com Deus. A graça de nossa regeneração nos incorpora em Jesus Cristo, nos torna participantes da vida de Jesus Cristo; ela faz de cada um de nós “os herdeiros de Deus, e os co-herdeiros do Cristo²²”. Ela nos dá um parentesco, uma consangüinidade com Jesus Cristo...²³. Mas isso é uma lei do mundo sobrenatural que Deus dá a cada um, uma graça proporcionada à sua vocação²⁴.

Mas junto da união pessoal do Verbo com a natureza humana, junto da união da Bem-Aventurada Virgem com Deus, por sua maternidade divina, não há nada tão elevado, na ordem da graça, quanto a união que nos faz os filhos adotivos de Deus, os irmãos de um Deus, os co-herdeiros de Jesus Cristo. Ora, o apóstolo São Paulo, falando daqueles que foram elevados a esse grau de união sobrenatural com o Cristo, que diz ele? Escutemos: “Aqueles que estão no Cristo crucificaram sua

²¹ Quis ex vobis, arguet me de peccato? Jo 8, 46.

²² Rom 8, 17.

²³ Ef 3, 6.

²⁴ Unicuique datur gratia, secundum id ad quod eligitur. D. Thom.



carne com suas concupiscências e seus vícios²⁵”. Escutemos ainda: “Se viveis segundo a carne, morrereis²⁶”.

Não devemos somente, como cristãos e como irmãos de Jesus Cristo, nos despojar do velho homem, morrer às obras da carne, crucificar a carne; mas devemos formar em nós, pela graça do Espírito Santo, o homem novo, o homem espiritual, o homem divino. Devemos viver, em uma palavra, dos pensamentos, do espírito, da própria vida de Jesus Cristo²⁷. O grande apóstolo, elevando o véu de nossa predestinação, não teme em ensinar que fomos “predestinados²⁸”, no Cristo, para sermos santos e imaculados diante de Deus, na caridade.”

A graça é o princípio criador da vida de Deus em nós. Para fazer um Deus do homem, a graça da união hipostática foi necessária. Para fazer uma Mãe de Deus de uma filha de Adão, foi preciso que Maria fosse imaculada em sua Conceição. Para fazer um cristão, para formar uma sociedade, um reino, um mundo sobrenatural, um mundo que só contém filhos e irmãos de Deus, é preciso que os filhos de uma raça decaída morram às obras da carne e vivam de uma vida sobrenatural e imaculada. *Sancti et immaculati*.

Revesti-vos de Jesus Cristo, acrescenta São Paulo, e em vossos desejos, não considerem a carne²⁹. O mesmo apóstolo escreve aos Efésios, que o Cristo morreu para gerar uma esposa que foi “santa, imaculada, [...], sem falhas³⁰”. “Trabalheis, diz ele aos Colossenses, para vos tornar santos, tornarem-se imaculados e irrepreensíveis³¹”.

A carne foi inundada no dilúvio universal, o Homem-Deus a imolou sob as varas do Pretório e sobre o altar da cruz. Ele fez disso uma hóstia, uma vítima de expiação, um sacrifício de salvação para a humanidade. O privilégio da Imaculada Conceição foi a glorificação suprema da carne de Adão na Bem-Aventurada e imaculada Virgem Maria, filha de Adão. À sombra do dogma de suas glórias, sob as doces influências do culto de sua concepção sem mancha, filhos da graça, servos da mais pura das Virgens, devemos trabalhar com todas as nossas forças para levar sobre esta terra de exílio uma vida santa, uma vida irrepreensível, uma vida isenta de sujeira, uma vida imaculada... *Ut essemus sancti et immaculati*.

Mas viver na carne para obedecer somente à seus apetites, para servir apenas as tendências mais materiais, mais grosseiras, é repudiar a herança divina dos filhos de Deus; é se tornar, de algum modo, culpável de apostasia da santidade e da virtude. Que pensar, pois, desses pagãos batizados que mergulham sem descanso e sem fim nos mais vergonhosos excessos da vida dos sentidos? Tal é o estado da Europa.

Nem os castigos eternos preparados àqueles que esmagam sua vocação divina, conhecem outra beatitude final e suprema como aquela das volúpias materiais, nem os sofrimentos e a morte de um Deus, movem e despertam a alma dos pagãos modernos. O culto da carne cresce dia após dia. O progresso dos impérios se mede nas flutuações da agiotagem, nos refinamentos da volúpia, nas transfigurações da matéria, nas metamorfoses de um luxo babilônico, no saciamento de todos os apetites, de todas as cobiças do homem físico.

Santa, tornado o deus desse século, como o diz São Paulo, apagou naqueles que estão com ele, a luz das coisas divinas. A graça e suas riquezas divinas, as criações maravilhosas do Espírito Santo no mundo sobrenatural, não dizem nada, absolutamente nada, para esses cristãos degenerados que mergulharam nos prazeres da matéria. Somente a sensação é o princípio e o fim de todas as coisas: o alfa e o ômega do paganismo novo.

²⁵ Gl 5, 24.

²⁶ Rom 8, 13.

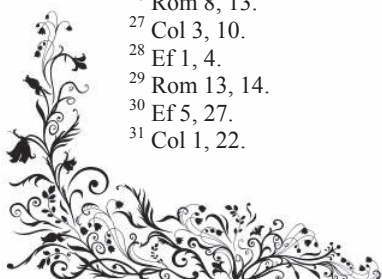
²⁷ Col 3, 10.

²⁸ Ef 1, 4.

²⁹ Rom 13, 14.

³⁰ Ef 5, 27.

³¹ Col 1, 22.



O sensualismo de nosso tempo é, sobretudo, mortal à missão reparadora da mulher cristã. Se a mulher regenerada pela graça de Jesus Cristo e pela influência miraculosa do culto da Virgem Imaculada não for um anjo, ela não tardará em tornar-se um demônio. O apostolado regenerador do qual a mulher cristã tornou-se o instrumento, sob o império do Espírito Santo, a devotou a uma vida sobrenatural, a uma vida de sacrifícios, de imolação, de piedade e de boas obras. Para arrancar a família à chaga voraz do sensualismo pagão deste tempo, para fazer reinar em seu seio a inocência e a virtude, é preciso que a esposa, que a mulher católica, carregue em sua alma um lar de caridade e de santidade. Seus sentimentos, suas palavras, suas obras, sua vida inteira deve ser penetrada e como embebida do Espírito de Jesus Cristo. Uma mulher digna da missão divina do qual ela é encarregada por sua vocação de virgem, de esposa, de mãe e de viúva cristã, deve espalhar no santuário doméstico todos os perfumes da piedade, da fé, da graça de Jesus Cristo. Ela deve dizer a todos aqueles que vivem em torno dela: “Sejam meus imitadores, como eu sou imitadora de Jesus Cristo³²”.

Ora, como uma mulher fascinada pelas seduções inebriantes do mundo, como uma mulher entregue a todas as práticas dos prazeres, poderia fazer de sua alma o santuário da graça e da modéstia?

Quais virtudes sobrenaturais queremos que pratiquem mulheres que não conhecem mais outra moral senão aquela dos romances? Qual missão de zelo, de caridade, de santidade e de bons exemplos poderia abarrotar mulheres que vão solicitar a atores, comediantes, lições de devotamente e de sacrifício? Como estabelecer os costumes familiares com mulheres que se entregam, com um escandaloso furor, as danças que se tornaram o sepulcro de todo pudor, de toda modéstia, de toda castidade?

Quais frutos de piedade, de santidade e de virtude podemos pedir às mulheres, cujas entregas indecentes e escandalosas fazem baixar os olhos aos homens menos escrupulosos em matéria de costumes? [...]

O inferno descobriu, há vários séculos, a bandeira de todas as luxúrias, de todos os transbordamentos do velho paganismo. De um extremo ao outro da Europa, Satanás diz a todos aqueles que ele envolveu sob a bandeira das volúpias pagãs: “Eu vos darei todas as delícias e todas as glórias da terra se, se prostrando a meus pés, me oferecerdes o incenso de vossas adorações e de vossas homenagens³³”.

O dogma da Imaculada Conceição se levanta sobre o mundo para ressuscitar nas almas o sentimento de sua dignidade. Eis aí a bandeira à sombra da qual devem combater doravante todos os discípulos e todos os irmãos do Filho divino de Maria. Eis a oriflama brilhante que deve proteger todas as mulheres marcadas pelo sinal regenerador da graça, e, a quem o culto da modéstia, da pureza e da virtude é ainda caro. Esse dogma de salvação e de misericórdia vem espalhar sua luz casta sobre nossas trevas, a fim de dissipá-las. Ele desdobra a nossos olhos todos os esplendores da santidade de nossa Mãe divina, a fim de nos fazer melhor compreender a desordem de uma vida entregue ao culto das paixões.

Mas se queremos servir ao mesmo tempo o Deus do Calvário e os príncipes do mundo; se homenageamos a Virgem Imaculada, e obedecemos escandalosamente à tirania de um luxo indecente e corruptor; se trazemos sobre nossas cabeças os emblemas da piedade e as entregas do mundo; se adoramos a cruz e se somos sedentos pelos prazeres da matéria, provocamos a cólera divina. Despertamos o trovão da justiça eterna; profanamos o templo do Espírito Santo; erigimos altares ao espírito de trevas e ao demônio da luxúria.

³² *Imitatores mei estote sicut et ego Christi.* Fl 3, 17.

³³ *Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.* Mt 4, 9.





IMACULADA CONCEIÇÃO

O Dogma da Imaculada Conceição é Mortal ao Racionalismo

Ego autem rogavi pro te (Petre), ut non deficiat fides tua: et tu aliquando conversus, confirma fratres tuos.

Eu orei por ti (Pedro), a fim de que tua fé não desfaleça nunca; quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos.
Lucas 22, 32.

Nosso Senhor Jesus Cristo prometeu duas coisas a São Pedro e a todos seus sucessores sobre a sé indestrutível da Roma dos papas. O Cristo, Filho do Deus vivo, declara, em primeiro lugar, que Ele orou por Pedro a fim de que sua fé não desfaleça, não vacile, não se altere jamais.

O divino Salvador acrescenta que Pedro, divinamente preservado de toda vertigem na fé, guardará, não somente o incorruptível depósito das revelações divinas, mas que ele confirmará seus irmãos, ou seja, o episcopado católico; e, pelo episcopado, o clero e os fiéis contra as conspirações do cisma e da heresia, contra as negações e as blasfêmias da impiedade. “Eu orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça jamais; quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos”. Ora, tudo o que o Homem-Deus promete a São Pedro, Ele o prometeu, na pessoa de Pedro, a todos seus sucessores sobre a sé apostólica.

Assim, o Papado é divinamente constituído para guardar o depósito imortal dos dogmas sagrados da fé; para vigiar sobre a herança inalterável das revelações divinas; para assegurar para sempre o reino da verdade sobre a terra.

O Papado recebeu, na pessoa de São Pedro, o grande, a indefectível missão de confirmar o episcopado católico contra todos os abalos do erro, da heresia e da infidelidade. O Papado é a pedra, o fundamento sobre o qual o episcopado, o sacerdócio, o corpo inteiro dos fiéis se apóiam para resistir para sempre aos esforços conjurados de todos os inimigos da Igreja. Pedro, sempre vivo no Papado, confirma seus irmãos, ele lhes comunica uma força contra a qual são despedaçados e se despedaçarão eternamente todos os furores do inferno. *Portae inferi non praevalerunt*¹.

O sensualismo desesperado desse tempo, reprodução viva do sensualismo dos séculos pagãos, nos oferece o espetáculo da desordem moral alcançada em seus excessos monstruosos. O sensualismo do mundo antigo derramou sobre a raça humana o vaso ignominioso de todas as corrupções, de todas as abominações materiais, e foi divinizado. Ora, o sensualismo moderno é marcado, nós o vimos, com a dupla característica das luxúrias mais colossais e de uma vergonhosa idolatria.

Os teatros pagãos, o luxo pagão, a inundação dos livros licenciosos e ímpios, as danças pagãs, os adereços escandalosamente indecentes, as intemperanças, os deboches, as orgias de toda espécie, são um esforço desesperado da vontade, pedindo à matéria, e somente à matéria, a felicidade suprema ou o gozo supremo do bem absoluto. O paganismo antigo teria destruído a humanidade se a graça descida do Calvário e do Cenáculo não tivesse extirpado o cancro que terminaria por devorar os últimos retalhos do cadáver pagão. O sensualismo de nosso tempo destruirá a Europa, se o culto da Imaculada Conceição não a arrancar do culto da matéria.

¹ Mt 16, 18.



O Pontífice supremo, pelo privilégio dogmático definido da Conceição Imaculada da Santíssima Virgem, oferece à terra um remédio divino, um remédio onipotente contra o naturalismo brutalizador, que leva o homem e a sociedade à extinção total do sentido moral, e mais ainda, do sentido cristão, colocando na sensação, e somente na sensação, o bem supremo e o destino final do homem.

Mas outra chaga devora o mundo. Esta chaga é aquela do racionalismo. O paganismo do mundo antigo destruiu a virtude pelo reino do sensualismo mais monstruoso. Ele dissipou a herança tradicional da verdade pelo reino do racionalismo, pela emancipação criminal e pela idolatria da razão. O reino dos sofistas foi tão fatal ao mundo pagão quanto o reino dos Césares. Os *porcos* coroados que fizeram da Roma pagã uma cloaca, não foram tão inimigos da raça humana quanto o foram os sofistas, precipitando a razão em um ceticismo desesperado.

Ora, a Europa herdou o racionalismo pagão, assim como ela herdou o sensualismo pagão. O racionalismo moderno saiu das entranhas do renascimento, assim como saiu o naturalismo pagão de nosso tempo. “Colhemos, diz o Apóstolo, o que semeamos².” Há quase quatro séculos, os sofistas da Grécia e de Roma tornaram-se os instrutores e os mestres das gerações de estudantes dos colégios e das escolas da Europa.

O racionalismo destruidor da verdade e pai do ceticismo se produz sob três formas distintas no seio da sociedade moderna. Há o racionalismo protestante, o racionalismo teológico e o racionalismo filosófico dos livres pensadores. Essas três formas do racionalismo tem uma mesma origem. O racionalismo dos livres pensadores, o racionalismo bíblico ou protestante e o racionalismo teológico ou o galicanismo, descendem do ensino pagão da Renascença.

Ora, o decreto dogmático da Imaculada Conceição é mortal ao racionalismo, considerado sob esses três aspectos. Vejamos, inicialmente, como o dogma da Imaculada Conceição, solenemente proclamado por Pio IX, golpeia com um golpe mortal o racionalismo das seitas protestantes.

O protestantismo, filho do renascimento, é apenas uma forma do racionalismo pagão. Os sofistas do qual a Europa absorve desde o renascimento as ideias filosóficas, não admitem outras verdades senão aquelas da ordem puramente natural. A ordem sobrenatural ou revelada não existe para eles. A equação entre a razão e o objeto conhecido pela razão, tal é o princípio e o termo do racionalismo. Tudo o que não se reduz a uma equação, não é nada para os livres pensadores.

As seitas protestantes admitem a revelação. Elas crêem em uma ordem sobrenatural. Mas o supernaturalismo, como o chama Guizot, só se encontra na Bíblia. A Bíblia, submetida ao exame da razão; a Bíblia explicada, interpretada pela razão individual, ou o livre exame aplicado à Bíblia, eis aí a base, o princípio, a essência própria do protestantismo. Ora, o que é isso senão uma das formas do racionalismo pagão da renascença?

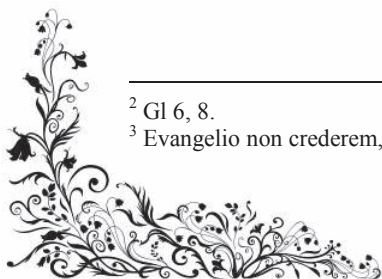
O sofista pagão só admite o que é evidente por sua razão. O sofista bíblico só crê na Bíblia baseado nos dados de sua razão. A razão protestante, o livre exame, ou a infalibilidade individual, tal é o fundamento sobre o qual repousa a Bíblia e tudo o que ela contém.

O racionalista protestante que pede somente à razão, e não à Igreja, o sentido verdadeiro, o sentido sobrenatural, o sentido divino e revelado da Bíblia, não é cristão, ele não passa de um sofista. A Bíblia cessa de ser para ele um livro inspirado, um livro divino. Ela é apenas mais uma obra completamente humana, que a razão soberana do indivíduo admite ou rejeita ao seu agrado.

O católico crê na Bíblia e em tudo o que contém na Bíblia baseado na autoridade infalível da Igreja. Ele diz com Santo Agostinho e com todos os doutores católicos: “Eu não acreditaria na Bíblia se a autoridade da Igreja não me fizesse crer nela³.”

² Gl 6, 8.

³ Evangelio non crederem, nisi me moveret auctoritas Ecclesiae. Aug.



O simples fiel encontra no ensino infalível da Igreja um meio fácil, um meio popular, universal, irrefutável de conhecer a Bíblia e tudo o que ela contém. O sofista protestante que submete a Bíblia à autoridade suprema do livre exame, pergunta à sua razão duas coisas que ela não lhe dará nunca. Ele lhe pergunta, em primeiro lugar, o que é a Bíblia. Ele lhe pede, em segundo lugar, qual é o sentido da Bíblia; e a razão impotente não tem cessado, não cessará jamais de responder, como o Eunuco da rainha de Etiópia respondeu ao santo diácono Filipe: “Como posso eu saber isso, se ninguém me ensina⁴.”

Fora da tradição católica, fora da Igreja sempre una, sempre viva, sempre apoiada sobre Pedro e seus sucessores, a eternidade escoaria para o racionalista protestante antes que ele pudesse conhecer indubitavelmente, e de uma *visão de equação*⁵, se a Bíblia é um livro divino e inspirado; antes que ele pudesse saber de um modo infalível se a Bíblia traz um caráter de autenticidade, de inalterabilidade, de inspiração e de sobrenaturalidade; antes que ele pudesse penetrar em sua verdade pura, em sua realidade substancial, o sentido verdadeiro, o sentido divino ou revelado.

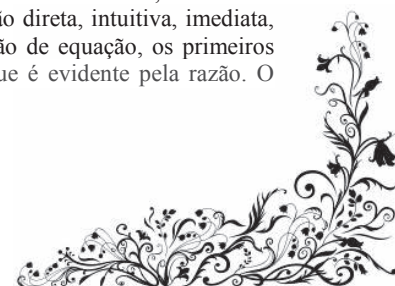
O livre exame é o maior inimigo da Bíblia. O livre exame fez sair da Bíblia mais erros do que as linhas que ela contém. Entregue às suas dúvidas, às suas investigações solitárias e tenebrosas, o racionalista protestante não crê mais na Bíblia. Ele crê apenas em si. Submetida à soberania da razão individual, a Bíblia deixa de ser para ele um livro sobrenatural, um livro inspirado. A Bíblia é, nas mãos dos protestantes, apenas um fruto de discórdia. Ela é uma pedra de escândalo para a razão ignorante que tem a pretensão orgulhosa de citar o Verbo divino em seu tribunal, de medir os impenetráveis mistérios da revelação e as invenções da sabedoria eterna com o compasso de suas dúvidas, com seus sofismas e suas blasfêmias. É fácil, mesmo àquele que não leu a Bíblia, que não a lerá nunca, que não sabe ler, vir nos dizer: “Eu creio na Bíblia”. Mas a Bíblia não fala; a Bíblia não ensina e nem prega. Ela se deixa ler a quem quer lê-la. Ela não diz nada àquele que a entende mal. Ela não lhe ensina em qual sentido ele deve entender o que ela contém. Não há um versículo, um texto da Bíblia do qual não podemos extrair significados diversos e sentidos múltiplos. Ora, qual sentido é o bom? Qual é o verdadeiro? Qual é o sentido divino, o sentido positivamente revelado? Há no Evangelho um texto mais conciso, mais nítido, mais claro que esse texto: “Este é meu corpo⁶”. E, todavia, de quantas maneiras o livre exame traduziu, comentou, explicou, torturou essas quatro palavras para estabelecer que, dizendo: “Este é meu corpo”, o Filho de Deus quis dizer e disse: “Este não é meu corpo”, mas a sombra, a imagem, a figura, a aparência de meu corpo. O cardeal Berlamino contou duzentos significados diversos dados pelos protestantes à essas quatro palavras para negar a transubstanciação e a presença real. As seitas protestantes extraíram, pelo livre exame, do mesmo texto dos livros santos, o sim e o não; a verdade e o erro; o bem e o mal; a ordem e a desordem; o vício e a virtude; a vida e a morte.

Os arianos fizeram dizer à Bíblia que o Verbo de Deus é apenas a criatura de Deus. A Bíblia dizia ao espírito privado de Nestório e de sua seita que há em Jesus Cristo não somente duas naturezas distintas, mas duas pessoas distintas. Os maniqueus se serviram dos textos bíblicos, entendidos à maneira protestante, para propagar a abominável heresia dos princípios. Os monotelitas procuraram estabelecer pelo mesmo caminho do sentido privado que há em Jesus Cristo apenas uma vontade. Os gnósticos apoiaram seus erros imundos sobre passagens extraídas da Bíblia, e passados pelo crivo do livre exame. Pelágio pregava o naturalismo mais audaciosos com palavras de um livro que toca, por cada palavra, na ordem sobrenatural. Maomé teve a impudicícia de tornar a Bíblia cúmplice do Corão. Fócios, pai do cisma grego, chegou, pelo sistema do racionalismo bíblico, a

⁴ Atos 8, 51.

⁵ N.d.t.: O racionalismo parte desse princípio: não há verdade, senão o que é evidente para a razão; ou, em outros termos, só há verdade na equação entre a razão e o objeto conhecido pela razão. Mas, o que é a equação? A equação, diz Santo Tomás, não é outra coisa senão a luz dos primeiros princípios. A equação é a clara visão de um objeto pela razão; é a visão direta, intuitiva, imediata, pela razão, do objeto que ela contempla. Assim, a razão conhece de uma visão intuitiva, de uma visão de equação, os primeiros princípios da razão natural. O erro fundamental do racionalismo é de só admitir como verdade, o que é evidente pela razão. O racionalismo demanda à razão luzes que ela não tem.

⁶ Mt 16, 26.



negar a hierarquia, a supremacia do Pontífice romano sobre toda a Igreja, a processão do Espírito Santo pelo Filho, etc., etc.. Os albigenses, os valdenses, os wiclefistas, os hussitas, os begardos, e cem outras seitas abomináveis pilharam, incendiaram, cometeram todos os crimes, se inspirando em passagens da Bíblia, comentadas pelo sistema do livre exame.

Henrique VIII, a infame Isabel, Cromwel, praticaram o roubo, o assalto, os deboches mais hediondos, os massacres mais horríveis, todas as contravenções imagináveis procurando na Bíblia, pelo método do racionalismo, a justificação e a consagração divina de seus excessos horríveis.

Lutero, Calvino, Zwingle, Teodoro de Bése, Ecolampade, Melanconton, todos os pretendidos reformadores do século XVI proclamam, com uma audácia extraordinária, o direito radical que todo cristão tem de interpretar a escritura santa somente por sua razão. Esses teólogos, livres pensadores, extraíram da interpretação individual da Bíblia a inutilidade das boas obras para a salvação, a escravidão irremediável do livre arbítrio; a fé sem as obras; o fatalismo, o divórcio, a poligamia, o culto da carne, o horror da virgindade, do celibato cristão, da penitência, do jejum, etc., etc.. Em nome da Bíblia, e pela autoridade dos textos bíblicos, do sentido dos quais eles sozinhos se constituíam juizes, eles ofereceram o trajeto à todas as paixões, canonizaram todas as luxúrias e glorificaram todos os deboches.

Socino pregava o deísmo puro, a Bíblia à mão. Os ministros protestantes de Genebra demoliram o dogma da divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo com o martelo do livre exame. A exegese alemã devorou o sobrenaturalismo da Bíblia. Strauss e os racionalistas de sua índole viam apenas mitos nos livros santos. Os terroristas de 93 fizeram do Evangelho um código de democracia selvagem, e de nosso adorável Salvador, um jacobino.

Os anarquistas desse tempo, os socialistas, os comunistas, as seitas ocultas de todo tipo, encontraram na Bíblia, submetida ao livre exame, a justificação da pilhagem, do roubo praticado na maior escala, das conspirações políticas e sociais da exterminação e do ateísmo. Cabet escreveu o catecismo do comunismo mais horrível com palavras extraídas do Evangelho e comentadas segundo o princípio protestante. Podemos atear fogo aos quatro cantos da terra oferecendo às paixões anárquicas da massa o direito de interpretar a Bíblia.

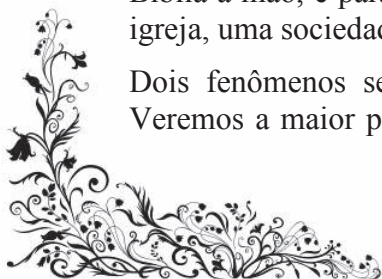
Mazzini, Garibaldi, todos os *mandris* revolucionários que cobrem a Itália de assassinatos, de pilhagem, de sacrilégios, de ruínas e de sangue, tem, sem cessar, à boca, textos bíblicos para glorificar os atentados, as espoliações, todos as contravenções dos quais eles são os autores ou os cúmplices. Escutamo-los urrar a blasfêmia contra a Igreja e contra seu líder se inspirando em textos da Bíblia.

É na Bíblia comentada pelo espírito de Satanás, o pai e o mestre deles, que eles vão tomar o direito de despojar o Papado de uma soberania temporal necessária ao governo da Igreja, e que, apoiada sobre uma posse de doze séculos, é a mais legítima de todas as soberanias.

O racionalismo bíblico, destruidor do elemento revelado, pai de todas as heresias, inimigo implacável de toda fé divina, criou a anarquia religiosa mais irremediável no seio das seitas protestantes. Não há dois espíritos protestantes que se vinculem por um laço religioso. O protestantismo, como sociedade, como religião, como Igreja, não existe, não é possível. Lá onde a unidade não existe, não pode haver, não há princípio de vida, de elemento gerador, de força de coesão. Não há corpo vivo, sociedade viva, por consequência, Igreja. O protestantismo não é mais uma igreja, é apenas uma agregação de ladrões, de saqueadores, de anarquistas e de assassinos, não é uma comunidade regular ou um exército disciplinado, disposto em ordem de batalha.

As seitas protestantes não obedecem a ninguém em matéria de fé religiosa. Cada indivíduo, com sua Bíblia à mão, é para si, e somente para si, um sacerdote, um pontífice, um papa, um concílio, uma igreja, uma sociedade.

Dois fenômenos se produzem no seio desse caos religioso que chamamos de protestantismo. Veremos a maior parte das seitas protestantes mergulharem no puro racionalismo. A Bíblia não é



nada para elas. Elas percebem aí apenas um retalho de fábulas, de mitos, de quimeras que a razão filosófica não admite, não pode admitir. Essas seitas caem no fundo do ceticismo religioso, e o ateísmo as envolve sob a bandeira sangrenta do socialismo e do direito mazziniano. Vemos se produzir de um lado, entre os povos protestantes, um movimento providencial e misericordioso. Milhares de homens se sentem impelidos nos braços da Igreja. Buscam de boa fé a verdade, compreendem que ela não pode ser o fruto do orgulho; e que, longe de poder encontrar em si mesma ou na Bíblia a regra imutável de suas crenças e de seus deveres, a razão individual tinha apenas o triste privilégio de se quebrar contra o escudo dos mais estúpidos e, muito frequentemente, dos mais monstruosos erros, para se afundar na noite do ceticismo religioso e adormecer, de lassidão ou de desesperança, no braço da indiferença, que é apenas em si mesma um verdadeiro ateísmo.

A proclamação solene do dogma da Imaculada Conceição é o último recurso de salvação oferecido às nações protestantes que o livre exame despojou de todo princípio de vida sobrenatural.

Jamais a unidade da Igreja, jamais a obediência do corpo místico de Jesus Cristo tinha resplandecido com um brilho comparável àquele cujo universo foi testemunha.

Que vimos? Que ocorreu no mundo depois que Pio IX definiu dogmaticamente a Conceição Imaculada da Bem-Aventurada Mãe de Jesus Cristo?

O que vimos, o que os anjos contemplaram do alto do céu, é que o corpo inteiro do episcopado, do clero e dos fiéis se inclinou sob o decreto pontifical, como ele se estivesse inclinado sob a própria palavra de Deus, se ela fosse ouvida diretamente pela humanidade. O vigário de Jesus Cristo, em virtude da autoridade divina, infalível e suprema que ele toma de Jesus Cristo, pronuncia, define, decide, declara que a Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria foi isenta da mancha do pecado original; que o veneno da decadência jamais penetrou na alma imaculada da Mãe divina do Verbo encarnado. Esta grande definição, esta declaração solene e dogmática é recebida por todo o episcopado, por todo o clero, pelo corpo inteiro dos fiéis, com uma obediência filial e respeitosa. Ela é recebida como o símbolo da fé é recebido; ela é recebida como a expressão de um decreto eterno, como um oráculo divino, como o eco vivo do Verbo de Deus, falando ele próprio ao universo, pela boca daquele que toma seu lugar.

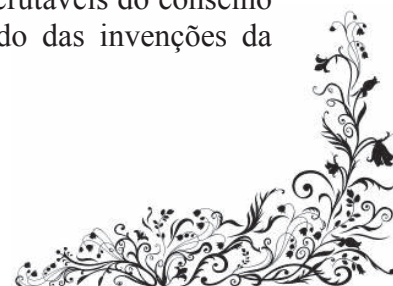
O Pontífice supremo formula o decreto dogmático que ensina ao mundo que a humilde Maria é o milagre da graça, a obra prima do mundo sobrenatural, a criação mais preciosa das invenções do Espírito Santo, a pérola do mundo angélico. E, de um extremo ao outro da terra, leigos, sacerdotes, simples fiéis clamam: “Pedro falou pela boca de Pio IX”. “Roma falou, a causa está terminada⁷”.

As seitas protestantes, contudo, tinham feito escutar gritos de cólera, de ódio e de desesperança. Ouvimo-las rugir como leões nos jornais da Europa e do Novo Mundo. Esperando assustar o sucessor de São Pedro e retardar o dia que ele deveria colocar o selo das supremas magnificências ao culto da Virgem Imaculada, elas tinham profetizado, para a Igreja romana, rupturas, divisões e cismas. A imprensa incrédula e ímpia, se unindo à imprensa protestante, declarava que a Igreja, por esta proclamação intempestiva, iria ver nações inteiras se desligarem de seu seio; que uma luta encarniçada iria colocá-la em chamas, e que ela não tardaria em tornar-se o palco de uma imensa insurreição e de uma desobediência merecida.

Todos esses ruídos do inferno, todos esses ecos de um ódio que remonta ao próprio dia da queda dos anjos prevaricadores, não pôde retardar um só momento a manifestação de um decreto que estava escrito no Livro eterno.

Um dogma esmagador para o racionalismo, um dogma reparador de todas as blasfêmias vomitadas pelo demônio da heresia contra a Virgem Imaculada, sai das profundezas inescrutáveis do conselho divino. Pio IX, de imortal memória, vai tomá-lo no segredo mais escondido das invenções da

⁷ Per os Pii IX, Petrus locutus est (Hist. Eccl.), Roma locuta est, causa finita est. (Hist. Eccl.)



sabedoria eterna, para lançá-lo ao universo. E eis que duzentos milhões de fiéis, disseminados sobre todos os pontos da terra, o recebem de joelhos.

Extinguindo pelo poder da graça a sombra da dúvida no fundo da consciência, os pastores e as ovelhas se ligam à palavra Pontifical pelas raízes de sua existência. Eles tomam o céu e a terra como testemunhas de que nenhum poder, de que nenhum suplício poderá abalar as convicções que o Pontífice infalível acaba de criar neles.

Assim, o dogma da Imaculada Conceição, proclamado do alto da cátedra de São Pedro, faz brilhar no mais alto grau a unidade miraculosa da Igreja, o poder soberano do Pontífice romano e a obediência sobrenatural do corpo místico de Jesus Cristo no chefe visível que ele lhe deu.

Esse dogma dá um golpe desesperado nas seitas que o individualismo devora, mostrando sua nudez e sua impotência. Ele apresenta, enfim, a todos os filhos da heresia que buscam de boa fé a verdade, um fato divinamente providencial, marcado por sinais tão brilhantes, tão palpáveis e tão irresistíveis de luz, que é preciso violentar todas as potências da alma para não perceber nele a marca indelével, a marca sobrenatural e miraculosa da mão do próprio Deus.

Já acrescentamos que o decreto dogmático da Imaculada Conceição era mortal ao racionalismo teológico ou ao galicanismo. É o que iremos estabelecer.

O racionalismo protestante, nós o vimos, tem um parentesco necessário com o racionalismo pagão da renascença. O racionalismo puro não reconhece a autoridade soberana e infalível, se essa não for a razão individual. Ele não admite a ordem sobrenatural ou revelada.

O racionalismo protestante admite a autoridade divina da Bíblia e a ordem sobrenatural ou revelada, cuja Bíblia é a expressão; mas na condição expressa de que a Bíblia e tudo o que ela contém alçará do tribunal da razão, do livre exame ou da autoridade soberana da razão do indivíduo, o que, em última análise, reduz o protestantismo a um puro racionalismo.

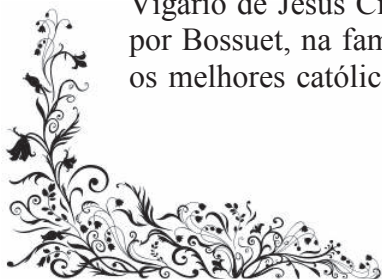
Mas o que entendemos pelo racionalismo teológico?

O racionalismo teológico ou o galicanismo é o direito que se atribuem certos teólogos de mudar as condições da autoridade suprema e infalível do Pontífice romano a fim de diminuí-la, a fim de desnaturá-la, a tornado dependente de uma sanção que é tão somente um puro sistema da razão.

O racionalismo galicano ataca o papado. Ele enfraquece o poder supremo dele. O racionalismo galicano, com efeito, em virtude de sua razão individual, ousa avançar que os decretos emanados da cátedra pontifical só revestem um caráter de autoridade irreformável, infalível, tendo direito de comandar a fé, quando eles recebem a sanção suprema do episcopado reunido ou disperso, o qual oferece aos decretos do Papa um assentimento tácito ou formal. O galicanismo é apenas, logo, uma forma do racionalismo.

A Bíblia soberanamente interpretada pela razão individual, a Bíblia submissa, em última instância, à sanção suprema do livre exame, eis, para todas as seitas protestantes, a pedra angular da ordem sobrenatural ou da verdade revelada. O racionalismo protestante se orgulha de crer na Bíblia, de adorar a Bíblia, de tomar a Bíblia como princípio para regular suas crenças e seus deveres, ele crê, na verdade, apenas nos sonhos do individualismo, ele solicita a verdade e a luz apenas às visões enganadoras do pensamento individual. Um texto da Bíblia é uma autoridade, um ensino divino, somente enquanto esse texto é interpretado, explicado, julgado, selado, se ousar assim dizer, pela razão individual.

O mesmo ocorre no racionalismo teológico ou galicano. O teólogo galicano se gaba de estar submisso, de fato, a todos os decretos, a todas as decisões, a todas as bulas, a todas as encíclicas do Vigário de Jesus Cristo. Ele toma o céu e a terra como testemunha de que as opiniões formuladas por Bossuet, na famosa declaração de 1682, não impedem os partidários dessas opiniões de serem os melhores católicos do mundo; a verdade é que o teólogo galicano se faz juiz, e juiz em última



instância, da natureza, do entendimento, das características e das condições da autoridade do Pontífice romano.

Os livros santos, a tradição universal, a fé permanente da Igreja, as decisões solenes dos santos concílios, colocam no Pontífice romano, e somente no Pontífice romano, o pleno e supremo poder para governar toda a Igreja⁸. E o teólogo galicano ensina que o Concílio geral é superior ao Pontífice romano. Ele ensina que os decretos pontificais necessitam da sanção episcopal para revestir um caráter de infalibilidade dogmática. Ora, esta maneira de ver, esta insurreição teológica contra a Igreja, esta pretensão temerária de citar no tribunal do livre exame a autoridade divina do Vigário de Jesus Cristo, para aí discutir os direitos, a natureza e as condições, se converte no racionalismo protestante, que é tão somente um racionalismo filosófico ou pagão.

O racionalismo protestante crê na infalibilidade dogmática e sobrenatural da Bíblia somente sobre o apontamento da razão individual ou do livre exame, e o racionalismo galicano crê na infalibilidade sobrenatural e dogmática do Papa somente pelo apontamento e a sanção do episcopado reunido ou disperso.

O racionalismo protestante termina na democracia religiosa mais irremediável, e o racionalismo galicano destrói a monarquia divina da Igreja, para fazer dela uma pura aristocracia.

O racionalismo protestante, no lugar de apoiar a razão individual sobre a palavra de Deus, consignada na Bíblia, oferece como base e por apoio à autoridade divina e sobrenatural da Bíblia, o livre exame ou a autoridade pretendida infalível da razão individual.

O racionalismo galicano, no lugar de apoiar a autoridade episcopal sobre aquela à quem Jesus Cristo disse: “Confirma teus irmãos⁹”, quer que o episcopado reunido ou disperso seja a base, a pedra angular sobre a qual os oráculos do Papado devem encontrar um apoio, uma confirmação e sua solidez suprema aqui em baixo, a fim de revestir um caráter de infalibilidade dogmática.

O galicanismo teológico tem, portanto, uma afinidade, um parentesco necessário com o racionalismo protestante. E um e outro vão se mergulhar e se perder no racionalismo pagão dos livres pensadores.

A célebre declaração de 1682 acabava de aparecer. Trinta e dois bispos, para fazer corte a Luís XIV, se deram à missão de aniquilar, de desnaturar, ou, de preferência, de destruir, tanto quanto eles pudessem, a autoridade divina e infalível do Pontífice romano. Este ato culpável foi motivo de alegria para as seitas protestantes. As Igrejas pretendias reformadas dirigiram, em consequência, uma ementa ao clero de França para felicitá-lo pelo o que ele acabava de empreender contra a imóvel autoridade do Chefe supremo da Igreja.

“Sempre tinham crido (é dito nessa ementa) no seio da Igreja católica romana que a infalibilidade dogmática e o poder supremo residem na pessoa do Papa. As Igrejas reformadas colocam a infalibilidade doutrinal e dogmática na Bíblia, submetida ao livre exame da razão individual. Os bispos franceses, autores da declaração de 1682, submetem os decretos do Pontífice romano à sanção do corpo episcopal, o qual lhe imprime um caráter dogmático e infalível. Este ato dos bispos de França é um grande passo feito do lado do protestantismo. Ainda um passo mais, e a Igreja galicana oferecerá o beijo da paz às Igrejas protestantes”.

Esse castigo, pois se tratava de um, deveria fazer os teólogos do galicanismo compreenderem tudo o que dissimulavam de dores, para a Santa Sé, e de calamidades, para a França, as pretensões do racionalismo galicano.

O racionalismo galicano, dizemos sem medo, foi uma das maiores chagas que jamais baixaram sobre uma nação católica. A autoridade infalível do Vigário de Jesus Cristo, uma vez abalada na

⁸ Concilium florent.

⁹ Lc 22, 52.



consciência pelos sofismas da razão, o espírito católico não tardou em se enfraquecer de um modo assustador no seio das Igrejas de França.

O jansenismo, elemento corruptor do dogma da graça e da moral do Evangelho, encontrou no racionalismo galicano um auxiliar e quase um aprovador. É ao racionalismo teológico que é preciso pedir conta desta casuística sem misericórdia que fez dos teólogos franceses, nos séculos XVII e XVIII, uma fonte de escrúpulos, de torturas, de desesperança e de condenação para os fiéis.

A unidade da hierarquia recebeu, pelo racionalismo teológico de 1682, um atentado profundo. Enquanto que o galicanismo reduzia, desnaturava, destruía tanto quanto ele podia, a autoridade suprema e infalível do Pontífice romano, ele exigiria sem medida a autoridade episcopal. Ele iria mais longe. O que o galicanismo teológico tirava da autoridade do Vigário de Jesus Cristo, ele o dava não somente ao episcopado, mas homenageava o próprio César; pois o tornava completamente independente, como chefe de uma nação católica, de todo controle, de toda autoridade repressiva e coercitiva da parte da Igreja de Jesus Cristo e do Chefe supremo que ele lhe deu.

O racionalismo galicano, hostil à hierarquia, corruptor da moral evangélica, fator do cesarismo pagão, destruía, em os desnaturando, os laços da unidade litúrgica. A liturgia romana foi, por assim dizer, aniquilada no seio das dioceses de França.

As prerrogativas do Vigário de Jesus Cristo, os direitos do Papado, as solenidades litúrgicas pelas quais a Igreja romana fazia brilhar sua piedade e seu amor pela Virgem Imaculada; a suavidade misericordiosa da moral do Evangelho, as festas dos santos que a Igreja colocou sobre seus altares, a majestosa grandeza dos Papas canonizados, dos santos Doutores e dos fundadores das ordens monásticas, receberam nas liturgias galicanas, cujo lar era Paris, atentados profundos e ultrajes imerecidos. Seria preciso, para o triunfo do galicanismo litúrgico, reduzir, transformar, desnaturar e mudar todas as coisas.

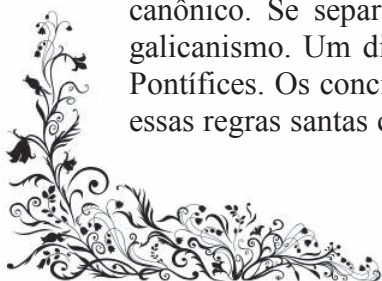
O latim cristão dos livros litúrgicos que o próprio Espírito Santo parece ter ditado a São Gregório, o Grande, e à seus sucessores, esta língua universal que São Bernardo, Santo Anselmo, São Tomás de Aquino, São Boaventura, elevaram às suas últimas magnificências, tinha se tornado um objeto de dó e de desgosto para os reformadores ciceronianos, virgilianos e horacianos da liturgia.

A harmonia suave dos hinos, das prosas, das sequências cantadas há mil anos sob as abóbadas de nossos templos por milhões de fiéis, não pôde encontrar graça diante dos adoradores da poesia do Parnasse e do Olimpo pagãos. Seria preciso enquadrar os mistérios divinos, os dogmas da fé, as divinas criações do mundo da graça, não mais em uma poesia descida de Nazaré, do Presépio, do Monte das Oliveiras, do Tabor, do Cenáculo e do Calvário; mas em composições tomadas emprestadas pela forma, e muito frequentemente pelas ideias, dos cantos epicurianos do século de Augusto.

Aos acentos populares das melodias gregorianas, os reformadores galicanos substituíram um cantochão bárbaro, ridiculamente brusco, caprichoso, desconhecido, que o vento do Espírito Santo não teria inspirado, pois ele tinha sua origem e sua fonte em um espírito de revolta e de malícia.

A partir desta heresia litúrgica, cujo racionalismo galicano aplaudiria e do qual ele estava orgulhoso, nossas igrejas tornaram-se quase desertas e quase mudas. As multidões que estavam familiarizadas com o canto gregoriano não iriam mais agitar e estremecer as abóbadas de nossas igrejas. Cantos de artistas, instrumentos de música tomados emprestados dos teatros, ares de salão e de óperas substituiriam doravante a voz solene, os ecos majestosos e as torrentes rolantes do canto romano.

Destruidor do canto litúrgico, o racionalismo galicano não poderia aceitar a disciplina e o direito canônico. Se separar o mais possível de Roma, tal era o movimento impresso na França pelo galicanismo. Um direito novo tomou o lugar do direito consagrado pelos decretos dos Soberanos Pontífices. Os concílios provinciais, os sínodos diocesanos, as visitas *ad limina apostolorum*, todas essas regras santas consagradas pelos séculos e cuja Roma é a guardiã incorruptível, desapareceram



do seio de nossas dioceses. A Igreja, ou de preferência, as igrejas de França caíram sob o império do bom prazer em matéria de direito canônico. Esta seção do ensino teológico desapareceu dos seminários; ou se ainda subsistiu alguns detritos dela, iremos encontrá-las nos livros desprovidos de sua integridade pelos anátemas dos Pontífices romanos.

O Missal, o Ritual, o Breviário, sofreram alterações lamentáveis e tristes metamorfoses. Os metropolitanos e seus sufragâneos não invocaram mais, do meio dos concílios, o Espírito que, sozinho, podia inspirá-los, dirigi-los, guiá-los no governo espiritual de suas igrejas.

O ramo que tira apenas, do tronco ao qual ele está ligado, uma parte fraca da seiva necessária à seu crescimento, à seu desenvolvimento, à seu vigor e à sua vida, não produz frutos; ou, se ele produz alguns frutos por acaso, eles são sem beleza, sem maturidade, sem sabor. O racionalismo galicano enfraquece todos os laços que unem as igrejas da França à Igreja romana. A seiva e a medula que somente Roma pode oferecer à uma nação católica só penetravam nas entranhas da Filha primogênita da Igreja senão em uma medida insuficiente para lhe oferecer a vida, a força, a santidade sobrenatural do qual ela precisava para resistir ao veneno devorador que o ensino pagão da Renascença, que o racionalismo protestante e o racionalismo teológico derramavam incessantemente em suas veias.

A França de São Luís e de Carlos Mago não se sustentava mais, por assim dizer, senão pela cortiça, à árvore católica romana. A vida tinha se retirado das antigas Igrejas dos gauleses.

Submetidos ao poder civil pelos libertinos galicanos, elas não tinham mais a força, nem mesmo a vontade, de pedir ao Pontífice romano o milagre de uma libertação e de uma ressurreição que somente ele poderia operar; a justiça divina se encarregou de nos punir. As duas maiores chagas que podem esmagar uma nação visitaram a França. A realza tinha pedido aos prelados cortesãos de 1682 para consagrar, por um decreto maculado pelo cisma, o ateísmo político. Ela ascendeu sobre o patíbulo dirigido pelo ateísmo revolucionário. As Igrejas de França tinham a pretensão de permanecer católicas atacando, reduzindo, desnaturando, a autoridade suprema do Pontífice romano. A França foi destruída pelo demônio do cisma.

O galicanismo teológico, consagrando o despotismo dos soberanos, ou o cesarismo, tinha preparado a democracia selvagem que guilhotina a monarquia na pessoa augusta do infortunado Luís XVI.

Atacando os direitos divinos do Papado, o galicanismo teológico tinha preparado a Constituição civil do Clero que precipitou no cisma a Filha primogênita da Igreja. *Et nunc reges intelligite: erudimini qui iudicatis terram*¹⁰.

Mas a França, mais feliz que a Inglaterra, pois ela tinha sido consagrada à Virgem Imaculada, não seria apagada do livro das nações católicas. O Papado veio chorar sobre o túmulo desse novo Lázaro. Ela ouviu, pela boca de Pio VII, a palavra que ressuscita e que devolve a vida: *Lazare, veni foras*¹¹.

A terra nunca foi testemunha de um espetáculo semelhante. Nunca a voz do Pontífice supremo tinha ressoado no seio das nações com uma clareza mais solene. Pio VII, por um ato inigual nos séculos passados, suprime e extingue com um único golpe as 133 sé episcopais da Igreja galicana. Ele as aniquila apesar de seu passado, apesar de sua glória, apesar das liberdades galicanas e apesar dos privilégios adquiridos por concessões canônicas e legítimas.

O Pontífice imortal ensina à terra que a salvação das nações é a lei suprema: “Há um tempo para destruir e um tempo para edificar¹²”; e que, juiz soberano das necessidades sobrenaturais das nações dadas em herança a Jesus Cristo, o Pontífice romano pode se levantar acima das regras ordinárias e dos costumes constantemente seguidos; que ele sozinho pode modificar ou transformar as condições

¹⁰ Salmo 2, 10.

¹¹ Jo 11, 43.

¹² Tempus destruendi et tempus aedificandi. Eccl. 3, 5.



de existência, de organização, de movimento e de duração das igrejas particulares: que ele pode tudo, em uma palavra, daquilo que o bem espiritual do mundo reivindica.

A Concordata de 1801, quaisquer que tenham sido os esforços do despotismo imperial para deter ou para destruir seus efeitos, salvou o catolicismo e a civilização na França; talvez mesmo no resto da Europa.

Ela aniquilou para sempre a Constituição civil do Clero, despedaçou os costumes e as pretensões anti-canônicas das igrejas da França, e destruiu as esperanças cismáticas que a *Pequena Igreja* se esforçava para despertar e perpetuar em certas províncias.

O racionalismo teológico acabara de ouvir o sino de sua ruína. O jansenismo recebera o golpe mortal. A seita ímpia que tinha esperado que o último dos reis fosse estrangulado em uma corda trançada com as vísceras do último dos padres, lançou um grito de desesperança. Ela via nossos templos devolvidos ao culto de nossos pais. Roma retomando sua autoridade sobre a Filha primogênita da Igreja. As cerimônias santas de nossos augustos Mistérios reaparecerem nas catedrais e nas igrejas onde os padres e os pontífices da guilhotina tinham inaugurado o culto da deusa Razão, o culto da Natureza, o culto do Fogo, ou seja, o culto dos demônios e do ateísmo.

Um golpe mais terrível deveria cair sobre o racionalismo teológico. Um ato mais solene que a Concordata de 1801 deveria oferecer ao universo admirado o sentido profundo, o sentido completo das palavras imortais que o Divino Salvador tinha dirigido ao Papado, na pessoa de São Pedro, e que Ele lhe tinha deixado como sua herança mais magnífica: “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus; e tudo o que ligardes na terra, será ligado nos Céus; e tudo o que desligardes na terra, será desligado nos Céus¹³”.

Dissemos, meus caros irmãos, que o galicanismo tinha recebido um golpe mortal da mão do imortal Pio VII. Mas o ato pelo qual a autoridade pontifical se emprega em toda sua plenitude e em toda sua magnificência ocorreu em 8 de dezembro do ano da graça de 1854. A proclamação do dogma da Imaculada Conceição da gloriosa Mãe de Deus eleva, com efeito, o poder infalível do Pontífice romano ao seu supremo esplendor no seio da Igreja militante.

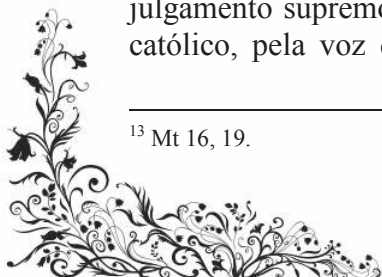
Escutemos o bem aventurado Pontífice que foi predestinado desde sempre para proclamar sobre esta terra o dogma mais caro ao coração da Rainha de toda santidade e de toda virtude.

“E, conquanto as instâncias a Nós dirigidas a fim de implorar a definição da Imaculada Conceição já nos houvessem demonstrado bastante qual fosse o pensamento de muitíssimos bispos, todavia, a 2 de fevereiro de 1849, enviamos, de Gaeta, uma Encíclica a todos os Veneráveis Irmãos bispos do mundo católico, a fim de que, depois de orarem a Deus, nos fizessem saber, mesmo por escrito, qual era a piedade e devoção dos seus fiéis para com a Imaculada Conceição da Mãe de Deus; o que era que pensavam, especialmente eles — os bispos — da definição em projeto; e, por último, que desejos tinham a exprimir, para que o Nosso supremo juízo pudesse ser manifestado com a maior solenidade possível.

E, na verdade, foi bastante grande a consolação que experimentamos, quando nos chegaram as respostas dos mesmos Veneráveis Irmãos. De fato, com cartas das quais transparece um incrível, um jubiloso entusiasmo, eles não somente nos confirmaram novamente a sua opinião e devoção pessoal e a do seu clero e dos seus fiéis, mas também, com voto que se pode dizer unânime, pediram-nos que, com o Nosso supremo juízo e autoridade, definamos a Imaculada Conceição da mesma Virgem”.

Assim, o episcopado católico completo, os cardeais da santa Igreja romana, os teólogos consultores, como pela expressão de um voto unânime, suplicam ao Pontífice romano para definir, pelo julgamento supremo de sua autoridade, a Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Assim, o mundo católico, pela voz de seus pastores, avoca o feliz momento onde o sucessor de Pedro, por seu

¹³ Mt 16, 19.



juízo supremo, pela autoridade infalível que ele toma de Jesus Cristo, imprimirá o selo de uma definição dogmática ao privilégio da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Mãe de Deus.

Observemos, meus caros irmãos, com o Doutor angélico “que uma nova edição do símbolo torna-se necessária quando novas heresias se levantam, temendo que a fé dos fiéis seja alterada pelos hereges¹⁴”.

As heresias do naturalismo, do panteísmo, do progresso pelo culto da matéria; os erros monstruosos que atacam a ordem sobrenatural da graça e o pecado original, tornaram necessária a proclamação do dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem. Era preciso dar um golpe mortal ao paganismo moderno. Era preciso fazer resplandecer em um fato divinamente marcado pelo sinal do Onipotente, os efeitos mais prodigiosos, e as mais admiráveis criações do Espírito Santo. Era preciso elevar, em uma palavra, à sua suprema magnificência, ou seja, ao esplendor de um dogma definido, a crença universal do privilégio da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Pio IX ofereceu, portanto, ao universo, uma nova edição do símbolo católico. Ele deu não um novo símbolo, mas, em uma nova publicação do símbolo, ele deu ao mundo o sentido definitivo dos textos da Sagrada Escritura, que contém, de um modo mais ou menos explícito, o privilégio revelado da Conceição Imaculada da Santíssima Virgem.

Pertence ao Pontífice romano dirigir um símbolo de fé? O racionalismo teológico ou o galicanismo recusa esse poder e esse direito ao Vigário de Jesus Cristo. Mas eis de qual modo o Doutor angélico coloca por terra, há seiscentos anos, os sofismas temerários do racionalismo galicano:

“É necessário, diz Santo Tomás de Aquino, publicar uma nova edição do símbolo para evitar os erros que se levantam. Aquele que tem autoridade de fazer uma nova edição do símbolo, é aquele que pode determinar finalmente as coisas que são de fé, e que devem ser cridas firmemente por todos. Ora, esse poder pertence ao Soberano Pontífice; é para ele que se reportam as questões mais graves e mais difíceis que se levantam na Igreja. Como o vemos (nos decretos dist. 117). Também o Senhor disse a Pedro quando ele o estabeleceu Soberano Pontífice: Eu rezei por ti, afim que tua fé não desfaleça nunca, quando, pois, te converteres, confirma teus irmãos¹⁵”.

A razão é, continua o santo Doutor, que deve haver apenas uma mesma fé em toda a Igreja, segundo essas palavras do Apóstolo: “É preciso que digais a mesma coisa, e que não haja cismas entre vós¹⁶”.

O que não poderia se manter, se as questões de fé que se levantam não fossem decididas por aquele que está na cabeça da Igreja inteira; de tal modo que seu sentimento deva ser sustentado inabalavelmente pela própria Igreja. É por isso que há apenas um Soberano Pontífice que tenha o poder de fazer uma nova edição do símbolo, como há apenas ele quem possa fazer todas as outras coisas que competem a toda a Igreja, tais como a convocação de um concílio geral, e outras coisas semelhantes¹⁷”.

Respondendo às objeções dirigidas contra esta tese tão evidente, tão concisa, tão forte, da doutrina católica sobre a infalibilidade ensinante e dogmática do Pontífice romano, o Doutor angélico acrescenta:

“Porque houve homens perversos, que alteraram “para sua perdição”, segundo a expressão de São Pedro¹⁸, a doutrina dos Apóstolos, as santas escrituras e as outras doutrinas católicas, foi necessário, à medida que os séculos se sucederam, explicar a fé para destruir os erros que se levantavam¹⁹”.

¹⁴ D. Thom 2, 2, 9, 1, 10.

¹⁵ Lc 22, 32

¹⁶ I Cor 1, 10.

¹⁷ D. Thom 2, 2, 9, 1, 10.

¹⁸ II Pe.



O mesmo doutor diz ainda: “Que se o Concílio de Niceia proibiu, sob pena de anátema, fazer um novo símbolo, esta proibição foi feita aos particulares, que não tem o direito de definir as coisas de fé; pois, esta sentença do Concílio de Niceia não remove ao concílio seguinte o poder de fazer uma nova promulgação do símbolo, encerrando à verdade a mesma fé que o precedente, mas mais desenvolvida; ao contrário, todo concílio tem tido cuidado em acrescentar algo ao símbolo decretado pelo concílio precedente, para destruir, por esta adição, as heresias nascentes. Por consequência, esse poder pertence ao Soberano Pontífice, visto que cabe a ele convocar os concílios gerais e confirmar suas decisões”.

Pela definição dogmática da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Mãe de Deus, Pio IX explica e desenvolve a fé católica. Ele oferece, por isso mesmo, uma nova edição do símbolo. Ele esmaga os erros novos. Ele faz tudo isso, diz Santo Tomás de Aquino e toda a Igreja com ele, porque somente ele recebeu o poder de determinar finalmente as coisas que são de fé e que devem ser cridas inabalavelmente por todos”.

E quando o racionalismo galicano, para evadir-se das luzes formidáveis do ensino católico, opõe ao poder infalível do Pontífice romano a superioridade quimérica do concílio sobre o Papa, ele antecipa algo soberanamente absurdo, visto que, como o ensina Santo Tomás de Aquino e toda a tradição católica com ele, o concílio geral, para poder fazer uma nova edição do símbolo, necessita ser convocado e confirmado pelo Pontífice romano. Ora, aquele que confirma as definições e os decretos dos concílios gerais, longe de ser inferior ao concílio, dá ao concílio geral o que lhe falta, saber: a confirmação suprema, a confirmação infalível, sem a qual não há nem concílio geral, nem decisão dogmática.

O Concílio de Bâle dirigiu um decreto sobre o privilégio da Conceição imaculada de Maria; e a Imaculada Conceição não era um dogma, mesmo após esta decisão de Bâle. A razão disso é que o decreto do Concílio de Balê, e o próprio Concílio de Bâle, jamais receberam a confirmação final e suprema do Vigário de Jesus Cristo.

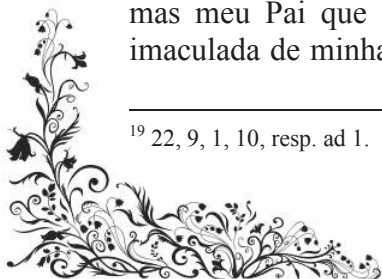
Pio IX, sucessor legítimo de São Pedro sobre a sé de Roma, possui, portanto, a infalibilidade doutrinal, a infalibilidade dogmática. Somente ele, sobre esta terra agitada por tantas opiniões divergentes, rasgada por tantos erros, atormentada por tantos cismas e por tantas heresias, tem o poder de determinar definitivamente as coisas que são de fé e que devem ser cridas inabalavelmente por toda a Igreja.

Pio VII, nós observamos, arrancando, suprimindo, extinguindo com seu pleno e supremo poder, as cento e trinta e três sedes episcopais da França, para criar a partir daí um pequeno número de novas, com limites e em condições novas, tinha dado, sem nenhuma dúvida, um golpe formidável ao galicanismo e às suas pretendidas liberdades. Mas a ruína definitiva e completa do sistema galicano, do racionalismo teológico, estava ligada à definição dogmática do privilégio da Conceição Imaculada da Santíssima Virgem.

É a Pio IX que estava reservada a glória de fulminar, no mesmo golpe, o racionalismo protestante, o racionalismo teológico e o racionalismo pagão, do qual falaremos tão logo.

Quando Pio IX, do alto da Cátedra pontifical, na presença de cinquenta e três cardeais, de duzentos bispos e cinquenta mil fieis, dizia à Augusta e Imaculada Mãe de Deus: Eu pronuncio, eu defino, eu declaro, ó Bem-Aventurada Virgem, que vossa Conceição imaculada é um dogma de fé, e que basta uma dúvida voluntária, plenamente consentida em seu coração, sobre esta verdade definida, para naufragar na fé; quando esse bem aventurado sucessor de São Pedro lançava no mundo esta definição suprema, o divino Filho de Maria dizia, sem dúvida, a Pio IX: “Feliz és tu, ó sucessor de Simão, filho de Barjonas, feliz és tu, porque não foi a carne e o sangue que fizeram esta revelação, mas meu Pai que está nos Céus”, e eu, eu te digo: “*Et ego dico tibi*: Definindo a Conceição imaculada de minha Bem-Aventurada Mãe, imprimindo-lhe o selo de uma definição dogmática, tu

¹⁹ 22, 9, 1, 10, resp. ad 1.



elevas teu julgamento infalível ao seu mais alto grau de poder; imprimes à tua autoridade infalível um caráter de incomparável grandeza. Tu diz a minha Mãe imaculada em sua Conceição, e eu, eu te digo infalível em tua palavra. Tu proclamas a Conceição imaculada de minha gloriosa Mãe como um artigo de fé, e eu, eu proclamo tua decisão infalível como a pedra angular da verdade; como o fundamento inabalável de minha Igreja²⁰”.

Duas coisas não se separarão mais sobre esta terra consolada: a infalibilidade de Pio IX ensinando à Igreja inteira o que ela deve crer, relativo à Conceição da Bem-Aventurada Mãe de Jesus Cristo, e o fato da submissão, da obediência, da fé invencível da Igreja à definição solene revestida por Pio IX.

Duas coisas se mantêm por um nó de unidade imortal: a palavra infalível de Pio IX e o ato de fé divina, sobrenatural, imutável da Igreja inteira, à esta palavra dogmática descida da Cátedra eterna.

O decreto dogmático da Imaculada Conceição, mortal ao racionalismo protestante e ao racionalismo teológico, não o é menos ao racionalismo dos livres pensadores.

Os racionalistas livres pensadores não admitem o elemento sobrenatural, a revelação, a ordem divina da fé e da graça. Eles não reconhecem nem a autoridade de Jesus Cristo, nem a autoridade da Igreja, nem aquela de Deus. Só há, para o racionalismo filosófico, o eu individual. O racionalismo puro é a deificação do eu; é a usurpação sacrílega dos direitos eternos Daquele que, sozinho, do centro de sua imensidão, de sua eternidade, de sua luz e de sua glória, pode e deve dizer: Eu, *Ego sum* “Eu sou”. E, por esta usurpação satanicamente ímpia, o racionalismo leva seus escravos aos limites extremos do orgulho, da demência, da blasfêmia e do ateísmo.

A emancipação absoluta da razão posta como o princípio gerador da verdade, precipita os livres pensadores na noite das contradições mais monstruosas. Eles chamam bem o que é mal, e mal o que é bem. A luz será as trevas, e as trevas serão a luz. O erro será a verdade, e a verdade será o erro. Deus será o mal, e o mal será Deus.

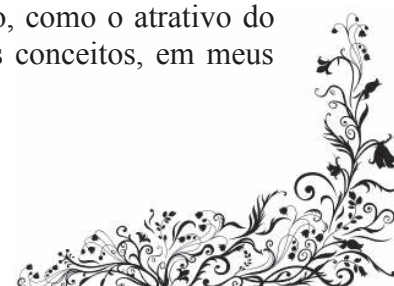
O racionalismo parte desse princípio: não há verdade, senão o que é evidente para a razão; ou, em outros termos, só há verdade na equação entre a razão e o objeto conhecido pela razão. Mas, o que é a equação? A equação, diz Santo Tomás, não é outra coisa senão a luz dos primeiros princípios. A equação é a clara visão de um objeto pela razão; é a visão direta, intuitiva, imediata, pela razão, do objeto que ela contempla. Assim, a razão conhece de uma visão intuitiva, de uma visão de equação, os primeiros princípios da razão natural.

“Uma coisa é evidente, diz Santo Tomás de Aquino, quando ela é conhecida pelos termos que a enunciam e que a exprimem; quando ela é a mesma identicamente para todos”.

Dois e dois são quatro. O todo é maior que uma de suas partes. A linha reta é mais curta entre dois pontos dados. Eu existo, eu penso, eu falo, eu ajo, os homens existem, o sol nos ilumina; eis aí verdades evidentes ou verdades de equação.

A luz dos primeiros princípios é universal, imutável, infalível, irresistível. Eu não sou livre de pensar o contrário do que é evidente pela razão, ou do que a razão natural vê na luz dos primeiros princípios. Eu não sou livre para pensar que dois e dois são seis, dez, etc.; que a linha curva é a mais curta entre dois pontos dados; que uma parte de um todo é maior que o todo em si mesmo; que o ser e o nada são uma mesma coisa; que uma mesma coisa pode ser e não ser ao mesmo tempo; que o bem e o mal são uma mesma coisa, etc., etc.. Eu não sou livre para fechar os olhos à luz dos primeiros princípios. As clarezas da equação me esmagam, me subjugam, são irresistíveis para minha razão. Forçado a crer na verdade dos primeiros princípios, eu não tenho mérito em admiti-los. Qual mérito poderia eu ter ao crer que eu existo, que eu penso, que eu falo, que o sol ilumina, que dois e dois são quatro? Que mérito posso ter ao admitir coisas das quais me é impossível negar a evidência? A luz dos primeiros princípios esclarece fatalmente minha razão, como o atrativo do bem geral arrasta fatalmente minha vontade. Eu posso me enganar em meus conceitos, em meus

²⁰ I Jo 1, 5.



juízos, em meus pensamentos, como eu posso tomar um bem aparente pelo bem real e absoluto. Eu posso usar inadequadamente minha razão, como posso fazer mal uso de minha vontade!

Somente Deus vê, na eterna equação de seu Verbo, o infinito e o finito, o absoluto e o relativo, o real e o possível. “Deus é luz, e nele não há trevas²¹”.

Os anjos e os santos contemplam Deus em uma equação sobrenatural. Eles vêem Deus na luz de sua glória. Eles o vêem na evidência, ou, face a face. Eles não podem mais se separar de Deus. Eles não podem mais se separar da luz infinita assim como do bem infinito; eles vêem Deus nos esplendores da clara visão.

Os filhos da Igreja vêem as coisas divinas, sobrenaturais e reveladas, na luz da fé. A luz dos princípios da fé católica lhes oferecem a noção sobrenatural das coisas que eles não compreendem, que estão acima da razão e de suas distinções. Apoiados sobre a palavra de Deus e sobre a Igreja “coluna e sustentáculo da verdade”, eles estão tão seguros da realidade divina, sobrenatural, revelada, dos mistérios divinos, como os próprios eleitos, que tem a visão direta e imediata. A luz da graça e a luz da glória fazem conhecer aos filhos da Igreja militante e da Igreja triunfante as mesmas verdades, os mesmos mistérios, com esta diferença, que a luz da fé, dando aos fiéis a infalível certeza da realidade das verdades sobrenaturais e divinas que ela lhes descobre, deixa essas verdades envolvidas para eles em um véu que só se rasga após esta vida; enquanto a luz da glória faz contemplar aos eleitos essas mesmas verdades nos esplendores da clara visão.

Aqui em baixo, o homem racional vê na luz de uma equação ou de uma evidência imediata, intuitiva, fatal ou necessária, as primeiras verdades, ou os primeiros princípios da razão natural. Mas, fora das primeiras verdades ou dos primeiros princípios da razão natural, eu não tenho a evidência das verdades que daí descolam.

As verdades que derivam dos primeiros princípios da razão são tanto mais claros para mim, quanto mais se deduzem imediatamente, mais diretamente dos primeiros princípios ou das primeiras verdades da razão. Só há evidência para a razão, nos próprios princípios da razão.

A noção de Deus, evidente em si, não é evidente para a razão do homem decaído, diz Santo Tomás de Aquino. A noção de Deus, na ordem puramente natural, é menos clara, para a razão humana, que a noção dos primeiros princípios. A razão pode, com a ajuda dos primeiros princípios, demonstrar a existência de Deus; mas os primeiros princípios não se demonstram. Ninguém pode negar a evidência dos primeiros princípios, e a razão pode ser pervertida ao ponto de duvidar da existência de Deus. “O ímpio diz em seu coração: não há Deus²²!”

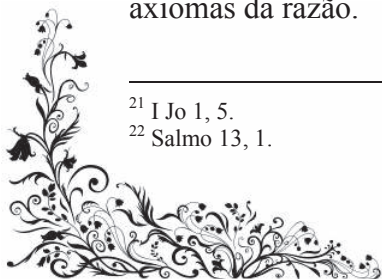
Quando eu faço esse raciocínio: “Há coisas que se movem no mundo; portanto, há um primeiro motor, o qual é Deus”. Esse raciocínio é de uma lógica inabalável. Mas a importância desse raciocínio é evidente, e a consequência não o é, para mim, no mesmo grau. Quando eu digo: há seres limitados, finitos, contingentes, sucessivos; portanto, há um ser necessário, o qual é Deus. Eu vejo, na luz da evidência, a importância deste argumento da razão; mas a consequência que eu tiro dele não tem a mesma evidência para minha razão.

Se, na ordem presente, que é a ordem ou o tempo de minha provação, eu conhecesse Deus e as verdades naturais na luz da evidência ou por uma visão de equação, a dúvida sobre a verdade de Deus e sobre as verdades naturais seria impossível.

Se eu tivesse a evidência da existência de Deus e das verdades naturais, como eu tenho a evidência dos primeiros princípios da razão, eu não teria mais mérito em crer em Deus e nas verdades da ordem natural, como eu não tenho méritos ao admitir os princípios evidentes, ou os primeiros axiomas da razão.

²¹ I Jo 1, 5.

²² Salmo 13, 1.



Usando bem as luzes de minha razão, eu posso chegar ao conhecimento certo de várias verdades da ordem puramente natural; mas fora dos primeiros princípios ou das primeiras verdades da razão, eu não tenho a evidência, ou a equação, de nenhuma verdade desta ordem.

O erro fundamental do racionalismo é de só admitir como verdade, o que é evidente pela razão. O racionalismo demanda à razão luzes que ela não tem, que ela não pode ter nesta noite da decadência original. A infalibilidade não é mais possível à razão individual do homem, assim como a impecabilidade não é possível à sua vontade.

A equação colocada pelo naturalismo como o elemento necessário de todas as investigações da razão, de todas as conquistas da filosofia, não é desse mundo. Ela implica, para o racionalismo puro, a dúvida sobre as verdades da ordem presente.

Pedir à razão as luzes da evidência ou da equação em todas as questões, é querer passar da ordem da visão obscura, fenomenal, falível, à ordem da visão dos anjos e dos santos. É querer conhecer Deus e as coisas como o anjo e os eleitos as conhecem. É querer quebrar o plano providencial de nossa provação; é querer aniquilar o mérito pela liberdade, é cair no suicídio da inteligência.

Assim, o sensualismo desesperado de nosso tempo pede o bem supremo, o bem infinito, ao naturalismo, e ele termina no culto vergonhoso da sensação.

O racionalismo protestante pede à Bíblia, interpretada soberanamente pela razão, o símbolo das verdades divinas, das verdades da ordem sobrenatural e revelada, e ele acaba na extinção de todas as verdades, aí compreendido o próprio livro das revelações divinas, para ir se perder e se apagar no racionalismo pagão dos livre pensadores.

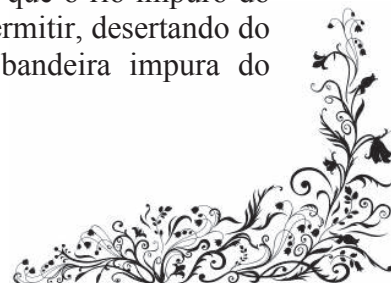
O racionalismo teológico, ou o galicanismo, coloca em questão a infalibilidade dogmática do Pontífice romano. Ele se constitui Juiz dela, e a julga em último recurso, caindo no racionalismo protestante.

Os sofistas livres pensadores desse tempo descendem, pelo Renascimento, dos sofistas do antigo paganismo. Como eles, e porque eles partem do mesmo princípio, eles não sabem o que é Deus, o que é o universo. Eles ignoram a si mesmos. Eles não conhecem nem sua origem, nem seu destino, nem a lei de seu ser. Deus, o homem, a natureza, a criação, são para os livres pensadores um enigma indecifrável. A dúvida os envolve de todos os lados. Só querendo levantar eles mesmos, eles caem no ceticismo mais incurável e mais desesperado. O orgulho do espírito, ou Satanás, que é o pai do orgulho, lhes faz crer que eles tem em si mesmos o princípio da luz, as raízes da verdade, o critério da certeza, a chama da razão, a pedra angular do edifício intelectual que eles querem edificar; e a noite, a implacável noite de todos os sonhos, de todas as demências, de todas as dúvidas e de todos os erros, os oprime.

A Providência divina preparou um remédio misericordioso à esta epidemia do racionalismo moderno, no decreto dogmático da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Mãe do Homem Deus.

Esse dogma de salvação faz duas coisas para arrancar as nações modernas do sensualismo pagão de nosso tempo. Ele dá, em primeiro lugar, um golpe terrível no naturalismo, no panteísmo, no culto da matéria, fazendo resplandecer o dogma desconhecido da graça, colocando em evidência as mais maravilhosas criações do Espírito Santo no mundo sobrenatural.

O dogma da Imaculada Conceição, proclamado com tanto estrondo e uma tão grande magnificência, escava, em segundo lugar, um abismo entre o culto da Virgem Imaculada e entre a herança funesta do luxo pagão, dos teatros pagãos, das artes pagãs, das danças pagãs, dos livros licenciosos, dos adornos indecentes, de todas essas luxúrias, em uma palavra, que o rio impuro do Renascimento derramou sobre a Europa, e que uma mulher cristã só pode se permitir, desertando do estandarte imaculado da Rainha de toda virtude, para se enrolar sob a bandeira impura do sensualismo.



O decreto dogmático da Imaculada Conceição cai como um peso esmagador sobre o racionalismo protestante, pois, se, de um lado, ele torna patente a nudez, a profunda anarquia, a miséria irremediável das seitas bíblicas, ele faz resplandecer, de outro lado, a unidade miraculosa da Igreja e a fé invencível, inextirpável, das nações católicas por todos os ensinamentos do Vigário de Jesus Cristo.

Esse mesmo decreto é mortal ao racionalismo galicano, pois ele eleva à sua última magnificência a autoridade infalível e o poder supremo do Pontífice romano; pois ele torna evidente para todo o universo esta grande lei da sabedoria eterna, que fez do Papado, e somente do Papado, o órgão infalível, o oráculo permanente, sobre a terra, da verdade, da justiça e do direito.

O dogma da Imaculada Conceição, solenemente definido pelo imortal Pio IX, torna-se, enfim, uma tábua de salvação para os pobres náufragos, que as tempestades do individualismo filosófico lançaram sobre o oceano sem fundo do ceticismo.

Dois fatos brilhantes como o sol, grandes como o universo, retumbantes como os ruídos do trovão, se erguem diante dos livres pensadores. O Pontífice romano afirma dogmaticamente ou divinamente a Conceição imaculada da mais humilde das filhas de Adão, e o universo católico crê, com uma fé inabalável, invencível, universal, que Deus falou pela boca do Pontífice romano.

O papa declara, da parte de Deus, que a Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria é um dogma da fé católica, que faz parte das revelações divinas. O papa diz à terra, que uma dúvida, que uma única dúvida, realmente e plenamente consentida nas profundezas da alma, bastaria, no futuro, para excluir do Reino dos céus aquele que se tornar culpável dela. Ora, à esta afirmação solene, à esta proclamação deslumbrante, o episcopado católico completo, o sacerdócio católico inteiro, o corpo inteiro dos fiéis, respondem por uma obediência imediata, interna, irrevocável, invencível. Eles respondem sem serem ouvidos, sem terem podido ser ouvidos. Eles respondem de todos os pontos do globo que a palavra de Pio IX é a voz de Deus; que a fé de Pio IX é sua fé, e que a Eternidade fluirá antes que o inferno possa sacudir em sua consciência as convicções dogmáticas que acabam de brotar com o decreto descido da cátedra pontifical.

Jamais um golpe de trovão com esta força passou sobre os desertos da dúvida. Jamais as ruínas do ceticismo foram sacudidas, abaladas, desenraizadas com esta profundidade²³. Jamais a verdade brilhou, no seio das trevas humanas, com uma magnificência semelhante e com características mais arrebatadoras, mais encantadoras, mais irresistíveis.

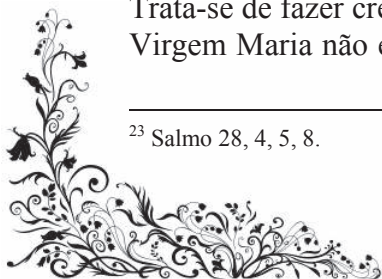
O fato da proclamação dogmática da Conceição Imaculada da Bem-Aventurada Mãe de Jesus Cristo, é um fato do qual ninguém pode colocar em dúvida a existência e a realidade. Todo o universo o conhece. Todo o universo ouviu falar dele. Todo o universo sabe que ele aconteceu. A dúvida sobre o fato realizado desta definição dogmática não é possível. A negação de um fato semelhante seria um ato de loucura e de estupidez consumada.

Mas a submissão imediata, a fé espontânea e invencível da Igreja católica à esta definição suprema, é um fato de mesma natureza que o precedente. Este ato de obediência católica sacudiu o mundo inteiro. Ele se produziu de um extremo ao outro da terra, por uma explosão, por uma manifestação solene tão geral, tão plena de entusiasmo, tão universalmente retumbante, que não é possível duvidar disso um único instante.

Do que ele trata, contudo? Trata-se de fazer crer dogmaticamente a um milhar de bispos, a quatrocentos mil padres, a duzentas milhões de almas, no seio das quais se encontra tudo o que há de maior pela inteligência, pelo gênio, pela ciência, pelo caráter, pela sabedoria, pela retidão e pela santidade, que uma humilde filha de Adão, saída de uma raça decaída, degradada, profanada pelo pecado original, não recebeu nada desta infecção.

Trata-se de fazer crer dogmaticamente ao universo, que a Conceição Imaculada da Bem-Aventurada Virgem Maria não é somente uma crença piedosa, uma crença permitida, autorizada na Igreja, mas

²³ Salmo 28, 4, 5, 8.



um dogma revelado, um dogma de uma certeza divina, sobrenatural, igual à certeza divinamente enraizada no seio das nações católicas, dos dogmas da Trindade, da Encarnação, de todos os dogmas, enfim, do símbolo católico. O papa acaba de dizer ao universo: Credeis na Imaculada Conceição da Santíssima Virgem; credeis com uma fé sobrenatural e divina. Credeis nela por todos os poderes da alma. Credeis como se o próprio Deus vos a ensinasse de sua boca divina. Credeis sob a pena de perdição eterna. E o episcopado católico, e o mundo católico, responde ao Pontífice romano: Nós nos despojamos de todo pensamento contrário ao vosso ensinamento. Juramos, por tudo o que há de mais sagrado no Céu e sobre a terra, de vos obedecer como a Deus. Tomamos o céu e a terra por testemunhas de que a sombra de uma dúvida jamais abalará em nossas almas as certezas divinas que vosso decreto supremo acaba de plantar, enraizar, eternizar.

A palavra dogmática que Pio IX fez ouvir ao mundo, e a fé divina que esta palavra criou nas entranhas do universo católico, realizam um dos mais esplendidos prodígios da Onipotência.

Esses dois fatos implicam a ação viva, a ação palpável da mão de Deus. Como explicar, com efeito, sem um milagre da Onipotência, esses dois fenômenos? Como explicar esse milagre da unidade na obediência, da unidade na abnegação, da unidade na mesma fé, da unidade no amor?

O racionalismo protestante e o racionalismo filosófico são incapazes de atar dois espíritos, de rebitá-los a uma mesma opinião, não digo para sempre, mas por um dia. E eis uma palavra descida dos lábios do Pontífice supremo que ata, com um nó eterno, duzentas milhões de inteligências; que as ata e que as rebita para sempre em uma verdade incompreensível para a razão. Eis duzentos milhões de católicos, bispos, padres, simples fiéis, prontos a morrer antes que repudiar a fé que os une e que os arrastam à palavra dogmática do Pontífice romano.

Que pensaria de um homem sentado sobre um rochedo, no meio do oceano, e que, somente por sua vontade imprimiria à todas as torrentes, a cada onda deste imenso vaso, uma mesma direção, um mesmo movimento, uma mesma obediência, uma mesma lei de submissão harmoniosa, somente durante um quarto de século? Tomá-lo-íamos por um taumaturgo. Ora, Pio IX, do alto deste rochedo eterno, sobre o qual estão sentados todos os sucessores de São Pedro, do alto deste rochedo divino, contra o qual, há dois mil anos, se quebram todas as ondas e todas as tempestades vindas dos abismos do inferno, Pio IX manda as duzentas milhões de almas de crer no mistério incompreensível que ele lhes revela, de viver na fé desse mistério insondável, de perseverar nele até a morte, de vivê-lo, mesmo ao preço de todos os sacrifícios; de morrer antes que trair a fé que sua palavra lhes inspira: e Pio IX é obedecido.

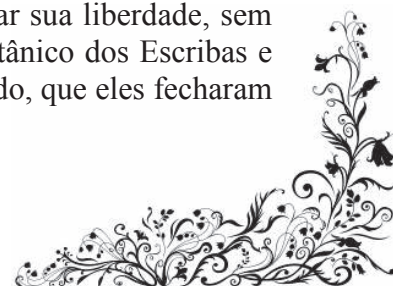
Dizemos sem hesitar: fora da visão imediata da verdade, a qual constitui a felicidade dos eleitos; fora da evidência dos primeiros princípios, o qual subjuga insensivelmente a razão, não há nada de mais brilhante que o fato miraculoso que contemplamos nesse momento.

O dogma definido da Imaculada Conceição e a obediência católica do universo ao decreto pontifical elevam a verdade desse grau à seu esplendor supremo, no seio da humanidade!

A visão de um fato miraculoso (a ressurreição de Lázaro, por exemplo) não conduz fatalmente, necessariamente, a razão daqueles que são testemunhas dele, pois, fora da visão dos bem aventurados, e fora da luz dos primeiros princípios, uma resistência obstinada, uma resistência diabólica, ainda é possível.

A ressurreição de Lázaro, cuja multidão de judeus foram testemunhas, e que todos os judeus puderam verificar, devia convencê-los da divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que era o autor desta ressurreição.

A ressurreição de Lázaro era, para os judeus, um esforço miraculoso, uma última tentativa da caridade de Jesus Cristo, para conduzi-los à fé de sua divindade, sem violentar sua liberdade, sem lhes retirar o mérito de sua submissão e de sua obediência. Mas o orgulho satânico dos Escribas e dos Fariseus, o ciúmes que os queimava diante de Jesus, os cegaram de tal modo, que eles fecharam



os olhos ao esplendor estridente dos prodígios dos quais eles tinham sido testemunhas; e eis porque esses judeus infelizes, fascinados pelo espírito de inveja, de ciúmes, ódio e obstinação infernal, se diziam uns aos outros: “é preciso matar Lázaro, pois, se nós o deixarmos viver, todo mundo crerá em Jesus”. Como se matando Lázaro, eles pudessem matar ao mesmo tempo o poder Daquele que acabara de ressuscitar Lázaro. “Cegos, lhes dizia Santo Agostinho, ele ressuscitou Lázaro, morto há quatro dias. Ora, quem o impedirá de ressuscitá-lo novamente, quando o matares? Pois bem! vocês o matareis ele mesmo, e quando vocês o tiverem matado, ele se ressuscitará”.

Havia entre os judeus, homens de boa fé, e homens satânicos. Os primeiros, após ter visto os milagres de Jesus, diziam: “Este é realmente o Filho de Deus, o Cristo, o Messias esperado por nossos pais”; e os segundos, possuídos pelo espírito de trevas, entregues às inspirações satânicas do inferno, diziam: “É preciso matar este homem, sem o que os romanos virão destruir Jerusalém”.

O racionalismo desse tempo contém dois tipos de livres pensadores. Uns mais infelizes, que estão pervertidos, mas buscam a verdade, desejam encontrar a verdade. Esses pobres espíritos, dignos de uma imensa piedade, tem, no fato da obediência católica à definição suprema da Imaculada Conceição, um sinal celeste, um sinal miraculoso da verdade divina, falando pela boca do Vigário de Jesus Cristo. Testemunhas da afirmação solene e dogmática de Pio IX, e da submissão invencível do episcopado, do clero e do mundo católico à esta grande, à esta afirmação infalível, eles dirão: “O dedo de Deus está aí”. *Digitus Dei est hic*. Eles crerão que aí onde se manifesta uma unidade parecida, uma obediência parecida, um acordo parecido, se revela a ação imediata da Onipotência.

O fato brilhante, o fato dominador da obediência do universo à voz do Pontífice romano, torna-se, para os espíritos dóceis e de boa fé, uma tábua de salvação que pode salvá-los do naufrágio, e reconduzi-los, à sombra das bênçãos da Virgem Imaculada, no seio da Igreja.

Quanto aos liberais pervertidos, sem esperança de retorno, e que uma obstinação infernal petrifica no ódio de Jesus Cristo, no ódio da Virgem Imaculada, no ódio da Igreja e do Pontífice romano, estes não abrirão os olhos à luz que acaba de brilhar sobre o universo.

Filhos de Belial, eles continuarão a marchar em sua via. Filhos do pai e do rei dos soberbos, eles escureceram sua inteligência, afirmam que a luz da verdade não penetre aí. Arrastados ao ódio ciumento que Lúcifer porta ao Cristo Deus, ao Cristo Rei, e a tudo o que lhe pertencem, eles dirão como os Escribas e os Fariseus, testemunhas da ressurreição de Lázaro: “É preciso matar o Papado; é preciso destruir a Igreja; é preciso edificar sobre suas ruínas o culto da carne, o culto da razão, o culto de Satanás, nosso pai, nosso mestre e nosso rei. E, então, somente então, seremos mestres desse mundo, reinaremos livremente sobre esse mundo, seremos os reis e os deuses desse mundo... *Et dicebant: occidamus eum, et habebimus haereditatem ejus*²⁴.

Não nos perturbemos. O ódio incurável, invencível, eterno que Satanás porta a Jesus Cristo, à divina Mãe de Jesus Cristo e ao Papado, passou na alma aos filhos perdidos do sensualismo e do racionalismo pagão desse tempo. Um milhão de excomungados jurou a ruína da soberania temporal do Pontífice rei. Um milhão de excomungados trabalha, com uma raiva verdadeiramente satânica, para destruir o Papado. As ameaças do cisma, as tentativas de cisma, provam que a ruína da soberania temporal do Papa é apenas um encaminhamento à destruição de seu poder espiritual.

Os racionalistas excomungados, os livres pensadores, que estão unidos pelos juramentos mais execráveis e que sonham com a derrubada do Papado, carregam um ódio diabólico a Pio IX. Como explicar esse fenômeno? Qual mal lhes fez Pio IX? Quem há de mais inofensivo, de mais rico em mansidão, que o Vigário atual Daquele que é chamado: O Cordeiro dominador da terra²⁵? A guerra implacável, habilmente ímpia e satanicamente hipócrita, do qual Pio IX é o objeto, tem sua origem,

²⁴ Mt 21, 38.

²⁵ Is 16, 1.



sua única origem, na proclamação dogmática da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Mãe de Deus.

Que fez o Pontífice supremo por esta definição solene?

Pio IX, por esta declaração dogmática, elevou o culto da Bem-Aventurada Maria à suas últimas magnificências. Ele colocou, pelo mesmo decreto, o selo dos últimos esplendores à divindade de Jesus Cristo e ao poder infalível do Papado! Ora, fazendo resplandecer em um grau supremo as glórias de Jesus Cristo, as glórias de sua divina Mãe e as glórias do Papado, Pio IX dá um golpe mortal, o golpe mais esmagador no inimigo pessoal do Cristo, no inimigo pessoal da augusta Mãe do Cristo, no inimigo pessoal do Vigário do Cristo, ou seja, em Lúcifer.

Pio IX exalta a divindade de Jesus Cristo em uma medida que ultrapassa toda medida, e que parece, além do mais, intransponível aqui em baixo. Como assim? Definindo dogmaticamente a Conceição Imaculada da Santíssima Virgem, o Pontífice bem aventurado revela à terra o prodígio mais fascinante da graça do divino Redentor.

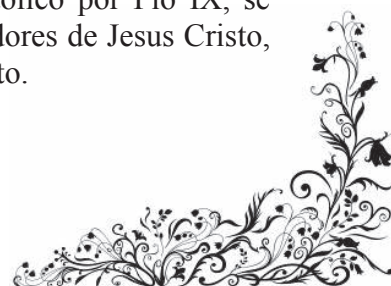
Ele diz e faz crer ao mundo, como um dogma de fé, que a graça divina, cuja fonte está em Jesus Cristo, foi tão poderosa, que ela preservou a Santíssima Mãe de Deus dos ultrajes comuns, e das feridas originais do pecado de Adão. Sem o dogma definido da Imaculada Conceição, a terra não conheceria, não teria jamais conhecido o mais profundo segredo das misericórdias divinas. Jamais ele teria conhecido dogmaticamente o prodígio mais maravilhoso da graça, a eficácia suprema, a criação por excelência da graça de Jesus Cristo. Esse decreto se manteria no estado da crença piedosa e da simples opinião. Pio IX é, portanto, o porta-voz, o apóstolo sublime das glórias do Homem-Deus. Pio IX é, portanto, o pregador por excelência das últimas magnificências da graça que regenera, e da graça que santifica.

Pio IX, nos o demonstramos, fez para a glória da Virgem Imaculada, tudo o que era possível se fazer no seio da Igreja militante. Ele atacou, ele venceu, por esta definição solene, o naturalismo pagão e o satanismo que é seu pai.

Pio IX, enfim, pela definição dogmática do privilégio da Imaculada Conceição, canoniza o grande atributo da infalibilidade insinuante do Pontífice romano. Ele elevou esta infalibilidade à altura própria do dogma que ele definiu. Se Pio IX, com efeito, não gozasse do privilégio miraculoso da infalibilidade dogmática, como ele poderia determinar um dogma da crença piedosa da Imaculada Conceição? Como Pio IX poderia decidir, finalmente, por um julgamento supremo, o que a Igreja inteira deveria crer, e crer com uma fé divina e inquebrantável, relativo à Conceição Imaculada da Bem-Aventurada Mãe Deus? Pio IX dá ao universo uma nova edição do símbolo. Ele faz um novo símbolo no sentido do qual fala São Tomás de Aquino (2ª 2ª, q.I. art.10). Ora, agindo assim, Pio IX imprime o selo de um esplendor incomparável na infalibilidade ensinante e dogmática dos Pontífices romanos. Aí, e somente aí, se encontra o nó do mistério satânico do qual somos testemunhas. Aí se encontra o segredo deste ódio imenso, dessas contravenções diabólicas contra o Papado.

Pio IX se tornou o inimigo pessoal de Lúcifer, pois ele dá em Lúcifer o golpe mais pesado, mais esmagador, mais desesperado. Pio IX é o inimigo pessoal de Lúcifer, pois ele eleva à sua suprema magnificência a glória de Jesus Cristo, a glória da divina Mãe de Jesus Cristo, a glória do Vigário de Jesus Cristo. Pio IX, por esse triplo apostolado, se tornou digno de partilhar o ódio que Satanás traz contra Jesus Cristo e à sua Mãe Imaculada. E, eis porque Satanás prepara, pelas mãos daqueles dos quais ele é o chefe, o Calvário sobre o qual ele se prometeu imolar o bem aventurado Pontífice que o pregou, ele mesmo, no cadafalso de uma desonra eterna e de uma suplício eterno.

O dogma da Imaculada Conceição, plantado na consciência do universo católico por Pio IX, se tornou a bandeira vitoriosa sob a qual se enrolam para sempre todos os adoradores de Jesus Cristo, todos os Apóstolos, e todos os discípulos da graça e da divindade de Jesus Cristo.



Esse dogma de salvação e de misericórdia é a bandeira à sombra da qual se colocam todos os servos da Bem-Aventurada Mãe de Jesus Cristo, todos os pregadores, todos os propagadores de suas glórias e de sua santidade.

Esse dogma, enfim, é a bandeira sagrada sob a qual combatem e combaterão, até a morte, todos os servos devotados da soberania espiritual e temporal do Papado.

Satanás o compreendeu; daí, os ruídos espantosos que ele faz escutar desde a definição dogmática da Imaculada Conceição da Santíssima Mãe de Deus; daí os imensos esforços da serpente antiga para reunir, sob sua lúgubre e sangrenta bandeira, todos os inimigos da divindade de Jesus Cristo, todos os inimigos do culto da Virgem Imaculada, todos os inimigos do duplo poder do Vigário de Jesus Cristo.

Com quem estará a vitória? A vitória estará com Nosso Senhor Jesus Cristo. Ela estará com a divina Mãe de Jesus Cristo. Ela estará com a Igreja de Jesus Cristo.

Que combate ademais em uma guerra dura há dezoito séculos? Onde estão aqueles que tentaram derrubar o trono de Jesus Cristo, o trono da divina Mãe de Jesus Cristo, o trono do Vigário de Jesus Cristo? A glória do Homem-Deus e a glória da augusta Mãe de Deus estão envolvidas na luta que sustenta Pio IX. A palavra do Cristo, as promessas divinas que Ele deixou em herança ao Papado, estão engajadas nesta luta. E quem é suficientemente forte para vencer Aquele que derrubou os reis ímpios e os perseguidores da Igreja como vasos de argila? Quem é suficientemente forte para vencer a Virgem poderosa que esmagou todas as heresias? Quem é suficientemente forte para contradizer o Verbo eterno? Quem é suficientemente forte para lhe dizer: as promessas que fizestes ao Papado não se cumprirão!?

Infelizes! Mil vezes infelizes aqueles que, fascinados pelo orgulho do poder, embriagados pelo vinho da luxúria, ou incendiados pelo fel do ódio, se colocam ao serviço da antiga serpente! Infelizes são aqueles que tentam arrancar de seu fundamento divino, a pedra sobre a qual o Papado está assentado! Porque está escrito: “Todos aqueles que se chocarem contra esta pedra, se quebraram; e todos aqueles sobre quem cairá esta pedra, serão esmagados²⁶”.

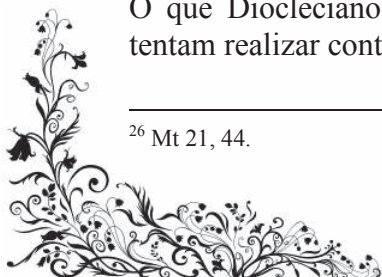
Quando o dogma da Redenção desceu sobre o mundo, o mundo não se suportava mais. O culto da carne, o culto da razão e o culto dos demônios, cobriam o universo. Contudo, mal três séculos tinham se passado desde a primeira publicação do Evangelho, e já o império de Satanás se estalava por toda parte.

O inimigo eterno do Homem-Deus tentou reconquistar, por um esforço supremo, o terreno que ele tinha perdido na luta. Ele gerou Diocleciano e seu feroz coadjutor. Ele colocou na alma dos dois monstros coroados, todo o ódio que ele carrega contra o Cristo e seus adoradores. As fogueiras, os cavaletes, as rodas armadas com pontas e navalhas; o ferro, o fogo, todos os tipos de suplício foram postos em jogo, e foram utilizados contra os discípulos de um Deus morto sobre a cruz. O império romano, tornado um açougue, um abatedouro, um ossuário, pareceu ameaçado de ser transformado em um deserto. A coluna de bronze que deveria eternizar o triunfo dos dois carrascos da Igreja, iria ser erigida sobre a tumba do cristianismo vencido. Ora, tudo isso se passava na véspera do dia em que deveria brilhar o mais maravilhoso triunfo da Igreja sobre o velho paganismo.

Uma luz ofuscante apareceu no céu. O lábaro da vitória, encimado por uma cruz e carregado pelos anjos, transforma-se na bandeira das legiões romanas. Constantino, primeiro discípulo-rei do divino crucificado, faz a religião de Jesus Cristo subir sobre o trono dos Césares; e a cruz na qual estava atadas os mais vis escravos, transforma no mais esplêndido ornamento do diadema dos imperadores e dos reis cristãos.

O que Diocleciano, inspirado por Satanás, tinha tentado contra o Cristo, os inimigos da Igreja tentam realizar contra o Papado.

²⁶ Mt 21, 44.



“É preciso que Pio IX se vá de Roma e o catolicismo com ele”, dizem os dioclecianos da astúcia e os conspiradores da apostasia. O cisma, a heresia, a civilização pagão da Roma dos Césares ou da Roma dos Brutus, devem substituir esta velha instituição do Papado que teve seu tempo, e que não pode mais se adaptar às necessidades e às luzes da sociedade moderna...

Esses desejos execráveis ressoaram nos jornais, cujo príncipe das trevas fez os porta-vozes da impiedade; mas aqueles que conceberam esses pensamentos infernais não os verão se cumprir.

Assentado sobre um trono fortalecido contra todos os abalos, o Papado viverá muito mais tempo que aqueles que sonham com sua ruína.

Cinquenta Papas tiveram o destino que a Revolução prepara a Pio IX. Mas o Papado é eterno. Ele deve viver muito mais tempo para fazer os funerais de todos seus perseguidores. O passado lhe responde sobre o futuro; e os séculos, passando diante de seu trono indestrutível, o saúdam rei da eternidade!!...

Pio IX, pelo dogma da Imaculada Conceição, entregou Satanás ao poder da Mulher divina, e esta mulher invencível lhe esmagou a cabeça.

*Dominus omnipotens nocuit eum, et tradidit eum in manus feminae, et confodit eum*²⁷.

²⁷ Jud 16, 17.





SÃO MIGUEL – GIORDANO LUCA

Prova dos espíritos angélicos

Queda de Lúcifer e dos Anjos maus

*Et factum est praelium magnum in Caelo, Michael et Angeli ejus praeliabantur cum dracone.
E houve um grande combate no Céu; Miguel e seus Anjos combateram contra o dragão.*
Apocalipse 13

Qual é esse grande combate cujo Céu se tornou o teatro? Porque esta luta entre São Miguel e o antigo dragão? E qual é esse Céu onde os espíritos angélicos se entregam a um combate terrível e misterioso? *Et factum est praelium magnum in Caelo.*

Pode haver lutas, combates, guerras, no Céu da glória? A discórdia pode se introduzir no lar da eterna paz? Os espíritos que gozam da visão imediata da divina essência podem se revoltar contra Deus, violar as leis da ordem, se odiar uns aos outros, se digladiarem em lutas formidáveis? *Et factum est praelium magnum in Caelo.*

O Céu do qual fala o apóstolo São João, e que se tornou o campo de batalha dos espíritos invisíveis, não é, não pode ser o Céu dos eleitos, pois o erro e o mal não saberiam penetrar ali onde a verdade e a caridade reinam soberanamente. Os eleitos vêem Deus face a face, eles contemplam a luz na luz¹. Não há mais sombra, nuvens, mais trevas, mais inclinações depravadas no Céu onde Deus se deixa ver tal como ele é. Os anjos bem-aventurados e os santos não podem se desligar da beleza infinita que eles contemplam a descoberto. O próprio Deus não pode cessar de amar aqueles que o amam. Os eleitos se tornaram impecáveis. Eles estão fixados para sempre no amor do bem supremo que eles contemplam nos esplendores da clara visão. O combate dos bons e dos anjos maus não pôde ocorrer, então, no Céu da beatitude eterna.

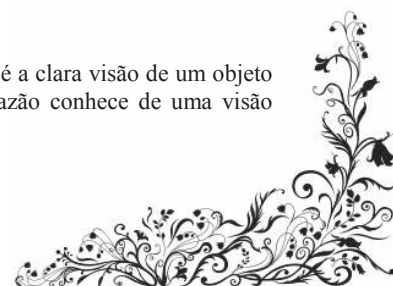
Mas esta luta ocorreu nas regiões de inteligência e da razão? Ou em outros termos, os anjos se dividiram sobre os princípios ou as conseqüências das verdades da ordem puramente natural?

A teologia sagrada ensina que as conseqüências que desprendem dos princípios evidentes da razão são também claras para os espíritos angélicos, assim como o são para nós os axiomas mais evidentes, ou os primeiros princípios da razão. E é por isso que os anjos, na aquisição das verdades puramente naturais, não vão, como nós, do conhecido ao desconhecido, pelos procedimentos obscuros e falíveis da indução, da análise, da analogia ou dos outros modos pelos quais as inteligências pessoais unidas a corpos passíveis sabem as verdades que desprendem dos princípios evidentes da razão.

A última conseqüência de um princípio evidente da razão é também clara para os espíritos desprendidos de toda matéria, ou para os anjos. Os anjos vêem nos princípios da razão todas as conseqüências desses princípios. Eles os vêem de uma visão de equação², como eles vêem os próprios primeiros princípios; e eis porque a dúvida, a ignorância e o erro estão banidos do círculo luminoso nos quais os espíritos invisíveis estão envolvidos, na ordem das verdades puramente naturais. Não há, portanto, antagonismo, trevas, desordem mental possível para os espíritos angélicos considerados sob essa relação.

¹ In lumine iuo videbimus lumen. Salmo 35, 10.

² N.d.t.: A equação, diz Santo Tomás, não é outra coisa senão a luz dos primeiros princípios. A equação é a clara visão de um objeto pela razão; é a visão direta, intuitiva, imediata, pela razão, do objeto que ela contempla. Assim, a razão conhece de uma visão intuitiva, de uma visão de equação, os primeiros princípios da razão natural.



Os anjos não tem o mérito de crer nas verdades da ordem natural, pois eles conhecem todas essas verdades na luz da evidência.

Mas fora da ordem sobrenatural da glória, a qual não pode tornar-se um teatro de disputas, de lutas, de combates para os espíritos angélicos inundados das torrentes da clara visão; fora da ordem das verdades puramente naturais, as quais não comportam, nos espíritos angélicos, contradições e disputas, há a ordem da fé revelada, ou ordem sobrenatural da graça. Essas três ordens tem diferenças características e necessárias.

A ordem sobrenatural da glória derrama no seio dos eleitos, torrentes de luz, e todo erro está para sempre banido das regiões que eles habitam. O círculo das verdades naturais não contém obscuridade para os espíritos angélicos, pois todas as verdades desta ordem são também evidentes para eles, como o são para nós os primeiros princípios da razão.

É, então, unicamente na ordem das verdades da fé, na ordem das verdades reveladas, ou, em outros termos, na ordem sobrenatural da graça, que os espíritos angélicos, afrontados durante sua prova, puderam errar, que eles puderam se separar de Deus, se revoltar contra Deus; que eles puderam se dividir, se contradizer, se fazer a guerra, se colocar sob bandeiras diversas, e lutar uns contra os outros em combates misteriosos e terríveis. Tentaremos explicar essas lutas que o apóstolo São João resumiu nessas palavras: “E houve um grande combate no Céu: Miguel e seus anjos combateram contra o dragão, e o dragão combatia, e seus anjos³”.

A ação satânica, os crimes diabólicos dos quais somos testemunhas, o ódio verdadeiramente infernal cujo Cristo, sua divina Mãe, a Igreja e o Papado, se tornaram o objeto, são incompreensíveis e inexplicáveis, se não nos remontamos à origem das coisas. Para penetrar esses assustadores mistérios da malícia humana, é preciso se fazer uma justa idéia das causas que deram ocasião à queda de Lúcifer e dos anjos maus, assim como esses combates formidáveis do qual fala o discípulo bem amado quando ele diz: Houve um grande combate no Céu.

A teologia católica ensina que os espíritos angélicos, criados simultaneamente por um ato da Onipotência, só foram introduzidos na morada da beatitude eterna após a prova que deveria assegurar-lhes a posse dessa morada. A divina sabedoria quis que os espíritos angélicos fossem os operários de sua felicidade e de sua glória; que eles pudessem merecer, pela graça, as eternas recompensas prometidas a um ato livre de sua vontade.

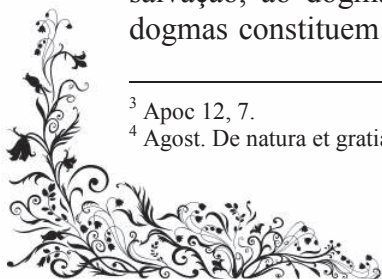
Se Deus, criando os anjos, os tivesse inundados das torrentes da clara visão, esses espíritos de luz não teriam podido concorrer livremente à obra de sua salvação. Fatalmente subjugados pelos esplendores da visão beatífica, eles fariam nada para se tornar dignos da mesma. Eles teriam atingido sem combate, sem luta, sem vitória, sem liberdade e sem mérito, uma felicidade infinitamente elevada, acima de seus desejos e de suas esperanças. De outro lado, a ordem das verdades puramente naturais não conteria obscuridades para esses puros espíritos. Eles não podem, então, ter nenhum mérito ao crer nas verdades desta ordem. A prova dos espíritos angélicos se liga, portanto, fundamentalmente à ordem sobrenatural da fé e da graça. É, então, aí onde precisamos nos colocar para formarmos uma idéia verdadeiramente teológica da prova na qual eles foram submetidos.

Os anjos, saindo das regiões do possível, tomando posse da existência, foram enriquecidos do dom sobrenatural da graça. Criados para um fim sobrenatural, eles não podiam encontrar nem neles mesmos, nem nas coisas criadas, o meio de atingir este fim, pois Deus, diz Santo Agostinho e a teologia após ele, “em lhe dando o ser da natureza, lhe fez dom da graça⁴”.

A Igreja, em seu símbolo, reduziu a ordem inteira das verdades sobrenaturais, necessárias à salvação, ao dogma da adorável Trindade e àquele da Encarnação do verbo divino. Esses dois dogmas constituem a base da ordem divina da graça. Eles implicam, com efeito, todos os dogmas

³ Apoc 12, 7.

⁴ Agost. De natura et gratia.



da revelação. Ora, esses dogmas incompreensíveis a toda inteligência criada, enquanto que ela não é atingida pela clara visão, viraram o objeto da fé dos espíritos angélicos. Eles lhes foram revelados no próprio momento de sua criação. Assim, para merecer o Céu da visão beatífica, os anjos, como os homens, tem de crer, de uma fé sobrenatural, fundada sobre a palavra de Deus, no dogma de um único Deus em três pessoas, e no dogma não menos incompreensível da união pessoal do Verbo divino com a natureza humana, pela encarnação.

Crer de uma fé viva, ou seja, de uma fé informada ou vivificada pela caridade, que a natureza divina, em sua indivisível essência, é comum à pessoa do Pai, à pessoa do Filho e à pessoa do Espírito Santo; crer, em uma palavra, na Trindade das pessoas divinas, em uma mesma essência e mesma divindade; tal é o elemento fundamental da salvação dos anjos e dos homens.

Mas a fé ao insondável mistério da adorável Trindade não basta. A salvação da glória, ou a vida eterna abraça, em outro, a visão imediata do grande mistério da união pessoal do Verbo divino com a natureza humana em Jesus Cristo. E eis porque o divino Salvador dizia na véspera de sua morte: “Nisso consiste a vida eterna; que o conheceis por único e verdadeiro Deus, e aquele a quem enviastes, Jesus Cristo⁵”.

Notem bem, caríssimos irmãos, que a fé sobrenatural do dogma da Encarnação, na qual se liga no plano divino, a maternidade divina da Bem-Aventurada Virgem Maria, e a consangüinidade ou a fraternidade sobrenatural dos filhos da graça com o Cristo, foi, para os anjos, o ponto mais difícil, talvez, de sua prova. Impondo aos espíritos angélicos, como uma das condições fundamentais de sua beatitude suprema, um ato de adoração para o Homem-Deus, um ato de amor e de submissão para a Virgem Imaculada chamada a tornar-se sua Mãe, um ato de caridade fraterna para os filhos da raça humana que se tornariam os filhos adotivos de Deus, a sabedoria eterna oferecia aos espíritos angélicos a matéria do sacrifício mais heróico e mais completo de sua inteligência e de sua vontade.

Se Lúcifer e os anjos só tivessem sido submetidos, para subir ao céu da glória, a um ato livre de fé, de adoração e de amor pela indivisível Trindade, eles não teriam percebido nada de mais difícil, talvez, nesse ato de abnegação e de dependência. Eles teriam compreendido que, Deus sendo infinito, soberanamente perfeito, e plenamente incompreensível a todo espírito criado, nada era mais justo do que só crer no impenetrável mistério de um único Deus em três pessoas, o qual era imposto a sua fé, como a indispensável condição de sua felicidade suprema e sobrenatural.

Mas o dogma da união pessoal do Filho de Deus com a natureza humana, a exaltação da mais humilde das Virgens ao trono da maternidade divina, a consangüinidade e a fraternidade dos filhos da raça humana com o Verbo encarnado, colocavam Lúcifer e os anjos na necessidade de procurar o caminho do Céu da clara visão, pela via do despojamento mais absoluto de todas as luzes de sua inteligência, de todas as investigações de sua sabedoria, de todas as invenções de sua prudência e de sua perspicácia.

Com dificuldade Lúcifer conheceu, pela revelação, o plano sobrenatural dos mistérios da graça, com dificuldade seu pensamento se esforça em abraçar as dimensões, de penetrar nas razões divinas, de medir as conseqüências, de entender as causas, os meios e os efeitos. Fascinado pelos esplendores de sua própria natureza, o chefe das tribos angélicas quis compreender o que ele deveria crer. Esquecendo sua fraqueza nativa, e exagerando sua virtude, ele ousa colocar um olhar scrutador nas majestosas profundezas dos conselhos do Altíssimo. Uma fé submissa, um amor obediente o colocariam sobre a via das supremas conveniências do mistério adorável da Encarnação, e das conseqüências que desprenderiam disso, para a glória de Deus e para a perfeição sobrenatural do universo; mas o orgulho e a inveja que germinam no fundo de seu ser não lhe permitem “de se manter de pé na via da verdade⁶”.

⁵ Jo 17, 3.

⁶ Jo 8, 44.



No lugar de extrair no amor as claridades que lhe faltam, e de adorar em um despojamento absoluto de sua própria sabedoria esse mediador divino que pode, sozinho, abrir-lhe, por sua graça, os caminhos da glória, Lúcifer concebeu o infernal desejo de rebaixar os planos sobrenaturais às estreitas proporções de seus pensamentos e de suas trevas.

Confrontada em relação ao Ser infinito, a união hipostática do Verbo divino com a natureza humana se abre, ao orgulhoso querubim, como a negação das grandezas do próprio Deus, como um insulto à majestade do Altíssimo, como um esquecimento de sua santidade, de suas perfeições e de sua glória.

Confrontada em suas relações com a natureza angélica, a encarnação do Filho de Deus, sua união pessoal com a natureza do homem, lhe parece marcada do desprezo mais profundo para todos os espíritos desligados da matéria. Buscar nos confins do nada, e nas baixas regiões habitadas pelo próprio bruto, a carne do homem para se fazer dela a carne de um Deus, para colocá-lo sobre um trono infinitamente elevado acima daquele sobre o qual o primeiro dos espíritos está assentado, eis aí, para Lúcifer, um destino que transtorna todas as potências de seu ser, e que ultrapassa, à seus olhos, todos os limites do possível e mesmo do absurdo.

Se Deus tomasse a natureza do anjo, se Ele se unisse pessoalmente ao espírito mais elevado na escala da criação, Ele obedeceria às santas harmonias da ordem: Ele desceria sem se desvalorizar.

Ele atingiria, por esta união suprema, todos os espíritos angélicos, cuja natureza não toma nada emprestado da matéria grosseiramente inerte, à qual a alma humana deve estar unida, na ordem de sua personalidade e de sua natureza.

Em se fazendo anjo, no lugar de se fazer homem, o Filho de Deus não transporia os limites da eterna sabedoria, e pela união hipostática com a natureza angélica, Ele derramaria sobre a alma do homem bênçãos e privilégios, cuja carne é indigna, pois ele jamais teria a possibilidade de compreendê-las e de apreciá-las.

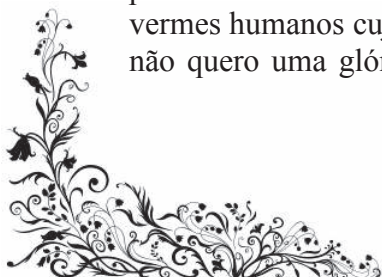
Colocando os espíritos de luz na indispensável necessidade de falecer à esperança de uma felicidade sobrenatural, ou de procurá-la em um ato de fé, de adoração e de amor pelo Filho da Mulher, chamada a tornar-se a Mãe do Verbo encarnado, Deus pede a Lúcifer e às tribos angélicas um sacrifício impossível, pois ele é injusto.

Só poder atingir o Céu da glória pelos méritos de um Homem-Deus, e não pelos méritos de um Anjo-Deus, é para Lúcifer uma lei de absurda e cruel parcialidade, à qual ele e os seus não poderiam se submeter sem abdicar o sentimento de sua personalidade e a dignidade de sua natureza.

Suspenso sobre si mesmo, Lúcifer se vê privado para sempre da felicidade suprema, pois o Céu da glória coloca para ele condições impossíveis, pois ele só pode ali chegar-se pela graça do Verbo encarnado, por uma humilhante servidão para com a mulher que deve misturar seu sangue àquele do Homem-Deus, pela vergonhosa necessidade de ter como iguais, como irmãos, talvez, mesmo como superiores nas regiões da graça e da glória, inteligências subjugadas pela junção de uma personalidade degradante às operações, às necessidades, às vergonhosas necessidades e à vida dos animais.

Todos esses pensamentos e uma infinidade de pensamentos mais negros de blasfêmias, mais injuriosos à sabedoria divina, atravessaram o espírito do arcanjo infiel, fechando seu coração às inspirações salutareis de uma modesta desconfiança de si mesmo, e aos conselhos desta caridade divina, que torna creditáveis os mais inimagináveis prodígios da Onipotência.

Se abandonando nas inspirações de um orgulho incurável e de uma inveja desesperada, Lúcifer diz para si mesmo: O Cristo não será meu Deus; a mulher que deve gerá-lo não será minha rainha; os vermes humanos cujo Filho do Altíssimo ambiciona a natureza e a forma não serão meus irmãos; eu não quero uma glória adquirida pelo esquecimento de minha dignidade. O céu da visão beatífica



não é minha pátria, se eu estou condenado a conquistá-lo pelo suplício de uma adoração impossível e degradante, e pelo suicídio das luzes de minha própria natureza.

Mas ai não se detém o crime do primeiro dos Espíritos. Se precipitando no abismo de uma eterna reprovação, se fixando, por suas resoluções irreversíveis, em um ódio irremediável contra o Cristo, contra a Mãe Imaculada do Cristo, contra os filhos da raça humana, chamados a tornarem-se os irmãos adotivos do Cristo, Lúcifer concebeu o infernal pensamento de fazer partilhar a todos os espíritos angélicos o crime de seu orgulho, de sua inveja odiosa e de sua revolta. Mergulhado, perdido nas profundezas de um orgulho desesperado, o querubim infiel acumula, nas regiões povoadas pelos filhos da luz, montanhas de trevas, de mentiras, de sofismas e de blasfêmias.

Ele sabe que acorrentando em sua ruína todos os Espíritos à cabeça dos quais ele foi posto por um favor imerecido; que em lhes inoculando o fel de sua inveja contra o Homem-Deus, que os tornando cúmplices de seu ódio contra a Virgem Imaculada, que deve tornar-se sua mãe, e de suas cóleras contra os filhos da raça humana, ele sabe, dizem-nos, que ele ferirá o plano sobrenatural da graça e da glória.

Se os anjos, com efeito, impelem, pelas sugestões do arcanjo soberbo, a mediação do Cristo, o culto da Rainha dos anjos e a fraternidade dos homens tornados os filhos de Deus, o Verbo encarnado perde em um só golpe o reino do mundo dos puros espíritos. O problema das causas finais do mundo sobrenatural é mutilado. Os nove coros dos anjos só respondem pelo desprezo e o desdém à glória que o Cristo lhes oferece. A sabedoria eterna não pode mais divinizar, pela encarnação, as criaturas mais nobres e as mais excelentes saídas de suas mãos. Lúcifer supera o Filho da Virgem. A aristocracia do mundo dos espíritos lhe pertence, e só fica com o Cristo vencido uma raça de adoradores desprezados, a plebe ínfima, que sua graça irá buscar sobre os confins do nada e nas catacumbas da criação.

Dai, os esforços imensos pelos quais Lúcifer tenta embriagar do vinho de seu orgulho, e de corromper do fel de seu ódio, os inumeráveis filhos de luz que habitam os espaços inteligíveis durante a paragem rápida de sua prova.

Se fosse possível reunir, como em um fascículo, todos os erros do mundo antigo, todos os desvios do espírito humano, todas as perversões das seitas idólatras, todos os sistemas de trevas, à ajuda dos quais a antiga Serpente trabalhou durante quatro mil anos para apagar as esperanças sobrenaturais da humanidade, as glórias do Cristo, os destinos elevados preparados para a Bem-Aventurada Maria; se fosse possível abraçar com um único olhar todos os cismas e todas as heresias que rasgam o seio da Igreja há 19 séculos, se reuníssemos todas as blasfêmias, todos os sarcasmos, todos os ultrajes sacrílegos lançados na face adorável do Cristo, da Virgem Imaculada e da Igreja romana, só teríamos uma imagem incompleta deste incomensurável oceano de ódios invejosos, de sacrilégios insultantes, de blasfêmias ímpias, de sarcasmos diabólicos, cujo Lúcifer inunda as regiões que habitam os nove coros dos Anjos, no céu da prova.

Por um ato interno, cujo pensamento do homem não saberia conceber a natureza, na rápida energia, nas súbitas manifestações e na sedutora potência, Lúcifer se esforça para fazer circular até nas profundezas da consciência dos espíritos puros, o vírus infernal cujo orgulho e a inveja cavaram, nos abismos de seu ser, uma fonte inesgotável. Exagerando sua força, sua elevação, suas luzes, ele não duvida que todas as hierarquias celestes não partilhem com ele a invencível repugnância que não lhe permitirá jamais de se fazer o adorador do Cristo, o servo da mulher que deve gerar o Homem-Deus, e de honrar como iguais, na ordem da graça, talvez como seus superiores, na ordem da glória, esses vermes de terra a quem destinos divinos estão preparados.

Mas, ó profundidade dos conselhos divinos! Ó abismo desta sabedoria que vai de um extremo ao outro, e que sabe fazer servir o erro e o crime ao triunfo e à realização dos planos sobrenaturais da divina misericórdia! É no mesmo momento em que o Dragão infernal promete ocultar em uma



tumba eterna todas as esperanças prometidas às tribos angélicas, que o toque do sino da vergonha, que as salvas de uma eterna reprovação vão soar para o Rei dos apóstatas e dos traidores.

Um querubim enriquecido dos dons mais brilhantes da natureza, resplandecente dos dons incomparavelmente mais maravilhosos da graça, vai quebrar, na mão de Lúcifer, o cetro sacrílego com o qual este implacável inimigo do Cristo espera precipitar em uma ruína eterna os espíritos angélicos que ele deveria animar, por seu obediente amor, no combate da fé, da graça e da virtude.

Dócil às inspirações do Espírito Santo, submisso como um filho à lei dos mistérios sagrados da graça, o glorioso São Miguel adora, sem compreendê-los, os dogmas sublimes no fundo dos quais ele extraiu a vida sobrenatural e as esperanças de uma beatitude incompreensível, como o amor infinito daquele que os derramou em seu coração. Discípulo do Cristo, por sua fé e por sua caridade, ele se tornará o mais intrépido defensor das glórias da natureza humana. Esclarecido nos raios puros da graça, este invencível querubim descobre, através das salutares obscuridades da fé, o segredo desta sabedoria infinita que concebeu o plano da glorificação suprema do universo.

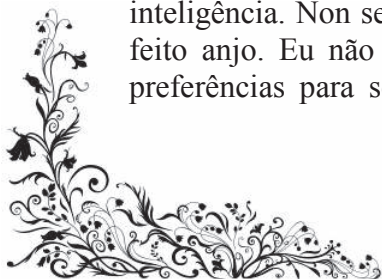
A encarnação do Filho de Deus, os sublimes destinos da Maternidade divina, as prodigiosas esperanças da raça humana, pertencem-lhe como as últimas e supremas manifestações dos atributos divinos. Seu olhar casto descobre aí os últimos esforços do poder, da sabedoria e do amor infinito.

Os aniquilamentos do Verbo divino na Encarnação tornam-se, para sua inteligência dócil, a última palavra de Deus e do universo. Insondáveis profundezas do plano sobrenatural da graça e da glória escapam das clarezas que subjagam sua alma e que o inundam das inesgotáveis efusões de um amor satisfeito. Quanto mais a fé de São Miguel é simples, profunda, dócil, mais ele penetra os mistérios, mais os esplendores divinos da luz infinita se desvendam aos olhos de sua inteligência. Lúcifer, carregando um olhar temerário sobre os mistérios da fé, só querendo crer neles após tê-los compreendido, só pedindo a si mesmo as forças necessárias para atingir seu destino supremo, buscando subir, sem o socorro da graça, ao trono da visão beatífica, vai cair de uma queda eterna.

São Miguel, humilhando seu entendimento diante a majestade dos dogmas divinos, adorando os incompreensíveis segredos do eterno amor, merecerá perceber neles as causas supremas, as conveniências divinas, as prodigiosas harmonias. Ele merecerá, por sua fé, por sua esperança, por sua caridade, tornar-se, para o mundo angélico, o porta estandarte da luz sobrenatural, o primeiro Apóstolo da divindade do Cristo, e o invencível defensor da Maternidade divina da Virgem imaculada. Ele merecerá, por sua vitória sobre Lúcifer e sobre os anjos rebeldes, tornar-se o protetor imortal da Igreja militante.

Esse glorioso Arcanjo se elevará, por isso, sob o império da graça, a todas as magnificências da caridade e da virtude, protegerá as hierarquias celestes com o escudo de sua fé, com a espada de sua palavra, com a armadura sagrada do qual ele se revestiu do espírito de força e de luz. Inferior, talvez, na ordem hierárquica, a Lúcifer, ele se elevará acima dele pela profunda abnegação de sua humildade, pelo esquecimento mais absoluto de si mesmo, por um amor filial, para os segredos que a eterna sabedoria dignou-se revelar aos espíritos angélicos, e que ele crê, de tanto, mais dignas do poder infinito do Altíssimo, mesmo não os compreendendo, mesmo que eles ultrapassem sem medida os pensamentos de sua inteligência e as investigações de sua sabedoria.

Lúcifer, fixado para sempre no ódio invejoso que ele leva contra o Homem-Deus, na raiva desesperada que lhe causam as grandezas da Virgem que deve gerar o Verbo encarnado, no desprezo invencível que ele devotou aos eleitos da raça humana, ergue, do alto do trono onde ele está assentado, como chefe de todas as tribos angélicas, o estandarte de uma desobediência e de uma revolta deicida. “Não obedecerei”, grita o querubim soberbo. Non serviam. Eu não obedeceria a um mandamento injusto. Eu não acreditarei nos mistérios cuja fé seria o suicídio de minha inteligência. Non serviam. Eu não creerei em um Deus feito carne, quando ele poderia ser um Deus feito anjo. Eu não quero dever o céu da visão beatífica a um mediador que guarda todas suas preferências para seres dignos de um eterno desprezo, e que se prepara para derramar sobre a



natureza humana riquezas e glórias cuja natureza angélica não foi encontrada digna a seus olhos. Non serviam.

Mergulhando em um desespero incurável, pois ele é o fruto de uma obstinação invencível, o Judas do mundo dos espíritos fecha seu coração à esperança de uma felicidade que somente a graça do divino Filho de Maria pode fazer merecer a todos os espíritos invisíveis. Agitando a tocha de uma rebelião deicida, Lúcifer coloca em jogo os supremos esforços de seu incomparável orgulho, para partilhar, com todas as hierarquias celestes, todas as determinações irreversíveis que rebitam para sempre seu pensamento, sua vontade e todas as potências de seu ser, ao ódio do Cristo, ao ódio da divina Mãe do Cristo, ao ódio e ao desprezo dos irmãos gloriosos do Cristo.

Com a ajuda das pesadas profundezas e das imensas obscuridades do dogma da Encarnação, do dogma da Maternidade divina da Bem-Aventurada Virgem, do dogma da apoteose da natureza humana, dos mistérios incompreensíveis da graça e da predestinação, Lúcifer promete precipitar todas as legiões angélicas no abismo de uma irremediável apostasia, e de aniquilar, por esta vitória, o plano divino inteiramente.

Mas o glorioso São Miguel, cuja fé, a esperança e a caridade fizeram dele o primeiro discípulo do Homem-Deus, o primeiro servo da Mãe de Deus, o primeiro defensor da Igreja de Deus, opõe, à palavra de ordem da revolta, inscrita sobre a bandeira de Lúcifer, a palavra de fogo gravada pelo amor, sobre a espada que o Arcanjo fiel recebeu para abater toda dominação que ousasse se elevar contra Deus.

“Quem é como Deus?” grita o chefe predestinado da milícia celeste. Quis ut Deus? Quem é forte, quem é grande, quem é terrível e santo como Deus? Quis ut Deus?

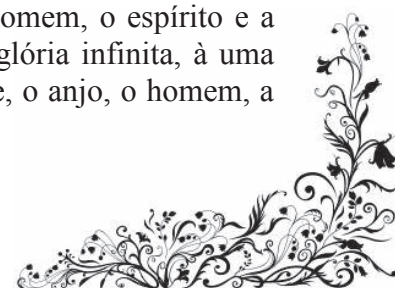
E ti, pai dos apóstatas e dos traidores, rei dos prevaricadores e dos soberbos, raiz de toda iniquidade, fonte de toda malícia, fabricante de todos os crimes e todas as mentiras, quem és tu, para medir os pensamentos de Deus à teus pensamentos, os planos divinos à tua ignorância, os mistérios de Deus às tuas trevas? Quis ut Deus? Quem és tu, para colocar tuas dúvidas em face de sua luz, tuas blasfêmias em face de sua Majestade, tuas negações em face de seu Verbo, teus sofismas em face de sua eterna verdade? Quis ut Deus?

Quem és tu, para dirigir teu nada diante sua soberana perfeição, tua baixeza diante suas grandezas, tua esterilidade, diante sua inesgotável e eterna fecundidade? Quis ut Deus!

Átomo inteligente! Se o olho que o Deus criador te deu pudesse pesar os esplendores de sua glória, se ele pudesse penetrar os segredos de sua sabedora, como esse grande Deus habitaria por além de todos os seres e todos os mundos, em um santuário inacessível e em uma luz que não se consegue encontrar? Se teu pensamento pudesse medir a altura e a profundidade, a largura e o comprimento de seus conselhos, como ele seria um oceano sem limites e sem fundo, de sabedoria e de amor? Se, em nos tirando dos abismos do possível, o Deus três vezes santo nos tivesse inundados das torrentes da visão imediata de sua divina essência, como seríamos dignos de contemplá-lo? Que teríamos feito para merecer a eterna possessão? Ele dignou-se em nos revelar o plano sobrenatural da graça e da glória, mas sua sabedoria aí escondeu o segredo, a fim de nos tornar dignos, após um ato de fé e de amor, de contemplá-lo para sempre nos eternos esplendores.

O Verbo infinito do Pai nos revelou, no Espírito Santo, que Ele se uniria um dia à natureza humana pela junção de uma união hipostática. A essência do Verbo, a essência da alma e a essência da carne se juntariam, se abraçariam de uma proximidade tão forte, tão prodigiosamente una, que elas só teriam no Cristo, Deus e Homem, uma única e mesma personalidade.

O Verbo divino descerá na carne, para elevar a carne até o trono de Deus. Ele se fará Homem afim que o homem seja feito Deus; e por esta união pessoal com a natureza do homem, o espírito e a matéria, únicos elementos da criação, se elevarão, no Homem-Deus, à uma glória infinita, à uma perfeição suprema e deífica, de modo que pela mediação do Verbo feito carne, o anjo, o homem, a



matéria organizada e a matéria inerte serão elevados à uma ordem sobrenatural de graça e de glória, e por aí, o Deus-Criador, o Deus-Redentor e o Deus Santificador desdobrará as últimas magnificências de sua sabedoria e de sua bondade. Ora, que há nesse plano de incompreensível caridade, que não seja digno de uma eterna admiração e de um eterno reconhecimento?

A eterna Trindade quer fazer um Deus do homem, e do próprio Deus, um Homem-Deus. Pelas prodigiosas compensações de uma ternura infinita, o Deus três vezes santo resolveu igualar, aos anjos predestinados à graça e à glória, os eleitos da raça humana, e operar, por isso, a salvação e a glorificação do universo. Ora, é necessário tornar um crime o amor infinito das efusões de sua caridade?

A adorável Trindade concebeu o eterno pensamento de levar, sobre o trono da maternidade divina, a mais humilde e a mais pura de todas as filhas da raça humana.

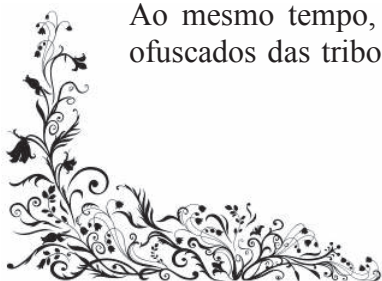
Ela decretou, em seu conselho supremo, derramar sobre esta Bem-Aventurada Virgem, todo o oceano comunicável de sua graça, de suas grandezas e de sua glória. A augusta Mãe é chamada, por sua incomparável vocação, a tornar-se a Filha de Deus, a Esposa de Deus, a Mãe de Deus e a Rainha dos anjos. Ela está predestinada a contratar uma união suprema com uma pessoa infinita...

Pela fecundidade divina, que ela retirou nas efusões do Espírito Santo, a Bem-Aventurada Mãe de Deus será o complemento da Trindade e do universo. Seu seio virginal será o encontro das três pessoas da adorável Trindade. Elas colocarão Nela todas suas complacências. Sua alma imaculada tornar-se-á o santuário de seu Deus e seu paraíso de amor. O Deus três vezes santo fará suas delícias habitar em suas castas entranhas. Ora, que há nesse plano de eterna sabedoria, de eterno poder, de eterna misericórdia, que não seja digno de nossa admiração e de nosso reconhecimento? E porque ela é o fascínio de teu orgulho? O Verbo infinito não se acha indigno de sua majestade ao se dar uma mãe, de tornar-se o filho da Virgem imaculada, de se submeter à mais humilde de todas as criaturas: e ti, infeliz escravo de uma inveja desesperada e de um ódio deicida, credes te rebaixar ao se fazer o primeiro e mais humilde servo Daquela que deve tornar-se, ao longo dos séculos, a Filha de Deus, a Esposa de Deus, a Mãe de Deus? Teu imenso orgulho não te permite compreender que o meio mais seguro de te tornar digno do primeiro trono angélico, no Céu da glória, é tornar-se, pela fé e pelo amor, o mais intrépido defensor da divindade do Homem-Deus, da maternidade divina da Virgem imaculada e das glórias sobrenaturais dos eleitos da raça humana, que seus imortais destinos chamam a se tornarem os filhos e os irmãos de Deus.

Mas porque teu crime está consumado, porque a chaga de teu indomável orgulho se tornou incurável, porque resolvestes viver do fel incendiário do ódio e da inveja, longe da verdade e da esperança, desça no abismo cavado por tua revolta e por tuas blasfêmias. Desça nesta noite das eternas trevas, de onde a ordem e a paz foram banidas para sempre. Longe de Deus e de seu Cristo, tu procurastes em somente em ti um centro de luz, um centro de beatitude, e só encontrastes um abismo sem fundo, de sofismas, de inveja e de desesperança.

Para nós, filhos da luz, porque cremos na palavra do Verbo divino, apoiamo-nos sobre os sublimes destinos que nos são prometidos. Adoramos os profundos segredos da sabedoria eterna, ligamo-nos, por todas as potências de nosso amor, à mistérios que não podemos nem escrutar nem compreender. Quanto mais esses mistérios estão elevados acima de nossa inteligência, mais eles são dignos daquele que se dignou a nos revelá-los; mais eles prometem beatitude e glória ao sacrifício absoluto que lhe fazemos das luzes de nossa razão. Adoramos o Filho do Altíssimo, tornado, por sua encarnação, o filho da Mulher divina. Só pedimos à graça desse mediador, a luz que deve esclarecer nosso entendimento, o caminho que deve nos levar ao reino da paz, e a beatitude que deve nos colocar em posse da vida eterna.

Ao mesmo tempo, meus caríssimos irmãos, o sublime Arcanjo, fazendo resplandecer aos olhos ofuscados das tribos angélicas a palavra de fogo, gravada pelo amor sobre sua invencível espada:



“Quem é como Deus!”⁷ abate as elevações ímpias do Arcanjo rebelde, derruba os conselhos de seu ódio e de sua inveja, e associa a seu triunfo os dois terços da armada inumerável dos espíritos celestes. Esses filhos primogênitos da glória, esses primeiros discípulos do Cristo, esses primeiros servos da Rainha do universo, deixam as regiões da prova para se assentarem sobre os tronos que lhes estavam preparados no seio da cidade eterna, onde Deus se deixa ver tal como Ele é.

Lúcifer, vencido, cai de modo eterno. Ele cai; e em sua irreparável ruína, ele carrega, diz o discípulo bem amado, a terceira parte das estrelas do Céu.

“Eu vi um grande dragão vermelho tendo sete cabeças e dez chifres, e sobre suas cabeças sete diademas; e sua cauda arrastou a terceira parte das estrelas do Céu”⁸.

Tal é, meus caríssimos irmãos, pelo menos daquilo que nos é permitido falar e que está acima de toda palavra humana. Tal é o misterioso combate cujo discípulo bem amado resumiu a história naqueles versículos do Livro do Apocalipse: “Houve um grande combate no Céu: Miguel e seus anjos combateram contra o Dragão, e o Dragão combatia e seus anjos. E eles não prevaleceram, e já não houve lugar para eles no Céu. E esse grande Dragão, a antiga serpente, que é chamado Diabo e Satanás, que seduziu todo o mundo, foi precipitado sobre a terra, e seus anjos com ele foram precipitados! E eu ouvi uma grande voz no Céu que disse: Agora chegou a salvação, o poder, e a realeza de nosso Deus, assim como o poder do Cristo, pois foi precipitado o acusador de nossos irmãos... Alegrai-vos, Céus, e vós que nele habitais”⁹.

Se Deus, criando essas miríades de espíritos que formam o mundo angélico, os tivesse introduzidos, ao mesmo tempo, no céu da visão imediata de sua divina essência, qual parte teriam eles na conquista de uma felicidade que ultrapassa todos os pensamentos de sua inteligência, toda ambição de seu coração, todas as forças de sua natureza? Deus os teria coroados sem nenhum mérito de sua parte, os teria recompensados sem prova, teria partilhado sua beatitude e sua glória com seres que não teriam feito nada para se tornarem dignos disso.

A prova na qual os anjos foram submetidos, e que temos tentado explicar, acontece radicalmente nos profundos mistérios da Encarnação do Verbo, da Maternidade divina da Virgem imaculada, da exaltação da natureza humana no trono de Deus.

Esta prova esmagou Lúcifer e seus anjos, pois no lugar de crer, eles quiseram compreender; pois no lugar de pedir à graça do Cristo, o meio sobrenatural para chegar à glória, eles só quiseram dever a eles mesmos as únicas forças que deveriam elevá-los até a visão imediata da essência divina. Ora, como o orgulho poderia ser um meio de salvação? Como o orgulho, e um orgulho semelhante, poderia ser a via traçada para subir ao Céu da glória?

A queda de Lúcifer e dos anjos maus é um mal que Deus, diz Santo Agostinho, não teria jamais permitido, se Ele não tivesse sido bastante forte para fazer sair da queda de Lúcifer a salvação e a felicidade dos anjos bons; ou seja, uma soma de glória que ultrapassa imensamente a injúria que sua adorável Majestade recebeu pelo crime de Lúcifer e dos demônios cúmplices de sua revolta.

Lúcifer e os anjos maus sucumbiram na luta; mas São Miguel e os anjos fieis se tornaram dignos, por sua fé, por sua obediência, pela humildade de uma submissão sobrenatural, pelo ato mais heróico de sua liberdade, eles se tornaram dignos de partilhar a glória do Homem-Deus, da Mãe de Deus, de todos os eleitos de Deus.

Antes de tirar dos abismos do possível, o mundo dos puros espíritos, Deus, para quem não há nem passado nem futuro, sabia, sem nenhuma dúvida, que Lúcifer e seus cúmplices sucumbiriam na prova julgada necessária pela Eterna sabedoria, para fazê-lo merecer o Céu da visão beatífica, prometido a um ato livre de sua fé, de sua esperança e de seu amor. Mas a presciência divina não

⁷ Quis ut Deus?

⁸ Apoc 12, 3, 4.

⁹ Apoc 12, 7, 8, 9, 10, 12.



foi, diz Santo Tomás de Aquino, a causa de sua queda. E a razão que o doutor angélico nos dá disso, é que a presciência e a predestinação não influem em nada sobre a liberdade daqueles que são o objeto das mesmas.

Lúcifer e os anjos caídos tinham recebido os dons da natureza e o dom sobrenatural da graça, em uma medida igual àquela dos anjos que permaneceram fiéis à lei de sua prova. Nada faltou em Lúcifer e nos anjos maus para atingir, pela graça, o Céu da glória.

A danação de Lúcifer e dos demônios é obra de seu orgulho.

“Tua perda vem de ti, ó Israel¹⁰”.

Não esqueçamos, meus caríssimos irmãos, que o Céu da visão beatífica, no qual os anjos e os homens só podem chegar pela graça do Cristo mediador, é uma felicidade sobrenatural, ou seja, que ultrapassa todas as exigências da natureza, ou que eleva a natureza a um estado infinitamente superior aos pensamentos, aos desejos, às forças, às tendências, às necessidades próprias de toda inteligência criada, qualquer que seja ela.

Não esqueçamos que a visão beatífica eleva aquele que a atinge, pela graça, a um estado deiforme, e que ela é o dom por excelência, o dom supremo da misericórdia infinita.

“Considerai, diz o apóstolo São João, com que amor nos amou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos de fato¹¹”.

“Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é¹²”.

Há em Deus, para as criaturas inteligentes, um amor natural e um amor sobrenatural. O amor natural de Deus por suas criaturas, seja angélicas, seja humanas, se manifesta pelo dom do Ser, pelas perfeições naturais e pela Providência que os conserva, e que os leva a um fim que não ultrapassa os limites e as forças da natureza. Ora, este amor puramente natural, Deus não o retira dos anjos rebeldes, mesmo após sua queda. Os anjos caídos conservaram todos os dons de natureza dos quais eles foram ornados no momento de sua criação. Deus não tem ódio por suas criaturas enquanto criaturas.

“Amais todas as coisas que existem, diz o Livro da Sabedoria, e não odieis nada do que criastes, porquanto, se as odiásseis, não as teríeis feito de modo algum¹³”.

O amor sobrenatural de Deus para os anjos e para os homens tem por objeto, de levá-los, pela graça, à visão imediata de sua divina essência. Este amor sobrenatural eleva o anjo e o homem à glória dos filhos de Deus, dos membros do Cristo. Ele faz deles os filhos e os irmãos do Cristo. Este amor termina na união suprema da glória, a qual coloca os eleitos em participação da natureza de Deus, da vida de Deus, da felicidade de Deus. Este amor sobrenatural de Deus eleva os eleitos, seja do mundo angélico, seja do mundo humano, à união deiforme: ele faz deles, deuses¹⁴.

Ora, Deus não é obrigado a amar todas suas criaturas com um amor que termina efetivamente para cada uma delas, na união suprema, sobrenatural e deífica da visão de sua eterna essência. Esta visão consumada, imutável e eterna da visão da essência divina, só concede àquelas criaturas de Deus que, tendo recebido o dom sobrenatural da graça, perseverarão, até o fim de sua prova, na caridade. Aqueles que sucumbiram na prova, cessando de amar Deus com um amor de caridade, Deus os exclui para sempre do reino dos céus.

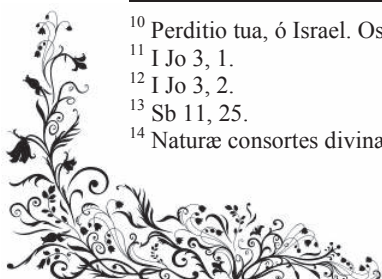
¹⁰ Perditio tua, ó Israel. Os 13, 9.

¹¹ I Jo 3, 1.

¹² I Jo 3, 2.

¹³ Sb 11, 25.

¹⁴ Naturæ consortes divinæ. Petr.



Os predestinados, cujo somente Deus conhece o número¹⁵, são escolhidos e amados por Deus, deste amor que os leva, pela graça e a perseverança final, à felicidade suprema. “*Dilecti et electi*”, diz São Tomás.

Os reprovados, que sucumbiram na prova, que cessaram livremente de amar Deus com um amor de caridade, e que foram encontrados assim no momento que esta prova acabou, estes aí, diz São Tomás de Aquino, são odiados por Deus. Em sentido que Deus os exclui da glória eterna que eles podiam merecer ao perseverarem na graça. Eles são punidos justamente pela privação eterna da visão beatífica.

Mas, pede uma razão temerária e soberba, porque Deus que previu, desde toda a eternidade, a queda dos anjos maus e sua danação, os criou? Porque Ele predestinou os anjos bons à glória eterna? Porque salvou uns e reprovou outros? Porque estes, antes daqueles?

Aqui, responde Santo Agostinho, se abre o abismo insondável da predestinação. Deus é mestre de seus dons. Deus não deve a nenhuma de suas criaturas um amor sobrenatural, ou seja, um amor que termina em uma felicidade plenamente e infinitamente superior às necessidades, aos pensamentos e aos desejos de suas criaturas. Deus é mestre de amar quem bem lhe parece, na medida determinada por sua divina sabedoria. Deus prefere Jacó a Esaú. E quem tem o direito de achá-lo mau? Deus chama, antes de todo tipo de mérito, Jacó que é o benjamim, a tornar-se o herdeiro das divinas promessas e um dos mais ilustres ancestrais do Homem-Deus, e ele priva Esaú, mesmo que ele seja o primogênito, da grande bênção dos Patriarcas. Ora, quem pode acusar Deus de cometer uma injustiça?

Cabe a nós, adorar, sem compreendê-lo, o impenetrável mistério da predestinação. Cabe a nós esperar pela misericórdia de Deus, no lugar de escrutar o abismo dos segredos divinos. Cabe a nós amar no lugar de blasfemar. Cabe a nós caminhar sempre na via que, somente por Jesus Cristo, leva ao Pai celeste¹⁶, no lugar de nos determos no caminho, para tomar a rota que levou Lúcifer e os anjos maus no abismo de uma eterna reprovação.

¹⁵ Cui soli cognitus est numerus electorum in felicitate locandus. Miss. Rom.

¹⁶ Nemo venit ad Patrem nisi per me. Jo.





LÚCIFER – LUC VIATOUR

Ação de Lúcifer e dos Anjos maus Sobre a raça humana

Et projectus est draco ille magnus, serpens antiquus, qui vocatur Diabolus et Satanas, qui seducit universum orbem: et projectus est in terram et Angeli ejus.

E esse grande dragão, a antiga serpente que é chamado Diabo e Satanás, que seduziu todo o universo, foi precipitado sobre a terra e seus anjos com ele.

Apocalipse 12, 9.

O combate misterioso dos bons e dos anjos maus no Céu da prova, o triunfo de São Miguel e dos anjos fiéis, a queda desesperada de Lúcifer e dos espíritos de revolta se ligam fundamentalmente, como o vimos, ao dogma da Encarnação do Verbo, ao dogma da Maternidade divina da Virgem Imaculada, assim como nos destinos sobrenaturais da natureza humana em Jesus Cristo.

Os anjos, já entendemos, não podem se contradizer, guerrear no Céu da visão beatífica, pois a visão beatífica é, para os eleitos, uma consumação definitiva e suprema na verdade e na caridade.

Os espíritos angélicos não puderam se dividir na esfera das verdades puramente naturais, pois as verdades desta ordem se manifestam aos anjos nas clarezas da evidência ou da equação.

É, portanto, na ordem da fé, ou na esfera das verdades incompreensíveis da ordem sobrenatural e revelada, que a prova dos anjos ocorreu. Criados para um fim sobrenatural, ao qual eles devem concorrer livremente, sob o império da graça do divino Mediador, os anjos deveriam se unir, pela fé, pela esperança e pela caridade, ao Verbo encarnado, princípio necessário da salvação de todos os predestinados, seja do mundo angélico, seja do mundo humano.

Os anjos e os homens só podem alcançar o Céu da glória ou a visão imediata da essência divina, por aquele que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”¹.

“Ninguém vai a meu pai, se não por mim”².

“Eu sou a porta, se alguém entra por mim, ele encontrará pastagens”³.

O Homem-Deus é o mediador dos anjos e dos homens para levá-los à eterna possessão da vida da glória. Jesus Cristo é o chefe divino de toda a Igreja. Ora, a Igreja é composta dos anjos e dos homens. A Igreja, que é o corpo místico de Nosso Senhor Jesus Cristo, só vive, sobrenaturalmente, da vida da graça e da vida da glória, por Jesus Cristo. *Ego sum via et veritas et vita.*

O Céu da visão beatífica, que apenas se abre aos eleitos pela mediação do Homem-Deus, deveria ser, para os anjos, o fruto e o preço de um primeiro, um único ato de fé, de esperança e de caridade divina em Jesus Cristo. E a razão que nos dá disso o doutor angélico, é que a força de determinação é igual, nos espíritos angélicos, à sua força de compreensão. Os anjos são imutáveis, inflexíveis, irreversíveis nas determinações uma vez tomadas. Antes de fixar sua escolha, antes de se determinar, os anjos são livres para se conduzirem de um lado ou de outro. Eles não o são mais

¹ Ego sum via et veritas et vita. Jo 14, 6.

² Jo 14, 6.

³ Jo 10, 9.



quando eles fizeram sua escolha. Essa escolha é definitiva, inalterável para sempre para esses espíritos desembaraçados de toda matéria.

Assim, Lúcifer e os anjos maus podiam se unir, pela fé, pela esperança e pela caridade, ao Cristo mediador. Eles podiam subir ao Céu da visão beatífica por um único ato de caridade divina em Jesus Cristo. Este ato custou muito para seu orgulho invejoso, e eles caíram de uma queda eterna.

O Céu da visão beatífica se abriria para Lúcifer e para os anjos cúmplices de sua rebelião, na condição de adorarem o Homem-Deus, de se inclinarem com amor ao pé do trono da Mãe de Deus, de abrirem seus corações a um ato de dileção para os irmãos adotivos do Homem-Deus, mas eles recusaram de ali entrar. A obstinação no mal é, para Lúcifer e para os demônios, uma obstinação irremediável. A chaga de seu orgulho e de seu ódio não será jamais fechada.

Este orgulho e este ódio “*crescem sempre*”, como diz o Rei Profeta⁴. O ódio que Lúcifer e os anjos maus tem pelo Cristo, pela divina Mãe do Cristo e pelos irmãos adotivos do Cristo, é um ódio do qual eles mediram toda profundidade, do qual eles querem carregar todo o peso, do qual eles jamais consentirão em se despojar. Viver, para os demônios, é odiar. Invencíveis nesse ódio, ou seja, no ódio ao puro amor, no ódio a Aquele que nos amou “até a morte, e a morte da cruz”, eles se prendem a este ódio com toda a plenitude de uma desesperança consumida. A chaga da condenação que a mão do Onipotente lançou sobre eles, os trespassa com uma ferida sempre viva, e esta ferida alimenta seu ódio. Ela é para eles o *focus* e o alimento eterno. *Superbia eorum qui te oderunt ascendit semper*.

“O dragão, diz São João, foi precipitado sobre a terra, e seus anjos com ele”.

Mas por que a terra tornou-se o lugar do exílio e do castigo de Lúcifer e dos anjos maus?

A terra deveria ser a morada da raça humana, o lugar da prova que ela deveria sofrer para merecer, pela graça, o Céu da beatitude eterna. Esta terra, que ocupa apenas um ponto imperceptível na orbe imensa do universo, deveria tornar-se a habitação e a morada do Verbo encarnado e de sua augusta Mãe. Ela deveria carregar em seu espaço a Igreja do Cristo ou a cidade de Deus. Ora, assim como a revolta e o crime de Lúcifer e dos anjos maus tinha sido no Céu da prova, a causa ocasional da vitória e da salvação dos anjos bons, da mesma forma, adentraria no plano da adorável Trindade se servir do ódio ciumento de Lúcifer contra o Cristo, sua fúria desesperada contra a divina Mãe do Cristo, e seu furor inábil contra os irmãos do Cristo, nas últimas e supremas manifestações da misericórdia infinita em favor da humanidade.

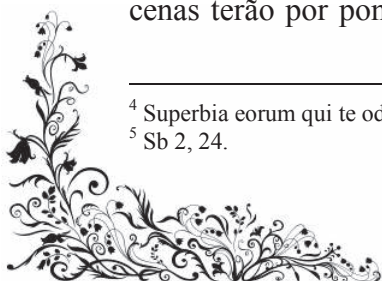
A queda do homem e da raça humana, prevista desde toda eternidade, como tinha sido prevista a queda dos anjos maus, fará jorrar “das entranhas da misericórdia de nosso Deus” os mistérios do eterno amor dos quais Nazaré, Belém, o Tabor, o Cenáculo e o Calvário serão o teatro. O homem cairá pelas maquinações insidiosas de Lúcifer. O pecado e a morte entrarão no mundo pelo ciúmes da serpente antiga⁵. Mas esta vitória se volverá em sua vergonha eterna. Ela tornar-se-á o ponto de partida dos prodígios mais deslumbrantes da caridade do Verbo eterno. Ela fará resplandecer com seu brilho supremo as glórias da Bem-Aventurada Mãe do Salvador e os triunfos do homem resgatado sobre Lúcifer vencido.

Compreendemos agora porque Lúcifer e os anjos rebeldes foram precipitados sobre a terra, como nos ensina o discípulo bem amado. *Et projectus est draco in terram et angeli ejus*.

Assim, meus caros irmãos, esta terra, esta parcela da criação, esse ponto, por assim dizer, microscópio no seio dos globos que rolam no espaço, vai se tornar o palco e o encontro de todas as maravilhas da natureza, da graça e da glória. O Cristo e sua Bem-Aventurada Mãe, os anjos do céu e mesmo os príncipes das trevas, vão concorrer à realização desse drama imenso, do qual todas as cenas terão por ponto de partida a queda de Adão e da raça humana em Adão, sob as inspirações

⁴ *Superbia eorum qui te oderunt, ascendi semper*. Salmo 73, 23.

⁵ Sb 2, 24.



satânicas da serpente antiga, como terão, por termo final, a salvação do homem caído, o triunfo definitivo da misericórdia infinita, a perfeição sobrenatural do universo, a vitória eterna da Virgem Imaculada sobre Lúcifer e o reino eterno do Cristo sobre todas as criaturas. Se nossos *pequenos reitores*, *nossos pequenos filósofos* e *nossos pequenos sábios* pudessem, com seus olhos de toupeira, perceber a sombra dessas maravilhas, eles não perguntariam mais se há habitantes nas estrelas. Mas como os adoradores do deus ventre poderiam compreender “o segredo de Deus, o Pai⁶?” *Animalis autem homo non percipit ea quae sunt Spiritus Dei*⁷.

Os anjos, criados simultaneamente por um ato do Onipotente, não foram submetidos a uma lei de paternidade. Os anjos não descendem de um primeiro anjo por via de geração. Eles não estão atados, na ordem da natureza, por uma ligação de uma mesma vida extraída na substância de um primeiro espírito, pai de todos os espíritos angélicos. O mesmo não ocorre com a raça humana. Todas as gerações humanas nascerão à vida da natureza por via de paternidade; elas descenderão de um primeiro homem. Adão será a raiz, o caule de onde sairá a árvore genealógica do gênero humano. Adão será o pai de todos os homens, todos os homens sairão dele por via de nascimento e de geração.

E se nos perguntássemos: por que o Deus criador, que fez nascer todos os anjos à vida da natureza por um único ato de seu poder, seguiu outro plano em relação à criação humana? Responderíamos que em fazendo do homem, espírito e corpo, um resumo vivo de todas as suas obras, e que, fazendo nascer os homens uns dos outros, por via de geração e por uma ordem de paternidade derivando de um primeiro pai e de um primeiro homem, o Deus criador fez duas coisas de uma sabedoria soberana e de uma bondade soberana.

Recapitulando toda a criação na personalidade humana, fazendo do primeiro homem o ponto central da criação, o laço do universo, o mediador humano do mundo dos espíritos e do mundo dos corpos, Deus encontrou, em primeiro lugar, o segredo de fazer viver a matéria inerte ou a pedra, a matéria viva ou a planta, a matéria dotada de sentimento ou a bruta, de uma vida pessoal. A matéria observada, com efeito, sob esse triplo aspecto, se resume na natureza do homem, cuja inteligência, dotada, como aquela do anjo, de pensamentos e de amor, está pessoalmente unida a um corpo, abrigo nele todas as coisas materiais.

O homem sendo, portanto, uma inteligência encarnada, um espírito feito carne, eleva a criação completamente à ordem e à glória da personalidade. Por esta união prodigiosa, o homem faz viver a própria matéria, observada na universalidade de seus elementos, de uma vida pessoal e, por isso, a sabedoria infinita oferece ao mundo puramente natural uma causa final digna de sua Onipotência.

Plantando na natureza humana o princípio da paternidade, fazendo descender de um primeiro homem toda a posteridade de Adão, Deus encontrou, em segundo lugar, o segredo de oferecer ao homem um traço de imagem e semelhança com Ele, pelo qual o homem, ainda que dotado de uma natureza bem inferior àquela do anjo, se aproxima, todavia, mais do Deus criador, que o próprio anjo.

Adão, pai de todos os homens, levará ao fundo de sua natureza o germe, o elemento ou a substância orgânica⁸ de todas as gerações, como Deus leva, eternamente, em seu Verbo, as ideias e os modelos de todas as suas obras. Adão, por sua paternidade sobre toda a raça humana, será associado ao poder criador. Adão será, na ordem da natureza, o pai, o pontífice, o legislador e o rei de toda a humanidade. Todas as gerações receberão dele a vida da natureza. E por isso, o primeiro homem viverá, de certa maneira, em todos os membros da raça humana.

Mas esse germe, este elemento da vida da natureza, que deve se individualizar por via de geração e de paternidade em todos os rebentos da raça humana, Adão só o transmitirá à sua posteridade com a

⁶ Cl 2, 2.

⁷ I Cor 2, 14.

⁸ Corpulentam substantiam. D. Thom.



ajuda de um instrumento, por meio de um auxiliar semelhante a ele, de mesma natureza que ele. Os filhos de Adão só entrarão na vida pelo ministério da mulher, formada da própria substância do primeiro homem; tirada, dizem os santos doutores, não da cabeça de Adão, pois ela não será o princípio ativo da raça humana; não dos pés do homem, pois ela não será nem sua serva, nem sua escrava; mas extraída da região do coração, extraída da costela pela qual o homem sente, pela qual ele respira, pela qual ele vive. E eis porque, após ter formado de suas mãos criadoras o corpo do primeiro homem, após ter unido pessoalmente a esse corpo a alma que Ele tirou do nada, o Deus três vezes santo acrescenta: “Não é bom que o homem esteja só: façamos-lhe uma ajuda semelhante a ele⁹”.

Mediadora entre Adão e a raça humana, a mulher, a esposa, a companhia do primeiro homem nos transmitirá a vida da natureza. Nasceremos de Adão, por Eva, sua coadjutora, por Eva, instrumento necessário das transmissões da vida, por Eva, mãe dos vivos. A mulher-esposa, a mulher-mãe, a mulher, coadjutora indispensável do pai de família, nos dará a vida da natureza.

Adão e Eva, saindo das mãos do Deus criador, foram ornados de todas as perfeições desejáveis da natureza; e por um luxo de misericórdia, por um excesso de ternura e de amor, as três pessoas divinas enriqueceram, em os criando, o primeiro homem e a primeira mulher, do dom sobrenatural, do dom inestimável da graça. Adão e Eva foram criados na perfeição da vida da natureza, e eles foram elevados pela graça santificante à um fim que ultrapassava todas as exigências, todas as propriedades e todas as forças da natureza. Eles foram criados, em uma palavra, para gozar, após sua provação, da visão imediata da essência divina, para contemplar Deus nos esplendores da glória, para viver eternamente da vida beatífica do próprio Deus.

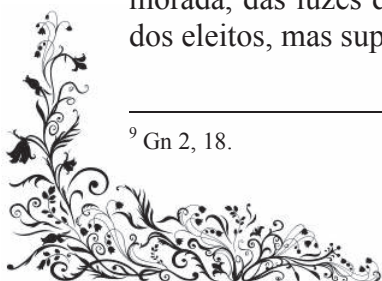
A prova passageira do pai e da mãe do gênero humano não foi ligada, todavia, como aquela dos espíritos angélicos, a um único ato de fé, de esperança e de amor. Não entrava no plano da Sabedoria eterna de abrir o céu da visão beatífica aos eleitos da raça humana, depois que eles estivessem unidos à adorável Trindade, por um primeiro ato de caridade divina em Jesus Cristo. A teologia sagrada dá várias razões para isso. Adão e Eva deviam transmitir sucessivamente à sua posteridade a vida da natureza e os ensinamentos que lhes tinham sido revelados de Deus. Era preciso, portanto, prolongar a existência dos primeiros autores da raça humana e aquela de seus descendentes.

Os espíritos angélicos são inflexíveis, imutáveis, irreversíveis em suas determinações tomadas livremente. Sua provação se ligava, portanto, a um primeiro, a um único ato de caridade divina em Jesus Cristo, seu mediador divino. A inteligência do homem, ao contrário, estando pessoalmente unida a um corpo e, não agindo independente de seus órgãos, não se determina nunca de uma maneira imutável, inflexível, irreversível, nas coisas que não incidem sob suas percepções com as clarezas da evidência ou da equação.

Fora dos primeiros princípios da razão natural, o homem pode sempre voltar sobre as resoluções e as determinações que ele tomou. O homem que foi criado *curável*, como dizem nos livros santos, pode se arrepender após seu pecado; mas o anjo caído não será jamais curado, pois seu orgulho, princípio de sua queda, “cresce sempre” e se opõe sempre, por consequência, à sua cura. *Superbia eorum qui te oderunt, ascendit semper*.

Adão e Eva, colocados no Paraíso das delícias, não foram inundados das clarezas da visão imediata da essência divina. Esse privilégio sobrenatural e supremo devia ser o preço de sua provação, a justa recompensa de um combate perseverante. Seu estado, no jardim maravilhoso que eles deviam habitar durante a vida temporal, se posicionava, dizem os Padres e os Santos doutores, entre o Estado dos bem aventurados e aquele do homem decaído, que é o nosso. Eles gozavam, nesta feliz morada, das luzes da natureza aperfeiçoada e das luzes sobrenaturais de uma visão inferior àquela dos eleitos, mas superior, talvez, aos arrebatamentos contemplativos mais sublimes.

⁹ Gn 2, 18.



Os dons aperfeiçoados de natureza e as riquezas sobrenaturais da graça, que constituem a vida própria de nossos primeiros pais, no Paraíso terrestre, estavam ligados e subordinados para eles à observação perseverante de um preceito fácil de praticar. Escutemos o Espírito Santo falando por Moisés:

“O Senhor tomou o primeiro homem e o colocou no Paraíso das delícias, afim que ele o cultivasse e que ele fosse seu guardião; E Ele lhe deu um mandamento dizendo: Coma de todos os frutos desse jardim, mas guarde-te de comer do fruto da árvore da Ciência do Bem e do Mal, pois no dia em que tu comerdes dele, tu morrerás de morte¹⁰”.

Lúcifer e os anjos maus, precipitados sobre a terra após o crime de sua revolta, como o diz o apóstolo São João, e punidos com um suplício irremediável, alimentaram um ódio ciumento, inextirpável, invencível contra o Cristo, contra a divina Mãe do Cristo e contra os irmãos adotivos do Cristo, que devem nascer do Pai e da Mãe do gênero humano. Vencido no Céu da provação pelo glorioso arcanjo São Miguel e pelos anjos fiéis, Lúcifer inflama por se vingar de uma vergonha e de uma falha que o cravou no cadafalso de uma ignomínia eterna e de uma raiva desesperada. Se ele pudesse precipitar o Chefe e o Pai da raça humana em uma desobediência criminal, se ele pudesse matá-lo à graça, corrompendo sua razão, depravando seu coração, oprimindo, desonrando sua alma sob a tirania degradante da carne, o Cristo sofreria uma derrota irreparável. A raça humana, cuja existência e a vida se enraízam naquele de quem ela deve nascer, morre para todos os dons e à todos os privilégios do qual ela deveria herdar. Ela se separa do Mediador divino; ela perde as esperanças sobrenaturais que lhe são prometidas, e ela cai de uma queda desesperada.

Se Adão sucumbe, e toda sua posteridade com ele, o Cristo, vitorioso no seio das tribos angélicas, não pode mais elevar a natureza humana aos esplendores de uma apoteose divina. Cristo é penitenciado pelas preferências vergonhosas que ele mantinha reservadas aos vermezinhas humanos dos quais ele ambiciona vestir a natureza¹¹. Tais são os pensamentos, tais são os desejos do inimigo eterno do Cristo e de sua divina Mãe.

Escutemos agora o livro das revelações:

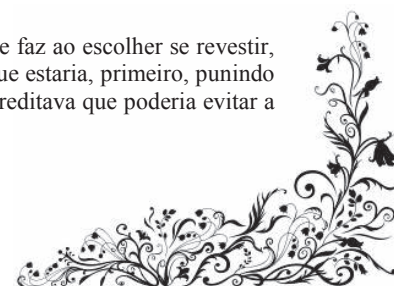
“A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse à mulher: Por que Deus vos proibiu de comer de todos os frutos do paraíso? A mulher respondeu-lhe: Nós comemos dos frutos que estão no paraíso; mas o Senhor nos mandou de não tocar no fruto da árvore que está no meio do Paraíso, e de não comer dele, para que não venhamos a morrer. Mas a serpente disse para a mulher: Certamente vocês não morrerão; pois Deus sabe que no dia em que comerdes desse frutos, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal. A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente”.

A serpente infernal só tem uma finalidade nesta pérfida e insidiosa tentação. A obstinação implacável que ela coloca em precipitar a Mãe do gênero humano em uma ruína irremediável, é-lhe inspirada pelo ódio que ela carrega à Virgem Imaculada, que deve descender de Eva, e que seus destinos sublimes chamam a tornar-se a Mãe de Deus.

Se a primeira mulher é seduzida; se, pelos artifícios do Dragão antigo, ela pode perverter e arrastar seu esposo, o plano sobrenatural é quebrado! A raça humana, infectada na fonte de onde ela deve extrair a vida, morre para a graça. Ela perde em Adão as sublimes e deíficas esperanças que lhe

¹⁰ Gn 2, 15, 16, 17.

¹¹ N.d.t.: Segundo a teologia, Lúcifer se recusa a prestar culto ao Cristo por conta da preferência que Ele faz ao escolher se revestir, na Encarnação, da natureza humana, inferior à dos anjos. Assim, ao derrubar Adão, Lúcifer acreditava que estaria, primeiro, punindo o Cristo por ter escolhido a natureza humana em detrimento da natureza angélica. E, em segundo, ele acreditava que poderia evitar a realização dos mistérios de Deus.



eram prometidas. O orgulho, o egoísmo, a luxúria e o vício precipitam toda a posteridade do primeiro homem em um abismo de males tornados irremediáveis.

Mas isso ainda não é tudo. Inoculando o veneno da desobediência na alma do pai e da mãe do gênero humano, Lúcifer arrasta não somente as gerações que devem sair deles em uma degradação universal e irreparável, mas ele sujeita à própria criação, cujos elementos se resumem, se recapitulam no homem, uma agitação abominável e um cataclismo geral. O mal, envenenando o chefe da raça humana, circulará no fundo de todas as substâncias e de todos os elementos que compõem o mundo material. A carne do homem caído não poderá mais tornar-se a carne de um Deus. A Virgem Imaculada não poderá mais sair de uma raça definhada e fanada. Ela não poderá mais tirar uma vida sem mancha na fonte impura das gerações humanas. Meditemos agora as palavras cujo pai da mentira e da blasfêmia se serviu para seduzir a virgem imprudente que vai tornar-se, pelas sugestões de Lúcifer, o instrumento das calamidades e dos males que, há dezesseis séculos, esmagam a terra.

“Por que, pergunta ele à nossa primeira mãe, por que Deus vos proibiu de comer do fruto desta árvore?”

Ouvindo uma questão que tem, evidentemente, por objeto, gerar em seu espírito certas dúvidas sobre os motivos que puderam levar o Deus criador a proibir à nossos primeiros pais o fruto de certa árvore, a mãe do gênero humano deveria compreender que uma questão semelhante só podia vir de um espírito de malícia e de orgulho. Ela deveria se cobrir imediatamente da armadura divina e responder ao tentador que os mandamentos do Senhor não precisam passar no crisol da prudência humana; que o homem não tem nada de melhor a fazer do que guardá-los fielmente, na humildade e no amor de uma perfeita obediência; que eles carregam em si mesmos sua própria justificação, e só há um anjo caído, um príncipe de revolta e de orgulho que possa se permitir em pedir a Deus a razão dos preceitos que Ele dignou-se impor à submissão de suas criaturas. Ela poderia acrescentar, que o tentador deveria saber o que tinha lhe custado, para ter tido a temeridade sacrílega de citar no tribunal da razão os mandamentos do Senhor. Agindo assim, Eva teria forçado o Dragão infernal a engolir o veneno homicida que ele queria injetar em sua alma.

Mas no lugar de se refugiar no santuário de sua consciência, para aí procurar as inspirações do Espírito Santo, a mãe de nossa carne se prontifica em responder:

“O Senhor nos mandou de não tocar no fruto da árvore que está no meio do Paraíso, e de não comer dele, para que não venhamos a morrer”.

Esta resposta, no fundo da qual a serpente astuta descobre, senão uma primeira falta, ao menos uma ausência de prudência sobrenatural, donde pode sair um primeiro germe de curiosidade vã; esta resposta, dizemo-nos, alegra Lúcifer. Ela lhe permite prolongar a entrevista que ele provocou, e de colocar a descoberto, sem muita apreensão, as profundidades satânicas de sua perversidade infernal.

“Certamente, diz ele imediatamente à mulher, vocês não morrerão¹²”.

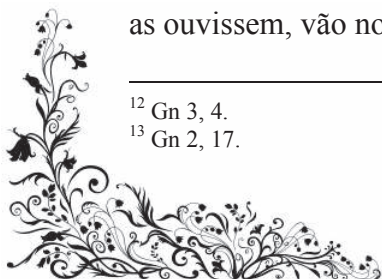
Meditemos essas palavras, e descobriremos aí, com os santos Doutores, um abismo de blasfêmia e de duplicidade!

O Deus criador disse à nossos primeiros pais: “O dia em que comerdes desse fruto, morrereis de morte¹³”. E Satanás não teme em dizer à mulher inocente, ainda envolvida nas luzes de sua inteligência aperfeiçoada e nas clarezas mais resplandecentes das revelações divinas, Satanás não teme em lhe dizer que o próprio Deus faltou com a verdade, ao declarar que Ele punirá com a morte a desobediência de nossos primeiros pais.

Essa mentira e essa blasfêmia, cuja imaginável temeridade deveria inspirar tanto horror àquele que as ouvissem, vão nos desvendar as profundeza abissais da malícia do pai da mentira. Escutemos:

¹² Gn 3, 4.

¹³ Gn 2, 17.



“Certamente, vocês não morrerão, pois, acrescenta o Dragão infernal, Deus sabe que no dia em que comerdes desse frutos, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal”.

É como se Satanás dissesse: Não somente o Senhor mentiu ao ameaçá-los com uma morte que certamente não ocorrerá; mas Ele sabe que longe de morrer, comendo do fruto desta árvore, “vossos olhos se abrirão” *Aperientur oculi vestri*. Donde ele segue que o mandamento que Deus lhes fez de não tocar no fruto desta árvore, foi-lhe inspirado por um sentimento de ciúmes ou por uma tirania cheia de injustiça. *Scit enim Deus, quod in quocumque die comederitis, ex eo, aperientur oculi vestri*.

E a infeliz Eva, ouvindo coisas parecidas, não tapa os ouvidos! Ela não procurará sua salvação na fuga! Infelizmente! A tentação já penetrou nas profundezas de sua alma. Uma curiosidade funesta já germina em seu coração.

O que acrescenta o tentador homicida? Convencido de que a ruína da mulher está assegurada, que a queda da mãe do gênero humano entra em sua consumação, Lúcifer não coloca mais limites em sua perversidade; e empurrando a seus últimos limites a audácia da mentira e da blasfêmia: “Não somente Deus sabe, diz ele, que comendo do fruto proibido, vossos olhos se abrirão; mas Ele sabe que vos tornareis como deuses, conhecedores do bem e do mal”. Esse colóquio três vezes satânico nos permite medir toda a profundidade da queda de Lúcifer e dos anjos maus.

A verdade desertou sua inteligência, a mentira e a blasfêmia, o erro e o mal, o orgulho e a inveja, tomaram, no fundo de seu ser, o lugar da verdade e da justiça, da retidão e do amor, do bem. Mas o que assusta, é que esses espíritos de trevas e de malícia puderam compartilhar à uma raça de ímpios toda a escuridão de seu ser; é que eles conseguiram formar, no seio das gerações humanas, uma posteridade que pensa, que sente, que fala e que age como eles. Nosso Salvador adorável dizia aos Fariseus, a quem Satanás compartilhava seu ódio ciumento contra o Cristo: “Tendes o Diabo por pai... Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, pois a verdade não está nele. Quando ele fala a mentira, ele fala do que lhe é próprio, pois ele é mentiroso e o pai da mentira”¹⁴.

Essas palavras da própria verdade esclarecem com uma luz viva a imensa questão da origem, do progresso e dos desenvolvimentos supremos do mal e do erro, da blasfêmia e da impiedade, sob o império daquele que mente sempre, que blasfema sempre, que conspira sempre, “pois ele é mentiroso e pai da mentira”. *Quia mendax est, et pater ejus*.

Alcançando seus fins, o cruel inimigo da mulher se detém para gozar do espetáculo da inebriante sedução à qual a infeliz Eva já sucumbiu no fundo de sua alma. Fascinada pelas pérfidas esperanças que o dragão infernal faz luzir aos seus olhos, ela olha, com um olhar de concupiscência, o fruto cujo pai da mentira lhe falou tão bem. Ela levanta o braço, e sua mão criminosa destaca da árvore homicida o fruto proibido. Ela saboreia a funesta doçura, e usando de seu charme sobre seu esposo, ela o torna cúmplice de sua prevaricação e lhe faz partilhar sua desobediência¹⁵.

Quem fará uma ideia das calamidades, das ruínas e dos males sem nome cuja queda do pai da raça humana é seguida?

A inteligência desse grande culpável se cobre de trevas. A noite envolve seu entendimento. Às clarezas do qual ele estava inundado, sucedem irreparáveis, imensas obscuridades, parecidas aos vapores negros que sobem do poço do abismo.

Morto à vida da graça e às esperanças sobrenaturais que deviam lhe abrir o Céu da glória, ei-lo caído sob a tirania degradante dos instintos e dos apetites da fera. “O homem elevado em glória não conheceu sua grandeza. Ele se comparou ao bruto e se tornou semelhante à ele”¹⁶.

¹⁴ Jo 8, 44.

¹⁵ Gn 3, 6.

¹⁶ Salmo 48, 13.



O egoísmo toma, em seu coração aviltado, o lugar que o amor puro aí ocupava. A carne se revolta contra a razão, rebelada ela mesma contra Deus. O sofrimento e a vergonha, todas as misérias da alma e todos os aviltamentos do corpo, os terrores e as angustias, a desesperança e a morte, irrompem sobre sua natureza decaída. Um dilúvio de males cai sobre ele como uma torrente que rompeu todos seus diques. O Céu se fecha sobre a cabeça desse rei da criação, tornado o vil escravo de todas as baixezas e de todas as ignomínias. O Céu se torna de ferro e de bronze. A esperança é banida do vale das lágrimas, e um oceano de cólera e de justiça, que o homem caído não atravessará mais, lhe fecha para sempre o caminho da vida eterna.

Mas isso não é tudo. Síntese viva, sumário maravilhoso de toda a criação, Adão, violando as leis da natureza e da graça, leva o distúrbio e a confusão ao seio de todos os elementos. O universo, que se recapitula nele, sente o contragolpe de sua desobediência e de sua revolta. As santas harmonias da ordem geral são alteradas, profanadas, pervertidas. As criaturas inanimadas se colocam em guerra¹⁷ contra aquele que disse para Deus: “Eu não obedecerei”¹⁸. A criação inteira impele um longo grito de dor. Das entranhas de todos os seres escapam gemidos lamentáveis semelhantes àqueles da mulher que dará a luz com dor¹⁹.

O mundo da natureza, desligado, pelo pecado do homem, das leis que o ligavam, de algum modo, ao plano sobrenatural do mundo da graça, levará, doravante, a marca indelével das maldições que caíram sobre o pai da raça humana.

Lúcifer, embriagado com esta vitória e com esse triunfo, se imagina ter quebrado e destruído para sempre o plano sobrenatural que prometia a Adão e à sua raça a esperança de uma apoteose divina.

O pai e a mãe do gênero humano, despojados, por sua prevaricação, das perfeições sobrenaturais que eles tinham recebido ao sair das mãos do Criador, e dos dons infinitamente mais preciosos da justiça original e da graça santificante, são entregues às tendências e às inclinações mais abjetas e mais vergonhosas da vida animal. Prostrados sob o peso dos órgãos, e vendidos à dominação esmagadora das três concupiscências, ou seja, do orgulho do espírito, do orgulho das luxúrias terrestres, do orgulho da carne, eles só podem dar à luz uma raça maldita e manchada como eles. A vida que as gerações humanas devem extrair no sangue e na carne desses dois culpáveis está envenenada em sua própria fonte.

Tudo o que nascerá deles herdarás as maldições que eles incorreram por sua prevaricação e por sua queda. Escravos do pecado, vítimas da morte e de Satanás, as gerações da terra, após terem arrastado até à tumba a corrente de todas as misérias e de todos os sofrimentos, irão, longe de Deus, longe da esperança e da vida, maldizer, durante os séculos eternos, o dia que as viu nascer e os destinos infelizes que a desobediência de um pai culpável lhes tinha merecido.

Embriagado com esta alegria infernal, que somente o ódio pode lhe saborear, Lúcifer se diz que o Verbo eterno não pode mais se unir, pelo laço da personalidade divina, à esta natureza humana degradada, deteriorada em seu fundo e descida, pela prevaricação do primeiro homem, no abismo de uma corrupção desesperada. Ele se aplaude, sobretudo, por ter tornado impossível o cumprimento dos destinos gloriosos da mulher, chamada a tornar-se Mãe do Homem-Deus. Como, com efeito, a filha de uma mãe criminosa e de um pai maldito poderia escapar ao anátema que devotou todas as gerações ao pecado ao sofrimento, à morte e à reprovação? Como ela poderia tornar-se a filha, a esposa, a mãe e as delícias do próprio Deus, após ter caído sob o império da serpente infernal, após ter sido profanada pelos ultrajes comuns do pecado de sua origem?

Contudo, ó profundeza dos conselhos divinos! Ó abismo insondável desta sabedoria “que vai, de um extremo ao outro, com força, dispondo tudo com suavidade²⁰”, que só permite o mal a fim de fazer sair dele prodígios inalcançáveis de magnificência e dos milagres inesperados de misericórdia!

¹⁷ Sb 5, 21.

¹⁸ Jr 2, 20.

¹⁹ Rom 8, 22.

²⁰ Sb 8, 1.



A vitória da serpente infernal vai volver à sua ruína. Seu triunfo tornar-se-á a pedra contra a qual essa inimigo soberbo do Homem-Deus será calcado. Lúcifer vai encontrar uma estria na barreira que ele nos tinha estendido.

O pecado de Adão provocará as últimas e supremas efusões da caridade infinita. Esse crime que a Igreja não temerá em chamar “feliz culpa e pecado necessário²¹” fará jorrar “das entranhas da misericórdia de nosso Deus²²” as invenções mais escondidas de sua ternura pelo homem e para o homem decaído.

Ultrapassando todos os limites atribuíveis do amor mais ardente, e moderando sua caridade à sua potência, o Verbo divino descerá das alturas inacessíveis de sua glória, e atravessando todos os graus da criação, Ele virá se unir pessoalmente a esta natureza humana caída em Adão, e caída tão baixo, que sua queda o tinha lançado quase no nível dos seres privados de razão. Ele se encarnará na carne que o crime tinha contaminado no pai da raça humana, mas que a graça deste adorável Salvador preservará de toda mancha original na “mulher bendita entre todas as mulheres”, que o Eterno amor chama a carregar, em seu seio, o Criador de todas as coisas; que Ele chama, para formar, ao Filho de Deus, a túnica de nossa natureza, para lhe dar o sangue e a carne de Adão, para gerar o sangue e a carne de um Deus; para engendrar, em uma palavra, no tempo, o mesmo Filho que Deus, o Pai, engendra nos esplendores de sua eternidade e de sua glória.

O Filho do Altíssimo, se unindo hipostaticamente a esta carne, preservada na Bem-Aventurada Virgem de toda sujeira original, mas que, segundo São Paulo, guarda no Cristo “a semelhança da carne do pecado²³”, “a fim de matar o pecado em uma carne passível e mortal”, ou seja, em uma carne que tem a semelhança de uma carne culpável, sem o ser contudo, o Filho do Altíssimo, dizemo-nos, poderá sofrer e morrer. Ele poderá, segundo uma expressão mais enérgica do mesmo apóstolo, tornar-se para nós a hóstia do pecado; ele poderá tornar-se, de algum modo, a personificação do pecado, e o próprio pecado “afim de que nos seja feita justiça nele”, ou seja, afim que sejamos resgatados, regenerado, santificados e deificados nele²⁴.

“Deus, diz Tertuliano, quis resgatar a carne do pecado, em uma carne que tinha a aparência de uma carne culpável, sem ser culpável; pois, acrescenta o enérgico Tertuliano, operar a salvação do homem em uma carne parecida àquela do homem, eis aí em que se mostra a força de Deus²⁵”.

Assim, vítima universal e redentor da humanidade culpável, o Homem-Deus tomará sobre si o pecado de nossa origem, e com esse pecado, Ele tomará ainda todos os crimes cujo pecado original foi fonte. “*Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi*”.

O Rei dos reis, o Mestre e o Deus do universo nascerá em um estábulo. Visto como o filho de um pobre carpinteiro, ele permanecerá escondido em uma oficina, trabalhando durante trinta anos, com o suor na testa, para santificar, para glorificar os labores e os sofrimentos do homem. Após ter esgotado, em Jerusalém, o golpe de todos os suplícios, de todas as ignomínias, de toda as ingratidões e de todos os ódios, ele se deixará crucificar por uma potência, entre dois celerados.

O Adão divino, associando ao sacrifício redentor sua Mãe divina, a Eva divina, a verdadeira Mãe dos vivos, misturará o sangue que ele deve derramar do alto de sua cruz à esse rio de lágrimas cuja augusta Mãe irrigará, ela mesma, os pés sagrados de seu Filho e o patíbulo sobre o qual ela se imolará com Ele. O sangue do Homem-Deus, as lágrimas da Mãe de Deus lavarão a raça humana, a terra, os astros, o universo inteiro²⁶. O sangue do Cristo, inseparável das lágrimas da Mãe do Cristo, reconciliará todas as coisas Nele. Esse sangue, descido da cruz e divinizando as lágrimas maternas,

²¹ Miss. Rom. in sabb.

²² Lc 1, 78.

²³ Rm 8, 3.

²⁴ II Cor 5, 21.

²⁵ Tertull. Conf. Marc. 1, 5.

²⁶ Hym. Temp. Pass.



com as quais ele se confunde, “pacificará as coisas que estão sobre a terra e as coisas que estão nos Céus²⁷”.

A Mãe de nossa carne, humilhada, desonrada, mirrada no pé da árvore do mal, se levantará vitoriosa, purificada, santificada pelo sangue do Filho do Homem e pelas lágrimas da Eva nova.

A Virgem culpável se levantará, no pé da árvore redentora, na Virgem Imaculada, na Mulher divina que deve esmagar o dragão infernal pela virtude infinita desse fruto de vida que ela deve dar ao mundo, e que será suspenso nos ramos da árvore divina, afim que aquele que tinha vencido pela árvore da danação e do mal, seja aterrado e vencido pela árvore da Redenção e da salvação²⁸.

Escutemos agora o Deus de justiça e de misericórdia fulminando, de uma parte, contra Lúcifer, o anátema que deve quebrar, em sua mão, o troféu de sua vitória, e prometendo, de outra parte, à mulher decaída, a Eva culpável, a Virgem Imaculada, a Mulher divina, a Eva nova que deve reparar com tanta magnificência, com tanto brilho, a queda da virgem infiel, e que esmagará, sob seu pé vingador, a cabeça do inimigo soberbo de Deus e dos homens.

Esse grande Deus, tendo perguntado à mulher porque ela tinha dado a seu esposo o fruto proibido, ela respondeu: “A serpente me enganou, e eu comi o fruto²⁹”.

“Porque fizestes isso, diz o Senhor Deus à serpente, tu és maldita entre todos os animais e todos os répteis da terra: andarás sobre teu ventre, tu te arrastarás sobre teu peito, e tu comerás o pó todos os dias de tua vida. Porei ódio entre a mulher e ti, entre sua raça e a tua; ela te esmagará a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar³⁰”.

Essas palavras vingadoras caem como o raio sobre o dragão infernal. Elas lhe revelam o plano das últimas e supremas misericórdias. Elas desenrolam à seu olhar confuso os elos desta cadeia maravilhosa, à qual se atam, para o homem caído, esperanças novas, mais altas e mais gloriosas que aquelas mesmo do plano primitivo. Elas fazem Lúcifer compreender que, longe de ter alcançado contra o Homem-Deus um triunfo decisivo e uma vitória eterna; que longe de ter destruído para sempre o plano dos destinos supremos da Bem-Aventurada Virgem, chamada a tornar-se Mãe de Deus; que longe de ter aniquilado as esperanças que prometiam aos filhos da graça uma consangüinidade sobrenatural e divina com o próprio Filho de Deus, suas conspirações satânicas só serviram para fazer resplandecer, com um luxo de grandeza e de magnificência, as invenções mais prodigiosas da misericórdia divina.

O dragão infernal compreende com uma evidencia dolorosa que as glórias do Cristo Redentor e as glórias de sua Bem-Aventurada Mãe tomarão proporções tão elevadas, através do próprio ponto que deveria aniquilá-las, que não há palavras capazes de nos oferecer uma ideia dos furores e do desespero nos quais esse golpe imprevisto lançou o chefe dos espíritos de trevas.

Mas o que ultrapassa a medida das decepções e das cóleras desse rei dos soberbos, são as doces complacências com as quais o Altíssimo se agrada a revelar ao universo os esplendores novos que devem cercar a Virgem Imaculada que a serpente tinha crido poder infectar com seu veneno homicida.

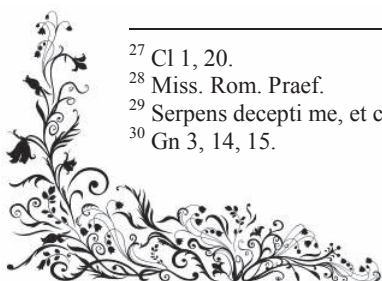
Meditemos os oráculos vindos sobre a raça humana após a prevaricação da infeliz Eva. Meditemos as palavras reveladoras pelas quais o Deus de toda misericórdia promete à humanidade caída em Adão, que uma Virgem, descendendo desse pai culpável, e filha da mulher decaída, será a eterna inimiga de Lúcifer, ferirá sua cabeça orgulhosa e esmagará sob seus pés todas as heresias, todos os cismas e todos os erros que o vento envenenado desse dragão vencido fará nascer na seqüência dos séculos para aniquilar as esperanças deíficas dos filhos da graça.

²⁷ Cl 1, 20.

²⁸ Miss. Rom. Praef.

²⁹ Serpens decepti me, et comedi. Gn 3, 13.

³⁰ Gn 3, 14, 15.



“Eu colocarei ódio entre a mulher e ti, entre sua raça e a tua”. *Inimicitias ponam inter te et mulierem, et sēmen tuum et sēmen illius.*

Precipitando a primeira mulher no abismo de uma desobediência cruel, profanando, envenenando por ela a própria fonte de onde deverá sair toda a raça humana, Satanás esperava atingir a mulher divina, a Bem-Aventurada Mãe do Homem-Deus, a verdadeira Mãe dos vivos. Ele tinha se dito que a tornando escrava do pecado, que a submetendo, mesmo que fosse por um instante, à seu cetro vencedor, que profanando com seu sopro impuro o santuário no qual o próprio Deus queria habitar, ele tornaria impossível o milagre, desesperador para ele, da união pessoal do Verbo divino com a natureza humana, e o prodígio não menos esmagador, para seu orgulho ciumento, da maternidade divina da Virgem Imaculada.

Mas, ouvindo essas palavras proféticas: “Eu colocarei ódio entre a mulher e ti, entre sua raça e a tua; e ela te esmagará a cabeça”, Lúcifer vê que o plano primitivo só foi modificado. Ele compreende que o milagre do Onipotente consistirá em fazer do sangue que o Cristo Redentor deve derramar para resgatar e para salvar o mundo, o antídoto preservador do pecado original, em relação à Virgem Imaculada, que deve dar ao Filho de Deus o sangue e a carne de Adão. A serpente infernal compreende, nas clarezas da evidência, que suas maquinções satânicas contra a mãe do gênero humano só servirão para alargar sem medida o poder e a glória da Eva nova, assim como elas só servirão para fazer resplandecer com uma luz nova, através dos séculos e através dos mundos, a virtude suprema da graça do Cristo Redentor, pois esta graça, pelo maior de todos os prodígios, terá o inimaginável poder de preservar a Mãe Imaculada do Homem-Deus de todos os atentados, de todas as manchas do pecado, seja original, mortal, ou venial; e de encher o mundo decaído de uma multidão incalculável de prodígios de santidade e de milagres de virtude que jamais ocorreriam sem a queda do homem e sem a vitória homicida que o antigo Dragão levou contra a mãe de nossa carne. *“Inimicitias ponam inter te et mulierem”*.

Mas qual partido vai tomar o inimigo eterno da Virgem sem mancha? Oprimido sob o peso das glórias novas prometidas à Bem-Aventurada Mãe do Divino Redentor, e cuja vitória de Lúcifer sobre a primeira mulher tornou-se o ponto de partida e a causa ocasional, ele irá se esconder para sempre no fundo do poço do abismo, na tumba de uma desesperança eterna e de uma vergonha eterna?

Tais não são os pensamentos e as resoluções deste inimigo implacável do Cristo e de sua augusta Mãe.

Lúcifer sabe que o pecado e a decadência do primeiro homem passarão como uma herança de morte à sua posteridade inteira. Ele sabe que esta decadência lhe assegura sobre toda a raça humana uma dominação imperecível, apesar das esperanças e as misericórdias prometidas ao remorso, sob o império de uma graça reparadora. Lúcifer mediu todas as consequências e todos os efeitos das três concupiscências sobre a humanidade decaída. Esse triplo elemento de ruína, colocado em cena por sua astúcia e por sua ação perseverante, deve aniquilar os efeitos da graça redentora. O dragão infernal vai, portanto, organizar, baseado nesses dados e sobre essas esperanças cruéis, um novo plano de ataque.

Esta guerra, esse novo plano de batalha, devem tender a tornar impossível ou inútil a vinda do Cristo Redentor. Para atingir essa dupla finalidade, para realizar esta concepção satânica, o líder dos espíritos de trevas trabalhará, com toda a energia de seu ódio ciumento que ele carrega contra a mulher divina, para apagar, em primeiro lugar, no seio da raça humana, as promessas divinas que lhe foram feitas por essas palavras profeticamente vingadoras: “Eu colocarei ódio entre a mulher e ti, entre sua raça e a tua: ela te esmagará a cabeça”. *Et ipsa conteret caput tuum.*

O segundo meio para tornar impossível ou inútil a mediação reparadora do Homem-Deus, terá por objeto precipitar o gênero humano no mundo de erros, de heresias, de impiedades, essencialmente e



diretamente subversivas dos dogmas tradicionais e revelados da Encarnação do Verbo, das glórias sobrenaturais da mulher divina e dos destinos deíficos do homem em Jesus Cristo.

O terceiro meio que Lúcifer e os anjos maus empregarão para tornar impossível ou inútil a vinda do Messias, objeto das esperanças do homem caído, consistirá em desenraizar da consciência e da razão do homem, até o último germe da verdade. A dúvida tomará o lugar da fê; o racionalismo, a mentira, todas as negações, irão apagar, no fundo da inteligência do homem decaído, as últimas luzes da verdade! Os espíritos de trevas trabalharão, sem descanso e sem fim, para corromper o coração do homem e todas as potências de sua alma, as manchando, as profanando, por todo tipo de vícios, de contravenções e crimes. Eles colocarão tudo em obra, até a consumação dos séculos, para escravizar o gênero humano à tirania esmagadora da sensação. A carne, e somente a carne, deverá reinar sobre o mundo; e sob seu império eterno, a humanidade vencida, humilhada, idiotizada, saciada pela abjeção e pela ignomínia, não pensará, assim, em levantar a cabeça rumo ao céu de suas esperanças. O homem será transformado em besta, e sua natureza, submetida, por toda parte e sempre, à ação dos espíritos de malícia, só inspirará ao seu autor um imenso desgosto, uma repulsa eterna. A mulher, sobretudo, deverá descer no fundo da mais humilhante e da mais repulsiva degradação. Ela deverá atingir os últimos limites da animalidade intelectual, moral e física.

Os espíritos de trevas irão mais longe. Eles precipitarão todas as gerações humanas no culto vergonhoso dos ídolos. Os demônios, se colocando no lugar de Deus, se farão adorados de um extremo ao outro do universo. Os templos e os altares, elevados a Satanás e a todos os vícios, personificados em todos os demônios, deverão cobrir toda a terra. Os sacrifícios mais abomináveis lhes serão oferecidos. O sangue dos animais e aquele do homem tingirão de vermelho esses altares infames. Os sacrifícios humanos, oferecidos ao inimigo eterno do Cristo, tornar-se-ão a eterna paródia do sacrifício que o Cristo Redentor deve oferecer a seu Pai pela salvação da humanidade.

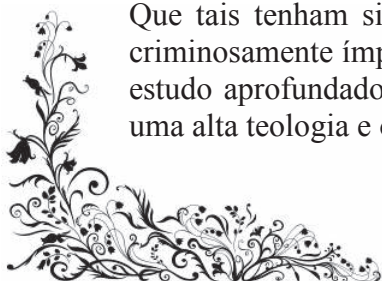
Se esse plano, tão digno do rei dos Infernos, e que a queda da raça humana, em Adão, torna executável e mesmo fácil, se, digo, esse plano for exitoso, ao agrado de Satanás e dos anjos rebeldes, todos os filhos dos homens, à medida que atravessarem a vida, padecerão sob essas leis.

Os bens invisíveis da graça e da glória serão desconhecidos, desdenhados, desprezados, pelas gerações entregues à opressão invencível de todos os erros do espírito, a todas as corrupções da alma, a todos os apetites da matéria, a todas as baixezas e a todas as vergonhas da sensação.

O mal e o erro inundarão o universo; e se o Cristo tentar realizar o plano que promete à humanidade um Redentor divino e uma Mãe divina, ele não encontrará mais, sobre esta terra universalmente profanada, uma mulher, uma única mulher suficientemente pura e assaz santa para tornar-se a Mãe de Deus.

Assim, caríssimos irmãos, apagar no seio da raça humana a memória e mesmo a noção das promessas divinas, entregues como uma herança de esperança e de glória à posteridade de um pai culpável; mergulhar as nações da terra nos erros mais monstruosos e mais subversivos dos dogmas da Encarnação do Verbo e da Maternidade divina da Virgem Imaculada; profanar sem medida a inteligência do homem, aniquilando aí, se for possível, até os últimos vestígios das verdades reveladas; corromper seu coração por todo tipo de vícios; animalizar o homem físico por todas as vergonhas, por todas as luxúrias, por todas as abominações da carne; elevar o culto dos demônios sobre as ruínas do culto do verdadeiro Deus, e fazer do universo inteiro um templo de ídolos imundos, tal é o plano de ataque que Lúcifer e os anjos maus prometem executar, para tornar impossível o cumprimento das promessas relativas à vinda do Redentor Divino da humanidade, ou para paralisar no mundo, para destruir os benefícios, as conseqüências e os frutos, se essas promessas viessem a se cumprir, apesar de seus esforços conjurados.

Que tais tenham sido os pensamentos do primitivo Dragão, que tais tenham sido os propósitos criminosamente ímpios do eterno inimigo do Cristo e de sua Gloriosa Mãe, é o que sobressai de um estudo aprofundado de nossos Livros santos; é o que estabelecem, ao mesmo tempo, os dados de uma alta teologia e os fatos vivos da história da humanidade.



Um grande número de doutores e de teólogos, diz o sábio Cornélio a Lapide³¹, pensam que o crime de Lúcifer e dos anjos maus, no Céu de sua provação, foi um crime de ciúme soberbo e de implacável inveja contra o Homem-Deus. Analisando a tese, pela qual o venerável e douto Suarez estabelece e faz resplandecer esse ponto de vista de alta teologia, o sábio comentarista de nossos Livros santos acrescenta que Lúcifer ambicionou tornar-se Deus, não por essência, coisa que ele sabia ser impossível e contraditório, mas pela união hipostática na qual a natureza humana deveria ser elevada pela Encarnação do Verbo divino. Feridos nas últimas profundezas de seu orgulho pelas preferências das quais a natureza do homem, tão inferior àquela dos espíritos puros, deveria ser o objeto, Lúcifer e os anjos cúmplices de sua revolta preferiam cair no abismo de uma reprovação eterna, do que atingir o Céu da glória pelos méritos do Homem-Deus, princípio de toda graça, seja para os anjos, seja para os homens.

“E sua cauda, diz São João, arrastou a terceira parte das estrelas e as lançou sobre a terra: e o Dragão deteve-se diante da Mulher que estava para dar à luz, a fim de que, quando ela desse à luz, lhe devorasse o filho... E o grande Dragão, a antiga serpente, que é chamado Diabo e Satanás, que seduziu todo o universo, foi precipitado sobre a terra, e seus anjos com ele... E, depois que o Dragão foi precipitado sobre a terra, ele perseguiu a mulher que deu à luz o Menino... Este, então, se irritou contra a Mulher e foi fazer guerra ao resto de sua descendência, aos que guardam os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus³²”.

“Toda a luta de Satanás, diz ainda Cornélio a Lapide, não tem outro objetivo senão uma guerra incessante, eterna, contra o Cristo. É por isso que o duelo iniciado no Céu da prova prossegue sem descanso e sem fim sobre a terra, e durará até o fim dos tempos³³”.

Esse duelo permanente de Lúcifer contra o Cristo, contra a divina Mãe do Cristo e contra a Igreja do Cristo; esse duelo terrível, iniciado no Céu da prova, continua depois da queda do homem até a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os séculos passados desde a pregação dos Apóstolos, nos demonstram esse duelo sempre mais encarniçado, sempre mais visível. Esse mesmo duelo, no qual se concentra toda a guerra que as duas cidades se fazem desde o começo do mundo, irá sempre crescer até a última vitória, pela qual o Cristo glorioso precipitará Lúcifer e seus anjos, e todos os filhos da perdição, ou seja, todos os reprovados da raça humana, no lago de fogo, no abismo sem fundo de um suplício eterno.

A maioria dos doutores de teologia, os grandes comentaristas de nossos Livros santos, os maiores místicos, trabalham conjuntamente, há vários séculos, para elucidar cada vez mais a questão gigantesca que domina nossas discussões sobre a queda de Lúcifer e dos anjos maus, e sobre a guerra que os espíritos de trevas fazem a Nosso Senhor Jesus Cristo, à sua divina Mãe e à Igreja.

“A verdade, como o disse Santo Agostinho, é filha do tempo”. *Veritas filia temporis*. E eis porque os cismas e as heresias, os erros e as blasfêmias da impiedade, todos os abalos, todos os golpes direcionados à verdade das revelações divinas, só serviram para tornar mais evidente à questão que domina todas as questões, pois esta questão é, segundo nós, a chama e o fio condutor da história universal da Igreja, a chave da cidade de Deus e da cidade do mal, a última palavra da ciência das coisas divinas, o laço de todas as controvérsias, o segredo por excelência de todas as lutas da verdade contra o erro, da fé contra a dúvida, do amor contra o ódio, dos anjos bons contra os demônios, do Céu contra o Inferno, do Cristo contra Satanás.

³¹ Corn. a Lapid. Comment. Apocalyp. Cap. XII.

³² Apoc. 12, 4,9,13,17.

³³ Cornel. a Lapid. Comm. In Apocalyp. XII, 4.





IMACULADA CONCEIÇÃO – MARTINO ALTOMONTE

Maria

Refúgio dos pecadores

Maria, refugium peccatorum (Litan. Lauretan.)
Maria, refúgio dos pecadores.

O atributo sobre o qual essas palavras litúrgicas nos apresentam a Santíssima Mãe de Deus é um daqueles que tocam mais profundamente seu coração de Mãe. *Maria, refugium peccatorum*. Este amor para os pecadores, esta paixão divinamente terna para as almas mais endurecidas e as mais criminais, são somente, no coração da Mãe de misericórdia, uma efusão da caridade própria de Jesus Cristo. O Filho de Deus se fez homem, Ele sofreu, Ele morreu nos mais horríveis suplícios para salvar os pecadores. “Deus amou tanto o mundo, diz São João, que Ele deu seu Filho para salvá-lo¹”.

“Não vim chamar os justos, dizia nosso divino Salvador, mas os pecadores²”; “Pois aqueles que estão bem não precisam de médico, mas sim aqueles que estão doentes³”.

“Aquele que não poupou seu próprio filho, acrescenta São Paulo, mas que o entregou por nós, como, com Ele, não nos dará também todas as coisas⁴?”

A Redenção da humanidade, a salvação do homem culpável, tais foram os grandes objetos da missão redentora do Homem-Deus.

Ora, meus caríssimos irmãos, o coração imaculado da Santíssima Mãe de Deus e dos homens vive apenas do amor do qual o coração de seu divino Filho tem vivido. O coração desta doce Mãe compartilha somente da mesma vida com Jesus Cristo. O amor de Deus e o amor dos homens, dilatados sem medida, dilatados para além de todos os limites, eis o duplo, ou, de preferência, o único oceano que preenche o coração do Filho e o coração da Mãe

Ah! Se São Paulo pôde dizer, falando de sua união com Jesus Cristo: “Já não sou eu que vivo, mas Jesus Cristo que vive em mim⁵”, de quais palavras ele se serviria, quais fórmulas ele teria empregado para dar à terra uma idéia da união, ou antes, da incompreensível unidade do coração de Maria e do coração de Jesus? “O Cristo Jesus, acrescenta São Paulo, veio nesse mundo para salvar os pecadores, entre os quais eu sou o primeiro⁶”.

A vida temporal da divina Mãe dos eleitos se consumiu inteiramente no amor de seu Deus e no amor dos pecadores. No céu, a augusta Maria emprega, sobretudo, seu crédito e seu poder em favor dos pecadores. Ela é o último asilo, a cidade de refúgio dos pecadores mais endurecidos e mais desesperados. *Maria, refugium peccatorum*.

Tentemos desenvolver esse ponto consolador das glórias, das bondades e das ternas solitudes de nossa Advogada misericordiosa.

¹ Jo 3, 17.

² Mt 9, 13.

³ Non est opus valentibus medicus, sed male habentibus. Mt 9, 12.

⁴ Rm 8, 32.

⁵ Gl 2, 20.

⁶ I Tm 1, 11.



A Santíssima Virgem se tornou Mãe de Deus para dar ao mundo um Salvador e um Redentor. Matar o pecado, gerar os pecadores na vida da graça, levá-los à vida eterna da glória, eis em que consiste a missão do Filho de Deus feito homem. Ora, o perdão, a graça, a salvação, desceram sobre o mundo pela virtude do sangue de Jesus Cristo. O Homem-Deus destruiu o pecado sobre o Calvário. “Ele morreu para expiar nossos crimes⁷”. A graça da salvação saiu do lado aberto de Jesus Cristo. “Um dos soldados, diz o apóstolo São João, abriu seu lado com sua lança, e imediatamente o sangue e água saíram daí⁸”.

A lança do soldado romano *abriu* antes de *transpassar* o lado de Jesus Cristo. *Lancea latus ejus aperuit*. Por que esta expressão? Ah! Pois que a salvação do mundo, pois que o sangue reparador do mundo, estavam encerrados e como que escondidos no coração adorável do divino Redentor do mundo! Ora, para lavar o mundo, para purificar o mundo das sujeiras do pecado, era preciso abrir esta fonte da misericórdia infinita. O Profeta não tinha anunciado que os homens iriam extrair as águas da graça e da salvação nas fontes do Salvador? “Tirareis, na alegria de vossas almas, as águas da vida nas fontes do Salvador⁹”.

A salvação de todos os predestinados foi consumada sobre o altar da cruz pela oblação de uma única vítima. Esta vítima é a carne e o sangue de Jesus, o Cordeiro imaculado. Ora, por uma maravilhosa disposição de sua doce Providência, o Homem-Deus associou sua divina Mãe a esta fecundidade misteriosa e sagrada, de onde deveria sair a raça dos eleitos. A Eva divina nos transmitirá, por um parto doloroso, a vida nova, a vida que o novo Adão traz ao mundo, como a Eva terrestre nos transmitiu a vida da natureza com o pecado de sua desobediência e os castigos dos quais ela foi seguida. A divina Mãe do Redentor é, portanto, Mãe de todos aqueles que tem parte na Redenção. Ela é, deste modo, Mãe de todos os pecadores, pois, assim como recebemos por Adão, pela mãe de nossa carne, a vida da natureza, o pecado que a mancha, a morte e os castigos que são o *preço do pecado*¹⁰, assim também possuímos em Jesus Cristo, por Maria, a nova Eva, a vida que leva à glória.

Mas esta maternidade redentora, esta fecundidade de clemência, de misericórdia e de amor, quando desceram sobre a augusta Mãe de todos os predestinados?

Recordamos, uma vez ainda, a indestrutível lembrança do instante solene onde, durante o drama divino de sua paixão, o Homem-Deus diz para sua Mãe, lhe mostrando o discípulo bem amado. “Mulher, eis aí vosso Filho”. *Mulier, ecce Filius tuus*; e ao discípulo: “Eis aí tua Mãe”. *Ecce Mater tua*.

O Deus Redentor, por essas palavras misteriosas e sagradas, elevou sua Esposa e sua Mãe a uma fecundidade sobrenatural, de onde sairão todos os filhos da regeneração e da salvação. *Mulier, ecce Filius tuus*. João, o Evangelista, é o primeiro fruto dessas bodas divinas celebradas no pé da árvore da Redenção. O bom ladrão vem em seguida. O sangue de Jesus Cristo e as lágrimas de Maria o lavam e o geram para a vida dos eleitos.

Esse ladrão sublime, que é gerado na fé, na esperança, na caridade, pela virtude do sangue redentor, pelas lágrimas e pela intercessão maternal da Mãe de todos os eleitos, entrará primeiro no Céu dos Santos, com Jesus Cristo, seu Salvador, seu Redentor, seu Pai e seu Deus.

O ladrão penitente não viu o divino crucificado operar milagres. Ele foi testemunha apenas das ignomínias e dos suplícios que oprimem o homem das dores; aquele do qual é escrito: “e não fizemos caso dele¹¹”.

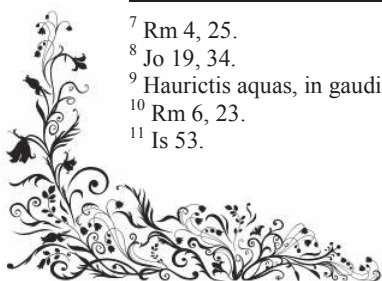
⁷ Rm 4, 25.

⁸ Jo 19, 34.

⁹ Haurietis aquas, in gaudio, de fontibus Salvaoris, Is 12, 3.

¹⁰ Rm 6, 23.

¹¹ Is 53.



Esse ladrão convertido, transfigurado pela graça, ouviu apenas as blasfêmias vomitadas contra Jesus pelos príncipes dos sacerdotes, pelos chefes da nação deicida; ele disse a esse divino supliciado: “Senhor, lembre-se de mim quando estiverdes em vosso reino”¹².

Ó maravilhoso admiração! Ó milagre de caridade! Ó prodígio de poder! Esse ladrão, batizado no sangue do Cristo e nas lágrimas de sua divina Mãe, pede um lugar no Céu àquele que tem apenas um patíbulo como trono; que a força dos últimos dos facínoras penetre em sua realeza e em seu poder: “Senhor, lembre-se de mim quando estiverdes em vosso reino”. E é do alto desse trono de ignomínia, que o homem das dores, que o cordeiro carregado de todos os pecados do mundo, responde a esse bem aventurado raptor da glória eterna: “Em verdade, eu te digo: Hoje estarás comigo no Paraíso”¹³.

João, o Evangelista, chamado o discípulo bem amado, só entrará após o bom ladrão no céu da glória. A pureza angélica e virginal de João, o Evangelista, lhe valeu a amizade mais terna do divino rei dos virgens; mas a fé heróica do bom ladrão, seu amor pelo Cristo farto de sofrimentos, sulcado de suplícios, esmagado por humilhações, fizeram dele o primeiro companheiro da glória do Cristo, vencedor do pecado e da morte. “Em verdade, eu te digo: hoje estarás comigo no Paraíso”. *Amen dico tibi: Hodie mecum eris in Paradiso.*

As prerrogativas mais maravilhosas são reservadas ao filho adotivo de Maria. Ele será apóstolo, bispo, evangelista, mártir e profeta. Ele caminhará no Céu da glória, na liderança das brilhantes tribos das almas incorruptíveis, pela virgindade. Mas o bom ladrão será o modelo dos pecadores arrependidos, o mais brilhante troféu das ignomínias expiatórias do Calvário, o porta estandarte das vitórias do Cristo, o patrono de todos aqueles que buscarão no pé da Consoladora dos aflitos, da doce e misericordiosa Redentora dos pecadores, o caminho do Céu e as bênçãos que abrem, aos eleitos, as portas da vida eterna. *Amen dico tibi: Hodie mecum eris in Paradiso.*

A cooperação redentora da Santíssima Virgem, o ministério que ela cumpre, na qualidade de coadjutora do Homem-Deus, para a salvação da humanidade, formam um dos pontos mais autorizados do mistério de suas grandezas. Os sofrimentos expiatórios da divina Mãe de todas as dores pesam, de um peso imenso, na balança da sabedoria eterna.

Os mestres da teologia dos misteriosos segredos das dores reparadores da augusta Mãe do Divino Redentor pensam que houve dois momentos, durante o drama sangrento do Gólgota, onde as incompreensíveis dores da Santíssima Virgem se elevaram a um grau de intensidade suprema e tornaram-se tão excessivas, que elas teriam bastado, diz São Bernardino de Sena, para matar todos os homens, se elas fossem partilhadas individualmente sobre eles.

A primeira cena desse drama das dores maternas de Maria ocorreu quando o Adão divino, carregado de todos os crimes e de todos os suplícios, deixa cair, sobre a Eva divina, as palavras pelas quais o filho de Zebedeu, substituindo ao Filho de Deus, iria tomar, junto de Maria, o lugar de Jesus, seu filho único: “Mulher, eis aí vosso filho!” *Mulier, ecce filius tuus.*

Essas palavras foram a espada de dor predita à Virgem Imaculada pelo santo ancião Simeão, quando ele lhe disse, na sombra do santuário figurativo, e durante a arrebatadora cena da Apresentação do Filho de Deus no Templo do Senhor: “Uma espada atravessará vossa alma, afim que os pensamentos de muitos corações sejam revelados”¹⁴.

Enquanto que essa espada de dois gumes penetrava até nas articulações, até à medula, nas profundezas da alma da Rainha dos mártires, ela ressentia as dores inefáveis deste parto que deu ao filho de Zebedeu uma consanguinidade, um parentesco divino com o Filho de Deus. *Mulier, ecce filius tuus.*

¹² Lc 23, 42.

¹³ Lc 23, 43.

¹⁴ Gladius pertransihit animam tuam, ut revelentur ex multis cordibus cogitationes. Lc II, 35.



Uma espada mais afiada, mais cortante, mais incisiva, penetrando nas últimas profundezas da alma virginal da augusta Maria, elevou seu suplício e sua cooperação redentora ao mais alto ponto de identidade com o suplício do Homem-Deus.

O instante misterioso, o instante solene e terrível, onde essa espada foi mergulhada no fundo das entranhas da Virgem Imaculada, ocorreu quando o soldado romano penetrou o ferro de sua lança no lado de Jesus, já morto sobre a cruz. “Um dos soldados abriu seu lado com sua lança¹⁵”. Ele abriu o lado de Jesus, cuja alma não animava mais o corpo sagrado; mas ele atravessou, de um extremo ao outro, a alma compassiva de sua divina Mãe; desta Mãe do Divino Redentor, a qual, crucificada com Jesus Cristo, carregava sozinha, nesse momento, todo o peso do doloroso sacrifício que o Filho e a Mãe tinham oferecido sobre o mesmo altar. *Tuam ipsius animam pertransibit aladius doloris*.

As duas fontes de vida que jorraram do lado aberto do Homem-Deus se espalharam sobre sua augusta Mãe, em pé, no pé da cruz, e lhe deram para sempre esta maternidade redentora de onde deveria sair a posteridade do novo Adão.

A mulher caída foi condenada a gerar na dor. “Tu darás a luz na dor¹⁶”. A Bem-Aventurada Virgem, cuja Conceição foi sem macha, concebeu, ela mesma, o Verbo encarnado, pela operação do Espírito Santo. Ela deu a luz sem dor, sem humilhação, sem fraqueza, no Estábulo de Belém. No entanto, assim como o Homem-Deus, na qualidade de Redentor e de vítima, carregou sobre a cruz todos os sofrimentos e todos os castigos devidos ao pecado, assim também, sua Mãe virginal, para tornar-se a coadjutora do Divino Redentor, para tornar-se a verdadeira mãe dos vivos, para cumprir, em uma palavra, a grande e santa missão reservada à Eva nova, devia dar a luz aos irmãos adotivos de Jesus Cristo, ao pé da cruz, no meio dos mais inexprimíveis sofrimentos.

In dolore paries filios. A parte da dor que coube à nossa divina Mãe foi tão grande, que o profeta pôde colocar, na boca desta mãe afligida, essas palavras de inefável agonia: “Vejam se há uma dor parecida à minha dor”. *Videte si est dolor sicut dolor meus*. A Bem-Aventurada Mãe do Salvador partilhou tão plenamente, tão profundamente, os sofrimentos de Jesus Cristo durante sua paixão, que o Doutor seráfico não teme em dizer: “Quem sabe, se a paixão da Mãe não igualou os suplícios de seu Divino Filho?” *Videte si est dolor sicut dolor meus*.

Entramos no mistério desta segunda maternidade da dulcíssima Mãe da graça; apreciemos, se possível, os abismos de sua caridade e de suas ternura para com os pecadores.

“Uma mãe, pergunta o Espírito Santo, pode esquecer seu filho? Pode não ter piedade por aquele que ela carregou em seu seio¹⁷?” Ora, nos diz, por sua vez, nossa divina Mãe, segundo a graça: “Só esquecerei os filhos de minha dor quando puder esquecer o Filho de Deus, tornado meu Filho”. O amor materno é uma fonte inesgotável de bondade, de devotamento e de sacrifícios. Deus, querendo nos dar uma imagem de sua ternura e de seu amor, fez o coração de nossas mães. Mas o coração de nossas mães é apenas uma gota de água comparada a este oceano de dileção e de amor, perfurado por Jesus Cristo no coração daquela que Ele nos deu por mãe. Dizemo-lo de tal modo: O amor da Santíssima Virgem pelos pecadores, que são seus filhos adotivos, só é conhecido por Deus.

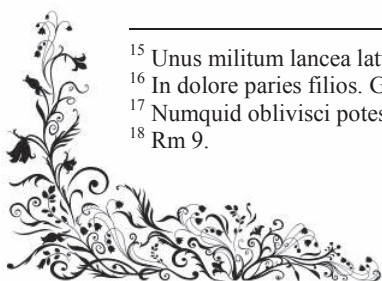
São Paulo emudecido de dor e morrendo de tristeza com a visão da incredulidade obstinada dos filhos de Israel; esse sublime Apóstolo teria consentido em ser privado, não do amor de seu Deus, mas da recompensa que ele tinha merecido por seus trabalhos, se ele pudesse obter, a este preço, a salvação de seus irmãos. “Minha alma está mergulhada em um oceano de tristeza, meu coração está preso em uma dor incessante; pois, eu gostaria de ser anátema para meus irmãos, que são meus próximos segundo a carne¹⁸”.

¹⁵ Unus militum lancea latus ejus aperuit. Jo 19, 34.

¹⁶ In dolore paries filios. Gn 3, 16.

¹⁷ Numquid oblivisci potest mulier infantem suum, ut non misereatur filio uteri sui? Isaias 49, 15.

¹⁸ Rm 9.



“Quem é fraco, acrescenta São Paulo, que eu não seja fraco? Quem é escandalizado, que eu não me consuma de dor?”¹⁹”

Escutemos ainda esse caridoso apóstolo, ou mesmo esse terno pai: “Meus filhinhos, escreve ele aos Gálatas, eu vos gerei novamente, até que o Cristo seja formado em vós”²⁰”.

A vida é um suplício para esse grande missionário das almas, se ele não a usa completamente para salvá-las. “Morro todo dia, escreve ele aos Coríntios, para vos procurar a glória que eu tenho no Cristo Jesus, Nosso Senhor”²¹”.

“Para mim, lhes diz ainda, daria tudo com alegria, e daria ainda a mim mesmo por vossas almas, posto que, vos amando mais, eu serei amado menos”²²”.

Ora, o zelo e a caridade de São Paulo, comparados ao amor de nossa divina Mãe pela conversão e pela salvação dos pecadores, são apenas faíscas comparados a um vasto incêndio; como gotas de orvalho comparadas à vasta extensão dos mares. São Paulo amou os pecadores como sabia, como podia amá-los o mais zeloso, o mais terno, o mais ardente amigo das almas. Mas a Bem-Aventurada Mãe dos pecadores os ama com um amor que se confunde com a própria caridade de Jesus Cristo. São Paulo teria dado sua vida por seus irmãos, ele tinha desejado ser anátema para obter sua salvação. Mas a misericordiosa Redentora dos homens partilhou, ao pé da cruz, todos os suplícios do Homem-Deus. Ela derramou tantas lágrimas quanto seu filho derramou sangue. Ela banhou um rio de lágrimas no altar sobre o qual estava pregado a grande vítima da salvação do mundo. Ela sofreu tormentos tão cruéis, tão múltiplos, tão incompreensíveis, que no dizer de vários santos, iluminados pelas luzes do êxtase, esta divina Mãe estaria morta mil vezes sobre o Calvário, sem um milagre do Onipotente.

Mãe de todos os homens resgatados pelo sangue de seu divino Filho, a Bem-Aventurada Virgem é mais particularmente mãe dos pecadores, mas ela é mais mãe ainda, se possível, dos pecadores mais desesperados. São eles que sua ternura de mãe persegue, é na salvação deles que ela emprega seu crédito, seu poder e sua inesgotável caridade!

“A misericórdia, diz o Doutor angélico, é a compaixão que sentimos, no coração, pela miséria do próximo, a qual nos força a prover a seus males, se o podemos”²³”. “A misericórdia, acrescenta esse grande Doutor, é, em si, a virtude mais excelente”²⁴”.

“É, sobretudo, perdando e concedendo misericórdia, que Deus, diz a Igreja, manifesta seu poder”²⁵”.

Ora, não há miséria igual àquela dos pecadores, dos pecadores endurecidos e desesperados. A divina Mãe de toda misericórdia tem, então, por eles, entranhas cheias de compaixão, de ternura e de amor. É, portanto, sobre eles, e para eles, que ela ama deflagrar esses grandes milagres de poder que aturdem o céu e a terra, e que parecem terem sido reservados pela mediação da Mãe de Deus e da Mãe dos homens. *Maximè parcendo et miserando potentiam tuam manifestas.*

São Bernardo chama esta doce Rainha “um oceano de misericórdia”²⁶”. Esse grande servo de Maria permite àquele que a teria invocado em vão, de não mais crer em sua ternura, de não mais falar de sua misericórdia”²⁷”.

¹⁹ II Cor 9, 29

²⁰ Gl 4, 19.

²¹ I Cor 15, 35.

²² II Cor 12, 15.

²³ Misericordia est compassio alienae miserae, qua si possumus, subvenire compellimur. I^a q. 21.

²⁴ Misericordia secundum se, est máxima virtutum. II, 2, 5, 30.

²⁵ Qui máxime parcendo et miserando potentiam tuam manifestas. Liturg. orat.

²⁶ Misericordiae pelagus. Bern. De Laud. B.M.V.

²⁷ Sileat misericordiam tuam. De Laud. B.M.V.



São Pedro Damiano discorre que o poder misericordioso da Santíssima Virgem vai tão longe, que ela pode dar aos pecadores mais desesperados, a esperança da beatitude eterna²⁸.

“Se a imensidão de vossas contravenções, exclama São Bernardo, vos empurra rumo o precipício da tristeza e rumo ao abismo da desesperança, pense em Maria, invoque Maria²⁹”.

Os filhos da Igreja repetem, noite e dia, de um extremo ao outro do universo, a oração consoladora na qual São Bernardo fala assim a doce Mãe de Deus: “Lembra-vos, ó piíssima Virgem, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que têm recorrido à vossa assistência...³⁰”.

“Não tendes horror do pecador, acrescenta o santo abade de Claraval, não impele o pecador mais vergonhosamente maculado; ides o tomar com vossa mão maternal no precipício da desesperança, e não o deixeis sem o ter reconciliado com seu temível juiz³¹”.

Santo Anselmo não teme em dirigir a Maria esta suplica confiante: “Quando me encontrar mergulhado no abismo infernal, virás aí me procurar, me arrancareis de suas entranhas, para me dar a vosso Filho, que me resgatou e me lavou em seu sangue³²”.

O Senhor dizia para Santa Brigitte que as orações de sua divina Mãe envolvem os pecadores, para os tergiversar à sua justa vingança, e que sem as súplicas desta terna Mãe, desta poderosa advogada, toda esperança de misericórdia estaria perdida para eles³³.

Os interpretes do Apocalipse, explicando essas palavras misteriosas: “Estava grávida e gritava, entre as dores do parto, atormentada para dar à luz” *Cruciabatur donec pareret* (Apoc 12, 2), perguntam quem é esta mulher que apareceu ao discípulo bem amado e que, no Céu, experimentava as dores de um laborioso parto? E eles respondem que esta mulher é a Bem-Aventurada Mãe de todos os eleitos. Eles acrescentam que esta divina Mãe da misericórdia não cessará de provar as dores deste parto misterioso até que o último dos predestinados tenha entrado na glória eterna. *Cruciabatur donec pareret*.

Os pecadores não tem somente Maria por protetora, por advogada, por último refúgio, mas eles a tem como uma mãe, que mede sua ternura e seu amor nas penas que lhe causam os pecadores e nas diligências que eles lhe dão. Concluimos daí que a Santíssima Virgem deixará de amar os pecadores, quando ela cessar de amar Jesus Cristo, morto para salvar os pecadores. Maria cessará de trabalhar na salvação dos pecadores, quando ela lamentar as lágrimas que ela derramou sobre o Calvário para a salvação dos pecadores.

“Ó Maria, exclama um santo doutor, sois mãe de Deus, mas sois também mãe do pecador que ofendeu a Deus. Sois mãe do soberano juiz, mas sois também a mãe do pobre exilado, que deve ser citado no tribunal desse grande juiz. Não sofras, portanto, que vosso Filho, que é Deus, condene vosso outro filho, que pecou contra Deus³⁴”.

Santo Ambrósio disse, em algum lugar, que se o filho pródigo tivesse tido sua mãe, ele não teria deixado a casa paterna, ou mesmo que ele retornaria mais cedo. A Santíssima Virgem é mãe dos pecadores, como Jesus Cristo, seu filho, é o salvador, o redentor dos pecadores. Ora, que faria ela de sua terna compaixão para com os pecadores, se ela os abandonasse ao rigor da justiça divina? Como seria sua mãe, se ela fechasse seu coração àqueles que guardaram no fundo de sua alma uma faísca de confiança e de amor por esta incomparável mãe? A ternura misericordiosa de Maria para

²⁸ Nihil tibi impossibile, ô Beata Virgo, cui possibile est desperatos in beatitudinis spem relevare. Petr. Dom. Serm. B.M.V.

²⁹ Si criminum immanitate turbatus incipias barathro absorberi tristitiae, desperationis abyssos, Mariam cogita, Mariam invoca. Bern. Serm. S. Nom. B.M.V.

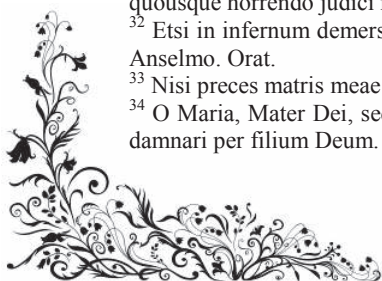
³⁰ Memorare ô piissima Virgo Maria, non esse auditum a saeculo. Bern. Orat. ad. B.M.V.

³¹ Tu peccatorem quantum libet foetidum, non horres, non despicias. Tu illum a desperationis barathro pia manu retrahis nec deseris quousque horrendo judici reconcilies. Serm. S. Bern.

³² Etsi in infernum demersus fuero, eo me requires, et inde me retrahes; et reddes filio tuo qui me redemit, et lavit sanguinem suum. Anselmo. Orat.

³³ Nisi preces matris meae intervenirent, nulla esset spes misericordiae peccatoribus. Revel. S. Brigitt.

³⁴ O Maria, Mater Dei, sed Mater hominis rei, Mater judicis, sed Mater exilis Cum sis mater utriusque Filii, non sinas filium reum damnari per filium Deum.



com os pecadores iguala o poder e o crédito dos quais ela goza junto daquele que morreu para salvar os pecadores.

Mas quais são os pecadores sobre quem se estende sua inesgotável misericórdia? Quais são os pecadores cuja doce Mãe de Deus é o último asilo, a última esperança, o último refúgio? *Maria, refugium peccatorum*.

A Bem-Aventurada Mãe de nosso divino Redentor é o refúgio de todos os pecadores, quem quer que eles sejam. Ela é o refúgio de todos os filhos de um pai culpável, pois o mistério de sua maternidade redentora se estende a todas as gerações saídas daquele a quem o Senhor prometia a esperança, pelo ministério da Mulher divina. “E colocarei ódio entre tu e a mulher, tu a ferirás o calcanhar, e ela te esmagará a cabeça³⁵”.

A doce mãe dos pobres pecadores celebrou, em seu cântico imortal, as inesgotáveis efusões da misericórdia de seu Deus sobre todas as gerações.

“E sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem³⁶”.

A Bem-Aventurada Virgem é o refúgio de todos os violadores da lei de Deus, de todas as almas mergulhadas no amor desordenado das criaturas e que buscam, longe da beleza eterna, longe do bem supremo, uma sombra de felicidade. Esta mãe terna abre seus braços para recolher os inumeráveis filhos pródigos que quebraram o nó que os uniam à lei de vida. Ela chora seus desvarios. Ela ressuscita o remorso no fundo de suas almas. Ela lhes inspira sentimentos de arrependimento e de penitência. Ela os reconcilia com Deus antes que eles sejam citados no Tribunal de sua justiça.

A dulcíssima Mãe da graça não é somente o refúgio desses pecadores cuja malícia não ascendeu à inteligência, mas que cedem à tirania dos sentidos, que obedecem às seduções do mundo e das paixões, ela é também o refúgio desses infelizes na alma dos quais Satanás derramou seu veneno infernal, e cuja malícia, como aquela dos demônios, sempre aumenta³⁷.

Os blasfemadores, os sofistas incrédulos, os corruptores dos povos, os apóstatas e os perseguidores da Igreja, são aqueles cuja conversão e a salvação testam a mãe terna de todos os homens, essas aflitivas torturas das quais fala o discípulo bem amado: “Estava grávida e gritava, entre as dores do parto, atormentada para dar à luz”. *Cruciabatur donec pareret* (Apoc 12). Maria é o último refúgio desses celerados que pecam contra o Espírito Santo, que guerreiam contra a verdade conhecida, que juraram aniquilar o reino de Deus, para inaugurar, se fosse possível, sobre suas ruínas, o reino de Satanás. A misericordiosa patrona de todos *os condenados da terra*, como os chama Santo Éfrem³⁸, procura esses grandes culpáveis; ela os procura com uma infatigável perseverança. Ela retém o braço da justiça divina pronto a golpeá-los. Ela cava nas mais inescrutáveis profundezas do oceano sem fundo da divina misericórdia, para ir ali tomar o dardo, único capaz de ferir sua alma de bronze e de ferro, para fazer jorrar a esperança, com as lágrimas do arrependimento. *Maria refugium peccatorum*. Desde a criança ainda escondida no seio maternal, até esses tigres humanos, na alma dos quais a serpente infernal parece ter posto toda sua malícia, nenhum pecador saberia escapar às invenções de sua ternura e aos milagres de sua misericórdia.

“Por que a Santíssima Mãe de Deus, pergunta São Bernardo, é chamada a Mãe da misericórdia? É, responde esse santo doutor, porque esta Bem-Aventurada Mãe abre o abismo de sua divina clemência a quem ela quer, quando ela quer, como ela quer, a fim de que nenhum pecador, o quão criminoso ele seja, pereça, se ela o cobre de sua proteção³⁹”.

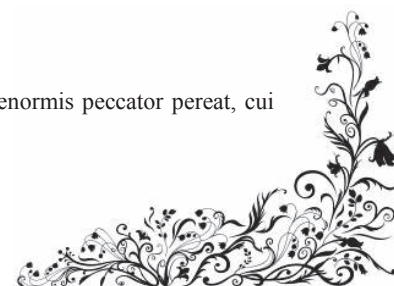
³⁵ Inimicitias ponam inter te et mulierem... Insidiaberis calcaneo ejus. Ipsa autem conteret caput tuum. Gn 2.

³⁶ Et misericórdia ejus à progênie, in progenies, timentibus eum. Lc 2.

³⁷ Superbia eorum qui te oderunt ascendit semper. Salmo 73, 23.

³⁸ Salvatrix damnatorum. Ef. Laud. B. M. V.

³⁹ Quod divinae pietatis abyssum, eui vult, quando vult, quomodo vult creditur aperire; ut Nemo tam enormis peccator pereat, cui sancta sanctorum patrocinii suffragia praestat. Bern. Sermon de M.



“*Mais Maria é santa e elevada no céu, diz São Gregório, mais ela é clemente, mais ela é doce para com os pecadores que tem recorrido a ela*⁴⁰.”

“Como a humana fragilidade, dizia São Bernardo, temeria ir à Maria? Não há nada de terrível e de austero nela. Ela é toda repleta de suavidade; ela oferece a todos o leite e a lã⁴¹”.

Ela oferece o leite, acrescenta Santo Afonso de Ligório, para alimentar a confiança. Ela nos cobre com a lã de sua proteção, para nos assegurar dos raios da justiça. *Totâ suavis est, omnibus offerens lac et lanam.*

“Nenhum pecador, dizia para Santa Brigitte a misericordiosa Mãe de Deus, nenhum pecador, a menos que ele não seja completamente maldito, ou seja, completamente reprovado, não está tão afastado de Deus, que ele não regresse na graça com Ele, e não obtenha misericórdia, contanto que ele me invoque⁴²”.

“Chamam-me, acrescentava esta terna Mãe, chamam-me a Mãe de misericórdia, e, em verdade, a misericórdia infinita de Deus me tornou tal. Infeliz, portanto, aquele que podendo recorrer à minha misericórdia, não a faz⁴³!”

Santo Agostinho, se dirigindo à Bem-Aventurada Mãe de Deus, lhe dizia: “Vós sois a única Esperança dos pecadores, pois é por vós que esperamos obter o perdão de todos nossos pecados⁴⁴”.

“*Refúgio dos indivíduos*”, a Bem-Aventurada Virgem o é também dos povos, dos impérios, dos reinos e das sociedades culpáveis. Os graus de malícia e de perversidade humana se diversificam, por assim dizer, tantas vezes quanto houver de indivíduos criminosos. A mesma coisa acontece com as nações. Há nações fiéis, nações cristãs, no seio das quais a verdade, a caridade e a virtude, saídas das leis do Evangelho, exercem uma influência de tal modo profunda, que elas formam, por assim dizer, o caráter dominante, e elas lhes imprimem o selo de uma civilização admirável.

Há nações infieis que, após ter obedecido, mais ou menos por longo tempo, às leis sobrenaturais do cristianismo, se desprenderam pouco a pouco dos princípios divinos que as tinham regenerado, e se mergulharam cada vez mais no erro e no mal.

As nações católicas se elevam e se perfeccionam, na medida em que a verdade, a caridade e a virtude, saídas das entranhas do Cristo Redentor, penetram suas leis, seus costumes, suas instituições, seu ensino, sua literatura, suas artes, as famílias, os homens e as coisas.

Essas mesmas nações mergulham no erro e no vício, à medida que a verdade e a caridade de Jesus Cristo se enfraquecem e se apagam em seu seio. Uma nação que a palavra evangélica, que a graça dos Sacramentos, que a lei de Jesus Cristo, faria viver plenamente de uma vida sobrenatural, e que inocularia o elemento regenerador da graça e da caridade de Jesus Cristo em sua constituição, em suas leis e em seus costumes, uma nação parecida alcança às últimas magnificências da civilização cristã. Ela chegaria ao mais alto grau de perfectibilidade social. Ela atingiria o nível mais elevado da verdadeira liberdade, da verdadeira igualdade, da verdadeira fraternidade. Esses princípios são tão claros quanto uns axiomas matemáticos.

As nações católicas foram, no seio da Igreja universal, grandes famílias, encerradas nos mesmos limites territoriais, falando a mesma língua, colocadas sob um mesmo governo. Essas nações tem uma vida religiosa, civil, social, que lhes dão, se assim podemos falar, uma identidade, uma personalidade própria e coletiva. De modo que elas se distinguem das outras nações por uma

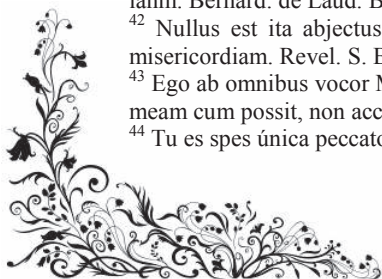
⁴⁰ Maria quanto altior et sanctior, tanto clementior et dulcior circa conversos peccatores. Gregor.

⁴¹ Cur ad Mariam accedere trepidat humana fragilitas? Nihil austerum in ea, nihil terribile, tota suavis est. Omnibus offerens lac et lanam. Bernard. de Laud. B.M.V.

⁴² Nullus est ita abjectus a Deo, nisi fuerit omnino maledictus, qui si me invocaverit non revertatur ad Deum et habiturus sit misericordiam. Revel. S. Birgitt.

⁴³ Ego ab omnibus vocor Mater misericordiae, et verè misericórdia illius misericordem me fecit. Ideo miser crit qui ad misericordiam meam cum possit, non accedit. Revel. S. Birgitt.

⁴⁴ Tu es spes única peccatorum, quia per te speramus veniam delictorum. Agost. XVIII, Serm. B.M.V.



solidariedade comum. Essas nações tem virtudes e vícios, por assim dizer, coletivos. Tudo o que elas fazem, para a glória de Jesus Cristo e de sua Igreja, pela salvação e para a prosperidade cristã das almas, chamam sobre elas bênçãos celestes e terrestres, das quais elas partilham o benefício e conservam a herança. Essas mesmas nações podem cometer, como nações, crimes coletivos. Uma nação peca coletivamente quando ela concorre para um fim criminal, anti-católico, anti-social, por sua legislação, por seus atos, por suas tendências, por sua cumplicidade moral, por seu próprio silêncio.

Assim, uma nação católica que se deixa arrancar a fé, esta fé divina e revelada, plantada no mundo pelos Apóstolos de Jesus Cristo, pelos sucessores dos Apóstolos e pelo sangue dos mártires, se torna culpável de um crime coletivo. Esta nação comete o crime de lesa-majestade divina. Ela consente na extinção, na morte, no martírio da verdade em seu seio.

Uma nação católica que demoliu ou que deixou demolir e profanar seus templos, pilhar as igrejas e os monastérios, vender ou alienar o patrimônio sagrado dos Pontífices, dos Sacerdotes, das virgens, das comunidades religiosas e dos pobres; dos hospitais, das comunas e dos cidadãos, é uma nação que peca coletivamente. Uma nação católica que sofre com um punhado de miseráveis, ou que um governo ímpio e apostata aprisiona, exila ou imola os Pontífices e os padres, os reis e os magistrados, a nobreza e os cidadãos mais virtuosos, comete, por isso mesmo, crimes coletivos.

Uma nação católica que autoriza, mesmo que por seu silêncio, o envenenamento intelectual, religioso e moral dos filhos da pátria, por um ensino corruptor; que paga professores e mestres judeus, heréticos, incrédulos, voltairianos, indiferentes ou ateus, para descaticizar as jovens gerações instruídas em colégios e nas escolas, é uma nação culpável enquanto nação.

Ora, quantas nações marcadas dessas sinistras características, nos tempos modernos! No século XVI, a Alemanha, a Suécia, a Dinamarca, a Holanda, a Suíça, a Inglaterra, se deixaram arrancar a fé católica por um punhado de sectários e por um punhado de déspotas.

A França, durante a última metade do século XVIII, glorifica Voltaire e a seita ímpia que trabalha, sob as inspirações desse patriarca da incredulidade, para a extinção da fé católica no seio da Filha primogênita da Igreja. A França tolera, no fim do mesmo século, o reino amedrontador dos terroristas, dos regicidas, dos assassinos de seus Reis, de seus Pontífices, de seus padres, de seus magistrados, de sua nobreza, das corporações religiosas. Ela assiste, com os braços cruzados, a pilhagem, a ruína, a profanação, o incêndio dos templos de Jesus Cristo. Ela deixa vender, pilhar, roubar, as propriedades da Igreja, as propriedades da nobreza, das corporações religiosas e dos cidadãos pacíficos. A França consente na inauguração do culto da carne, sob o emblema odioso de uma prostituta infame. Ela autoriza, por uma cumplicidade sacrílega, uma dupla insurreição contra Deus e contra a sociedade. A França, agindo assim, peca coletivamente; ela se torna culpável enquanto nação, e como nação, das contravenções mais extraordinárias. A França permite, ela autoriza, tolera, encoraja uma acumulação de crimes que clamam vingança, e que provocam os mais justos e os mais terríveis castigos da justiça divina.

Mas se uma nação peca coletivamente, se ela se torna culpável de uma série de crimes que implicam uma cooperação ou uma cumplicidade moral, é preciso que ela pague pelo sofrimento, é preciso que ela seja punida pelos crimes que ela cometeu ou que ela deixou cometer.

A nação francesa, dizia o conde de Maistre, pagará, por uma hecatombe de três a quatro milhões de homens, a insurreição satânica da qual ela se tornou culpável contra a Igreja e contra a Monarquia. Os setenta anos que atravessamos, desde as palavras pronunciadas por Joseph de Maistre, provam que o gênio cristão é frequentemente uma inspiração.



As nações que, rompendo com o catolicismo, se lançam na heresia, na incredulidade e na indiferença, devem ser punidas, sobre a terra, por seus crimes nacionais. “As governareis, diz o Profeta, com um cetro de Ferro. Vós as quebrareis como um vaso de argila⁴⁵”.

As nações não entram, como nações, na Eternidade. “Cada um de nós, diz São Paulo, carregará seu fardo no tribunal de Jesus Cristo⁴⁶”.

“Devemos todos comparecer, acrescenta o grande Apóstolo, diante o tribunal do Cristo, afim que cada um receba, segundo o que fez, ou de bem ou de mal, em seu corpo⁴⁷”.

Há apenas duas cidades: a cidade de Deus, ou a monarquia dos filhos da Igreja, sob a realza divina de Jesus Cristo e de sua augusta Mãe, e a cidade do Mal, ou a sociedade dos maus, sob o cetro de ferro do Arcanjo decaído. Aqui, as duas cidades estão embaralhadas juntas. O joio do erro, da impiedade e dos vícios, está sempre misturado ao trigo divino semeado pelos Apóstolos e seus sucessores. Somente no fim dos séculos, os Anjos da justiça separarão para sempre a palha e o joio, do trigo puro dos eleitos. Então, esta palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo se cumprirá em toda sua verdade: “Haverá apenas um rebanho e apenas um pastor⁴⁸”.

Não se distinguirá mais, na Eternidade, corpos de nações. Não seremos mais marcados, na Eternidade, por sinais de nacionalidade, de língua, de casta, de aglomeração social. Haverá, sob a monarquia eterna do Homem-Deus e da Mãe de Deus, apenas os eleitos. Deus, por Jesus Cristo, será tudo em todos: *Erit omnia in omnibus*. A unidade do corpo místico de Nosso Senhor Jesus Cristo será plena, inteira, eterna, imutável⁴⁹.

No seio deste universo, há povos, nações, cidades, cujos membros gravitam em torno de um centro social, político e civil, e que chamamos monarquias, aristocracias, democracias. Quando essas nações se tornam culpáveis por crimes coletivos do qual falamos, a justiça divina lhes pede conta. Ela as pune, seja em as apagando do livro das nações, seja em as deixando cair sob a vara de algum déspota, ou mesmo, as abandona nos erros de que elas se serviram. Ela as deixa se auto devorarem em meio a convulsões que as tomam ou que as renovam.

Observamos, meus caríssimos irmãos, que desde o estabelecimento público da Igreja, as nações católicas ocuparam no meio da grande monarquia das almas um tipo de missão providencial. Elas trabalharam com mais ou menos energia, com mais ou menos brilho e sucesso, para a glória da Igreja, que não tem outra missão sobre a terra senão de consolidar e estender o reino de Jesus Cristo, de trabalhar na salvação das almas. Se essas nações permanecem fiéis à sua vocação, elas recebem aqui em baixo a recompensa, pelo esplendor que as envolvem, pelas bênçãos das quais elas tem parte, pela paz que elas gozam e pela posição que elas ocupam no seio da cristandade.

Se elas se tornam infiéis à missão civilizadora que elas receberam, elas sofrem um castigo proporcional às suas iniquidades sociais e aos crimes coletivos dos quais elas são carregadas.

De todas as nações católicas, não há nenhuma cuja missão providencial tenha sido marcada por sinais mais evidentes que a França.

Durante mil anos, a monarquia dos francos serviu poderosamente, no mundo, os interesses sagrados da Igreja. É com o braço de sua filha primogênita que a Igreja romana triunfou sobre o arianismo, o maometismo e o protestantismo. Clóvis, Carlos Magno, São Luís e seus descendentes, levantaram o esplendor cristão da monarquia francesa a proporções que nenhuma outra nação jamais atingiria. A eterna honra da França é de ter sido, durante todo o período dos séculos de fé, a alameda da Igreja de Jesus Cristo. Carlos Magno teve a incomparável glória de tornar-se o instrumento da Providência

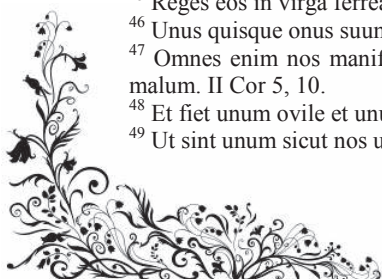
⁴⁵ Reges eos in virga ferrea, tamquam vas figuli confringes eos. Salmo 2.

⁴⁶ Unus quisque onus suum portabit. Gl 6, 5.

⁴⁷ Omnes enim nos manifestari oportet ante tribunal Christi ut referat unus quisque propria corporis prout gessit sive bonum sive malum. II Cor 5, 10.

⁴⁸ Et fiet unum ovile et unus pastor. Jo 10, 16.

⁴⁹ Ut sint unum sicut nos unum sumus. Jo. Ut sint consummati in unum. Jo 22, 23.



para fundar definitivamente o poder temporal dos Papas, e assegurar, assim, a independência necessária aos Pontífices romanos no governo espiritual da grande sociedade das almas.

O Portugal, a Espanha, a Hungria, a Polônia, a Casa de Savóia, a Bélgica, a Irlanda e os povos da Itália, tiveram, sem nenhuma dúvida, uma parte gloriosa nesse grande apostolado das nações católicas; mas a França manteve sempre o primeiro posto, assim como, por muito tempo, ela mereceu carregar o título imortal de filha primogênita da Igreja. Como a glória da França católica se obscureceu? *Quomodo obscuratum est aurum?*⁵⁰

O paganismo da renascença, tão funesto a toda a Europa, fez, à França, males irreparáveis. O cesarismo pagão, o racionalismo pagão, o sensualismo pagão quase descatholicizaram a França de Carlos Magno e de São Luís.

O jansenismo e o galicanismo, o voltairianismo e a incredulidade precipitaram a França em um abismo de erros, de onde saíram contravenções desconhecidas da terra, e que fazem correr rios de sangue.

A filha primogênita da Igreja tornou-se a inimiga da Igreja. O cesarismo pagão de Luís XIV, o jansenismo e o galicanismo levaram a França a perder sua característica, por assim dizer, sobrenatural, e a tornara infiel à missão que ela tinha recebido para o triunfo da Igreja romana.

Os sucessores de São Pedro, para quem a França sempre foi a Filha predileta, não experimentaram dor mais intensa, mais amarga e mais profunda, que aquela que lhes veio desse galicanismo, saído do racionalismo protestante, filho do renascimento. O galicanismo fez perecer, na França, esta vegetação e esta vida católica que foram, durante tantos séculos, sua força e sua glória.

Enquanto que os Reis e os Parlamentos, os Bispos, o Clero e os corpos regulares, usavam suas forças para lastimar o Chefe da Igreja, o inferno semeou, abundantemente, o voltairianismo ímpio que deveria destruir, no fim do século XVIII, a fé religiosa e a fé monárquica da França.

A França não se contentou em repudiar a herança de Clóvis, de Carlos Magno e de São Luís, ela se deu a infernal missão de descristianizar a Europa; de inocular em toda a Europa os princípios da incredulidade, cuja seita voltairiana a tinha coberto com abundância.

Que faz a França há um século? Ela serve, com toda a energia de seu caráter, sua natureza impetuosa, seu proselitismo ardente, seu próprio sangue, a causa de satanás contra Jesus Cristo. A França deixou de ser católica em seu direito público, em suas leis, nos governos que ela se dá. A Imprensa licenciosa e ímpia, os jornais anti-católicos, os teatros mais obscenos, o culto descomedido dos prazeres, o ateísmo político, a indiferença mais culpável em matéria de religião, a febre dos interesses, o laicismo e o paganismo do ensino, os entraves de todo tipo postos à ação regeneradora da Igreja, a amálgama odiosamente ímpia de todos os cultos, o luxo mais incendiário, o naturalismo mais corruptor, o desprezo da lei de Deus, a abolição quase universal do dia do Senhor, fizeram da França, o escândalo do mundo, a corruptora da terra, a mãe da impiedade e da luxúria.

Que faz a França há setenta anos? Ela faz guerra contra o Papado e contra a Igreja, mesmo se dizendo ainda a filha primogênita da Igreja. Assim, há setenta anos, a França tem usurpado os Estados da Santa Sé, pilhado o tesouro de Nossa Senhora de Loreto, profanado seu Santuário, roubado o patrimônio de São Pedro. Ela arrancou do trono Pontifical dois dos mais santos e maiores Papas que estiveram assentados sobre a cátedra de São Pedro.

Ela arrastou Pio VI para o exílio. Ela o viu morrer, sem espanto e sem vergonha, na prisão em que ela o tinha posto. Ela lançou o sublime Pio VII em um exílio que durou seis anos. E por um requinte de tirania, do qual não há exemplo nos anais do passado, ela lhe arrancou, ao mesmo tempo, o poder de governar a Igreja e a glória de derramar seu sangue por ela.

⁵⁰ Thren. IV, 1.



Que faz a França há meio século? Ela forma alianças sacrílegas e satânicas com os povos que juraram a ruína do Papado! Ela coloca seus soldados, seu sangue, seus tesouros, a coragem de seus generais, a habilidade de seus políticos, a ação de seu governo, ao serviço dos inimigos da Igreja.

Que faz a França? Ela deixa imprimir contra o Papado toda espécie de mentiras, de calúnias e de impiedades. Ela silva o Vigário de Jesus Cristo em seus teatros. Ela permite ao Piemonte de assassinar a flor da nobreza francesa que estava enrolada sob a bandeira de São Pedro para defender a autoridade temporal do chefe da Igreja. Que faz a França? Ela assiste, passiva, a devastação, a pilhagem, aos atentados sacrílegos cujos domínios temporais da Santa Sé são objeto. Ela tem simpatias pelo Piemonte, que leva a morte, a pilhagem, todo tipo de contravenção ao reino de Nápoles e no seio da Itália. Ela deixa o Piemonte exilar, aprisionar, despojar, os bispos, os sacerdotes, as virgens consagradas, as religiosas da Itália meridional. Dizemos que a França faz essas coisas, pois ela não traz um grito de reprovação, um ímpeto de santa cólera, aos autores, os fautores, os instigadores e os cúmplices desses execráveis contravenções.

A burguesia francesa, há setenta anos, bebe, em copos de ouro, o esquecimento de suas covardia, de suas traições, de seus pactos sacrílegos e ímpios com as lojas maçônicas, com esses homens de anarquia e de revolução, que estão satisfeitos no seio das conspirações, e que amam apenas as ruínas.

Mas o que ultrapassa o espanto, é que após crimes coletivos, multiplicados sem trégua e sem fim, quase há um século, é que depois de tantos esforços para consumir em seu seio a ruína da fé católica, a França não tenha sido apagada do livro das nações por um desses golpes terríveis da justiça divina, que extirpam um povo, como o raio extirpa um velho carvalho. É que, como a nação judia, a qual ela imitou tão frequentemente a ingratidão e quase igualou as contravenções, ela não foi entregue aos sibilos das nações e aos anátemas do universo.

Esse fenômeno só se explica, meus caros irmãos, pela proteção miraculosa e a infatigável misericórdia da Bem-Aventurada Mãe de Deus.

Durante mais de mil anos, a França foi o instrumento da Igreja no cumprimento das grandes coisas que ela fez para a glória de Deus e para a salvação da cristandade! “Os gestos de Deus se fazem pelos francos”. *Gesta Dei per Francos*. A dotação temporal da Santa Sé, as cruzadas, a luta contra o maometismo, contra todas as heresias, tiveram por instrumento a Filha primogênita da Igreja. *Gesta Dei per Francos*. A França deu ao céu uma plêiade de santos reis, de rainhas piedosas, princesas angélicas. Ela povoou Jerusalém celeste com uma inumerável legião de mártires, de santos Pontífices, de santos Confessores, de grandes missionários, de homens realmente apostólicos, virgens sublimes, religiosos fervorosos, sacerdotes zelosos, heróis cristãos.

A França foi dada à Maria. Ela lhe foi consagrada pelo voto solene de um neto de São Luís. A França é a mais bela província do reino terrestre da augusta Rainha do universo. A França é a porção, de sua herança temporal, mais cara, talvez, para seu coração materno. “O reino de França, disse um grande Papa, é o reino de Maria. Esse reino não perecerá”. *Regnum galliæ, regnum Mariæ, nunquam peribit*.

E eis porque a França tem escapado, há um século, do anátema que fez da nação deicida um monumento de cólera e de justiça.

A França, é verdade, se afunda cada vez mais no culto da carne, no culto da razão, no culto do ouro, no escândalo de uma apostasia que parece desesperada.

Mas a França que adora o ouro, que adora a razão, que oferece um culto crescente à carne, e que está entregue a crimes realmente satânicos, não é toda a França.

Há a França de Maria, a França de Carlos Magno e de São Luís, a França do Episcopado e do Clero; há a França de 25 milhões de fiéis, a França que se inscreve no denário de São Pedro, que se enrola sob a bandeira da Propagação da Fé; há a França que dá seus filhos aos altares de Jesus cristo, às



missões estrangeiras, às comunidades regulares. Há a França de 150.000 virgens devotadas a todos os tipos de heroísmo nos hospitais e nas prisões, nos manicômios e nas prisões para forçados, nas colônias penitenciárias e no meio das nações idólatras. Eis a França que Maria ama, que protege, que ela quer salvar. Eis a França digna de ser chamada a Filha primogênita da Igreja; a França que lastima pela França ímpia, pela França voltariana, pela França embrutecida no culto da matéria, pela França aviltada no cinismo das apostasias e da simonia política.

Eis a França que nos permite ter esperança, que os pensamentos criminosos dos filhos de Belial não abolirá.

Depois dos castigos, tornados necessários, após ter sido purificada, como o ouro, no fogo das revoluções, das calamidades e dos flagelos de uma justiça misericordiosa, a França, inimiga do Cristo e de seu Vigário, voltará, enfim, em si. Ela chorará seus desvarios e seus escândalos. Ela reencontrará, pelo arrependimento, pela penitência, pelas benções da poderosa Protetora da Filha primogênita da Igreja, esta grande e santa missão que ela recebeu, para a glória de seu augusto Patrono, para o triunfo do Papado, pela expansiva dilatação do reino de Jesus Cristo entre as nações infieis. *Fiat! Fiat!*

Assim, caríssimos irmãos, a Bem-Aventurada Mãe de Deus não é somente o refúgio dos pecadores mais endurecidos e mais desesperados, ela é também o refúgio e a última esperança dessas nações cujos crimes coletivos provocaram, como aqueles da antiga Nínive, a cólera do Céu.

“E o Senhor disse para Jonas⁵¹: Levanta-te e vá pregar na grande cidade de Nínive, pois sua malícia cresceu diante de mim... E Jonas, se levantando, se dirigiu à Nínive segundo a ordem que ele tinha recebido do Senhor: Ora, Nínive era uma cidade tão grande que era preciso três dias de caminhada para atravessá-la.

Após ter caminhado durante um dia na cidade, Jonas elevou a voz, e disse:

Ainda quarenta dias e Nínive será destruída. Os habitantes de Nínive acreditaram no Senhor: eles jejuaram, se cobriram com sacos e cinzas, desde o ancião até a criança.

E a palavra do Profeta chegou até o rei de Nínive, que desceu de seu trono, se despojou de suas vestes reais, tomou um saco de penitencia e sentou-se sobre a cinza.

E Deus viu, por suas obras, que eles tinham deixado seus maus caminhos. Tocado de misericórdia, Ele destituiu o fim de sua cólera, e lhes perdoou.”

⁵¹ Jn 1, 2; III, 3, 4, 5, 6, 10.



SUMÁRIO

Capítulo I	O culto da Bem-Aventurada Mãe de Deus, meditado em seus fundamentos	5
Capítulo II	Maria, Mãe de Deus	18
Capítulo III	A mediação da Santíssima Virgem junto de Jesus Cristo	31
Capítulo IV	A devoção pela Santíssima Virgem nos fornece as armas invencíveis contra a tirania do sensualismo e do mundo	45
Capítulo V	Fim providencial da proclamação do dogma da Imaculada Conceição	59
Capítulo VI	O dogma da Imaculada Conceição é mortal ao racionalismo	75
Capítulo VII	Prova dos espíritos angélicos, queda de Lúcifer e dos anjos maus	97
Capítulo VIII	Ação de Lúcifer e dos anjos maus sobre a raça humana	109
Capítulo IX	Maria, refúgio dos pecadores	123



LA VIERGE AU MANTEAU